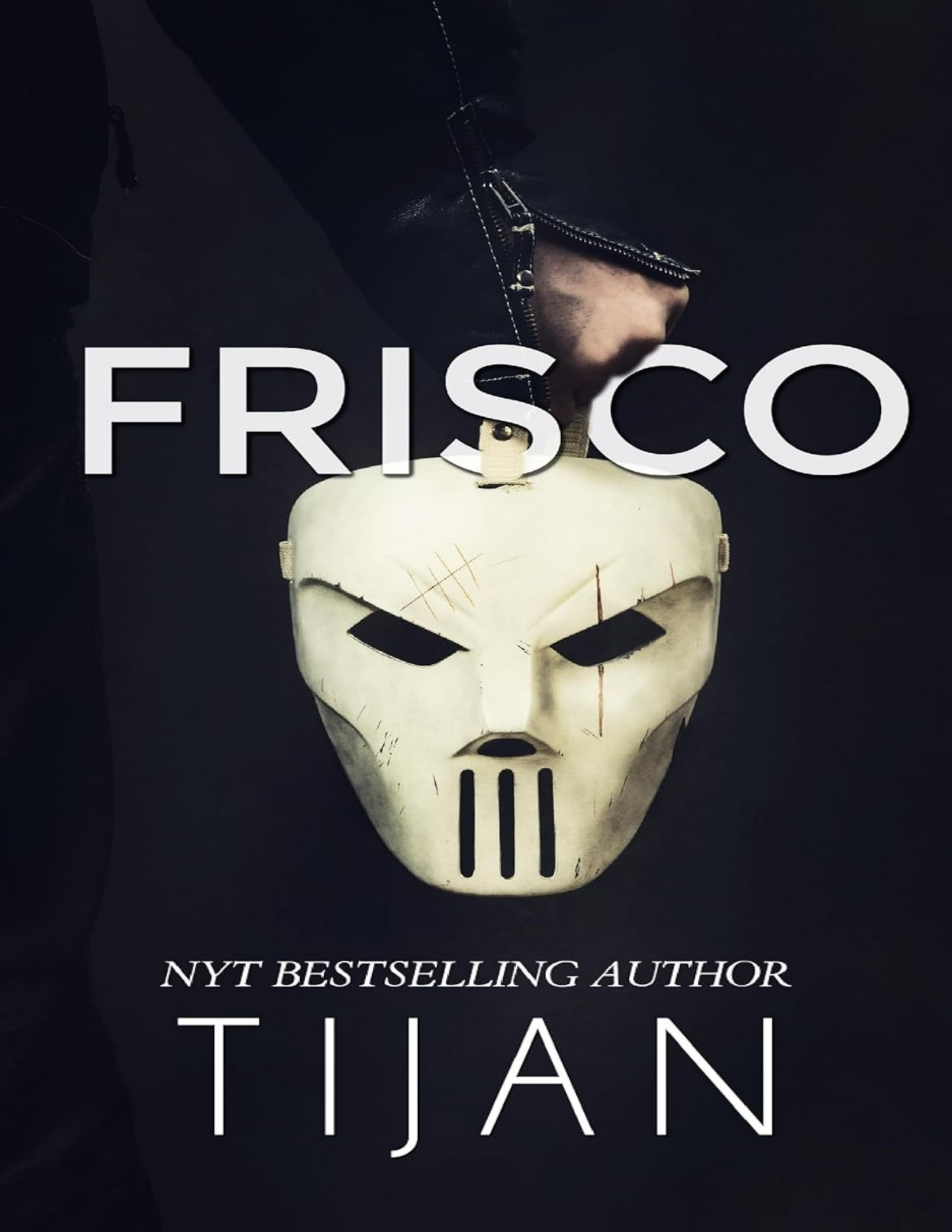

FRISCO
NYT BESTSELLING AUTHOR
TIJAN

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Alto. Musculoso. Tatuado.

Shane King era muito gostoso e realmente não era um cara legal.

Ele atendia pelo nome de Ghost em seu clube de motociclismo e agora era vice-presidente do clube.

Quando Shane e seu clube chegaram à cidade, começaram a fazer favores para minha família.

Eu não sabia por quê. Eu não queria saber.

Os favores vinham com condições. Eu não queria amarras que me ligassem aos Red Demons.

Shane era uma besta diferente, no entanto.

Eu deveria ficar longe dele, só que não podia.

Ele estava em toda parte e sempre parecia querer me amarrar com todos os tipos de cordas.

Uma parte de mim queria deixá-lo.

Uma parte de mim ansiava por deixá-lo.

Mas não.

Shane podia se comportar como um herói, mas não era.

Ele era o vilão.

E eu estava prestes a aprender que as cordas que acompanhavam Shane...

… seriam a minha revelação.

Para meus leitores, especialmente aqueles do meu grupo de leitores.

Seu apoio é incrível!

1

KALI

Quando dois motociclistas começaram a trocar socos no meio do corredor da sopa no supermercado, meu primeiro pensamento foi: *Por que eles não escolheram a seção da padaria?* O universo estava me dizendo algo.

O que estava dizendo? Que minha vida era triste. Mas novidade, universo: eu já sabia disso. Eu sabia desde que saí da vagina da minha mãe no beco atrás do Grumps and Hoes[1]. Esse era o nome espirituoso que deram a uma loja de ferragens.

— Kal. — Otis estava ofegante enquanto corria atrás de mim e, embora eu não olhasse, sabia que estava puxando as calças. Elas gostavam muito de cair.

Otis era o gerente do Friendly's Grocery Mart. Ele sempre tinha boas intenções, mas não gostava muito de administrar. Ele entrava, cumprimentava quem estava em seu caminho, dava uma volta pela loja e depois se dirigia a mim. Eu não tinha o título oficial, mas *era* a gerente de fato. Eu cuidava do controle de horários, do estoque e me certificava de que tudo corresse bem. Este não era um cargo para o qual eu me voluntariei, mas no segundo dia de trabalho, o gerente assistente fez uma pausa para fumar e nunca mais voltou. Talvez fosse a minha idade (tenho trinta e seis), ou talvez fosse porque Otis estava irritado e veio até *mim*, perguntando *o* que era necessário para o segundo turno.

No meu segundo dia de trabalho.

Otis e eu tínhamos uma história, mas não esse tipo de história.

Nós dois trabalhamos aqui no ensino médio. Eu me mudei, casei, nunca tive filhos e estava de volta porque meu divórcio era bem recente. Otis era o oposto. Ele nunca fez nada. Ele ficou e continuou sendo promovido. Ele já havia

ocupado quatro cargos até o cargo de gerente geral. O Friendly's Grocery Mart era de propriedade local, mas o proprietário passava a maior parte do tempo caçando ou bebendo cerveja e conversando sobre caça. Eu poderia atestar isso porque ele estava no Bert's Pub todas as noites, bebendo cerveja e - você adivinhou - falando sobre o cervo místico que todos os caçadores locais gostavam de discutir.

Mas desde o dia em que voltei, todos notaram a minha capacidade de ter alguma ideia do que estava acontecendo. E como uma idiota, eu não aguentava ver uma loja caindo no caos. Eu administrava a loja quando estava no ensino médio e na faculdade. Então era como calçar um velho par de tênis. Talvez houvesse mofo e buracos onde os dedos deveriam ficar, mas ainda cabiam. Infelizmente.

— O que você vai fazer? — Otis ofegou ao perguntar.

— Kali, você quer que eu chame a polícia? — Perguntou Ben, nosso empacotador que deveria trabalhar apenas meio período.

Ele acabou ficando aqui a maior parte do tempo porque Otis era um idiota e ligava para ele quase todos os dias, perguntando se poderia conseguir algumas horas extras. O cronograma foi feito. Eu fiz, e o objetivo de não agendar Ben todos os dias para que o empacotador programado para trabalhar hoje tivesse que, você sabe, fazer o trabalho dele. Mas, ao contrário de Ben, que era um estudante do ensino médio trabalhador e que provavelmente deveria ter tido mais oportunidades na vida do que conseguiria, o empacotador de verdade não era tão bom em seu trabalho... Eu não sabia por que ele continuava nisso.

Olhei para ele e o encontrei no meio da multidão que se reunia. Noah Berrman, atleta do ensino médio. As garotas gostavam de entrar e sussurrar, rir, flertar quando ele estava programado (provavelmente por isso que Otis não o demitiu), mas Noah não trabalhava. Quando uma linda garota estava na fila, de repente ele era ótimo em fingir que estava embalando compras, mas se destacava

mais em ficar em pé, conversar, piscar, flertar, ser o cara legal. Agora, porém, ele não parecia muito legal. Ele estava tão envolvido quanto todos os outros.

Vendo a Sra. Johnson boquiaberta e Viola Prinnesly parecendo que ia desmaiar, suspirei. Era hora de entrar.

— Não, — eu disse a Ben. — Volte ao trabalho. Noah.

Ele olhou para mim.

Apontei em direção aos caixas. — Voltem para o trabalho. Todos, voltem aos seus lugares.

— Não pare com isso. E melhor do que *Jeopardy*[2]. — Viola balançou o dedo enrugado para mim, mas ela não estava olhando na minha direção. Ela estava ocupada apreciando toda a beleza do motociclista.

Tinha que admitir, eu entendia. Músculos. Havia músculos por toda parte.

— Kal, você tem certeza? — Otis respirou atrás de mim.

Reprimi um tremor e uma onda de náusea. — Sim, Otis. Se Mike entrar, mande-o embora. Esses caras são Red Demons. Você não quer chamar a polícia sobre eles. Confie em mim.

Ouvi a respiração dele e decidi que não queria saber se era por medo ou excitação.

A maioria dos clientes tinha voltado às compras, embora Viola e a Sra. Johnson estivessem dobrando a aposta. A Sra. Johnson sentou-se em seu andador. Viola encostou-se na lateral, com a bengala apoiada ao lado *dela.*

Os dois caras trocavam socos, usando latas de sopa como armas.

Eu gostava de sopa. A sopa não merecia esse tratamento.

Eu não conhecia esses dois em particular, mas conhecia os Red Demons. Eles eram relativamente novos, mas estavam se expandindo rapidamente, e pessoas normais como eu normalmente não saberiam isso sobre eles. Sabia porque meu

irmão era amigo do atual vice-presidente dos Red Demons, ou pelo menos corria o *boato* de que Shane King era o vice-presidente deles.

Eles não tinham um clube aqui, mas chegaram à cidade há uma semana. Eles passavam a maior parte do tempo no Ruby's Dexterity, um bar onde as pessoas mais rudes daqui podiam ser encontradas. Bert's era onde os turistas e o pessoal não-rude se reunia. Mas se quiser contratar um assassino, vá ao Ruby's. Quero dizer, essa era a piada em Friendly, Indiana, mas as pessoas diziam por um motivo. Porque era verdade.

De qualquer forma, eu ainda tinha dois motociclistas e cerca de quinhentos dólares em danos para cuidar, então entrei em ação.

— Pessoal! — Gritei, minhas mãos para cima.

Um deles rosnou, segurando o outro contra as prateleiras.

Nota adicional: Fiquei impressionada com a permanência das prateleiras. Eu precisava verificar quem era o fabricante. Uma boa prateleira era fundamental.

— Seu filho da puta, — o cara rosnou. — Você acha que eu não sei, mas eu sei. — Ele deu um soco no outro.

O outro parecia arrependido e, por um momento, pensei que talvez a luta tivesse acabado. Ele simplesmente iria levar a surra.

Mas então seu rosto se contorceu. A fúria o iluminou.

Não. A luta continuaria.

— Não foi assim, Corvette! — Ele rosnou, virando-se e de alguma forma escapando do controle do cara.

Ele se virou e o atacou com um salto e um soco. Corvette estava sem fôlego e ele caiu de joelhos por causa disso. Então, com um grunhido, ele se levantou e eles voltaram a se atacar.

Não era bom.

Eles atingiram a única seção de latas que havia sido deixada de lado.

Trinta latas caíram no chão.

Que maravilha.

Eu estava observando três passando por mim quando ouvi um grito.

Uma maldição.

Um grito.

Eu me virei – os dois motociclistas estavam no chão e, pelas latas espalhadas, parecia que a sopa havia vencido a luta. *Bom!*

Corvette colocou uma mão no peito e a outra no rosto. Parecia que ele estava percebendo o fato de que seu rosto estava basicamente todo ensanguentado. O outro não parecia estar melhor.

Ele amaldiçoou e mirou no segundo cara. Ele estava preparando outro golpe ou, pelo menos, um ataque.

Eu entrei em cena. — Não, você não vai!

Cheguei tarde demais.

Ele pegou uma lata e se preparou para bater no rosto do outro cara.

Intervi novamente. — Eu disse não! — Chutei a lata da mão dele. (Eu poderia fazer isso. Oito anos de futebol — ensino médio e faculdade. Muito obrigada.) Foi a minha vez de ser um pouco dramática.

Ajoelhei-me sobre os dois. Literalmente. Ajoelhei-me. Com os joelhos e as mãos no peito, fiquei grata por ter usado calças em vez de shorts para trabalhar hoje. Eu olhei para eles. — Eu não dou a mínima para o tamanho das suas motos. Se vocês baterem um no outro mais uma vez, vão se arrepender.

Corvette grunhiu, mas não respondeu.

O outro resmungou: — Sim? Você vai chamar a polícia?

— Pior. Vou fazer com que sejam banidos do Ruby's. Estou ciente do quanto gostam daquele bar.

Corvette murmurou, tocando seu rosto. — Como você vai fazer isso?

— É da minha mãe.

Isso chamou a atenção deles e eu sabia que aconteceria.

— Você é a irmã mais nova de Gloves? — Corvette perguntou.

— Sou a irmã *mais velha de Gloves*, por um ano.

Tive que acrescentar essa última parte porque já estava me sentindo mal. Não precisava trazer minha idade para isso.

Isso mudou tudo, o que eu sabia que mudaria.

Os Red Demons tinham uma história com meu irmão.

— Esta é sua loja? — Corvette perguntou, começando a se sentar.

Eu me levantei para que ele pudesse terminar.

O outro sentou-se, encostou-se nas prateleiras e praguejou, provavelmente começando a registrar a dor que a adrenalina vinha mantendo sob controle. Corvette tentou se mover, mas sua mão escorregou em um pouco de sangue e ele estremeceu.

Segurei seu braço, estabilizando-o e ajudando-o a sentar-se.

Percebi que o sangue tinha uma textura leitosa. Um pouco da sopa havia aberto.

Que maravilha.

Limpei a garganta. — Eu trabalho aqui, sim.

Ambos estavam olhando para mim. Ou tentavam. Cada um tinha um olho completamente fechado e inchado.

Suspirei, imaginando que deveria acabar logo com isso. — Vocês têm duas

opções. Dar seus telefones para que eu possa ligar para o seu clube para buscá-los ou terei que chamar a ambulância. Se eu fizer isso… Esta é uma cidade pequena. Tenho certeza de que a polícia já sabe, mas pedi ao nosso gerente que os impedisse de vir aqui. A história será diferente se os paramédicos fizerem uma ligação.

O segundo resmungou, inclinando a cabeça para trás e apertando o nariz.

Corvette apenas me entregou seu telefone. — Pressione três.

Eu fiz, depois de limpar o sangue, e ouvi: — Ghost aqui.

Ghost. O nome de motociclista de Shane King, aquele que eu realmente conhecia.

— Estou ligando do Friendly Grocery Mart. Você tem dois membros aqui que precisam de assistência – assistência médica.

— O quê?

Ah. Sua voz era um barítono baixo e rouco de um jeito que atingiu minha vagina, do jeito certo.

Desliguei o telefone o mais rápido possível porque não precisava reagir daquela maneira apenas a um 'o quê' dele. Não. De jeito nenhum. Eu já tinha drama suficiente para lidar agora.

Corvette pegou o telefone e, enquanto continuava a conversa, aproximei-me da clientela restante. Viola e a Sra. Johnson se inclinaram para a direita para que pudessem ver ao meu redor. Noah também ainda estava lá, o que me deixou com vontade de pegar uma lata de sopa.

— Sério?

Ele estremeceu, com os olhos arregalados. — O quê?

— Trabalhe. Faça alguma coisa!

Sim. Meu limite tinha perdido o controle. Eu estava culpando Otis e não *a*

bela voz do Ghost.

— Você vem aqui todos os dias e não faz nada. Ben faz tudo. Se não trabalhar, você está demitido.

Seus olhos se estreitaram. — Certo. Como se você pudesse fazer isso.

Aproximei-me e baixei a voz. — Tenho trinta e seis anos e acabei de me divorciar de um autêntico pedaço de merda. Posso andar e minha vida será melhor. Este é o meu ponto baixo, então quando eu for até Otis e disser a ele que é você ou eu, quem você acha que ele vai manter?

Seus olhos voltaram a se arregalar. Ele não tinha pensado nisso.

— Limpe este corredor e você tem dez minutos para fazer isso.

Com isso, fui atualizar Otis.

Ele estava mais do que disposto a ficar em seu escritório e se esconder por mais trinta minutos, e Red Demons quem? Nenhum Red Demons esteve em sua loja.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu telefone.

Ele respondeu imediatamente. — Filha! Como está indo? Conte-me algo engraçado que aconteceu com você hoje.

Contei a ele sobre as latas de sopa. E sobre Viola e a Sra. Johnson.

Meu pai riu tanto que teve que desligar. — Desculpe-me, minha filha e amor da minha vida, mas quase sofri um acidente. Você me fez rir tanto.

2

KALI

Os motociclistas saíram da loja em poucos minutos, mas não saíram do estacionamento imediatamente. Fiquei longe da frente, contente em terminar a lista de itens que precisávamos fazer até o final do fim de semana, mas sabia que os Red Demons estavam do lado de fora por causa de suas motocicletas. Confie em mim. Você não pode deixar de ouvir uma Harley, muito menos vinte delas.

Este grupo parecia ter cinquenta. Assim que saíram, tudo se acomodou na loja. Ficou quase um tédio.

Espere. Não. Não era quase um tédio. Era um *tédio,* mas eu não estava reclamando.

Noah pediu para sair uma hora mais cedo.

Mandei Ben logo depois.

Era domingo à noite. Geralmente tínhamos o horário de pico da igreja, mas depois disso as pessoas voltavam para casa à noite, na esperança de recuperar o sono antes do trabalho ou da escola pela manhã. É por isso que eu adorava trabalhar aos domingos. Um turno lento era tranquilo para mim. Eu disse *entediante* antes porque essa é a sensação de desânimo que tive daqueles que ainda estão na loja. A briga de dois Red Demons deixou todo mundo animado, e agora estávamos do outro lado daquela euforia.

— Kali. — Macy Rodding, a última funcionária do caixa, veio de trás, com a bolsa e as chaves na mão. De certa forma, ela não era tão diferente de mim. Na casa dos quarenta, ela mesma estava se divorciando, mas tinha dois filhos pequenos em casa para alimentar, e eu sabia que tudo dependia dela. Seu marido era o advogado da cidade. Não seria um acordo justo. Todo mundo sabia como

era Phil Rodding. Se ele estivesse no corredor da sopa mais cedo, eu teria imaginado uma maneira de *acidentalmente* atingi-lo com uma lata. Tinha a sensação de que Viola e a Sra. Johnson teriam me apoiado.

Ela percorreu o resto do caminho até onde eu estava trabalhando, a única caixa registradora ainda aberta.

Ela franziu a testa. — Aposto que você poderia fechar mais cedo. Ninguém vai entrar. Ou posso ficar, se quiser? Eu não me importo. Não é bom ficar sozinha aqui quando você é a única trabalhando.

Eu estava balançando a cabeça antes que ela terminasse. — Eu sei que Natalie e Oliver estão esperando por você, e você também sabe disso. De jeito nenhum eles foram para a cama na hora de dormir.

Ela sorriu, suavizando. — Eu sei. Eles são tão fofos. Pequenos danados, mas fofos.

— Vá para casa. Não ficarei muito atrás de você.

Ela se animou. — Você vai fechar mais cedo?

Dei um aceno de cabeça. — Estou pensando que Otis não vai ficar bravo, não depois de hoje.

Ela deu uma risada calorosa e suas bochechas coraram. — Você pode repetir isso de novo. Eu sabia que aqueles motociclistas estavam na cidade, mas eles não tinham aparecido antes. Você lidou bem com eles. — Ela inclinou a cabeça. — Em qualquer outro momento, Otis teria um ataque de raiva com a perda do produto. O que você disse a ele? Você conhece aqueles motociclistas?

Dei de ombros, decidindo fechar a loja, como ela havia sugerido. — Eu dei a ele uma pequena explicação sobre os Red Demons e disse que se ele não dissesse uma palavra sobre os danos, eles não iriam incendiar a loja.

Ela engasgou, seus olhos se arregalaram. — Eles fariam isso?

Dei outro encolher de ombros. — Quem sabe? Talvez. Provavelmente não.

Agora nunca saberemos.

Ela riu e acenou com a cabeça em direção à minha caixa registradora. — Posso ficar alguns minutos. Posso sair com você?

— Não. — Tranquei minha caixa. — Vá. Sério. Eu cuido disso.

— Ok. Vejo você amanhã?

— Vejo você amanhã, — eu disse, indo guardar minha caixa.

A porta apitou com Macy indo embora.

Eu estava voltando com minha caixa bem trancada quando ouvi a porta tocar novamente.

Fiz ums careta, meus pés hesitaram. — Macy? — Contornei o último corredor, virando-me para ver a frente. — Você esqueceu…

Não era Macy.

Era um motociclista e tive que parar porque, *caramba*. Era o motociclista de todos os motociclistas.

Alto. Bem mais de um metro e oitenta. Talvez um metro e oitenta e três?

Magro.

Musculoso.

Seriamente bronzeado. *Sagrado.*

E ele não estava usando uma camisa por baixo do colete do Red Demons. O cara tinha tatuagens por todo o corpo.

Meu estômago se agitou. Meu corpo ficou em brasa porque, embora já tivessem se passado vinte anos desde a última vez que o vi, eu sabia quem estava esperando por mim.

Eu me perguntei por que eles ainda não tinham me procurado.

Quando os Red Demons chegaram à cidade, encontraram minha mãe. Eles

encontraram minha irmã. Mas não a mim. Eu não sabia se encontraram Gloves (o nome verdadeiro do meu irmão era Connor) e o pai de Claudia, Patrick Hinton. Ele era um bom homem e tentou ser meu pai como pôde, mas eu tinha um pai. Passei um tempo entre meu pai e minha mãe, mas estive com minha mãe durante o ano letivo.

Mas voltando a Shane King, porque era ele quem estava parado e olhando diretamente para mim.

Meu Deus, seus olhos.

Ele tinha um rosto quase em formato de coração, com lindos cílios longos sobre olhos escuros, mas era o queixo quadrado com uma barba escura e marcante que, tenho certeza, fazia os ovários explodirem. Ele parecia bonito, quase bonito *demais* para ser um Red Demon, mas então seus olhos brilharam. *Ali* estava a severidade.

Ele também tinha isso no ensino médio.

Estávamos na mesma série, mas ele fez amizade com Connor, que não se chamava Gloves naquela época. Eles eram parceiros de mesa nas aulas de oficina e, como Connor já estava no caminho da criminalidade, acho que agora, pensando bem, fazia sentido. Shane nunca teve tolerância com qualquer besteira de professores, diretores ou colegas de classe. Ele foi criado por nosso vizinho, outra conexão que consolidou sua amizade com Connor, mas Shane não durou muito tempo amigável.

Ele se envolveu em muitas brigas, foi preso muitas vezes e foi enviado para um reformatório. Essa foi a última vez que ouvi falar dele, exceto que eu sabia que ele mantinha contato com Connor, e recebi uma ligação do meu irmão há sete meses dizendo que ele tinha feito um favor para alguns Red Demons na prisão, e um dia, eles viriam retribuir.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, e desde que os Red Demons apareceram, eu esperava não descobrir.

Mas isso parecia ter acabado.

Parei na seção de doces. — Você me conhece?

— Agora eu conheço.

Certo. Shane me conhecia no ensino médio, mas quando ele me deu uma olhada e eu me esforcei para não deixar isso me afetar, eu sabia que vinte anos eram muito tempo.

— Você não se parece com a irmã de Connor.

Fiz uma careta, olhando para meu cabelo escuro e pele morena dourada. — Meu pai é negro. Ele era negro naquela época também, você sabe.

Minha mãe tinha cabelos ruivos e olhos escuros e, por causa de sua pele clara, ela ficava dentro de casa o máximo possível. Ela era branca e havia histórico de câncer de pele em sua família. Mas meus dois irmãos mais novos, de pai branco, não se importavam com o câncer – ou pelo menos Claudia não se importava. Ela tinha cabelos loiros, olhos escuros e era muito bronzeada. Connor tinha cabelos e olhos escuros.

Meus olhos eram castanhos e eu não tinha ideia de onde eles vieram. Ninguém na família do meu pai ou na família da minha mãe tinha olhos castanhos.

— Eu sei. — Ele me deu outra olhada, permanecendo em minhas pernas. — Mas você não parecia assim naquela época.

— Como o quê? — Levantei meu queixo.

— Toda mulher, porra.

Droga.

Droga!

O calor percorreu através de mim. — O que você quer?

Seus olhos piscaram, refletindo. — Meu clube está em dívida com o Gloves.

Viemos pagar essa dívida. Parte disso é ajudar sua família da maneira que ela precisa ser ajudada. Eu não sabia que você estava na cidade. Ele disse que você estava em Nova York, casada e com marido. Uma boa vida. — Ele examinou meus tênis e minha carteira de funcionária. — Sua mãe queria mais clientes, então estamos preparando isso para que outros clientes apareçam e divulguem. Cuidamos dos nossos e isso também se espalhará. Sua irmã mencionou abrir seu próprio salão. Ajudaremos a configurar isso, mas teremos uma porcentagem da propriedade. Eu sei que você ajudou meus rapazes hoje, evitou que os policiais viessem e que o gerente não fosse um pé no saco. Nós pagaremos os danos. Na minha opinião, isso nos faz ficar em dívida com você duas vezes. Então, preciso perguntar, o que você precisa?

Jesus. — Que tipo de favor meu irmão fez para vocês?

— Ele salvou muitas vidas de nossos irmãos. Eles, nosso clube e suas famílias estão gratos. Entramos em contato com o pai de Gloves, mas ele não quis nada. Disse apenas para cuidar da mãe e das garotas e ele estava bem com isso. Também preciso perguntar: Gloves gostaria que essa oferta fosse estendida ao seu pai? Não queremos deixar pedra sobre pedra.

Balancei minha cabeça. — Não. Ele é advogado em Chicago. Ele está indo muito bem.

Esta era uma conversa surreal. Do nada, Shane King - um cara por quem eu tinha uma queda por um ano inteiro e todas as vezes depois, quando Connor mencionava que tinha notícias dele - estava parado na minha frente usando um emblema de 1%[3] do clube de motocicleta em seu colete se oferecendo para - me ajudar - de alguma forma.

— Eu sei o que o seu clube faz, o que eles fazem. Por que você está realmente aqui?

Seus olhos se iluminaram. — Eu disse a você. Estamos pagando uma dívida.

Balancei a cabeça, meu estômago revirando. — Isso não parece certo para

mim. Parece que você está tentando comprar Gloves. O que meu irmão realmente fez?

Uma parede se formou sobre suas feições. Eu podia senti-lo ficando distante.

Parecia frio entre nós e, uau, eu não gostava dessa sensação.

Cerrei os dentes, porque *foda-se esse cara.* Foda-se qualquer cara que tivesse o poder de me afetar de alguma forma. Não mais. Eu não sei se algum dia voltarei. Um idiota na minha vida já tinha sido o suficiente.

— Ficaremos aqui por mais alguns dias, — ele finalmente disse. — Se você pensar em algo que deseja, avise-nos. Como você disse aos meus rapazes, você sabe onde estamos.

Certo. O bar da minha mãe. No qual não tinha entrado desde que voltei para a cidade.

Eu poderia ter dito a esses caras que poderia bani-los, mas isso não era verdade. Estava tão longe da verdade que era triste. Eu amava Gloves, mas um relacionamento com Ruby ou Claudia? Não. Isso não aconteceu nos últimos doze anos, desde o dia do meu casamento.

Ele ainda estava me observando.

— Deixe meu irmão em paz.

Agora aqueles olhos se estreitaram e depois endureceram ainda mais. — Você sabe o suficiente sobre nós para não emitir uma ordem a um Red Demon.

Um arrepio percorreu minha coluna, inflamando meu pescoço. Eu sabia, e foi por isso que disse de qualquer maneira.

— Eu amo meu irmão. Ele é um dos únicos três homens bons que conheço. Eu não posso perdê-lo. Seu clube se mete com ele e eu sei o que vai acontecer. — Meu irmão teve uma sorte realmente terrível. Pode-se argumentar fortemente que ele foi amaldiçoado durante toda a sua vida. Connor não tinha intuições. Era o oposto. Se alguém gritasse que uma casa estava pegando fogo, Connor corria

para dentro, mas não para resgatar ninguém. Ele simplesmente entrava e ficava lá, confuso sobre por que estava pegando fogo.

As narinas de Shane dilataram e ele falou suavemente. — Tenha cuidado.

— Você quer fazer algo por mim? É isso. Deixe Gloves em paz.

Seu queixo ergueu-se e senti um novo nível de desconforto no ar. Arrepios surgiram em minha pele e o pavor se enraizou em meu estômago. *Droga*. Esse cara, todo o seu clube – eram más notícias.

Então, como se estivesse tomando uma decisão, ele se mexeu e um pouco do calafrio no ar desapareceu. — Vou considerar isso.

Ele se virou para sair e tentei fingir que não senti nenhum tipo de decepção quando seu olhar se afastou do meu. Certo.

Meu Deus.

Eu estava uma bagunça.

A porta tocou. Shane King saiu.

Eu esperava nunca mais vê-lo.

Minha vagina estava me chamando de mentirosa.

* * *

Apertei o botão no meu telefone.

— Filha!

Eu sorri. — Olá, pai.

— Filha, filha, filha. O que você está fazendo? Está saindo do trabalho? Indo para casa? Como estão as latas de sopa? Viola e a Sra. Johnson ainda estão bem? Elas não quebraram o quadril esticando o pescoço para ver mais motociclistas, não é?

— Tudo bem. Estou saindo do supermercado.

— Você pode me dizer novamente o motivo pelo qual não foi morar com seu pai? Eu tenho uma casa muito bonita, sabe.

— Eu sei. — Mas não entrei em detalhes porque esta era uma conversa normal entre James Michaels e eu.

— Está bem, está bem. Eu sei. Você está com seus amigos. Eu entendo, mas você tem família aqui também. Apenas lembrando.

— Eu sei, pai.

— Como foi seu dia antes das latas de sopa e depois da nossa última ligação? Conte tudo ao seu pai.

Então eu contei.

3

KALI

Havia uma bola de discoteca na nossa sala de estar. Eu a vi assim que entrei pela porta da garagem.

O quê?

Olhei para ela confusa, brilhando e girando, espalhando rosa, roxo, azul e todos os tipos de cores pela sala. Assim que a porta se fechou atrás de mim, a música começou.

Barbie Girl de Aqua encheu a sala e, no ritmo da batida, minha colega de quarto, Harper, deslizou pelo chão vindo do corredor e passou pela porta da cozinha. Seus braços estavam para cima, a cabeça para trás, óculos escuros. Ela usava uma camisa social branca, calcinha e meias. Só isso.

Ela se virou para mim e fez uma pose. Colocou uma garrafa de bourbon aos lábios, como se fosse um microfone. Então, com todo o seu corpo balançando ao som da música, fez um playback de toda a primeira sequência da música.

Cabelo preto. Olhos escuros. Forma desajeitada. Pele seriamente pálida. Esta era a colega de quarto número um. Assim como minha mãe, ela gostava de se esconder do sol.

Quando o segundo refrão começou, nossa outra colega de quarto passou pela porta e apareceu segurando uma garrafa de vinho como microfone. Aly estava fazendo o robô, e também usando óculos escuros, mas ela não usou o visual completo de Tom Cruise de *Risky Business.* Ela estava mais glamour dos anos 80, com cabelo e franja. Ela tinha pulseiras multicoloridas, leggings rosa e uma blusa preta que caía sobre um ombro com um sutiã verde neon por baixo.

Elas fizeram uma versão completa.

Seus movimentos foram coreografados.

Harper foi para a esquerda, Aly foi para a direita.

Harper se abaixou e Aly pulou alto.

O refrão tinha dois movimentos - um penteado e um movimento de cabelo.

No final, as duas pularam no ar e foi impressionante. Elas terminaram como se fossem líderes de torcida *do Saturday Night Live*[4].

— Ei! — Disse Harper, com um sorriso largo.

— Ei. — Minha saudação foi muito menos alegre e seu sorriso diminuiu.

Arrependimento instantâneo.

Abri um sorriso, tentando aliviar um pouco da vergonha que sentia. — Isso foi incrível, pessoal.

Em perfeita sincronia, elas se viraram uma para outra. Elas baixaram os óculos escuros um centímetro e trocaram um olhar. Em seguida, moveram-se.

Harper pegou minha bolsa e as chaves e me colocou em uma cadeira. — Sente-se.

Os olhos de Aly se estreitaram por trás dos óculos escuros. Ela deu um aceno firme. — Você precisa de álcool.

Eu amava muito minhas colegas de quarto. Nós três éramos amigas desde o ensino médio.

Harper estudou design e voltou para abrir seu próprio negócio. Sua formação era em design de roupas, mas agora ela tinha um nicho[5] onde desenhava trajes especiais e isso era para qualquer pessoa. As pessoas faziam pedidos para peças de teatro do ensino médio, produções para a comunidade ou até mesmo uma festa de Halloween realmente incrível. Aly trabalhava para nosso corpo de bombeiros local - e fazia *lives* ao vivo de culinária em suas redes sociais, que Harper às vezes co-apresentava.

Eu era a provadora de tudo: comida, bebida, tudo o que elas precisassem. Todas nós tínhamos nossos sacrifícios a fazer.

Quando Foley (meu ex) me traiu, Harper e Aly apareceram na minha porta naquela noite. E quando digo *trair,* ele estava *realmente* traindo. Ele tinha três mulheres na cama quando entrei.

E se foi isso que encontrei, estremeci ao pensar há quanto tempo estava acontecendo. Certamente ele não tinha acabado de entrar em um quarteto? Será que ele era o traidor que se superava? Será que havia uma única parceira de traição no início? Apenas uma mulher?

Mas voltando à cena em que havia entrado.

Duas delas estavam fazendo sexo oral uma sobre a outra, e ele estava na outra, com as mãos agarrando a parte de trás das coxas dela, observando enquanto ela fazia outra coisa, que eu não vi porque minha mente havia se descontrolado naquele momento. Eu estava procurando uma arma. Houve muitos gritos e ameaças, mas não fui embora. Aquilo era importante para mim. Eu mantive minha posição e mandei todos embora - Foley, literalmente. Eu estava limpando minha casa, a mais sábia atitude, quando minha campainha tocou. Presumi que fosse Foley, mas não.

Fiquei arrasada quando vi o quanto elas haviam embalado. Harper tinha três malas com rodinhas.

Aly disse que tinha bastante tempo de férias do corpo de bombeiros e poderia fazer seus segmentos em qualquer lugar. Depois que tomei a decisão de voltar – pelo menos até me recuperar – elas não me deram escolha. Elas me mudaram para o quarto no porão. Harper ficou no último andar. Aly no andar principal. Era uma casa grande o suficiente para que todas nós tivéssemos nosso próprio espaço.

Tínhamos um quarto colega de quarto há algum tempo, o namorado de Harper, mas eles terminaram as coisas há uma semana, então agora estávamos de

volta para nós três.

— O que aconteceu? — Harper perguntou, olhando para mim no meu lugar na cadeira.

Apenas uma pergunta dela e contei tudo a elas.

A luta.

Eu brigando com Noah.

Eu lamentando a sopa que estava estragada.

Eu conversando com Macy.

Desabafei sobre Otis, porque quem não faria isso?

Então o final, a visita de Shane, e quando terminei, as duas ficaram sentadas em total silêncio.

Contei quase tudo a elas.

— Houve... — Harper começou.

— Motociclistas? — Aly perguntou. — Como motociclistas? Como-

— Sons of Anarchy e Mayans[6]? — Harper disse.

— O nome dele é Ghost? — Aly começou a se abanar.

— Ele era gostoso? — Harper ergueu uma sobrancelha.

Ponto para Aly. — É claro que ele era gostoso, olhe para ela, — disse ela. — Ela ainda está se recuperando. Ou talvez seja de nossa apresentação. Nós fomos *incríveis.*

Ela assentiu. — Você tem razão. Mas também, Kali nunca fica excitada assim. Uma vez, um quarteto a fez assim de uma maneira diferente, embora fossem circunstâncias atenuantes. Esse cara só falou com ela.

— Você tem razão. — Elas acenavam uma para a outra.

— Kali, calma e tranquila, — acrescentou Aly. — É assim que a chamamos.

— Pessoal! — Levantei a mão. Minha cabeça estava começando a doer. — Eu ainda preciso de uma bebida.

Aly era a bartender, sempre. Ela poderia ser feroz se fôssemos criativas com nossa própria mixologia. Isso não era permitido.

Seus olhos se arregalaram e ela se levantou. — Certo! Eu estou trabalhando nisso. Estamos bebendo desde as quatro de hoje.

Fiz uma careta. — Quatro?

Os olhos de Harper ficaram sérios.

Os olhos de Harper quase nunca ficavam sérios.

Agora fiquei alarmada. Eu me inclinei para frente. — O que aconteceu às quatro horas hoje?

— Eram mais ou menos três quando aconteceu. — Aly foi até o bar.

Sim, tínhamos um bar inteiro. Era um balcão montado no outro lado da cozinha. Taças de vinho, copos de shot e canecas de vidro cobriam o fundo e o topo estava arrumado com todas as bebidas destiladas que um bar normal teria. O vinho tinha sua própria prateleira. Ao lado do balcão havia uma geladeira menor que abrigava o vinho e a cerveja gelados. Harper gostava de cerveja. Ela gostava de suas Coronas, mas recentemente estava bebendo cerveja preta. Fizemos um tour pela cervejaria no fim de semana passado. Ela ficou encantada o tempo todo.

Enfim…

— O que aconteceu às três? — Olhei entre as duas.

Elas estavam olhando uma para a outra.

Harper franziu os lábios e olhou para seu colo.

Aly apertou os lábios firmemente e se virou para o bar, nos dando as costas.

Concentrei-me em Harper. — Harper. O que aconteceu? — Eu não tinha um

bom pressentimento.

Por favor, deixe que seja uma coisa boa o que aconteceu. Por favor, por favor, por favor.

— Meu fabricante me ligou. Eles estão fechando, tipo, para sempre.

— O quê?! — *Não! Sem chance.*

Ela abaixou a cabeça em um aceno rápido. — Sim. Eu sei. Posso tentar encontrar outro, mas este era perfeito. Eles fizeram todos os meus produtos. Nunca tive problemas com eles. Agora…

— Já elaboramos um plano. — Aly se aproximou, colocando uma bebida na minha frente antes de se sentar. — Minhas visualizações sempre duplicam quando ela está comigo, e hoje fizemos um traje. Triplicou e os compartilhamentos foram incríveis. Não é muito, mas vamos tentar ser mais inteligentes em relação à marca. Embora sem um fabricante…

Ela engoliu em seco e peguei minha bebida. Meus braços pareciam chumbo.

Eu não sabia o que havia na bebida, mas queimava e era tudo que eu precisava naquele momento.

— Espere. — Harper ergueu a mão, piscando algumas vezes. — Você realmente não nos contou por que o motociclista veio ver você.

— Sim. — Foi minha vez de engolir e tomei outro gole. — Isso é bom, Aly. Muito bom.

Ela tirou os óculos escuros e se inclinou para frente, cruzando os braços sobre o peito. — Desembucha, mulher. Além disso, estou culpando o fato de estarmos bebendo desde as quatro, por não termos pensado em perguntar por que ele veio procurá-la. Quero dizer, esse é o Interrogatório Básico 101[7].

— Eu sei. — Harper balançou a cabeça. — Estamos relaxando em nossas habilidades.

— *Totalmente* relaxadas.

Mais dois goles grandes e então entreguei a elas as notas de rodapé.

Houve uma batida de silêncio.

Então, *explosão.*

— Você o conhecia antes?!

— Espere! Aquele cara de quem Connor era amigo?

— Que cara? Por que não estou lembrando? Eu preciso lembrar também. Ajude-me a lembrar!

— O cara que bateu em Hank e Miller e todo o grupo. Você sabe. Amigo de Connor. Segundo ano. Ele não voltou no ano seguinte, mas *aquele* cara. — Aly bateu a mão na mesa. — Eu não tinha ideia de que você tinha tesão por ele! Você me deixou totalmente fora. Éramos melhores amigas. Melhores amigas contam tudo uma para a outra!

— *Aquele* cara?! — Parecia que Harper tinha acabado de se lembrar.

Ambas as vozes ficaram estridentes.

Contei a elas sobre Gloves, sobre o favor da prisão. Mantive de fora a ajuda que eles iriam dar para Ruby e Claudia, mas eu amava minhas amigas. Elas ainda não sabiam quem era Shane King do ensino médio.

Aly se abanou. — Pena que ele não é fazendeiro. Eu o usaria totalmente.

Essa era outra coisa que Aly gostava. Fazendeiros. Ela foi rejeitada por um cara do ensino médio e, depois disso, começou uma busca por um fazendeiro milionário. Ela continuava esperando encontrar um, mas até agora não teve sucesso. Ela conheceu muitos caras. Alguns deles tinham conhecido Harper depois, mas isso foi antes do namorado pré-Harper.

Eu não tinha certeza se já podíamos dizer o nome dele. Segui as dicas de Harper sobre isso. Às vezes ela precisava desabafar por dias. Às vezes demorava

um pouco até que começasse a falar. No ensino médio, houve um incidente sobre o qual ela não falou durante seis meses. Isso foi o mais difícil para mim, porque tinha sido uma situação muito ruim.

Além disso, depois que descobri todos os detalhes, contei a Connor. No fundo, ele havia espancado o cara que fez a coisa ruim com Harper. Eu não tinha ideia se Harper chegou a descobrir.

— Espere. Então ele a ajudará em alguma coisa? Por que você?

Aly respondeu com um bufo conhecedor. — Porque ela é a favorita de Connor. Dã.

Dei a Harper um pequeno sorriso.

Seus olhos se estreitaram e ela colocou os óculos escuros sobre a mesa. — Eles estão ajudando Demon e Spawn[8]? — Seus nomes para Claudia e Ruby. Não eram muito originais.

— Sim.

Aly franziu a testa. — Como estão as ajudando?

Eu disse a elas e imediatamente Harper revirou os olhos. — Por que Connor é tão legal? Eu sei que sua irmã nunca o visita, e ele está sempre mandando e-mails para você pedindo para cuidar de alguma coisa para sua mãe, então essa é a interação dela - ela pede para ele fazer merda, sabendo que ele não pode porque está na prisão, mas ele ainda quer ajudar e então se volta para você. E você faz isso porque ama seu irmão, não por causa dessa mulher.

Já mencionei o quanto Harper gosta da minha mãe e da minha irmã?

Ela se recosta para trás em seu assento. — Ridículo, se você me perguntar.

— Então você vai pensar em alguma coisa? — Aly perguntou.

Dei de ombros. — Não sei. Eles são um por cento. O verdadeiro tipo de um por cento. Isso é assustador, sabe?

— Mas você conhece Shane. — Aly estava sendo gentil comigo, falando em um tom suave.

— Isso importa? Quero dizer, veja o que aconteceu com Gloves.

Devo também esclarecer aqui que deixei de chamar meu irmão de Connor para Gloves, mas Aly e Harper não. Elas não sabiam o motivo pelo qual ele tinha esse apelido, e ambas o conheciam como Connor antes de ele ir para a prisão, então foi por respeito que continuaram a chamá-lo de Connor. Uma vez perguntei ao meu irmão se ele estava bem e ele disse que gostava.

— *Isso me faz sentir como uma pessoa,* — ele disse. — *Aqui dentro nem sempre é assim. Ainda sou Connor para alguém, sabe? É como se alguém se lembrasse de mim por mim.* — Isso selou o acordo. Ele sempre seria Connor para elas.

Depois do meu lembrete sobre o destino de Gloves, ambas emitiram o mesmo som *de hmm,* balançando a cabeça em uníssono.

Elas entenderam meu ponto.

Meu irmão teve muito azar. E assim que Connor entrou, sua mesma sorte continuou aparecendo: uma briga aqui, uma briga ali. Sua pena continuava sendo prorrogada, não que isso importasse porque ele estava preso para sempre, mas agora ele tinha um clube de motociclistas fazendo favores para ele. Eu queria gritar quando pensei no que ele deve ter feito para que isso acontecesse.

Eu sabia de uma coisa.

De jeito nenhum isso iria acabar bem.

Não vai acontecer.

Não estava no nosso DNA.

Tive a sensação de que estávamos realmente fodidos, e não importa o quanto eu tentasse encolher os ombros, não conseguia.

O que eu fiz em vez disso?

Terminei minha bebida e Aly me preparou outra.

Depois outra e outra até que parei de contar.

E então eu estava fazendo uma coreografia com elas. Isso acabaria em uma das *lives* de Aly.

* * *

Apertei o botão de chamada no meu telefone.

— Filha!

Já era tarde, super tarde, mas ele ainda atendeu e me fez sorrir. — Oi pai. Eu estou bêbada.

— Oh não.

— E fizemos coreografias esta noite.

— Ah. Conte mais. Com Harper e Aly?

— Sim. Foi divertido.

— Você sabe, — sua voz baixou, ficando séria. — Eu poderia fazer coreografias com você também. Talvez não esteja me movendo tão rápido quanto essas duas, mas seu pai tem alguma *habilidade.*

4

SHANE

Meu telefone começou a tocar e fui para o estacionamento do Ruby.

Desde que chegamos à cidade, o público regular do bar diminuiu. A mãe de Gloves expressou preocupação com isso algumas vezes, mas eu disse a ela que a notícia se espalharia e que iríamos embora. Os frequentadores regulares voltariam, mas ela também precisava lembrar que estávamos divulgando o lugar para outros clientes, outros motociclistas que conhecíamos. Eles gerariam uma renda decente para seu bar, então isso seria algo com o qual ela precisaria se acostumar.

Saindo para os fundos, pude ver apenas algumas pessoas nas mesas. Atendi o telefone, descendo e começando a passar pelas motocicletas. — Sim.

Maxwell Raith, o presidente dos Red Demons, estava ligando. — Como vão as coisas por aí?

— Bem. Estamos alinhados com a família de Gloves, exceto a irmã mais velha.

— A mais velha? Eu não sabia que ela estava aí.

— Nós também não. Não tenho certeza se Gloves sabe ou se ele a estava mantendo longe de nós, mas ela está aqui. Ela também não está casada. Trabalha em um supermercado.

— Sério?

— De todos eles, é com ela que eu me preocuparia. O pai nos deu um passe. A mãe estará sob nosso controle, e a outra irmã, ela está se aproximando de Roadie.

— Aconchegando?

— Sim. Ele está se divertindo, mas ela quer mais. Já vi esse comportamento antes.

— Ele não está interessado em uma old lady?

— Não.

Ele grunhiu. — Certo.

Às vezes isso acontece - garotas que querem mais do que diversão, querem o status de old lady e não aceitam o não de um cara. Uma old lady era o equivalente a uma esposa em nosso mundo.

Mas ela era local e estaríamos saindo, então não deveria ser um problema.

— Essa irmã mais velha. Como ela é?

Meu estômago se contraiu.

A Kali do colégio não era a Kali daquele supermercado. Aquela garota já havia partido há muito tempo.

Eu precisava não dar a mínima.

— Ela é inteligente.

Ele amaldiçoou. — Você expôs os termos para ela?

— Eu fiz. O favor dela é que deixemos o irmão dela em paz.

Outra maldição baixa dele. — Sim. Ela é inteligente. — Ele limpou a garganta. — Qual é a situação dela? Por que ela voltou para Indiana se tinha uma vida boa em Nova York?

— Pedi a Roadie para falar com a irmã sobre ela, e não parece haver uma relação entre elas. A mãe também. Ruby ficou cautelosa quando mencionei ela mais cedo.

— Isso realmente não é bom.

Suspirei. — Vou fazer algumas ligações. Não quero abordar Gloves sobre ela. Isso poderia sair pela culatra. Eu sei que ela está sem dinheiro e não está disposta a receber uma esmola. Isso deve nos dizer algo.

— Você a conhecia naquela época?

Meu estômago se contrai novamente.

Eu ignorei, de novo.

— Ela era bonita naquela época. Tinha um grupo pequeno e leal. Vou procurá-las, ver se ela mantém contato. Já disse que ela era inteligente. Gloves a adorava naquela época e o sentimento era mútuo. Ela tem um pai diferente; ele é advogado.

— Que tipo de advogado?

— Pedimos aos nossos técnicos de informática que fizessem uma pesquisa. Advogado em Chicago.

— Você acha que deveríamos seguir em frente com o pai? Poderia contratar sua empresa.

— Acho que não. Se abordarmos o pai dela, ela fica sabendo, e o tiro pode sair pela culatra também.

— Você fez com que a investigassem? — Ele perguntou. — Quando não respondi, ele acrescentou: — Você colocou nossos caras do TI para investigar o pai, mas não ela?

Fiquei em silêncio.

Eu precisava agir com cautela aqui. — Eu a conheci na escola. Respeitava-a. Ela foi perseguida por vários atletas, mas sabia como eles eram. Viu através deles, mas lidou de forma inteligente. Ela nunca teve problemas.

— Você teve uma queda por ela?

Minha mão apertou o telefone. — Naquela época? Sim.

— Você tem uma queda por ela agora?

— Eu não a conheço agora.

— Você quer enfiar seu pau nela?

Eu não respondi a essa pergunta.

Ele riu ironicamente. — Se precisar ir atrás dela, você está disposto a fazer isso?

— Farei qualquer coisa pelo clube.

Outra risada seca veio dele. — Vamos fingir que era isso que eu estava pedindo.

— O que Gloves vai fazer é pelo clube, então seria pelo clube.

Um longo suspiro veio da linha, seguido por um bocejo. — Ok. Tem sido um longo dia. Tenho outra situação para você resolver, mas vamos esperar por enquanto. Faça o que for necessário para colocar as coisas no lugar com a irmã. Você sabe do que eu estou falando. Se ela for um problema no futuro, quero que mexa todos os pauzinhos que tiver para cuidar dela. Você pode fazer isso?

Meu estômago estava tão comprimido agora que senti como se estivesse segurando minhas bolas. E eu não gostava disso. Nem um pouco.

— Sim, — eu falei. — Qual é a outra situação?

— Recebi um telefonema do fretamento de Frisco. O presidente está na prisão, mas estendeu a mão. Ele está preocupado com alguns de seus membros, tem um mau pressentimento e acha que foi vítima de uma armadilha.

Eu fiz uma careta. — Você quer que nós ajudemos a resolver isso?

Às vezes era uma boa ideia. Geralmente não era. Os Charters se davam bem pelo bem maior, mas no território local gostavam de governá-lo da maneira que governavam. Se houvesse uma diferença de opinião ou se a personalidade errada se enraizasse, poderia ser um problema. Um grande problema. E isso poderia se

espalhar para outros clubes. O clube inteiro sempre era afetado quando o veneno se espalhava e crescia.

— Sim, mas para mim a questão é dupla, — explicou ele. — Estamos saindo do Goose e estou pensando em reforços. Há uma família do Canadá que quer se mudar para o sul. Pode ser um problema para nós ou pode ser uma solução. Eu ainda não tenho certeza.

Eu conhecia apenas uma família no Canadá que tinha esse alcance. — Bennett.

— Você vai, lida com a situação lá e nós resolveremos o resto depois.

— Eu gostaria que dez fossem comigo, — falei.

— Isso é o que eu estava pensando. Com dez, você está abaixo do número deles. Mas você é o vice-presidente. Quero enviar Stripes para ajudá-lo. Ele conhece a área.

Stripes foi preso em Potomahmen. Ele nos ajudou a sair de uma situação difícil e esteve com nossos rapazes lá dentro desde então. Ele era inteligente, mas era do tipo sorrateiro/astuto. Ele saiu da prisão há um ano, estava viajando com nossa equipe desde então e foi oficialmente incorporado há um mês.

— Quais são minhas ordens para agora?

— Fique aí. Faça o que eu disse sobre a irmã e comece a reunir dez caras para ir com você.

Alterei minha pergunta. — Vou reunir onze. Com Stripes serão doze.

— Isso fará com que vocês permaneçam um a menos do que a frota local. Você está bem em fazer o que precisa fazer com a irmã de Gloves? Considerando que sei o quão próximos você e ele são, e se você gostava dela na escola... Esses sentimentos ainda podem estar lá.

Eu adorava meu clube.

Entrei depois de voltar de três viagens ao exterior. Cresci em lares adotivos e não tinha família. Gloves me deu minha primeira experiência com uma família. Minha unidade me deu meus segundos irmãos. O clube era minha última família.

Prez[9] estava certo sobre Kali. Ela era muito inteligente, o que fazia sentido, já que ele estava perto dos sessenta anos e comandava os Red Demons do jeito que fazia. Ele era implacável, mas o cérebro. Ele também era o atirador do nosso grupo. Ele estabeleceria uma marca e esperaria meses, se necessário, antes de atingi-la.

Eu? Meu trabalho era entrar como um fantasma – entrar no meio da situação, fazer as coisas, mas não deixar rastros. Ambos os nossos papéis eram vitais para o clube, mas agora eu estava amaldiçoando o papel que ele desempenhava e não estava muito feliz com o meu. Mesmo assim. *Pelo clube*. Esse era o nosso lema por algum motivo.

— Eu vou lidar com ela, mas não de uma forma que possa machucá-la. Não posso fazer isso, Prez. Não com Gloves. Ele não merece isso.

Eu sabia como ele queria que as coisas fossem tratadas e geralmente concordava com isso. Não dessa vez. Eu estava reagindo e raramente recuava.

Ele suspirou suavemente.

Ele estava cedendo. Eu já podia ouvir.

— Você está certo, — disse. — Encontre uma maneira de lidar com ela, mas faça certo. Estou lhe dando rédea solta neste caso. A decisão é sua. — Após uma pausa, acrescentou: — É o mínimo que podemos fazer pelo Gloves.

O mínimo.

5

KALI

O primeiro se aproximou de mim na loja enquanto eu examinava uma lista. Eu estava perto do presunto.

O Sr. Baldeaver agarrou sua cesta com as duas mãos. Isso primeiro chamou minha atenção – isso e o fato de que seu cardigã verde era do mesmo tipo que meu pai gostava de usar à noite. O Sr. Baldeaver estava na casa dos oitenta e meu pai tinha cinquenta e oito.

Eu *ia* usar isso para provocar papai. Os cardigans mostravam sua idade. Ainda não conseguimos reconhecer o cabelo grisalho, mas os cardigans, ah, sim. Eu estava indo para lá.

— Kali. — O Sr. Baldeaver ajustou o controle da cesta e olhou para baixo. Para o presunto. Para os outros produtos de carne. Ele checou o freezer atrás de nós.

— O que está errado?

— Há um homem perguntando sobre você. Ele sabe que eu lhe ensinei piano quando você era jovem e me encontrou no Martha's Café esta manhã. Você sabe, eu e os outros maridos nos encontramos para tomar café. É uma hora de fofoca, mas nos dá um descanso. Na maioria das vezes queremos ver quem ainda está vivo. Mas de qualquer forma, ele veio até mim na mesa. Randy e Freddie também estavam lá, mas eles não te conhecem tão bem quanto eu. Ouvi dizer que você voltou. Eu não disse nada. Você gosta da sua privacidade. Mas já que estou a abordando agora, acho que é o momento certo para que saiba que seu ex era um idiota. Ele também perceberá isso e voltará. Não o deixe voltar. Você tem um melhor vindo. Eu sei isso. De qualquer forma, achei que deveria saber,

porque não sei quais são as intenções desse homem em relação a você.

Meu coração derreteu e se apertou ao mesmo tempo.

Eu odiava ter aulas de piano, mas agora que era mais velha, podia relembrar aqueles dias com carinho.

Além disso, o Sr. Baldeaver sempre guardava doces em uma tigela, e eu realmente adorava os ursinhos de goma que ele mantinha em estoque. Eu sabia que ele fazia isso por mim porque nenhum de seus outros alunos gostava deles.

— O que ele perguntou?

— Apenas sobre você. Como era quando mais jovem. Não havia muito nas perguntas. Parecia que ele estava avaliando o que as pessoas daqui sentem por você. Eu deixei claro. Disse que você foi a segunda melhor aluna que já tive e que qualquer outra coisa não era da conta dele.

Meu coração derreteu e apertou novamente.

— Como ele era?

— Alto, com tatuagens. Ele veio de motocicleta.

Meu estômago afundou até os dedos dos pés com um baque forte. Shane King. Se não fosse ele, era alguém agindo em seu nome.

Sério?

Por que ele estava perguntando sobre mim?

Baldeaver parecia prestes a desmaiar. Ele continuou reajustando o controle da cesta, mas seu queixo estava erguido, quase desafiador.

Balancei a cabeça. — Obrigada por me avisar. Eu sei quem foi. Cuidarei disso.

— Preciso perguntar e não estou querendo dizer isso de uma forma intrusiva, mas de uma forma onde se você precisar de alguma coisa, sabe que eu lhe darei tudo o que você precisar. Se eu não fizer isso, a minha esposa sairia de seu

túmulo para me dar um sermão, dito isso, — ele respirou fundo. — Você está em apuros? Desculpe. Não é da minha conta, mas conheço o público que o bar da sua mãe atende, e da sua irmã, bem... E do seu ex-marido. Eu simplesmente... minha Melanie adorava você.

Meu coração subiu até a garganta. Ele pulsou ali enquanto minha garganta se fechava em torno dele.

Droga. Eu não queria chorar. Sem chance. Aqui não. Toda a minha credibilidade de durona desapareceria. Noah estava trabalhando hoje, deu uma olhada para mim e começou *a trabalhar de verdade.* Se ele me visse chorando, provavelmente *pararia.* Eu não poderia ter isso.

— Ela sempre disse que você a lembrava de nossa filha, Sarah, — continuou o Sr. Baldeaver. — Ela faleceu quando era jovem. Não sei se você sabia que tínhamos uma filha, mas quando você começou a aprender piano comigo, Melanie estava sempre por perto. Ela gostava quando você comia um biscoito com ela, embora *eu* soubesse que você preferia os ursinhos de goma.

— Eu não sabia que ela se sentia assim. Apreciei os biscoitos *e* os doces.

Ele sorriu, balançando um pouco a cabeça e o pescoço com o movimento. — Não, não. Ensinei muitas crianças, mas você tinha um lugar especial entre nós dois. Além disso, preciso avisar que esse senhor perguntou a outras pessoas sobre você. Você pode estar recebendo mais avisos.

Não demorou muito para perceber que o Sr. Baldeaver estava certo.

Depois que ele partiu, AnnaBeth Marcella foi a próxima. O 'cara da motocicleta' tinha a abordado na padaria.

Meus professores de espanhol e de biologia do ensino médio também compartilharam suas experiências. Ambos me avisaram, embora não estivessem tão preocupados quanto o Sr. Baldeaver, mas ainda assim me avisaram.

Shane estava se informando ou o homem em seu nome estava se informando.

Depois do almoço, eu meio que esperava que outros amigos de infância - ou até meus amigos de faculdade - começassem a mandar mensagens de texto ou ligar. O problema com as pessoas da cidade é que Shane abriu a porta para eles se aproximarem de mim depois do meu divórcio. Eu estava de volta há três meses e não tive muitas conversas. O Sr. Baldeaver estava certo. Eu era reservada, mas não de fato.

Na maioria das vezes, eu tinha vergonha.

Trinta e seis. Sem filhos. Eu peguei meu marido fazendo sexo a quatro.

Sim. Fiquei humilhada e envergonhada, se isso fosse possível. Se houvesse uma diferença entre as duas coisas. Este deveria ter sido o momento da minha vida em que eu estava com a família, quando eu poderia estar passando por dificuldades em minha carreira, mas agora era quando tudo deveria começar a se encaixar.

Eu estava tão longe do alvo que nem estava ao alcance da arma. Eu estava tentando acertá-lo no estacionamento. Ou pior, eu ainda estava na estrada, nem mesmo no estacionamento.

Esse dia inteiro me deixou emocional. Querendo chorar. Chorando, às vezes (no banheiro), e pensando que talvez devesse começar a fumar. Eu também queria chorar porque não tinha ideia de quantas pessoas não apenas gostavam de mim – elas *se importavam* comigo.

Esse processo também me dava informações sobre Claudia e quantos caras ela namorou ao longo dos anos. As pessoas pareciam querer fazer com que eu me sentisse melhor (depois que perceberam que eu estava me sentindo de uma certa maneira), então me contaram sobre as façanhas de Claudia de uma forma totalmente estranha.

Ainda assim. Eles se importavam.

Eu estava levando isso para o banco.

Mas também fiquei furiosa no final do meu turno. Quer dizer, eu estava furiosa antes disso, mas foi quando me permiti realmente *sentir*. Agora eu poderia fazer algo sobre a Inquisição de Questionamento Amigável do Shane Fodido King.

Honestamente.

Shane, Fodido King.

Era isso que ele pensava?

Que ele era um rei das motocicletas?

Ghost? Esse era seu pseudônimo.

Ele não estava vivendo com isso, porque todos o viam, todos sabiam o que quer que ele estivesse fazendo. Não havia nada de furtivo nele, embora eu ache que bastante assustador.

Ou perseguidor. *Posso ir até lá?* Porque mais um dia assim e seria isso que faria.

Meu turno terminava às seis. Eu terminei às 18h01.

Otis estava nervoso, já que eu não ia ficar até tarde, mas eu sabia que ele não iria protestar muito. Ele parecia muito grato por me ver esta manhã, e eu me perguntei se ele tinha feito alguma pesquisa na internet sobre os Red Demons na noite passada.

Eu não queria saber o que ele poderia ter encontrado.

Às 18h05, eu estava no meu carro e indo para um lugar que não visitava há doze anos.

Eu estava indo para o bar da minha mãe.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu telefone.

Assim que ele respondeu, interrompi sua saudação habitual: — Não posso falar esta noite, pai. Estou prestes a matar alguém.

— Ah, não, não, não. Você não pode contar essas coisas ao seu pai. Preciso de negação, filha. Pensei que tivesse lhe ensinado melhor.

Ele ainda me fez sorrir.

— Obrigada, pai.

Ele sabia para quê. — Você sabe. Amo você, minha garotinha, não importa quantos anos tenha.

— Pai!

Ele apenas riu e riu. Então me disse que começou a tentar suas próprias coreografias. — Eu e o primo Nick. Estamos pensando em montar uma equipe de dança para velhos. O que você acha?

— Acho que você vai quebrar o quadril e que precisa de mais três integrantes.

— Você tem razão. Posso chamar Stevie, Phil e Pappy.

6

KALI

O estacionamento de cascalho estava cheio de Harley Davidsons e de dez a vinte caminhonetes. Reconheci algumas que pertenciam aos frequentadores regulares. Sim, algumas coisas nunca mudavam. De certa forma, isso me confortou e depois me deixou triste.

Alguns caras estavam sentados nas mesas do lado de fora e outros estavam na varanda.

A música tocando era da banda Kansas, mas assim que entrei, houve um silêncio mortal.

A música parou.

Em uma cena desconfortável do tipo ensino médio, todos os olhares se voltariam para mim. Eles não fizeram isso. Em vez disso, todas as cabeças se voltaram para a jukebox[10].

A música parou no meio do refrão, e puta merda, ninguém mexia com o Kansas. Especialmente *Carry on Wayward Son*[11].

— Ei! Para onde foi a música? — Esse foi o primeiro resmungo.

— Que diabos? — Veio o segundo.

— Coloque-a de volta! — Esse foi um resmungo feminino.

Então uma nova música começou, e caramba. *Droga!*

Reconheci as primeiras batidas e olhei para minha mãe, parada atrás do balcão. Ninguém sabia que ela conseguia controlar a jukebox pelo telefone. Ela colocou Nasty Letter[12] de Otis Taylor[13]. A música toda era sobre deixar uma carta desagradável para alguém.

Minha mãe começou a rir, mas olhei feio. — Não foi engraçado.

Ela continuou rindo, mas pegou algo embaixo do balcão. A música parou novamente. Ela gritou: — Pessoal! Um bom e acolhedor olá para minha filha. Ela não agracia Ruby com sua presença há doze anos.

Houve uma série de aplausos. Mais resmungos. Senti alguns olhares frios.

Alguém gritou: — Coloque Wayward Son de volta!

Minha mãe acenou com a mão. — Sim, sim. Não se esqueça de quem dirige este lugar.

A mesma voz respondeu: — Quero dizer, mantenha 'Nasty Letters'! Adoramos essas nasty letters.

Ela riu, a mesma voz calorosa e quase de barítono que sempre teve, e Kansas voltou a tocar. Houve uma salva de palmas.

Caminhei até o final do balcão e minha mãe veio me encontrar com os braços abertos.

— Oh meu Deus, garota. — Ela me abraçou, embora eu fosse dez centímetros mais alta que seu metro e sessenta e cinco. Não importava para Ruby Hinton. Ela era pequena, mas um tipo biônico de pequena – seu abraço era como cimento. Ela me abraçou e percebi que minha mãe não tinha nenhuma gordura nela. Ela era toda musculosa.

Ela deu um tapinha nas minhas costas, sua voz no meu ouvido. — Senti sua falta! — Ela me deu outro aperto antes de recuar, com as mãos ainda apoiadas em meus braços. — Como você está? Você parece bem. Puta merda, Kalista. Claude vai ficar muito brava porque você ainda pode ser modelo. Acho que você fica melhor à medida que envelhece.

Fiquei tensa e recuei, fora do alcance dela.

Suas mãos caíram e seu sorriso também.

— Ei, mãe, — eu disse.

— Eu costumava ser mamãe para você, — ela respondeu.

Não estávamos falando sobre aqueles dias.

Notando meu silêncio, a tristeza brilhou em seus olhos antes que os cantos de seus lábios erguessem. O sorriso não alcançou seus olhos. Ela gentilmente me bateu com os nós dos dedos sob meu queixo. — Você tem a minha aparência e a inteligência do seu pai.

— Eu tenho a altura do papai.

— Sim, — ela disse com carinho. — Você tem. — Então seus olhos brilharam. Ela ficou séria e voltou para trás do balcão. Pegando uma toalha, ela apontou para um banco vazio. Foi o único considerando que o lugar estava lotado. — O que você quer beber?

— Não estou aqui para beber. — Eu me virei, examinando o bar. Eu estava focada em minha mãe primeiro. Mas agora que estava olhando, lembrei que Shane King era um Red Demon. Durante todo o dia eu apenas me lembrei dele como Shane, o Shane de Connor.

Mas também Ghost.

Um monte de motociclistas assustadores estavam me observando e, ah, cara…

No que eu acabei de me meter?

Fiquei tensa, porque como poderia não ficar?

Havia um bom grupo de garotas aqui também. Elas estavam espalhadas. Algumas estavam apoiadas nos braços dos caras. Algumas em volta. Havia uma mesa comprida no canto de trás, perto da mesa de sinuca, e um grupo inteiro estava reunido lá. Elas estavam jogando sinuca contra alguns dos motociclistas.

— São todos Red Demons?

Senti minha mãe se aproximando atrás de mim.

— Veja. — Ela tocou meu braço. Seu tom era sério.

Virei-me, lembrando que Shane disse que eles estavam ajudando minha mãe. Isso incluiu outros MCs? Eu não sabia que eles eram inclusivos.

— Não estou dizendo isso por causa do nosso passado, não quero que você comece a criar problemas para mim, considerando, você sabe...

O Dia do meu casamento. Meu peito apertou.

— Mas esses caras podem ser perigosos, — ela concluiu. — Você deveria ir.

— Não! Porra! De jeito nenhum!

Nós duas prendemos a respiração ao ouvir a voz feminina e estridente.

Bem, agora eu sabia onde minha irmã passava o tempo.

— Sem chance! Minha irmã! Essa era minha irmã.

Ruby fez uma careta. — Ela deve ter saído para fumar. — Eu percebi a maldição baixinho dela.

O corpo da minha irmã bateu no meu antes de eu terminar de me virar.

Ela me abraçou, seus braços apertados e sua bochecha encostada em meu ombro. — Oh, meu Deus. Eu senti sua falta. Você não tem ideia!

Você pensaria que os membros da família que apareceram bêbados no dia do seu casamento, bateram em três carros no estacionamento, tropeçaram na sua dança de seu casamento e começaram a reivindicar o microfone do DJ e informar ao seu novo marido que sabiam de fonte segura (ela alegou ser sua própria fonte) que ele tinha um pau de cinco centímetros e nunca iria cumprir seus pequenos limites pessoais. Não nos relacionávamos por doze anos.

Mas não. Minha irmã estava tentando me pegar nos braços e me sacudir como se estivesse reencenando um meme dos Minion.

Ela também era sete centímetros mais baixa que eu. Ela tem a altura da

mamãe.

— Você parece tão bem!

O hálito de uísque ainda era uma coisa. Minha irmã não mudou sua bebida favorita.

— Droga. — Claudia me soltou e deu um passo para trás, ofegante e com gotas de suor na testa. Ela colocou o cabelo atrás das orelhas. Seus olhos estavam brilhantes, reluzentes. Havia alguma umidade ali.

Ambas ficaram muito felizes em me ver, e aqui estava eu, trancada atrás de um portão de cimento.

— Oi. — Não pude evitar, olhando para ela. Eu suavizei, só um pouco. Ela não poderia me machucar com uma mera conversa. Ou, pensei que não... — Você parece bem.

— Sim. — Ela sorriu, examinando-me de cima a baixo. — Você também. Foley era um maldito *idiota*.

Claudia e Ruby pareciam bem. Saudáveis. Havia um brilho nelas.

— Isso foi o que eu disse também, — minha mãe interrompeu.

— Não, você não fez isso, — eu respondi.

— Oh. — Ela levantou ombro, um sorriso esticando seus lábios. — Bem, eu estava pensando nisso. Um idiota.

— Ei. — Claudia se aproximou, sorrindo para mim. — Você realmente o encontrou fazendo um quarteto? Quero dizer... — Ela compartilhou um olhar com Ruby. — Quão irônico é isso, certo? Eu disse que ele tinha um pau de cinco centímetros e foi aí que ele ficou duro.

Não era verdade. Eu não queria defendê-lo, mas ele tinha um pau de tamanho normal. Os cinco centímetros eram uma invenção.

Ela tentou se defender depois, dizendo que tinha ouvido isso de outra pessoa.

Ela nunca me contou quem era a outra pessoa, mas me garantiu que a mulher havia dito cinco centímetros.

— E ei. — Ela bateu o quadril no meu, colocando a mesma mecha de cabelo atrás da orelha. — Tínhamos razão ou não? Que merda de idiota traidor. Não é mesmo? Certo?! — O olhar perdido em seus olhos, o sorriso quase relaxado – minha irmã já bebia há algum tempo. Isso dizia muito porque minha irmã conseguia se virar sozinha.

Uma pontada atravessou meu peito. Ela estava certa. Ela tinha razão, certo, mas...

— Meu Deus, Claudia! — Ruby bateu no braço dela com a toalha. — Eles *acabaram* de se divorciar. Que porra de tato do caralho, mulher.

— O que... Ah! — Seus olhos se arregalaram e ela deu um passo para longe de mim. — Sim. Você tem razão. Desculpe. Eu, uh, quer uma dose? Por minha conta?

Ruby bufou. — Quando foi a última vez que você pagou pela sua bebida?

Claudia começou a rir, o constrangimento esquecido rapidamente. — Também não é como se você pagasse por mim. — Ela se concentrou em mim novamente e seus olhos se marejaram. Ela agarrou meu braço. — Uau! Eu deveria apresentar você ao Roadie. Ele é meu novo homem. Ele é ótimo. Ele também é um Red Demon. Eles são *todos* gostosos - até os grandes são gostosos. Há algo sobre seus corpos, sabe? E os bigodes. E as barbas. Tem um cara cuja barba passa pela barriga. Não quero nem pensar em fazer um boquete nele. Você pode imaginar? Chupando e o pelo fica ali? Esquisito. Eu acho... — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Talvez não. Talvez eu gostasse disso.

— Jesus Cristo. Minhas filhas. Uma está falando sobre barba em um boquete e a outra mal fala. — Ruby balançou a cabeça, olhando para o balcão. — Eu tenho que ir. Eu tenho que trabalhar. Só tenho alguns funcionários, sabe?

Claudia bufou. — Essa é a dica não tão sutil da mamãe para nós duas contribuirmos. — Ela pulou no banco vazio que eu nunca tinha usado e apoiou o cotovelo no balcão. — Então. Como tá indo? Ouvi dizer que você está morando com suas duas amigas da escola. Você estudou para ser enfermeira. Por que não está trabalhando no hospital e não no supermercado idiota? Você está ajudando Otis. Você sabe disso, certo? Um pedaço de merda tão preguiçoso.

Eu... não tinha nada. Eu não deveria ter ficado surpresa com nada disso.

Depois de um momento, o banco ao lado dela esvaziou-se e eu o peguei porque, por mais que tentasse fingir, sentia falta da minha irmã. Eu também sentia falta da minha mãe. Maldita família, entendem? Você os ama até querer matá-los.

Claudia virou-se para me encarar diretamente, com os sapatos apoiados no apoio para os pés do meu banquinho. — Então. — Ela bateu os dedos dos pés. — Eu quero todos os detalhes. Sei que aquele idiota traidor não queria que você trabalhasse, então imagino que não cumpriu sua licença? Eu acertei? Isso é algo que você pode estudar e recuperar?

Ela estava arrancando *todos* os band-aids.

— Por que você não é casada? — Mesmo enquanto eu perguntava, com a intenção de virar o interrogatório para ela, ela se animou. Eu tinha esquecido o quanto minha irmã adorava falar sobre si mesma e sobre tudo o que estava acontecendo em sua vida. Levantei a mão. — Não. Deixa para lá. Eu mudei de ideia.

— Oh. — Ela desanimou, os ombros se curvaram para a frente. Mas seu sorriso voltou num piscar de olhos. — Eu sei que você é reservada e cautelosa, do tipo que mergulha no lago. Eu não. Corro até o cais e dou uma cambalhota de barriga, não importa se há água, gelo ou qualquer outra coisa. Essa sou eu, mas preciso respeitar você. Você é muito boa em limites e essas merdas. Então sim. — Ela recuou, endireitando-se no banco com um aceno de cabeça. — Estou

aqui. Respeitando isso.

Oh senhor.

Era doloroso assistir a isso.

Ela iria estufar as bochechas e mover a língua. Ela tinha cinco anos às vezes.

Tudo bem.

Ela estava aqui. Eu estava aqui.

Além disso, Claudia bêbada e engraçada pode ser divertida às vezes. A outra história era quando ela ficava sóbria. Ou uma bêbada malvada.

Que se dane a cautela, vamos fazer isso.

— Tive dois namorados no ensino médio, — contei a ela. — Você fez sexo oral nos dois.

— Eu gosto de fazer boquetes, — ela respondeu. — E de nada. Foi um teste. Eles falharam.

— Você mentiu e disse que dormiu com meu marido.

— Eu menti sobre a parte que era eu. Então, novamente, *de nada.*

— Trabalhei em três empregos no ensino médio para comprar meu primeiro carro. Você bateu no dia em que o levei para casa.

Ela abriu a boca.

— Se você disser 'de nada', vou encontrar seu carro e levá-lo até o rio. Essa noite.

Ela fechou a boca e soltou um suspiro, rindo um pouco. — O mesmo Kal, isso é certo. E eu ia dizer que seu carro não era seguro. *Foi* por isso que ele bateu.

Certo. Eu daria uma tacada no carro da Claudia primeiro. Talvez fosse melhor fazer alguma terapia.

Comecei a deslizar para fora do banco do balcão.

Claudia, conhecendo-me tão bem quanto eu a conhecia, parou de rir e agarrou meu braço. — Eu estou brincando! Estou brincando. E eu não tenho um carro que você possa bater. Eu já bati. Parece que há um padrão comigo. Roadie está me emprestando cage enquanto eles estão aqui.

Eu fiz uma careta. — Cage?

Ela sorriu, uma risada saindo do fundo de sua garganta. — O que eles chamam de carro – ou caminhonete, no caso dele. Ele disse que precisavam trazê-lo nesta viagem. Eu não sei por quê. Ele não me diz nada sobre nada do clube. Ele só gosta de ficar bêbado e foder, e ele é muito bom. — Ela riu e se inclinou para perto. — E ele gosta de boquetes também. Somos perfeitos um para o outro. — Seus olhos passaram por mim, pararam em alguém e depois suavizaram. — Maldição, maninha. Estou apaixonada por ele. — Ela piscou, fungando e recostou-se. — Eu não estava esperando por isso. *Você faz isso*. Você me faz ver as coisas com clareza. Tudo fica muito bagunçado, e então minha irmã volta na minha vida e é como... — Ela suspira, suas mãos se tocando e se movendo em direções opostas... — a divisão do Oceano Vermelho.

— É da Mar Vermelho.

— O Mar Vermelho. Bem desse jeito. — Ela sorriu para mim. Ela deu um tapinha no meu braço. — Eu *realmente* senti sua falta. Estou feliz que você esteja de volta, mas pelo amor de Deus, arrume um emprego no hospital. Você é inteligente demais para fazer o trabalho de Otis. — Ela estremeceu, sentando-se ereta. — Acabei de ter uma ideia. Vamos fazer com que Otis seja demitido! Essa noite.

Minha irmã era tensa, ciumenta e insegura quando éramos mais jovens. Uma triste constatação me ocorreu: eu poderia ter sido amiga dela se ela fosse assim naquela época. Quer dizer, eu não poderia ter confiado nela, mas poderíamos ter sido amigas.

Não.

Éramos *amigas.*

É por isso que doía toda vez que ela agia como Claudia.

Ela roubou de mim.

Ela tirou cartões de crédito em meu nome.

Ela deu em cima da Harper, pensando que ela e eu estávamos namorando. Isso foi antes de ela descobrir que ela era gay.

Ela espalhou rumores sobre mim. Ela espalhou algumas informações sobre Aly.

Havia tantas outras coisas, muitas mesmo.

Eu não estava aqui por ela. Eu precisava me lembrar disso.

Ela me observou, esperando. À sua maneira, ela estava pedindo perdão, ou talvez estivesse apenas pedindo para voltar, mas... eu não estava aqui para ajudá-la.

Respirei fundo, afastei-me do balcão e desci do banquinho.

Olhei ao redor do bar.

Foi quando eu o vi, lá no fundo.

Meus olhos encontraram os dele imediatamente e tudo ficou em branco por um instante.

Shane King.

Amigo de Connor. O - irmão - de Connor.

Ele estava parado na porta dos fundos, segurando uma cerveja. Ele parecia estar esperando que eu o notasse. Assim que o vi, ele deu um passo para trás e saiu.

A porta se fechou atrás dele.

Bem, tudo bem então. Parecia que ele *estava* esperando por mim.

Não olhei para minha irmã quando disse: — Preciso ir.

Eu a ouvi respirar fundo.

E quando passei pelo balcão, indo até os fundos, também não olhei para minha mãe.

Tentei ignorar que sentia ela me observando o tempo todo também.

Ao sair, ouvi: — Você demorou bastante.

* * *

SHANE

A irmã de Gloves. Eu ainda não conseguia acreditar.

Eu me lembrava dela, lembrava dela me paquerando de longe. *Porra.* Connor sabia. Ele me provocava às vezes, mas só porque sabia que eu nunca tocaria nela. Mas caramba, eu queria.

Ela estava crescida. Toda mulher. Pernas longas *pra* caralho.

Seu corpo era forte. Ela era magra, mas tinha um pouco de peso. Eu adorava isso. Eu não gostava de foder alguém que pudesse quebrar, mas ela? Ela parecia capaz de lidar com situações difíceis. Ela parecia que iria retribuir imediatamente.

Mas, porra. Porra, cara.

Com o que íamos pedir para Connor fazer, eu não poderia fazer o que queria com ela. Na verdade. Ela me mataria e teria todo o direito.

Íamos pedir a Connor de qualquer maneira. Odiava isso. Mas não havia mais

ninguém.

Do jeito que ela apareceu no bar da mãe dela – toda desafiadora e chateada – ela não estava pensando em mim como um motociclista. Eu era aquele cara de quem ela se lembrava da escola, e ela estava chateada comigo.

Eu adorava essa merda. Porra, isso mexia comigo.

Eu gostava desse olhar dela – me desafiando, querendo arrancar minhas costelas e provavelmente me espetar com elas.

Eu nunca me importei com a atitude das minhas mulheres antes, mas com Kali era diferente. *Kalista.*

Ela era quem cuidava de Connor naquela época. Claudia também, mas Claudia sempre foi um demônio. Não fiquei surpreso com o resultado dela, e meu investigador me avisou, disse que havia alguma desavença entre as garotas e a mãe.

Olhando para ela agora, meu estômago reagiu. Desejei, por um segundo, que ela tivesse ficado em Nova York, que seu maldito marido não a estivesse traindo desde o primeiro dia. Desejei que ela estivesse feliz, e não aqui, não na minha frente, porque sabia que não conseguiria deixá-la sozinha.

Eu iria arruiná-la.

Ela ainda não havia dito uma palavra. A porta se fechou atrás dela, mas ainda nada.

Seus olhos brilharam quando ela me olhou.

Ela me deu uma olhada no supermercado e estava fazendo isso de novo.

Meu estômago se revirou. De jeito nenhum eu poderia deixá-la em paz, embora se eu fosse qualquer tipo de homem, eu o faria.

Mas eu não era. Eu não era esse tipo de cara desde o serviço militar. Eu não era antes e não fui depois. De jeito nenhum eu voltaria. Chega de sacrifício, a

menos que fosse pelo clube. Só o clube importava.

— Por que diabos você está interrogando metade da cidade sobre mim?

Eu sorri. Eu não estava, mas gostei que ela pensasse que fui eu. — Chamei sua atenção.

Ela queria ranger os dentes para mim. Eu sabia que ela queria. Se ela fosse sua irmã, ela poderia ter feito isso.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Eu disse a você. Cuidando de algumas coisas para o seu irmão.

Seus olhos se estreitaram. — Por quê?

— Ele nos ajudou muito na prisão, ajudou a cuidar de alguns de nossos rapazes. Isto é o que fazemos.

— Ele não está no seu clube.

— Ele é meu irmão mesmo assim. — E lá estava meu estômago se agitando novamente, porque tudo o que eu disse era verdade. Connor *era* meu irmão.

Porra.

Porra!

— Eu quero que vocês deixem esta cidade.

— Partiremos quando decidirmos partir.

Ela continuou como se eu não tivesse dito nada. — Eu quero que você saia do bar da minha mãe.

— Mesma resposta, mulher.

E novamente, como se eu não tivesse falado, ela acrescentou: — E eu quero que seu Roadie pare de foder minha irmã.

Eu grunhi. Eu estava lá com ela nisso. — Nós fodemos quem queremos foder.

— E eu quero que você pare de se corresponder com meu irmão.

Comecei a me aproximar dela. Ela disse o suficiente, mas quando pulou para trás, franzi a testa. Eu não gostei que isso tivesse acontecido. — Você conhece motociclistas?

— Eu conheço você.

— Nós fazemos o que diabos queremos fazer. Você continua emitindo ordens, começaremos a responder. Mas acredite em mim, não será do jeito que você deseja.

— Vocês são uma má notícia.

Ela não estava errada.

Aproximei-me, quase ao alcance do braço, e seus olhos se arregalaram.

Ela sabia. Ela sabia, tudo bem.

Muito bem. Era hora de assustá-la um pouco. — Seu marido dormiu com duzentas e seis mulheres e três homens.

A dor surgiu em seu olhar antes que ela estremecesse. Uma parede caiu.

Ela era um zumbi entorpecido agora, mas acrescentei: — Isso foi durante o seu casamento. Tenho alguns investigadores atrás de você, e esse é o número que conseguiram em um dia. Eles são bons no que fazem. Também descobriram a cena em que você entrou e que a fez ir embora, mas você sabia que ele estava transando antes disso. Por que você ficou?

Seus olhos se arregalaram novamente antes que aquela parede tirasse todo o seu brilho. — Não é da sua conta.

— Você o ama tanto assim? Para aceitar essa merda dele? Ou o quê? Não sabe o seu valor-

— Cale-se! — Ela correu para cima de mim, mas se conteve a um passo de distância.

Eu queria que ela continuasse vindo.

— Por que você parou?

— Pare de falar sobre meu casamento.

— Agora mesmo, por que você se conteve? — Porra, eu queria irritá-la. Queria que seus olhos ganhassem vida. Eu queria que sua pele esquentasse. Eu queria sentir cada centímetro dela contra mim.

Ela suspirou. — Isso foi inútil, não foi?

Dei uma olhada nela. Seus seios se esticaram contra sua camisa. Ela estava incomodada comigo. Eu gostava disso – significava que um toque e ela explodiria viva.

— Não do meu ponto de vista.

Ela gemeu. — Você costumava ser um cara legal...

Agora meu sorriso era lento, porque isso era engraçado. — Eu nunca fui um cara legal.

Ela olhou para cima antes de desviar o olhar. — Você não era um cara mau, não para Connor.

Sim... — Ouça, vamos embora, mas você precisa nos dar alguma coisa. — Deixei de lado o flerte. Isso a estava irritando, mas ela era lenta. — Não estou mentindo sobre seu irmão. Dê-nos algo para fazer por você e iremos embora.

— *Ir embora* é o que eu quero que vocês façam. Deixem meu irmão em paz.

Eu olhei para ela, longa e duramente.

Porra. Ela quis dizer isso.

Aquele idiota causou grandes danos, mas por que ela ficaria com ele?

Balancei a cabeça, cedendo porque não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la, exceto o que ela queria. — Iremos pela manhã.

Seus olhos se arregalaram. — Sério?

Assenti, então me aproximei e toquei seu rosto. Passei um dedo ao longo de seu queixo, depois segurei a lateral de sua bochecha. Levantei sua cabeça e me aproximei ainda mais. Sua pele era incrível. Suave. E não havia maquiagem. Ela tinha um rosto natural e lindo.

Ela não era nada parecida com qualquer outra mulher que eu conheci.

Ela era rara.

E ela era irmã de Connor.

Mesmo assim.

Olhei para ela, sentindo seu peito se erguer e fazer uma pausa. Seus lábios se separaram. Um olhar atordoado tomou conta dela e movi meu polegar sobre seus lábios. A melhor boca que eu já vi. Eu poderia penetrá-la e saboreá-la por semanas.

— Por que diabos você ficou com aquele pedaço de merda? — Quase gemi com a pergunta, porque ele deveria ser criticado por pura estupidez.

Seu olhar perdido se intensificou e parei de pensar.

VP[14] dos Red Demons, o caralho.

Neste momento, eu era um homem querendo tocar sua mulher, embora ela não soubesse que era minha mulher. Então abaixei minha cabeça, toquei meus lábios nos dela e provei.

7

KALI

Já se passaram três semanas e ainda estava pensando naquele beijo.

Deus. Aquele beijo.

Essa era a desvantagem: eu não conseguia tirar Sha - aquele beijo da minha cabeça.

Aquele *beijo.*

Deus.

A maneira como ele segurou meu rosto com tanta gentileza...

O toque de seus lábios – não. Eu precisava parar. Não havia razão para continuar pensando nisso, exceto que eu precisava transar.

Mas a vantagem? Eles foram embora!

As coisas ficaram mais calmas e tranquilas na cidade depois que eles partiram, mas também houve inquietação. Eu poderia dizer isso porque vi. O supermercado estava lento, mas enquanto os Red Demons estavam aqui, as pessoas começaram a entrar com uma urgência extra em seus movimentos. A maneira como eles conversavam. A maneira como olhavam ao redor. Era como se o clube de motociclista tivesse despertado algo na comunidade, algo novo, excitante e ousado. Agora acabou e as pessoas estavam tipo: — Quando eles vão voltar?

Isso durou até a chegada dos novos motociclistas.

Quem eram esses caras novos, eu não sabia, mas eles usavam coletes e andavam de Harleys. Shane disse que eles espalhariam a notícia sobre o bar da minha mãe, para que os motociclistas se tornassem a nova norma em seu

estabelecimento. Eles pararam na cidade, abastecendo ou comprando comida, mas principalmente o bar dela era o ponto de parada deles. Eu ouvi dizer que também foram vistos na oficina mecânica de Gorman, o que não era muito surpreendente. Eu conhecia Allen Gorman da escola, sabia que o pai dele frequentava um clube de equitação. Ele não estava em um clube de motociclistas – ou eu não achava que estivesse. Talvez estivesse, mas não era 1%. Ainda assim, eles reformaram recentemente alguns dos prédios do terreno dele com beliches, então aí está, eu acho.

Ouvi tudo isso das mesmas pessoas que queriam saber se eu conhecia os Red Demons pessoalmente, já que estavam no bar da minha mãe. Isso era todo mundo. Todo mundo queria saber.

As únicas duas que não perguntaram foram minhas colegas de quarto, principalmente porque estavam preocupadas com seus empregos. Harper ainda precisava de uma nova companhia para suas fantasias, e Aly disse que as coisas tinham sido mais estressantes no corpo de bombeiros. Ela não entrou em detalhes sobre isso. Por causa dessas situações, nenhuma delas mencionou nada. Para crédito delas, eu não ficaria surpresa se tivessem esquecido dos Red Demons. De qualquer forma, fiquei grata pelo silêncio.

Mas todos os outros queriam detalhes sobre quando ou se os Red Demons voltariam.

Eles estavam fazendo uma sede aqui?

O que isso significaria para a comunidade?

Provavelmente algo ruim, certo?

Como eles se misturariam com os novos motociclistas? Eles se dariam bem?

Até Otis saiu do escritório mais do que o normal, levantando as calças e fingindo perguntar sobre o tempo, o que era a pior maneira de abordar sobre o clube de motociclistas. Ele tentou, no entanto. Os olhos de Ben ficavam cada vez

maiores quanto mais ele ouvia. Noah parecia desanimado e eu não sabia do que se tratava.

Eu estava no trabalho estocando cereal quando a próxima pessoa apareceu.

Eu já estava acostumada com isso, então esperei, sentindo quem estava ao meu lado.

As pessoas finalmente perguntaram o que queriam saber ou iam embora.

Esperei, peguei a próxima caixa e coloquei na prateleira. A pessoa ainda estava lá, então eu olhei – poderia ser um cliente precisando de alguma coisa... Não.

— Ruby.

Era minha mãe, e ela estava quieta por tanto tempo porque estava mordendo o lábio. Seu cabelo estava preso em um coque frisado, e eu estremeci porque sabia que tinha um visual parecido com o meu, exceto pelo cabelo mais escuro. Eu estava seguindo o caminho natural ultimamente, mas precisava comprar meus produtos habituais.

Suas mãos foram para os quadris. Seu rosto estava tenso enquanto ela me observava estocar as caixas.

— Você está fazendo isso? — Sua voz se elevou. — Isso?!

Suspirei. — Mãe.

— Mãe. — Ela bufou. — *Mamãe.* Eu fui mamãe até você completar treze anos. Aí você chega na adolescência e fode a merda da mamãe. Eu adoro a mamãe, e agora você é adulta e me chama de Ruby. Eu sei que você não quer que eu faça uma cena hostil no supermercado. — Ela levantou a voz ainda mais alto, inclinando a cabeça para cima. — Você está me ouvindo, Otis? Você está ouvindo o quanto está me deixando chateada por ter colocado minha garota para guardar os malditos cereais quando ela tem um diploma de enfermagem de quatro anos?

Suspirei e peguei a caixa de cereal de chocolate para guardá-la. — Todo mundo está ouvindo você, mamãe.

Isso a pegou.

Ela parou, mas soltou um pequeno rosnado com a boca fechada. Seus dedos começaram a bater em seu quadril. — Estou irritada, é isso que estou, e não só com você, mas com a outra também.

Eu fiz uma careta. — Claudia?

Minha mãe ficou imóvel, congelada no meio ao olhar para os cereais Cheerios.

— Mãe.

Foi preciso esforço, mas ela desviou o olhar e piscou, voltando a se concentrar em mim. — Eu preciso que você vá buscar sua irmã. Traga-a de volta.

— O quê? Para onde ela foi? E não.

Ela não estava *olhando* para mim.

Algo havia acontecido que eu não entendia. Ruby Hinton não estava sendo Ruby Hinton. Ela era uma estranha agora. — Para onde Claudia foi?

Sua carranca era seriamente feroz. — Eu não quero – eles me ajudaram. O bar, mas... Dane-se. — Seus olhos se fixaram nos meus e eram tão claros, tão penetrantes. — Você sabe que sua irmã estava com aquele Demon?

Roadie. Balancei a cabeça, não deixando minha mente seguir meu corpo até o outro Red Demon… Não. Não vai acontecer. — Sim.

— Ela o seguiu.

Inclinei minha cabeça. Eu precisava disso para digerir um pouco.

Eu tive que repetir. Eu precisava entender. — Ela o seguiu? — Não havia nenhum MC que concordasse com isso – nenhum MC, *nunca.*

— Ela ligou hoje, disse que não vai voltar. Mas... — Sua voz vacilou e ela parou, sua garganta estremecendo antes que pudesse falar novamente. — Ela não vai voltar para mim. Não vai me ouvir. Não quero envolver Gloves. Todos nós sabemos que ele já se envolveu o suficiente com aquele clube, mas... — Ela vacilou, seus olhos se voltando para os meus.

Eu podia ler nas entrelinhas. Claudia talvez me ouvisse.

E foda-se, porque simplesmente foda-se.

Não.

Se as pessoas não conseguissem entender meus sentimentos confusos em relação à minha mãe e à minha irmã, este seria um exemplo clássico. Claudia saiu seguindo um clube de motociclista e quem teria que ir buscá-la era eu? Eu nem queria pensar nos danos que isso poderia causar.

— Mãe. — Balancei minha cabeça.

— Ela ligou, disse que ficaria onde estava e não há nada que eu possa fazer para convencê-la do contrário. — Ela engoliu em seco novamente. — Gloves não está mais aqui. Quero dizer, ele não *se* foi, mas não está aqui. Não o vejo almoçando ou quando ele costumava aparecer para tomar uma cerveja, se é que ele fazia esse tipo de coisa. E você... Você voltou e eu pensei, *finalmente,* tenho minhas duas garotas aqui. Posso consertar as coisas, posso fazer com que ela me ame novamente, deixe-me ser sua mãe. Mas agora... — Ela desviou o olhar.

Ruby Hinton não era assim.

Ela não era insegura, nem com medo. Ela não ficava parada com o lábio inferior se movendo e a garganta sufocando-a. Eu nunca tinha visto minha mãe assim, nem mesmo no dia em que Gloves foi condenado e sentenciado. Eu a ouvi em seu quarto naquelas noites, mas não em público, não onde outras pessoas pudessem vê-la.

E caramba, sério, foda-se, foda-se, foda-se.

Suspirei. — Onde ela está?

Ela fixou os olhos em mim novamente. Eles estavam se iluminando. Quase pude ver a esperança voltando.

— Em algum lugar chamado Frisco, Califórnia. E não me refiro a São Francisco, — ela esclareceu.

Otis veio pelo corredor, levantando as calças. — Agora, Ruby, eu pude ouvir você do começo ao fim em meu escritório...

Minha mãe se virou para ele. — Isso foi há uns bons dez minutos. Você demorou tanto para criar coragem e me enfrentar? Depois de como está colocando minha filha para trabalhar? Minha filha, que é mais educada e tem muito mais bom senso do que você...

Decidi parar com mais besteiras. — Otis.

Ele olhou. Ela olhou.

— Eu me demito.

Agora, onde fica Frisco, Califórnia? E não São Francisco.

* * *

Foi naquela noite que tudo aconteceu.

Harper e Aly foram ao meu quarto, me viram fazendo as malas e queriam saber o que estava acontecendo. Eu as informei.

— Estamos indo para onde? — Foi a primeira pergunta de Harper.

Eu fiz uma careta. — Hã?

Ela não estava mais prestando atenção em mim. Ela estava olhando em volta, seu braço magro dobrado para trás enquanto sua mão segurava sua nuca.

— Oh céus. — Ela estendeu as mãos na frente dela, com as palmas voltadas

para mim e Aly. — Isso vai exigir alguma preparação. Eu preciso fazer as malas. Preciso de malas novas. Não posso usar as coisas normais, não para esta viagem. Esta é uma viagem de mudança de vida. Posso sentir em meus ossos. — Ela passou por nós, gritando por cima do ombro: — Tenho que me preparar para isso. Grandes coisas acontecerão. Minha avó era vidente. Posso senti-la me dizendo para me preparar. Eu tenho que me preparar! Aly, vá e prepare-se também. Não se esqueça do Billy.

Aly rosnou. — Por que ela teve que nomear meu vibrador? Você pensaria que se alguém fosse nomear um vibrador, seria a pessoa que o usa. — Ela levantou a voz. — O NOME DELE É GABRIEL! Porque ele me faz sentir o paraíso todas as vezes. — Ela me deu um sorriso torto. — Certo? Entendeu?

Eu gemi e levantei a mão. — Não entre em mais detalhes. Por favor.

Ela bufou. — Yolo[15]. Fomo[16]. Todos os omos[17].

— Isso não faz sentido.

Ela estava fora da porta.

Eu chamei por ela: — Onde você está indo?

Ela se virou. — Vou precisar levar Gabriel e talvez alguns outros – Michael, Uriel.

Eu resmunguei. — Por que você tem que nomeá-los com nomes de arcanjos?

Seus olhos se arregalaram. — Você conhece os arcanjos. Estou impressionada.

Voltei a fazer as malas. — Não me teste sobre Jesus.

Ela riu. — Também não estou testando Harper. A avó dela está dizendo para nos prepararmos. De jeito nenhum perderei nada. Tenho seis meses de férias. Está na hora de eu tirar algumas delas.

Levei um segundo para entender o que tinha acabado de acontecer.

Eu estava fazendo as malas, preparando-me para fazer essa viagem sozinha. Minhas colegas de quarto chegaram em casa e, só de ouvir a história, já estavam se preparando. Sem perguntas. Nenhuma discussão. Nenhuma tentativa de me convencer a desistir. Nada. Simplesmente: — Nós vamos com você. Tenho que arrumar meus vibradores porque uma avó falecida disse para fazer isso. — Essas eram minhas amigas.

Droga.

Estendi a mão e enxuguei uma lágrima.

Droga.

Voltando atrás depois do que Foley fez, eu não tinha... não. Isso não era verdade. Eu ia dizer que não tive tempo para apreciar minhas amigas, mas não era verdade. Eu tive. Eu as apreciava tanto que, às vezes, ficava preocupada por estar agradecida demais. Eu dependia demais delas. Isso era justo com elas? Para elas lidarem comigo, para virem - me trazer para casa, como disse Harper, e agora isso?

Oh sim.

Minha garganta fechou de emoção.

A vida não era fácil. Não era nada fácil, mas com os amigos certos ficava um pouco menos difícil.

* * *

Apertei o botão de chamada do meu celular..

— Filha! Como vai você? Como você tem passado? Temos um nome The Old Gents[18], iniciamos um canal no YouTube. Estamos enviando nossa primeira coreografia neste fim de semana.

— Eu- o quê?

— Oh sim. Eu falei sobre isso, não falei? Temos um nome. The Old Gents. É cativante, certo? Stevie acha que isso atrairá um monte de gente jovem. Você sabe. Todas aquelas garotas que ficam loucas por milionários ricos. Ele está pensando que 'cavalheiros' surgirão como 'cavalheiros' e bum. Ai está. Nosso vídeo de dança vai aparecer.

Harper e Aly começaram a rir e eu tive que limpar a garganta para não desmoronar também. — Pai.

— Sim? Quem é? Com quem você está?

— Uh. Estou com Aly e Harper.

— Ah, ei pessoal! Kali, diga a elas oi por mim. Você fez isso? Diga oi. Quero ouvir você dizer oi por mim.

— Pai.

— O quê?

— Estamos indo para a Califórnia. Vamos fazer uma viagem.

Silêncio por um momento.

Ele limpou a garganta e ficou sério. — Você sabe, Kali. Sabe que não precisa ir até a Califórnia para sua viagem. Você pode vir aqui! Harper e Aly podem participar da próxima dança.

— Estou tão disposta a isso, Sr. Michaels, — Harper gritou do banco da frente.

— Quem era? Kali, qual delas era? Elas estão dispostas a vir aqui e dançar com seu pai?

8

KALI

Não voamos e até hoje não sei dizer por que isso não aconteceu. Nós simplesmente não fizemos isso. Aly ofereceu seu SUV, então depois que ela e Harper fizeram seus planos (eu não sabia quais eram), empilhamos nossas malas no carro. Harper trouxe uma sacola de pano com comida e Aly começou a trazer os coolers.

Nem um, nem dois. Três coolers.

Esses eram apenas de comida.

As bebidas encheram outros dois. Eu não queria ver o que ela havia colocado ali, mas sabia que Aly gostava de álcool. Eu só esperava que nada disso estivesse aberto.

Mas na manhã seguinte, às dez, estávamos prontas para partir.

Aly queria dirigir. Harper queria ir na Suv shotgun - o navegador[19], - disse ela. Ela parecia perfeita com óculos de sol de aviador de verdade e um enorme mapa espalhado em seu colo. Sentei-me no banco de trás e, quando Aly começou, ela me entregou o telefone.

— Ok. — Harper alisou seu mapa, localizando-se. — Que rota estamos tomando?

Aly não respondeu, ela apenas olhou para mim.

Programei Frisco, Califórnia, em seu aplicativo GPS, peguei o caminho mais rápido e o devolvi.

A senhora disse: — Vire para o sul na US-50 W.

Harper largou o mapa e nos deu uma olhada. — Muito bem. Eu estava indo

para me divertir e me aventurar, mas se vocês duas querem ficar entediadas tão cedo, quem sou eu para me opor? — Se ela tivesse percebido, teria encerrado o assunto.

Ela não fez isso. Em vez disso, se recostou no assento e tirou a sacola de salgadinhos nº 1. Enquanto ela amassava, colocou duas balas de gomas na boca e recostou-se. — Então, Aly. Você está de pé.

Ela ficou tensa, suas mãos apertando o volante. — Por que estamos começando comigo? Quem precisa de café?

Ela não perguntou do que se tratava toda aquela coisa de - concluir. - Aquelas duas sabiam.

Eu estava perdendo algo. — O que está acontecendo?

Harper me ignorou, olhando para Aly. — Seu tanque está cheio. Temos bebidas para durar dias. Nós duas sabemos que Kali não vai se abrir sobre sua decisão de ir atrás da irmã, quando ela acabou de desistir de Otis e ainda está digerindo a traição de Foley, então, do jeito que estou pensando, você está de pé.

— Continue na US-50 W por nove quilômetros, onde você usará a faixa da direita para entrar na I-65 S usando a rampa em direção a Louisville.

Harper começou a rir.

Aly gemeu. — Conversamos sobre isso ontem à noite.

Eu me inclinei para frente. Ninguém tinha falado comigo. — Que conversa? Sobre o que vocês duas conversaram? — Minha mão se curvou sobre o encosto do assento de Harper.

Ela continuou a me ignorar, com os olhos em Aly. — Nós a colocamos no carro por trinta e duas horas, pelo menos. Temos tempo para conversar sobre Kali. Sua vez. Você pode muito bem começar a nos contar sobre o Sr. Bombeiro Quente e Suado.

Os olhos de Aly ameaçaram se arregalar. Ela se mexeu no assento, se

contorcendo.

Eu fiz uma careta. — Achei que você queria namorar um fazendeiro milionário?

— Eu quero! — Ela desabafou. — Esse é o meu plano.

— Isso não está acontecendo, — disse Harper. — Você tem quase quarenta...

— Tenho trinta e seis.

Harper balançou a cabeça, pegando mais gomas. A embalagem ficou amassada. — Vamos conversar sobre quem está aquecendo seus lençóis, e eu ouvi você outra noite. O chão não é tão grosso, sem mencionar que todo o... — Ela bateu a palma da mão no painel em um ritmo suave.

Eu lutei contra minha risada.

Aly parecia prestes a explodir. Seu rosto estava todo vermelho.

Harper riu e apontou para as mãos dela no volante com sua sacola. — Espero que você não tenha agarrado o pau dele com tanta força.

— Ah! — Ela gritou, jogando-se de volta no assento e soltando o volante por um momento. Uma mão deslizou para baixo enquanto ela assumia uma postura mais relaxada ao dirigir. — Ninguém falou sobre Justin desde que ele saiu...

Harper prendeu a respiração.

— Se estamos destruindo todo mundo e deixando Kali para o final... — ela continuou.

— Ei, — protestei sem entusiasmo.

Pelo menos agora eu sabia por que as duas vieram nessa viagem comigo. Até certo ponto, eu lhes devia alguma conversa. Eu realmente não tinha falado sobre Foley e sabia que precisava começar ou aquele pau ficaria dentro de mim para sempre.

Estremeci com o significado literal desse último pensamento.

— Minha idade não tem nada a ver com o fato de eu passar tempo com Scott, — acrescentou Aly.

Scott! Tínhamos um nome – oh, puta merda!

Dei um sobressalto para frente. — *Scott Campinah?*

— Exatamente, — confirmou Harper.

— O bombeiro Campinah da família Campinah que basicamente é dono de Vernon? — Perguntei.

Essa era nossa cidade vizinha e estava bem desenvolvida. Ao contrário de Friendly, que não tinha muitos negócios e era realmente uma pequena cidade em extinção, Vernon não era. Era uma cidade turística que prosperava, com seis armazéns de produção. Eles tinham um hospital totalmente novo, uma nova escola de ensino médio e o maior debate era sobre que cor pintar a caixa d'água. As brigas nas redes sociais eram feias.

Vernon era privilegiada.

E North Campinah, junto com seus três filhos e uma filha, possuía ou administrava quase toda a cidade. A rua principal tinha sido rebatizada de Scott Campinah Drive.

Aquele Campinah, aquele que se ofereceu como voluntário no corpo de bombeiros do condado porque... Ninguém sabia direito. Ele também tinha vinte e seis anos. Não admira que Aly estivesse cagando tijolos agora.

Eu sorrio. — Aposto que ele tem resistênciaaaaa.

Harper soltou uma risada abafada.

Aly corou, seus ombros relaxaram. — Deus, vocês. Ele é dez anos mais novo que eu.

Dei de ombros. — Amor é amor.

— Eu sei, mas dez anos? Todo mundo que conhecemos tem filhos. Eu sinto

que estou transando com uma criança. E o pai dele... — Ela suspirou. — Ele é membro da Good Ole Boys Network[20], se você me entende.

Isso me irritou. Certo. *Idiota.* Mas ainda assim... — Foda-se ele sendo um garoto. Ele tem vinte e seis anos e aposto que teve que se voluntariar contra a vontade do pai. Você sabe que o pai dele só quer que ele trabalhe para ele. Isso exige caráter. Diga. Aposto que ele é maduro, não é?

— Eu simplesmente não sei o que estou fazendo.

— Olá? — Harper explodiu. — Por que não estamos falando da parte boa? Como está o sexo? Vocês dois ficaram transando a noite toda naquela noite.

Aly ficou ruborizada novamente.

Balancei minha cabeça. Até agora a viagem estava sendo bem divertida.

Aly lançou um olhar furioso para Harper. — Apenas espere. Demos um tempo para você depois que Justin saiu, mas é a sua vez de conversar também, amiga.

Ela a olhou o máximo que pôde, antes de precisar olhar novamente para a estrada. Então Harper se virou, encontrando-me. Recostei-me e vi Aly me observando pelo espelho retrovisor.

Certo.

Esta era uma espécie de viagem transparente. Eu não tinha me escrito para isso.

Lembrei-me de outro motivo pelo qual nós três nos tornamos amigas. Nós nos unimos durante a parte de não conversar nas situações difíceis da vida. Aly recebendo isso de um garoto rico de 26 anos, a separação de Harper e toda a merda da minha vida – caramba.

Por que não estávamos voando?

* * *

Só quando estávamos dirigindo por Sullivan[21], Missouri, é que Harper revelou.

— Justin queria se casar comigo. É por isso que terminamos!

— O quê?! — Aly disse. — Isso é incrível.

— Para você, talvez, senhorita ‘eu quero me casar com um fazendeiro milionário e, em vez disso, estou transando com um bombeiro super gostoso e jovem’. O casamento não é para todos, querida.

Eu murmurei, do lado dela.

Ninguém deveria se casar.

Nunca.

* * *

Estávamos trocando de direção e eu assumi o comando em Oklahoma City. Eu poderia aguentar mais quatro horas antes de precisar parar.

Harper estava esparramada no banco de trás, precisando de uma soneca. Ela tinha sido a última a dirigir. Aly aguentaria quatro horas. Harper poderia aguentar duas. Eu não. Aproveitei umas boas oito horas. Esqueci o quanto eu adorava viagens de carro.

Ainda bem que não tínhamos voado.

* * *

Fui ignorada.

Paramos em Amarillo, Texas, para passar a noite. Dezesseis horas na estrada e todas estavam cansadas... Ou deveriam estar.

Eu não estava.

Eu estava energizada e não sabia por quê.

Quanto mais nos aproximávamos da Califórnia, mais tensa eu me sentia.

Era como se eu fosse um fio e ambas as pontas estivessem sendo pressionadas, tensionadas, ligadas. Eu não estava a ponto de explodir, mas estava perto.

Aly me encontrou no bar do hotel. Eu estava pronta para dormir, com lenço na cabeça e tudo, exceto meu pijama, que era uma legging normal e um suéter grande demais. Minha camiseta de dormir estava embaixo.

Ela deslizou na cadeira à minha frente e olhou minha bebida.

— Você sabe tudo sobre minhas aventuras na cama com Scott, e agora sabemos que não precisamos odiar Justin. Ele querer se casar com Harper é uma coisa boa. Mas, querida?

Eu me irritei, odiando e amando essa parte *querida*. Eu sabia que não gostaria de ouvir o que ela iria dizer. Mas também sabia que ela me amava, e é por isso que diria.

— Já se passaram três meses, quase quatro. Você não se dá bem com sua irmã, mas aqui estamos nós - em uma viagem para buscá-la. Você tem que conversar. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Sabe que precisa conversar.

Eu não queria conversar.

Isso significava pensar no que ele tinha feito comigo, lembrar, voltar para lá, e Deus, eu não queria voltar lá. Além disso, a pergunta de Shane me assombrava.

Por que fiquei? Eu não me conhecia.

Balancei minha cabeça. — Não posso. Ainda não.

Ela bateu na minha bebida. — Você não bebe e está aqui depois de dirigir por dezesseis horas, tomando uma bebida. Kali, isso diz tudo.

Esse fio se apertou mais um pouco, mas ainda assim não me quebrei. Ainda não.

Estava chegando.

9

SHANE

— Como vão as coisas em Frisco?

Fiquei surpreso por Max ter aguentado tanto tempo. Chegamos há duas semanas e desde então tem sido uma merda.

Foi o que eu disse a ele, acrescentando: — O que você esperava?

Eu atendi a ligação dele do lado de fora do The Bonfire, um ponto de encontro local que adotamos com os outros Red Demons que já faziam parte da comunidade local de Frisco. Era um bar só para nós e, em vez de ficar na periferia da cidade, que é o que normalmente escolhemos para podermos ser turbulentos e não receber reclamações, o The Bonfire ficava bem na rua principal que passava por Frisco.

Era uma cidade pequena, quase não era uma cidade – população de trezentos e setenta e dois habitantes. A escola não existia mais. O correio local tinha um funcionário. Dois restaurantes. Um posto de gasolina. Dois bares. Uma pequena casa de repouso. Alguns voluntários formavam o corpo de bombeiros local e não havia policiais. As cidades vizinhas tinham isso, mas ficavam a uma distância razoável. É onde também ficava o hospital mais próximo.

Estávamos a trinta quilômetros de uma importante rodovia interestadual que ligava a Califórnia ao Oregon, à Washington e até à fronteira. Do outro lado, estávamos a mais dezesseis quilômetros de uma segunda grande rodovia que corria para o leste, atravessando o Colorado e seguindo até a costa leste. Passava direto pelo centro da América e Max estava certo. Esta era uma localização privilegiada.

Esta noite a festa seria nos fundos, cercada por duas paredes gigantes de

arame, aço e madeira – paletes[22], para ser mais específico. Ao abrir o portão e do outro lado você encontrará trinta motocicletas, dois trailers, um galpão de conserto de carros e a parte traseira do The Bonfire, que faz jus ao seu nome. Um grande anel de fogo foi montado no meio de toda a coisa, e os caras estavam fazendo um bom e velho churrasco, completo com cerveja, mulheres e boquetes.

Tudo isso era um pouco barulhento para minha ligação, então passei pelo interior do The Bonfire, acenando com a cabeça para aqueles que me cumprimentavam, e saí para a frente ao longo da estrada principal de Frisco. Uma fila de motocicletas estava estacionada ali, junto com dois prospectos[23] observando-as. Ambos cumprimentaram, mas viram que eu estava ao telefone e se afastaram para me dar privacidade.

Não importava. Eu não estava planejando ficar lá. Eu estava inquieto e não sabia por quê.

Não. Isso não era verdade. Eu *sabia* por quê, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ainda não.

Passando pelo The Bonfire, sentei-me em um banco do lado de fora do Mama's Diner. Estava fechado e não havia ninguém por perto. Era um prédio antigo, com janelas gigantes e pintura branca meio descascada, mas que tinha o charme de uma cidade pequena. Tornou-se um restaurante popular entre os rapazes, e eu conseguia entender o porquê: porções de bom tamanho e preços baratos, especialmente para a Califórnia. E como quase não havia moradores locais, era quase como se fosse nosso próprio restaurante. A própria mama não fez objeções. Ela estava indo muito bem nas últimas semanas. Os caras também gostaram das garçonetes que estavam no ensino médio. Havia muito flerte e risadas acontecendo.

— Quero enviar Wraith para lá, — Max me disse.

— Prez... — Eu me contive, no entanto. Respeito era tudo em nosso clube. Mas ele estava errado aqui. Totalmente errado. Eu me detive um pouco. — Você

me enviou para ajudar com esta missão. Estou aqui. Eu estou fazendo isso. Eles não hesitaram muito. Eles gostam principalmente de festas, mas não posso ajudar esta organização a chegar onde você quer que com a vinda de seu sobrinho. Ele é bom. Ele é inteligente, mas não posso arriscar. Isso poderia levar a mortes desnecessárias, e aí teríamos a polícia envolvida, uma polícia de fora.

— E quanto ao Stripes?

— Ele é inteligente, astuto. É uma vantagem tê-lo aqui.

Eu gostava do Stripes. Ele recebeu o nome da estrada Stripes de dentro de Potomahmen e pegou. Ele confessou o que precisava fazer para conseguir uma sentença reduzida pelo motivo pelo qual estava preso. Isso não agradou a alguns dos caras, mas ele fechou um acordo depois. Ele nos deu algumas informações vitais e desde então jurou lealdade. Ficamos de olho nele, mas sempre houve um pouco de hesitação nele, embora o que ele *realmente* tenha ajudado o clube. Foi o tipo de favor que nos salvou de ir para uma cela ao lado dele. Ele também era jovem e tinha uma filha. Ele falava muito dela, o que não era problema, mas a filha dele estava na Flórida. Ele tinha ido vê-la algumas vezes, mas não era o suficiente. Muitos caras entendiam, pois tinham seus próprios filhos.

— Isso é bom. Conseguimos um alvará na Flórida, mas espero que ele fique conosco. Tenho pensado na situação do Bennett. Quando você acha que poderia fazer um encontro?

Jesus. Primeiro, era novidade para mim que ele queria que nos encontrássemos. E dois, ele queria que fôssemos direto ao assunto. Essa merda não aconteceria, não simplesmente assim. Maxwell Raith era o homem mais inteligente e cruel que já conheci, mas também tentava ser justo. Eu o respeitava, mas não era assim que as coisas funcionavam.

A organização local tinha treze membros e eu apareci com doze de nós. Se eu avançasse rápido demais, eles poderiam protestar. *Eles* eram a associação mais próxima de onde os Bennetts tinham sua sede. Não tínhamos associação em

Oregon ou Washington. Se eu fizesse a abordagem e tudo desse errado, a associação deles seria a primeira a ser afetada.

— Se não quisermos que os caras cavem sepulturas lá atrás, vou precisar de três meses, — eu disse a ele. — Pelo menos. Também preciso desse tempo para fazer o trabalho inicial.

— A data para a nossa mudança vai ser curta, — ele rebateu.

Eu murmurei porque, egoisticamente, estava bem com isso.

— Gloves fez sua escolha, — disse ele em voz baixa. — Realizamos seus desejos, ajudamos a mãe e uma irmã. Estamos seguindo em frente.

Cerrei os dentes. Isso não estava certo.

— E a outra irmã? — Max perguntou.

— Ela queria que fôssemos embora, então nos afastamos.

— Você ainda acha que ela será um problema?

A maneira como ele disse isso... não tive um bom pressentimento. Matar não era algo que eu questionasse - não agora, não depois de tanto tempo no serviço militar e de viver esta vida. Não havia como progredir se você não tirasse uma vida. Mas eu não queria que isso acontecesse com Kali.

— Nós fizemos o que ela queria, então por que seria um problema? — Perguntei. Foi a maior falta de resposta que já dei a ele.

— O que diabos isso significa?

Agarrei o telefone com mais força, ouvindo risadas explodirem quando as portas do The Bonfire se abriram. Alguns dos caras se espalharam na calçada, com os braços em volta de algumas belas bundas.

— Eu tenho que ir, Prez. Não há muita privacidade onde estou.

— Você está decidido sobre esses três meses? — Ele perguntou.

Eu me levantei do banco, mas fiz uma pausa. — Nenhuma vala precisa ser

cavada nesse período.

— Faça acontecer, porque não vou mais ser vadia da porra do cartel Estrada.

Com isso, ele desligou. Ele disse o que queria. Eu disse o que tinha que dizer. Consegui a extensão que queria e ele terminou com um lembrete do motivo de tudo isso.

Max fez uma ligação há anos e nos colocou em um negócio com um cartel.

Esse cartel foi enfraquecido no último ano. Ninguém sabia por que ou como aconteceu, mas aconteceu. Nós votamos e todos os Red Demons queriam sair do controle do cartel.

— Ghost. — Stripes veio em minha direção com uma cerveja na mão. Ele olhou para cima e para baixo na rua, que estava vazia, exceto por alguns moradores de Frisco que passavam de carro. — Temos um problema com a transa ou namorada do Roadie, ou seja lá o que ela for.

Eu sorri. Eu quis dizer o que disse a Maxwell. Stripes era inteligente e poderia ser um trunfo, mas também talvez fosse inteligente *demais.* Ele era do tipo que conseguia planejar merda sem piscar. Isso me fez pensar que ele poderia trabalhar algo contra nós, e nunca veríamos acontecer. Eu não tinha certeza se ele tinha coragem, mas veríamos. Ele era jovem e chamou a atenção de mais de um punhado de mulheres em nossa viagem, mas, pelo que sei, não levou nenhuma delas para a cama.

Outra coisa estranha sobre ele.

— Irmã do Gloves?

Ele me deu um aceno de cabeça firme, o que me disse que concordava com meu sentimento. Claudia Hinton era um problema. Ela nos acompanhou em nossa viagem, dirigindo separadamente com alguns amigos, mas quando nos instalamos aqui, ela ficou.

— O que está acontecendo?

— Ela está tendo um ataque – encontrou as bolas de Roadie profundamente em sua amiga. Os dois estão brigando.

Bem, merda. Suspirei. — Traga Roadie aqui, — gritei, sabendo que Stripes repetiria exatamente dessa maneira.

Ele desapareceu com um aceno de cabeça e, alguns momentos depois, Roadie correu até aqui, fechando o zíper das calças ao mesmo tempo.

Dei uma olhada nele. — Suas duas vadias estão brigando e você não encontrou tempo para guardar seu pau?

Ele me deu um sorriso torto, passando a mão pelos cabelos. — E aí cara.

— Ei, cara, minha bunda. Que porra você pensa que está fazendo?

Seus olhos se arregalaram e ele abandonou um pouco daquele sorriso. Endireitando-se, ele engoliu em seco. — Você quer dizer com as garotas?

— Quero dizer, com irmã *do Gloves.* Ela é *irmã do Gloves.* Você esqueceu o que estamos pedindo para ele fazer? E você, o quê? Ela vai ser sua *old lady*? Um docinho? Se ela é uma transa, é uma transa longa. Você acha que Gloves ficará feliz se ela se transformar em uma vagabunda?

O sorriso desapareceu e o pânico se instalou. Ele empalideceu. — Eu realmente não pensei muito sobre isso, para ser honesto.

— Não brinca.

Ele fez uma careta novamente, esfregando a mão no rosto. — Porra. O que eu faço, Ghost?

— Você não quer que ela seja uma namorada? — Eu sabia que ele não era adulto o suficiente para assumir uma old lady.

Ele considerou, arrependimento estampado em seu rosto. Ele ficou tão branco que parecia um personagem. Esse maldito idiota.

— Ela nos seguiu durante todo o percurso, — apontei. — Ninguém disse

nada por causa de quem é o irmão dela. Agora que você criou essa situação, é melhor ser bem atencioso na maneira como vai consertar.

— Eu não quero uma namorada, mas...

Ele estava considerando isso.

Maldito. Ele lhe diria as palavras, ela ficaria nas nuvens e ele estaria de volta dentro de sua amiga no final da mesma noite.

— Ela gosta de mais alguém?

Ele me lançou um olhar estranho. — O que você quer dizer com isso?

— Ela parece pensativa em abrir as pernas para mais alguém aqui?

— Você. — Ele fez uma pausa. — Suponho que você não....

— Não. — *Irmã errada.* — Dê-me outro nome.

— Uh, ela estava olhando para Stripes hoje cedo.

Maldito inferno. — Outro nome.

— Eu a peguei olhando para Machete no primeiro dia em que ficamos. — Ele ajeitou as calças com um puxão e ajustou o seu pau. — Não pensei nisso até agora. Ele estava de olho nela.

Machete era quieto e não era conhecido por dar o primeiro passo em uma bunda doce. Ele gostava de ficar no canto e ver quem vinha até ele. Mas ele não parecia muito exigente com quem enfiava o pau. Roadie era o oposto em quase todos os aspectos, exceto na parte exigente.

Eu dei um grunhido e balancei a cabeça. — Vá buscá-lo. Pegue suas duas garotas. Coloque a irmã de Gloves em um quarto e tire a outra daqui. Não a quero no clube por um mês.

— Mas-

— Porra, agora Roadie!

Ele calou a boca bem rápido e me deu um aceno de cabeça antes de sair apressadamente. Os clientes em potencial me olharam com apreensão.

Normalmente não emitia comandos ou gritava como acabei de fazer.

Dava ordens e matava. Essas eram minhas duas funções principais. Isso era incomum, então o desconforto deles fazia sentido. Eu também estava inquieto, esperando não fazer algo que pudesse colocar o clube em uma situação ruim. Mas, caramba, minha paciência estava se esgotando.

Machete saiu um momento depois, procurando por mim, e seus olhos piscaram antes de vir em minha direção. Assim como eu, Machete ficava quieto quando caminhava para qualquer lugar. Eu não sabia por que, mas percebi que havia muitas assombrações dentro dele. Eu sabia que devia respeitá-lo e, se ele quisesse compartilhar, estaríamos aqui. Até então, nós o deixamos quieto.

— VP. — Ele era um dos poucos que se dirigiam a mim dessa forma em nosso grupo menor.

— Temos um problema.

— A irmã do Gloves.

Dei um aceno de cabeça, curto e firme. — Você está adivinhando para onde estou indo?

— Você teria que ser surdo, cego e estar em outro prédio para não saber o que está acontecendo lá dentro. Roadie fodeu tudo.

— Certo.

Ele me deu um olhar astuto, mas havia algo mais ali que eu não conseguia decifrar. Antecipação? Eu não tinha certeza. Também não tinha certeza se queria saber.

— Ela estaria disponível para mim, — ele disse depois de um momento.

— Você faria isso?

— Para você.

— O clube?

— Para *você*. — Ele olhou de volta para The Bonfire. — Na casa dos quarenta. Não é um mau momento para levar uma mulher.

Amaldiçoei baixinho. — Você acha que pode lidar com ela?

Ele me lançou um sorriso e fiquei mudo por um instante. Machete não gostava de sorrir, mas quando o fazia, todos sorriam com ele. Ele assentiu. — Eu posso lidar com ela muito bem.

A porta da frente se abriu e alguém gritou. A outra garota, presumi, saiu bufando, sacudindo a camisa para cobrir a barriga. Um dos prospects a acompanhou até sua motocicleta.

Ele acenou para nós. — Dando-lhe uma carona para casa.

A garota não olhou. Ela evitou os olhares de todos, penteando o cabelo para trás.

Não poderia dizer que a culpava.

Machete suspirou. — A garota gosta muito de Roadie, mas está intrigada comigo. Não sei se é porque sou quieto ou porque sou negro.

— Você tem certeza sobre ela? Podemos pensar em outra coisa...

Ele levantou a mão, parando-me. — Não há problema. Eu sei o que estamos pedindo para Gloves fazer. Isso significa alguma coisa. Não somos todos estúpidos como Roadie.

— Ela pode querer voltar para ele.

— Mas não é sobre isso, é? — Ele se virou para ir embora, mas parou e olhou para mim. — Trata-se de mantê-la afastada até que Gloves faça o que tem que fazer.

Certo. Éramos idiotas.

— Obrigado, Machete.

Ele deu outro aceno de cabeça, depois se virou e voltou para The Bonfire. Ele faria o que fosse necessário e Roadie provavelmente a teria de volta em sua cama dentro de uma semana. *Não.* Eu tomei uma decisão. Roadie e eu teríamos uma conversa. A liderança não avaliava quem nossos associados levavam para a cama, a menos que isso afetasse o clube. Isso afetaria o clube e um dos nossos. Essa merda não iria afetar ninguém.

Eu garantiria que Roadie estivesse ciente desse fato.

— Prospecto.

Outro havia surgido para substituir aquele que deu carona à garota para casa. Ambos olharam quando chamei, mas eu só precisava de um para cumprir minhas ordens.

— Chame Stripes aqui.

Um deles desapareceu e Stripes voltou trinta segundos depois.

— E aí, VP? — Ele me deu um olhar cauteloso. Ele era o outro membro que se referia a mim por esse título.

— Leve Roadie para o T[24]. Encontro você lá. Precisamos conversar longe dos outros.

A compreensão brilhou em seu olhar, junto com a satisfação.

Isso me deixou mais tranquilo sobre esse cara.

Ele assentiu. — Parece bom. Devo dizer a ele que vi alguns peitos lindos por aí para afastá-lo ou que você estará esperando por ele?

— Conte a ele sobre os peitos.

Uma sugestão de sorriso apareceu antes que ele dominasse suas feições. — Peitos, é isso.

Ele entrou e eu terminei minha cerveja antes de ir para minha motocicleta.

10

KALI

Eu estava começando a sonhar acordada sobre como assassinar minhas amigas.

Estou brincando.

Trinta e seis horas no carro, sem contar a estadia no hotel.

Então... talvez eu não estivesse totalmente brincando.

Não mesmo. Eu estava brincando.

Ou... *merda*.

Além do fato de que todas nós sentimos um certo cheiro por volta das vinte e oito horas - um que se recusava a mudar, não importa o quanto tomássemos banho e só poderia ser descrito como cheiro de viagem, estávamos ótimas e totalmente cheias de cafeína e açúcar. Harper era o açúcar, Aly e eu a cafeína.

Estávamos discutindo sobre quem era a garota mais malvada de *Glee*, e Aly ficou tão chateada que acendeu um cigarro.

Eu nem sabia que ela fumava.

Ela começou a acender um segundo, mas Harper começou a tossir, batendo no peito. — Sou alérgica a fumaça. Chega de fumar. Por favor, Ally McBeal.

Isso a fez rir. A imitação sempre a deixava de bom humor. Pelo menos ela deixou os cigarros de lado. Com base nas linhas de tensão esticadas ao redor de sua boca, ela não gostou do fato de Harper não querer falar sobre Justin hoje, então voltou imediatamente para a vida amorosa de Aly. Eu tinha certeza de que ela tinha a missão de acabar com a fantasia dela de encontrar um fazendeiro milionário.

Indiana tinha muitos fazendeiros, mas não muitos milionários no nosso condado, e eu conhecia Aly. Ela ficou em Friendly para cuidar da avó. Ela não estava se mudando, nem mesmo para um condado diferente. Mas *caramba,* Harper. Por que tirar o sonho dela?

Alguns de nós gostaríamos de ainda *ter* um sonho.

Eu guardei isso para mim. Caso contrário, Harper iria atacar na próxima vez que quisesse evitar falar sobre Justin.

Pensando em Justin, procurei por ele no Insta e mandei uma mensagem.

Kali: Harper nos contou por que vocês dois terminaram. Alguma coisa que você queira que eu compartilhe com ela quando finalmente conseguirmos que ela se abra e fale sobre isso?

Eu senti que Harper estava com medo do casamento por causa, bem, do medo. Ela estava apenas com medo.

Eu precisava fazer os dois conversarem.

Meu telefone tocou.

JustinBanana: Olá. Nada. Ela sabe. Boa sorte. Se você decifrar, mande-a para mim. Eu vou amá-la novamente.

Oh cara.

Eu não tinha me permitido formar uma opinião firme sobre Justin, principalmente porque não sabia o que aconteceu e porque era leal a Harper. Agora que eu sabia, e com base nessa resposta, eu meio que desejava que Justin não fosse fraco. O cara era gostoso. E carinhoso. E gentil. E inteligente. E paciente. E sábio. E Harper precisava tirar a cabeça da própria bunda. Era assim que as coisas eram.

Eu ia compartilhar isso com ele também.

Exceto, talvez não até que elas me prendessem e torturassem minha própria

merda.

Depois *disso*, eu diria alguma coisa. Todas as apostas estavam canceladas.

Dei uma olhada em Harper. Seus olhos pareciam um pouco sem brilho. Muito açúcar. Ela sentiu meu olhar, deu um sorriso bobo e colocou outro Mike & Ike[25].

Suspirei internamente porque sabia que não iria falar nada com ela, porque ela viraria o jogo contra mim. Eu. Foley. Por que eu fiquei? Tudo isso me assombrava.

— *Por que você ficou?*

— *Você o ama tanto assim? Para aceitar essa merda dele? Ou o quê? Não conhece o seu valor...*

Que idiota.

Bem.

Talvez não.

Aquele beijo, no entanto.

Eu estava suspirando de novo.

— Puta merda! — Aly gritou.

Ela estava ao volante e estávamos dirigindo por estradas secundárias. Ou tentando. As últimas estradas estavam um pouco desertas, então eu tinha me distraído.

Harper piscou algumas vezes, olhando em volta como se estivesse voltando à realidade.

Estávamos de volta à estrada e não vi nada de incomum. Bem, talvez uma erva daninha, o que foi bem legal porque eu nunca tinha visto uma erva daninha antes.

Então eu entendi o que ela quis dizer.

Aly estava certa. Foi um momento *de puta merda.*

Vi a Harley primeiro, estacionada no acostamento. Havia outras duas.

Não, eram três.

Um dos caras deu um soco em outro cara e ele caiu novamente. Ele já estava no chão. O último cara não estava fazendo nada. Ele apenas ficou lá, quase como um guarda.

A merda não era ver os motociclistas se socando. Podíamos ver isso no bar da minha mãe. A parte puta merda é que todos os três estavam usando coletes do Red Demon, e meu momento extra puta merda foi quando o cara que desferiu o último soco parou e olhou para cima.

Em um instante pude sentir seu toque novamente, a maneira como ele segurou minha nuca, como seus lábios inicialmente tocaram os meus.

Eles foram uma provocação. Uma carícia.

Eu queria mais instantaneamente e procurei por ele, sem pensar, apenas precisando. Eu fiquei na ponta dos pés, unindo nossas bocas, e então ele assumiu o controle.

Fiquei sem fôlego de novo, lembrando de tudo porque aquele motociclista olhou diretamente para nós, como se pudesse ver através do banco de trás e de mim. Shane King. Também conhecido como Ghost. Também conhecido como o cara que eu não queria ver durante esta viagem.

O cara que agora lutava para se levantar era o oposto. Ele era a razão pela qual estávamos nesta jornada em primeiro lugar.

— Uau. Diga-me que você os conhece, Kali. — Harper se abanou com sua embalagem Mike & Ike. — O loiro é gostoso. Puta merda, de fato. Você disse isso, Aly.

— Você conhece? — Aly também parecia sem fôlego.

Elas não reconheceram Shane.

Eu não podia culpá-las, mas não respondi - não imediatamente.

Continuamos dirigindo.

Os motociclistas nos observaram enquanto passávamos.

Só quando vimos a placa informando que estávamos entrando em Frisco, população de 372 habitantes, é que falei.

— Esse era Shane.

* * *

Enquanto dirigíamos por Frisco, parecia algo saído de um filme – onde estranhos entravam em uma cidade de assassinos em série. Exceto que nossas janelas estavam abertas, porque estava quente. Estávamos com o ar condicionado ligado, então nenhum vento fazia nossos cabelos se moverem no ar em câmera lenta. E ninguém saiu de suas casas ou prédios porque sentiram a nova presa. Embora eu tenha visto dois prospectos do lado de fora do bar de motociclistas, nos observando enquanto passávamos.

Um arrepio percorreu minha coluna e tentei ignorar uma coceira no fundo da minha garganta. Não importava o que eu estava sentindo. Claudia estava aqui e eu disse a Ruby que a levaria de volta.

Eu precisava tentar ou me mudar para a Califórnia.

— Não há nenhum lugar onde me sinta segura para parar, — comentou Aly.

Ninguém discutiu.

Eu não estava apenas disposta a apostar dinheiro que minha irmã estava no bar de motociclistas. Ela *estava* lá. Aquela sensação de cócegas se transformou em pavor. Eu tinha certeza disso, mas Aly continuou dirigindo. E eu não a parei.

Havia uma lanchonete quando olhei para cima novamente. Eu tinha perdido os outros prédios, mas parecia que você simplesmente piscou e passou por Frisco.

Aly continuou dirigindo.

— Ah, olhe isso. Eles têm sua própria casa de repouso. — Harper parecia estar fazendo carinho em um filhote de cachorro.

— Abra o mapa, — disse Aly. — Não há lugar para ficar e não estou perguntando à casa de repouso se eles têm um quarto extra para nós. Precisamos nos instalar em algum lugar e ter uma reunião antes de voltarmos.

— Certo. — Harper pegou o telefone, parecendo profissional agora, mas primeiro se virou para mim. — Você acha que há algum membro gay lá dentro? Shane disse alguma coisa sobre isso quando você o viu?

— Não tenho ideia, mas não importa sua orientação, ele é um Red Demon. Você está louca?

Harper franziu a testa com meu tom. — O quê? — Ela encolheu os ombros. — Não é como se eu fosse ficar com o cara e ser sua bunda bonita.

Aly bufou e começou a rir.

Ela estava dirigindo nas últimas cinco horas. Tínhamos feito uma parada para abastecer e fazer xixi, mas eu tinha certeza de que ela estava delirando. Talvez não, mas ela definitivamente passou por uma crise emocional. Harper havia falado com ela sobre foder seu bombeiro novamente. Ela queria todos os detalhes.

— É uma bela bunda, e não diga isso de novo porque você não sabe o que esse termo significa.

Ela me deu um sorriso. — Posso pesquisar no Google.

Aly começou a rir ainda mais alto. — Vamos aprender toda a linguagem dos motociclistas.

— Eu estou trabalhando nisso!

Eu precisava escolher minhas batalhas com essas garotas. Notei uma placa que dizia que Fallen Crest ficava a cinquenta quilômetros de distância. — Harper, procure Fallen Crest. Veja se aquela cidade tem hotel ou motel.

Acontece que tinha.

Acontece que Fallen Crest era o completo oposto de Frisco.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu celular.

— Kalista Calliope Michaels. Não recebi uma ligação ontem à noite.

Eu gemi. — Eu sei. Sinto muito, pai.

Contei a ele sobre o resto da viagem. Eu não deixei nada de fora.

— Isso não está certo, Kali. Você não deveria ter enviado mensagens para JustinBanana pelas costas de Harper.

Minha boca ficou aberta. — Pai! Ele quer se casar com ela.

— Isso não importa. Sua mãe queria se casar comigo e veja como acabou. E não comece, porque teríamos tido você, não importa se fôssemos casados ou não. Você estava destinada a estar em nossas vidas e somos ainda mais abençoados por causa disso. Ainda não acho legal você ter mandado uma mensagem para JustinBanana pelas costas de Harper.

— O nome dele é Justin, não JustinBanana.

— Você me disse que era JustinBanana. Por que me diria que era JustinBanana se o nome dele não é JustinBanana? Um homem tem um nome por uma razão. Estou pensando em me referir a ele como o nome que lhe foi dado.

— O sobrenome dele não é Banana.

— Então por que você diria que o nome dele era JustinBanana se Banana não é o sobrenome? Algumas pessoas têm sobrenomes únicos. Não cabe a mim julgar. Ainda gosto de todo mundo que tem o sobrenome Johnson[26]. Essa merda é engraçada. Johnson porque me faz pensar em um Johnson. Você consegue imaginar o nome de *Dick Johnson*? Espere. Conhecemos algum?

— Conte-me sobre sua nova rotina de dança, pai.

— Oh. The Old Gents se separaram.

— O quê?

— Sim. É o que acontece quando você não liga para o seu velho por um dia inteiro. O mundo pode virar de cabeça para baixo.

11

SHANE

— Isso foi…? — O olho de Roadie estava meio fechado pelo inchaço, mas evidentemente ele deu uma boa olhada.

— Merda, — respondi.

Stripes olhou entre nós. — O que estou perdendo?

Roadie cuspiu um bocado de sangue e enxugou o rosto com as costas da mão. — Aquela era a outra irmã de Gloves.

As sobrancelhas de Stripes se ergueram quando ele se virou para olhar para mim.

Oh sim. Ele conhecia as implicações desta nova chegada. Roadie era estúpido demais para entender a outra parte, mas Stripes não.

— Por que você acha que ela está aqui? — Ele perguntou.

Maldito inferno. — Meu palpite é para levar a outra de volta.

E eu duvidava que tivesse sido ideia de Kali vir. Isso significava que ou Gloves havia pedido, o que eu duvidava, ou a mãe dela. Connor disse que não havia muita ligação entre Kali e sua irmã ou mãe, mas não foi isso que eu vi na casa de Ruby. Eu vi uma mãe e uma irmã que sentiam falta de Kali.

Roadie gemeu, tocando o canto da boca com cuidado. — Merda, Ghost. Você não precisava me bater duas vezes. Eu falei demais e mereci o primeiro. Não fiz nada para ganhar o segundo.

Eu dei uma olhada nele.

Stripes bufou antes de se virar rapidamente.

— Você iria levar um único golpe, — expliquei. — Você conseguiu o *segundo* porque falou demais.

Roadie encolheu os ombros, abaixando a cabeça e saindo do meu alcance. — Eu não iria incomodá-la novamente, de qualquer maneira. Eu não faria isso com Machete.

Stripes bufou novamente, desta vez se afastando rapidamente. Ele antecipou na nossa frente e eu estava sem paciência com Roadie.

— Isso era sério com uma de suas irmãs por perto. Agora temos duas, e você sabe que tudo pode explodir na nossa cara. Entendeu?

Sua cabeça balançou para cima e para baixo. — Entendi. Sim.

— Você não está apenas fodendo com sua própria vida ao enganar Claudia. Ela é inteligente - ou mais inteligente que a sua garota. Se ela descobrir, alguns dos nossos rapazes podem morrer. Você estraga tudo... — Deixei a ameaça pairar. Eu precisava. Roadie era problema, mas não era descuidado quando se tratava da vida de outros irmãos. Dele, sim, especialmente se houvesse uma boceta envolvida. Mas todo o cenário acabou de ser virado de cabeça para baixo.

Por que diabos Kali está aqui?

— Ela não é mais minha, — Roadie murmurou. Ele arriscou um olhar em minha direção. — Você conversou com Machete. Eu o vi indo para o quarto dela antes de sairmos. Você sabe que ela irá atrás dele.

Esse era o problema agora.

Presumi que não haveria nenhuma maneira de a irmã de Gloves ir embora. Ela cravou suas garras em Roadie. Ela *o queria*. O fato de eu ter enviado um cara diferente para ela apenas impediu o inevitável: ela percebeu que Roadie não iria torná-la sua old lady.

— Você acha que Claudia vai voltar com Kali? É por isso que ela está aqui. Certo?

— *Você* acha que Claudia irá com ela?

Ele fechou a boca, finalmente fazendo um movimento inteligente.

Stripes estava ao telefone quando voltamos para as motocicletas, sentado com os pés esticados. — Entendi. — Ele desligou, levantou-se e ergueu o queixo em minha direção. — Era um dos prospectos. O carro passou direto pelo bar e continuou em seu caminho.

Isso foi inteligente.

Roadie começou a rir. — Não há hotel em Frisco para elas.

Stipes não riu. Ele estava me observando.

— O que você vai fazer? — Ele perguntou.

Havia apenas uma cidade na direção em que elas estavam indo onde poderiam parar, e conhecendo Kali, ela pararia. Ela estava viajando com suas melhores amigas do ensino médio. Ela se preocupava com elas, então elas iriam se instalar em algum lugar. Ela se certificaria de que suas amigas estivessem entretidas, ou felizes o suficiente para não brigar, e então ela voltaria para buscar sua irmã.

Isso significava que eu tinha algum tempo.

— Eu não a quero no The Bonfire.

Ambos os caras sabiam o que eu queria dizer que não a queria perto dos outros Red Demons. Eles não estavam no nosso grupo. Eu não confiava neles.

Fui para minha motocicleta. — Faça algumas ligações, — disse a Stripes enquanto subia na motocicleta. — Eu quero que o celular de Claudia seja recolhido ou um bloqueador de chamadas seja instalado nele. Vamos encontrar um lugar para escondê-la por um tempo também. — Concentrei-me em Roadie enquanto Stripes assentia. — Claudia tem estado perto de você e de Corvette a maior parte do tempo. Não quero deixá-la falar com a irmã até saber que não há nada que ela possa ter ouvido.

Numa situação ideal, Kali convenceria Claudia a voltar, mas eu sabia que isso provavelmente não aconteceria. Em vez disso, se Claudia soubesse de alguma coisa, tentaria convencer Kali a ficar. Kali já estava desconfiada de nós e de Gloves. Claudia só precisava dar uma dica de que algo mais estava acontecendo, e Kali iria investigar.

Stripes desligou o telefone e colocou-o no bolso. — O telefone de Claudia foi recolhido e Machete está informado da situação. Ele disse para não se preocupar. Ele vai levá-la em uma viagem, esconder-se em algum lugar durante o fim de semana ou até ligarmos para que ele a traga de volta.

— Elas provavelmente estão em Fallen Crest. Diga a Machete para ir para o norte.

— Roussou?

Balancei minha cabeça. — Não. Vamos nos afastar de lá.

— Callyspo é uma cidade fantasma, então a próxima cidade é Crete Lake.

Eu balancei a cabeça. Isso parecia bom. — Peça para ele reservar uma cabana – nenhum hotel onde Kali possa encontrar sua irmã.

— Você acha que ela faria isso?

Roadie ficou em silêncio, ouvindo Stripes e eu.

Percebi e acenei com a cabeça para Stripes. — Sim. Eu acho.

Peguei minhas chaves.

— O que você está fazendo? — Stripes perguntou.

— Vou tentar afastar Kali, entrar na cabeça dela e mandá-la para casa. — Esses eram objetivos grandiosos e, pelo sorriso no rosto de Stripes, ele também sabia disso. Dei-lhe um leve aceno de cabeça antes de ligar minha motocicleta e partir.

Uma parte de mim odiava que Kali estivesse aqui, mas outra parte não. A

parte em que meu pau ficou duro no segundo em que a vi – essa parte estava empolgada ela estar aqui.

Eu iria deixar ambas as partes agirem assim que a encontrasse.

12

KALI

Eu estava saindo do quarto quando uma mão em meu estômago me empurrou de volta para dentro.

— O que... — Alarme e o medo se intensificaram em meu peito, e meu sangue pareceu congelar, até que olhei para cima e reconheci o rosto olhando para mim. Ele tinha um capuz puxado sobre a cabeça, por cima do colete, mas eu podia ver de perto e pessoalmente a fúria que ele mantinha sob controle.

Shane King. Embora ele parecesse mais como Ghost agora.

Ele fechou a porta atrás dele, trancou-a e adicionou o trinco - tudo isso antes que eu conseguisse pensar que talvez não devesse deixar isso acontecer.

Fiz um movimento para passar por ele, mas ele rosnou: — Acho que não. — Seu braço me envolveu. Era como bater em uma parede de cimento, e ele me acompanhou mais para dentro do quarto. Quando senti a cama atrás dos joelhos, ele me empurrou para baixo. Minhas pernas dobraram. Fiquei perplexa com a rapidez com que isso aconteceu.

Então ele começou a se movimentar pelo quarto. Ele verificou a janela, a porta do pátio e a porta que dava para o quarto adjacente. Ele esperou, ouvindo, mas não houve nenhum som.

Então me dei conta. Ele pensou que Aly e Harper estavam aqui.

Quase comecei a rir.

— O quê? — Ele perguntou. Sua voz era suave, e não consegui reprimir um arrepio quando o senti me envolver no quarto.

— Isto é um motel. Um motel duas estrelas. Você acha que eu traria minhas

amigas aqui?

— Onde elas estão?

— Em algum hotel de luxo. Novo. Construído em um campo de golfe. — Este motel era o único nesta cidade, assim como eu me sentia. Fallen Crest era rica. Eu não conseguia imaginar quão, mas quando avistei um Lamborghini e uma Ferrari no mesmo cruzamento, soube que esta cidade não era nada parecida com Frisco. Milionários moravam aqui. — Este lugar é uma loucura.

— O que você quer dizer? — Ele voltou para a porta da frente, verificando as fechaduras antes de olhar no banheiro. Não havia janela ali. Não havia saída.

Ele voltou e eu dei de ombros.

— Há uma cidade moribunda a trinta minutos daqui, e depois há esta. Não parece certo que as pessoas tenham deixado a cidade. Eu vi os arredores dela. Não era grande, aposto, mas havia uma escola. As crianças costumavam ser levadas de ônibus para lá. Para onde as crianças vão agora?

— Aqui? — Ele franziu a testa. — Quem se importa?

— Eu me importo.

— Queremos Frisco do jeito que está.

Quase bufei. *Já imaginava.* Boa rota para transporte de drogas. Mas eu não disse nada, apenas balancei a cabeça. — Por que você está aqui?

— Por que *você está* aqui?

— Você sabe por que estou aqui. — Fiz uma pausa e perguntei novamente, porque não fazia sentido. — Por que você está aqui? Eu o conheço. Eu conheço minha irmã. Acho que você gostaria que eu a encontrasse e a levasse de volta *imediatamente.*

Uma sugestão de sorriso apareceu, mas desapareceu em um segundo. — Você está superestimando sua capacidade de falar com Claudia com bom senso.

Ela é exatamente como eu me lembro dela na escola.

Certo.

O ar no quarto estava gelado. Não gostei das razões que me vieram à mente sobre o motivo pelo qual ele poderia estar neste quarto comigo. Meu estômago se contraiu. Isso era sobre Connor. Tinha que ser.

Eles apareceram por causa dele. Shane tinha tudo a ver com ele. Qualquer outro motivo, e ele lidaria com isso de forma diferente – seja lá *o que* fosse. Ele queria que Claudia fosse embora, então... Claudia sabia alguma coisa sobre por que eles estavam envolvidos com Connor em primeiro lugar?

— Não como você.

Minha boca ficou seca. — O que você quer dizer com isso?

— Ensino médio. Como você cuidou de Connor, suportou sua irmã. Como cuidou daquelas suas amigas também. Dei uma olhada em você e soube que a queria.

— O quê?

— Sim. — Ele estava olhando *diretamente para mim.* — Fiquei longe por causa do seu irmão, mas tenho que admitir, você foi a razão pela qual o abordei pela primeira vez na aula.

— O quê?!

Ele sorriu, era tão discreto. — Ele deu uma olhada para mim olhando para você e me disse para manter minhas calças fechadas ou ele iria enfiar um lápis no meu pau. — Ele bufou. — Gloves tem um lado maluco. Acho que é por isso que ele e eu nos demos tão bem e continuamos a nos dar bem mesmo depois que ele foi para a prisão.

Respirei fundo. — O que vocês estão realmente fazendo com meu irmão? — Minha voz saiu como um sussurro. Fiquei com medo da resposta.

Os olhos de Shane permaneceram firmes. — Eu disse a você. Ele nos ajudou. Isso é tudo.

— Se ele os ajudou, então por que você não me deixa ver minha irmã? Presumo que é por isso que está aqui? Você sabia que eu voltaria para buscá-la.

Ele assentiu, olhando em volta. — Você ia ter sua conversa aqui.

Assenti, mas isso realmente não precisava ser respondido. Ele sabia disso quando disse.

Senti uma vibração no estômago, algo que gostei, mas também não gostei. Era desconfortável.

Se o problema fosse algo do passado, era um negócio fechado. Não haveria necessidade de nada disso, a menos que Claudia tivesse ouvido ou visto algo mais? Talvez fosse outra coisa? Essa era a única coisa que fazia sentido.

Minha cabeça estava uma bagunça. Muitas horas dirigindo. Muito esforço esperando, preparado, para quando Aly e Harper começariam o interrogatório sobre Foley.

Agora Shane estava aqui e sua presença era avassaladora. Tudo o que ele não estava me contando. Apenas parado ali, olhando para mim, eu o senti até os dedos dos pés. Meu sangue estava em chamas e foi preciso esforço para conter tudo.

— Olha, o que quer que ela tenha visto ou ouvido, eu não quero saber, — eu disse a ele. — Eu não quero saber disso. Ela não dirá nada. Eu prometo. Não vou deixar. Minha mãe não vai deixar. Nós sabemos o que vocês podem fazer.

Ele inclinou a cabeça. — Sua irmã tende a fazer suas próprias coisas.

Isso era um eufemismo. — Deixe-me falar com ela. Posso argumentar com ela.

— Você pode? De fato?

Eu estremeci, porque ele estava certo.

Então, como se tivesse decidido assumir o controle da conversa, ele começou a falar comigo. — Eu conheço você.

Porra.

— Eu conheço ela.

Jesus.

Minha garganta ficou contraída com cada afirmação, cada passo que ele dava.

Ele era perigoso. Sempre senti isso vindo dele, mesmo no ensino médio. Mas foi aperfeiçoado nos anos seguintes. Eu soube disso imediatamente quando o vi no supermercado. Meus pensamentos ficaram um pouco confusos no bar da minha mãe, por causa daquele beijo. Mas este pequeno quarto parecia ficar menor quanto mais tempo ficávamos aqui. Mais uma vez estava em minha mente que ele era um assassino.

Sabia disso no meu instinto.

Ninguém poderia ter me dito de forma diferente.

No entanto, eu ainda não sabia por que estava com medo dele, exceto o óbvio. Ele era um Red Demon.

Oh, certo. Meu irmão.

Respirei fundo, fechei os olhos e soltei o ar. — Por que sinto que vou perder alguém que amo por sua causa?

Ele não fez nenhum som.

Esperei, tensa pela resposta, mas depois de dez segundos, nada havia acontecido.

Abri os olhos e meio que esperei que ele tivesse ido embora.

Ele estava olhando para mim.

Ele parecia assombrado antes de se recompor. Então emitiu um grunhido e se aproximou de mim, atacando.

Talvez *atacando* fosse um exagero.

Ele deu um passo em minha direção, mas eu estava tão sintonizada com seus movimentos que pulei.

Ele continuou vindo e sua mão foi para o meu estômago. Ele me conduziu até uma parede.

Eu não conseguia respirar.

Todo o meu corpo aqueceu. O aperto não foi doloroso. Era possessivo. Quando bati na parede, ele se aproximou de mim, seu peito tocando meus seios, e me encarou.

Eu olhei de volta.

Todo o meu corpo era um inferno. — O que você está fazendo? — Perguntei com voz rouca.

Seus dedos flexionaram antes de ele soltar um gemido e retirar a mão. Seus olhos escureceram, caindo em minha boca, permanecendo ali. Então lentamente ele se inclinou ainda mais perto. Sua mão se moveu para descansar contra a parede perto da minha cabeça.

— Você é um problema.

Um problema?

Ele era o problema.

Seu clube era o problema.

O problema não era eu, e *foda-se ele.*

A raiva me invadiu e eu me lancei para frente, mas não havia para onde ir. Bati em seu peito. Ele não se mexeu. Era aquela parede de cimento de novo, só que a mão dele saiu da parede e foi para as minhas costas. Tentei recuar, mas ele

me segurou. Sua mão deslizou pelas minhas costas, moldando-me a ele, e minha cabeça se inclinou para trás.

Eu senti cada centímetro dele.

Seu peito.

Seu coração.

Seu estômago.

Minhas pernas se moveram. Uma de suas pernas se moveu entre as minhas e me empurrou contra a parede. Seu corpo se moveu contra o meu. Ele se esfregou contra mim e, caramba, eu o queria.

Eu queria mais disso.

A luxúria surgiu dentro de mim.

A sensação dele se movendo contra mim era tão boa, *tão* boa.

Ofeguei e sua mão foi para minha garganta. Foi um aperto suave, envolvendo o lado da minha cabeça, seu polegar tocando meu queixo. Seus dedos se moveram sobre minha bochecha.

Ele se inclinou lentamente, todo o seu corpo se movendo contra o meu, sua outra perna entre as minhas. Ele me levantou com ele enquanto se endireitava, deixando-me presa no lugar.

Eu estava à sua disposição.

— Você quer isso? — Ele murmurou.

Isso?

O prazer já revestia meu interior. Tudo estava confuso, exceto pela sensação dele.

Minha boca se abriu para responder, e ele começou a se esfregar contra mim, lento e determinado. *Foda-se.* O prazer me invadiu.

Eu não conseguia responder. Apenas me mantive firme.

— Kali. — Ele murmurou meu nome contra minha garganta. Sua respiração enevoou minha pele.

Eu não queria que ele parasse. A pulsação aumentou.

— Preciso saber. Quer isso?

Eu não sabia o que ele queria dizer e não pude responder. Não conseguia falar, mas me movia com ele. Meus quadris se pressionaram contra os dele e passei a mão em suas costas e pescoço. Comecei a acariciá-lo e isso foi o suficiente.

Outro grunhido saiu dele e ele assumiu o controle.

Não havia outra maneira de descrevê-lo.

Sua boca encontrou minha garganta e ele me saboreou. Ele empurrou para cima com tanta força que quase podia senti-lo dentro de mim.

Meu Deus.

Eu queria isso.

Minha mão se moveu entre nós, pegando seu jeans e encontrando o botão de cima.

Mas algo me impediu. Eu já tinha quase parado de pensar, mas em algum lugar no fundo da minha cabeça eu sabia. Eu simplesmente sabia. Se eu desfizesse esse botão, estava acabado. Iríamos até o fim. Então eu me segurei, mas enquanto ele continuava se aproximando de mim, eu estava rapidamente perdendo o interesse naquele instinto que me dizia para parar.

Sua boca subiu pela minha garganta e ele nos afastou da parede.

Uma mão segurava minha perna e a outra estava nas minhas costas. Ele se virou e deu dois passos. Sua mão deslizou pela minha coluna até a parte de trás da minha calça. Ele acariciou minha bunda antes de me deitar na cama. Então ele

se ergueu acima de mim, observando.

A separação parecia um balde de água fria.

Protestei contra, querendo-o de volta. Meu peito subia e descia, e eu não conseguia respirar o suficiente.

Então ouvi o que o impediu.

Um telefone estava tocando.

Eu olhei, ainda atordoada, meu corpo doendo de tanto desejá-lo, mas era meu telefone.

Ele se ajoelhou, colocando as mãos de volta em mim. Ele procurou e sua mão foi para um dos meus bolsos. Ele puxou o telefone e todo o seu rosto ficou rígido. Ele me mostrou a tela antes de clicar em aceitar.

Eu suspirei, levantando. Dizia que Foley estava ligando.

— Por que diabos *você* está ligando para ela? — Ele gritou ao telefone.

13

KALI

Eu estava em outro universo. Essa era a única coisa que fazia sentido quando me deitei na cama, lutando para pensar com clareza novamente e ouvindo Shane King destroçar meu marido. *Não. Ex-marido.*

Shane King.

Eu não conseguia entender isso vindo dele. Que ele estava aqui. Que ele estava na minha vida novamente.

Que ele parecia querer assassinar Foley.

Isso estava me fazendo sentir de uma certa forma, de uma certa maneira.

— Sim, idiota. Você não me conhece. Você não quer me conhecer. Por que você está ligando para ela? O divórcio foi definitivo, não foi? Ela saiu sem nada, seu pedaço de merda. Ela queria se afastar de você tão rápido que saiu sem nada. Pelo que estou pensando, a única razão pela qual você deveria ligar para ela é porque acordou e percebeu o quão injusta aquela merda foi, depois de todas as mulheres que você passou pelas costas dela, e quer consertar alguns de seus erros. É por isso que está ligando?

Uau. Acho que Shane realmente queria matar Foley.

Ele estava ouvindo agora. Pude ouvir o murmúrio da voz de Foley e reconheci o que ele estava sentindo. Ele estava com medo, mas com raiva e em pânico ao mesmo tempo.

Sentei-me sobre os joelhos e levantei a cabeça. Parecia tão pesada. Eu deveria ter me levantado e tirado o telefone de Shane, mas não havia um pingo de preocupação em meu corpo. Eu estava totalmente despreocupada e não podia

negar que era bom ouvir alguém lutar por mim.

Eu estava cansada e havia um peso dentro de mim. Sempre senti isso, mas nesse ano foi mais acentuado. Parecia uma âncora atrás de mim, sempre me puxando para baixo. Tive que me esforçar contra isso. Para continuar. Para continuar lutando. Para continuar perseverando.

Eu estava simplesmente cansada.

Shane olhou em minha direção, e seus olhos eram tão ferozes que me senti cauterizada por eles. Eu estava começando a gostar daquela sensação de queimação que sentia por ele, de estar perto dele, de tocá-lo, dele apenas olhando para mim.

— Você quer saber que direito eu tenho de dizer isso? — Ele exigiu, voltando sua atenção para o telefone. — Sei os nomes de todas as mulheres com quem você traiu Kali. Que tal isso? Eu conheço os homens com quem você se envolveu também. E sim, ela está aqui. Ela está ouvindo. Ela está me deixando falar com você dessa maneira. Pense nisso. — Após uma pausa, acrescentou: — Ela não quer nada com você. Não ligue para ela, a menos que seja para pedir desculpas e oferecer uma reparação pelo que você deve a ela pelo divórcio. Qualquer outro motivo, irei atrás de você.

Ele desligou e jogou o telefone do meu lado na cama. Aterrissou com um baque suave. Seus olhos nunca deixaram os meus e eu não conseguia desviar o olhar dele.

Eu não entendia nada disso, mas percebi que também o estava afetando.

Eu respirei um pouco de ar. Precisava de um momento. Eu precisava que meu cérebro funcionasse mais uma vez.

Por que eu estava... *minha irmã?* Connor. Seu clube. Os lembretes caíram sobre mim com um baque forte.

— Ele liga muito para você? — Shane parecia enojado com esse

pensamento.

— Não. — O que foi o mais engraçado de tudo. Eu odiava Foley, o odiava de verdade, mas ele me ligou depois de três meses de silêncio total e essa foi a recepção dele? Quase senti pena dele. Quase. Na verdade. Eu tive que rir um pouco. — Eu gostaria de estar na sala com ele quando você contou sobre os caras. Ele não sabe que eu sei sobre eles. Apenas acha que eu sei sobre o quarteto dele.

O sorriso de Shane foi suave. — Você quer os nomes?

Comecei a dizer não, mas lembrei-me do que Shane havia dito ao telefone. Todos os nomes. Todas as mulheres. Ele estava certo. Eu tinha saído sem nada porque não queria nada com Foley. Balancei a cabeça. — Sim. Eu acho que sim.

— Bom. — Houve um brilho de aprovação em seus olhos, mas então a atmosfera mudou novamente.

O ex estava excluído. Agora éramos só ele e eu.

— Por que você está aqui, Shane?

Ele não respondeu imediatamente. — É estranho ouvir esse nome. Sou VP ou Ghost.

Balancei minha cabeça. — Não para mim.

— Sim. — Ele não parecia feliz com isso.

— Shane, por que...

— Você não pode ver sua irmã. Ainda não.

Uma onda de irritação me atravessou. — Por que não?

— Porque não sei o que ela ouviu enquanto estava nos seguindo.

Então eu estava certa. — É sobre Connor?

— Somos um clube de 1%. Poderia ser qualquer coisa.

Isso fazia sentido. — Quando posso vê-la?

— Depois que eu souber que ela não tem nada para contar a você.

Ok. Eu tentaria mais uma vez. — E quanto a Con-

— Pare de me perguntar sobre seu irmão. Não posso falar sobre ele. — Sua voz era rude, severa. Uma nota de autoridade soou. — Quem mandou você aqui?

Dei a ele um sorriso. — O quê? Você não acha que minha própria irmã pode ter me ligado?

Ele balançou a cabeça. — Como eu disse, conheço sua irmã. Quem a enviou? Sua mãe?

Estreitei meus olhos. — E se ela fez? Ela me disse que vocês estão espalhando a notícia sobre o bar dela. Você vai rescindir isso?

Ele pareceu considerar. — Talvez eu devesse, se ela está mandando a filha atrás da outra filha. Sua mãe é muito observadora. Se acha que ela te mandou atrás de Claudia por Claudia, você está se enganando. Ela mandou você aqui porque viu como reagi a você naquela noite.

Abri a boca e fechei. — Por que minha mãe faria isso? — Finalmente perguntei.

— Quem conhece com Ruby. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Você quer perguntar a ela? Compartilhar as informações comigo?

Repeti o que ela havia me dito. — Gloves está na prisão. Ela e eu não somos próximas. Claudia era isso para ela. Ela sente falta da filha.

Seu telefone começou a tocar. Ele puxou-o e amaldiçoou. — Eu tenho que atender. — Ele foi em direção à porta. — Não venha para Frisco. Sua irmã se foi. Entrarei em contato quando você puder falar com ela.

E ele foi embora

Fiquei com uma dor dentro de mim e uma onda de fúria ameaçando

preencher o espaço.

* * *

SHANE

Achei que poderia ser Maxwell, depois de saber da chegada de Kali. Não era.

Assim que fiquei fora do alcance da audição, apertei aceitar. — Stripes. — Ele não ligaria a menos que houvesse um motivo. Ele não era assim.

Pude ouvir gritos antes que sua voz chegasse ao telefone. — Precisamos de você de volta.

— O que é?

— Marco Estrada está aqui.

14

SHANE

Mesmo com a recente diminuição do poder de seu cartel, Marco Estrada era um dos homens mais poderosos ao sul da fronteira.

E todo o Red Demon MC ajudou a transportar seus produtos pelos Estados Unidos.

Ele passou por Maxwell para tudo, e eu queria pensar que Stripes tinha se enganado ao telefone há pouco, mas ele não tinha. Isso só poderia significar um punhado de coisas, e nenhuma delas era boa.

Fui até o ponto de encontro, um lugar fora de Callyspo, perto de uma loja abandonada. Ervas daninhas cresciam na calçada, mas em uma das extremidades do terreno havia uma fileira de Red Demons em suas Harleys. Contei todas, exceto a de Machete. Do outro lado do estacionamento havia três SUVs pretos e, quando entrei, a porta traseira do meio se abriu.

Marco Estrada desceu, vestido com um terno de negócios. Alto. Forte. Traços sombrios.

Estacionei ao lado de Stripes e virei as costas apenas uma vez. — Prez ligou?

Tentei ligar para Maxwell no caminho para cá, mas não obtive resposta. A julgar pelo pequeno aceno de cabeça de Stripes, foi a mesma resposta.

Bem, merda. Eu não sabia o que isso significava.

Eu me virei e fiz um levantamento.

Cada um na organização votou para nos retirarmos de uma relação de trabalho com o cartel Estrada. Só não tínhamos feito a mudança ainda. Então Marco estar aqui... eu esperava que não significasse que ele descobriu e estivesse

agindo *antes de o abandoná-lo*.

Um telefone começou a tocar e um dos nossos membros gritou: — É o Heckler.

Ele se aproximou, segurando o telefone.

Eu peguei. — Você ouviu quem está aqui?

Heckler estava com Maxwell. Ele também era o sargento de armas nacional[27], o que significava que estava logo abaixo de mim. — Maxwell está no hospital. Alguém o atacou. Ele está em cirurgia e esperamos que se recupere.

Porra.

Porra!

Droga!

Eu processaria isso mais tarde. Tinha de fazê-lo.

— Estrada ordenou aquele golpe? — Eu me virei, olhando diretamente para ele. — Porque ele está aqui.

— Neste momento, não sabemos. É possível.

— Por que ele estaria esperando que eu terminasse esta ligação, então? Ele já teria feito um movimento.

— Ele pode estar aí para pedir que você assuma o controle dos Red Demons.

Eu não gostei dessa ideia.

— Você quer que eu mande alguns dos meus rapazes? — Ele perguntou. — Vamos manter um grupo aqui para o prez.

Estrada tinha três SUVs, mas isso não significava que não tivesse mais homens aqui. Tínhamos vinte e quatro homens, com Machete atuando como babá de Claudia.

Eu tomei minha decisão. — Espere pela minha ligação.

— Vou esperar, — disse ele antes de desligar.

Devolvi o telefone e comecei a avançar.

— Você nos quer com você? — Stripes perguntou.

Fiz uma breve parada, mas balancei a cabeça sem olhar para ele.

Marco me encontrou no meio do caminho, o que era um bom sinal. Ele estava sozinho - *também* um bom sinal - mas todos os seus homens saíram dos SUVs, com rifles nas mãos.

Ele cumprimentou. — Buenos dias, Ghost.

Balancei a cabeça de volta. — Señor Estrada. Qual é o motivo desta visita?

Um sorriso começou a aparecer antes que ele suavizasse suas feições. — Direto ao ponto. Sempre gostei disso em você.

— Acabaram de me dizer que alguém atirou em nosso presidente[28] e agora você está aqui. Estou me perguntando como você vai me convencer de que isso é uma coincidência.

Um olhar severo brilhou em seus olhos. — Você estava no Exército, nas forças especiais.

— O fato de você me contar sobre mim não me convence de nada.

— Estou avisando que estou ciente de que você poderia me matar aqui mesmo, mas ainda assim, estou aqui. Estou de pé, conversando com você. — Ele estendeu os braços, abrindo o paletó. — Veja, não tenho armas comigo.

— Os rifles atrás de você dizem o contrário.

— Mas estou aqui com você. Fui notificado sobre a tentativa de golpe há pouco tempo. Estávamos na área. Disseram-me que o vice-presidente nacional dos Red Demons estava a duas horas de distância. Vim porque queria garantir a você que não estava por trás do ataque.

— Você estava na área?

Uma vaga sugestão de sorriso cruzou seu rosto. — Gosto do meu relacionamento comercial com o seu MC, mas você não é a única conexão que tenho nos Estados Unidos. Sim. Eu estava visitando a área.

— Por que acha que eu presumiria que você estava por trás do ataque?

Ele moveu a cabeça para trás, avaliando-me. — Sou o único que às vezes duvida das minhas próprias alianças comerciais? Se for assim, devo trabalhar nessa paranoia. Eu assumi. Estava errado?

Eu não sabia o que pensar, mas ele não apontou as armas para os meus homens. Até agora estávamos em paz. Fazer um movimento agora, com ele na minha frente, seria uma decisão estúpida. Eu tinha que agir com cautela, e cautela significava ser educado.

— Señor Estrada, agradeço-lhe pela sua tranquilidade e por reservar um tempo para se deslocar, em vez de fazer um telefonema. É apreciado por mim e pelo resto do clube.

Ele deu um pequeno aceno de cabeça. — Muito obrigado, Señor Ghost.

Senhor Ghost. Isso foi uma viagem, mas foda-se. Eu não poderia fazer nada aqui, exceto desempenhar o meu papel.

Dei um passo para trás e fiz sinal para que o vice-presidente local de Frisco se aproximasse. Ele estava esperando fora da linha Red Demons. Ele se aproximou ao meu sinal.

Ele era um membro mais velho, um pouco grisalho e rude, mas era inteligente.

— Este é Crow. Crow, este é o Señor Marco Estrada. Ele está pronto para uma breve visita. Você acha que poderíamos pedir a ajuda de algumas old ladys para preparar um churrasco?

Eu tinha que dar-lhe apoio. Ele não perdeu o ritmo, estendendo a mão imediatamente para Marco apertar. — Nós com certeza podemos. Minha patroa

enviará o convite. Teremos um grande assado amanhã à noite. Você gosta de carne de porco, Sr. Estrada?

Marco sorriu. — Eu adoro um bom assado.

Ignorei o duplo sentido e assenti. — Está combinado. Você vai passar a noite então, Marco?

— Tenho homens na área. Posso ficar com eles.

— Seus homens se juntarão a nós amanhã à noite?

— Só eu e talvez planeje dez dos meus homens, para a comida. Os demais já terão comido.

Jesus. A porra de um assado com o chefe de um cartel mexicano. Isso já aconteceu antes. Uma visita surpresa de alguém tão poderoso como Marco também já havia acontecido, eu me lembrei. Era sempre um lembrete das ramificações e implicações desta vida, deste mundo em que eu estava. Eu sabia quando me inscrevi para pilotar ao lado de Maxwell enquanto ele levaria os Red Demons para longe.

Crow virou-se para sua motocicleta, mas Marco gritou: — Ghost. Uma palavra.

— Sim?

— Eu já lhe disse por que estou aqui, mas estou me perguntando por que o vice-presidente dos Red Demons também está na área. Já que *seu* presidente está no Texas.

Crow congelou.

Eu ouvi, embora não tenha visto. Seus pés deslizando sobre o cascalho pararam abruptamente. Olhei para trás e ele estava me observando. Balancei a cabeça para ele continuar.

Depois que andou mais alguns metros, respondi.

— Com todo o respeito, Señor Estrada, isso é assunto interno do Red Demon e gostaria que continuasse assim. — Eu não tinha ideia se ele acreditou no que eu disse. Neste ponto, estava começando a não me importar. Mas minha coluna estava coçando e, quando isso acontecia, prestava atenção. Eu só precisava descobrir o que estava fazendo minha coluna coçar.

Assim que seguimos caminhos separados, com um plano elaborado para a chegada de Marco e onde ir para o churrasco, liguei de volta para Heckler.

Eu precisaria de todo e qualquer Red Demons que ele pudesse reunir. Não houve nada de coincidência em Marco Estrada estar aqui. Ele conhecia nossos planos e, como Crow congelou daquele jeito, fiquei pensando se ele também.

Heckler atendeu após o primeiro toque. — Por que ele está aí?

— Ele sabe. — Ignorei o suspiro de Heckler. — Qual é o plano com o Prez?

— Ele está aqui. Temos segurança ao seu redor, mas até que o médico diga que ele pode se mover ou que está livre, ficará aqui. Não sabemos mais nada. Eles não vão nos contar.

— Eu quero você aqui.

— Tem certeza? Max acabou de levar um tiro.

Droga. Eu ainda precisava de tempo para processar isso.

Balancei minha cabeça. — Espere até que ele esteja livre. Estou seguindo em frente acreditando que ele estará bem, porque Maxwell é um idiota teimoso. Se ele for morto, não será dessa forma. Assim que você conseguir a liberação e ele estiver escondido e seguro, venha. Envie metade dos seus homens agora. O chefe do cartel está aqui.

— Eu sei. Os caras estarão na estrada em uma hora. — Ele suspirou. — Eles vão viajar a noite toda.

— Vou atualizar todos aqui. — *Porra*, isso seria uma merda para explicar.

E porra, Kali estava aqui também.

Fiz outra ligação.

Machete atendeu, parecendo sem fôlego. — Sim?

Eu *não* queria saber por que estava sem fôlego ao atender o telefone depois de um toque. — Eu preciso que você volte.

— A irmã já foi embora?

— Não. Marco Estrada está na cidade.

15

KALI

Encontrei Harper e Aly em um bar local que parecia um restaurante moderno. O estacionamento de cascalho estava lotado e havia mesas na frente, nas laterais e atrás. A estrada de cascalho continuava passando por uma linda casa antiga atrás.

Isso era legal. Se os proprietários morassem lá, poderiam simplesmente correr para abrir.

Entrar era uma história diferente.

Havia uma fila na porta da frente.

Eu sabia que elas já estavam dentro do bar, então tentei uma porta lateral. Nada feito. Este lugar tinha seguranças, então recuei, fiz uma ligação e Harper veio me buscar.

— Nós amamos esta cidade, — ela disse com entusiasmo enquanto me guiava até uma mesa de canto. — Oh meu Deus. Tem *tudo.* Pessoas famosas. Reconheci dois jogadores da NFL, e eles estavam dirigindo pela cidade. Carros luxuosos. As *mansões.* OH MEU DEUS! As mansões! Eles têm portões. Você já viu o clube de campo aqui? Um verdadeiro clube de campo, como em The OC[29].

Harper contou tudo o que tinham visto nas duas horas desde que as deixei no hotel. Aparentemente, um cochilo revigorante fez maravilhas, junto com a quantidade de cafeína e açúcar que ambas haviam ingerido. Além disso, elas ainda pensavam que eu ficaria com elas. Elas não sabiam do motel, mas eu explicaria mais tarde, *depois* que Claudia voltasse para casa comigo. Conosco.

Nós nos sentamos e Aly se juntou a nós um segundo depois, alisando a blusa e jogando uma mecha de cabelo por cima do ombro. Ela estava no banheiro.

Ela se inclinou para frente, com as palmas das mãos apoiadas na mesa e os dedos abertos. — Eu estou apaixonada. *Amor.* Estou me mudando para cá. Eu queria um fazendeiro milionário? Esqueça isso. Eu quero um milionário! Preciso encontrar um aqui, vocês não acham? — Um funcionário passou, carregando uma bandeja de copos sujos. Ela o parou. — Ei. Você é um milionário? Você é solteiro?

Ele era alto, com cabelos escuros, atraente. Ele piscou para ela algumas vezes antes de sorrir. — Eu sou Brandon, e puta merda, gostaria de ser um milionário. Talvez para você possamos fingir que sim. — Ele deu uma olhada com um leve olhar malicioso que parecia mais um elogio do que realmente indecente.

Aly corou. — Ah, uau. Eu fiz papel de boba aqui? — Ela olhou para nós. — Acabei de fazer algo que não deveria ter feito?

Olhei por cima do ombro para Brandon, que ainda estava esperando ao lado da nossa mesa. Quando fizemos contato visual, ele me deu uma piscadela e um sorriso e desapareceu na cozinha.

Harper começou a rir, batendo na mesa. — Você acabou de dar em cima do ajudante de garçom, perguntando se ele era milionário. Ele poderia ter dezoito anos.

Aly cruzou os braços e baixou a cabeça sobre a mesa. — Sou uma idiota. Sou a amiga que você não pode revelar em público. É o que eu sou.

Eu fiz uma careta. — Eu não acho que ele tinha dezoito anos. Ele não parecia ter dezoito anos.

— Nenhum deles parece ter dezoito anos aqui. — Harper pegou sua bebida. — Esta é a Califórnia. Dezoito é realmente um código para quarenta e um. Eles parecem ter dezoito anos, mas têm quarenta e um por dentro. O que é ouro para nós. — Ela se virou, levantando a mão para toque aqui com as mãos.

Aly bateu. — Isso aí! Quarenta dentro e dezoito fora!

Algumas pessoas ao nosso redor se viraram para olhar, mas nenhum das minhas amigas percebeu. Foi quando eu soube. Elas estavam bem e verdadeiramente impressionadas. Bom Deus. Elas dirigiram mais de trinta horas na estrada comigo. Elas fizeram isso na esperança de falar comigo sobre meu ex. Na verdade, não tínhamos conversado sobre meu ex, e agora elas estavam aqui, em algum bar/restaurante super legal, paquerando garçons que eu não tinha certeza se eram ajudantes de garçom, e elas fizeram isso porque me amavam.

Eu era verdadeiramente abençoada.

Eu queria chorar, apenas sentada aqui, quando uma cerveja surgiu na minha frente. Não tinha pedido, mas era perfeita. Corona.

Quando olhei para cima, Harper estava sorrindo para mim. Um palpite de quem pediu.

Peguei minha cerveja e disse — Obrigada, — para Harper, que apenas sorriu e acenou.

Tomei um gole. Melhor cerveja de todas.

* * *

Ficamos até fechar.

Aly ainda queria dar em cima do ajudante de garçom, que era bartender. Então nos mudamos para o balcão. E no final da noite, descobrimos que ele era o barman principal. Havia alguns frequentadores regulares sentados perto de nós e era divertido conversar. Um deles contou a Harper sobre um período de sua vida em que ele teve um amante. Ele perguntou se isso o tornava gay, bissexual ou fluid[30]. Ele queria saber as diferenças.

Olhei para o garçom/barman. Um Uber apareceu dez minutos depois e Brandon disse ao cara que Roy estava lá fora, esperando por ele.

Relutantemente, ele desapareceu.

Brandon colocou a quarta cerveja na minha frente. — Temos alguns clientes regulares aqui, mas não se preocupe. Roy pode lidar com eles.

Eu não sabia quem era Roy, mas era a favor de Roy. Vai, Roy.

Inclinei-me para a frente apoiando-me nos cotovelos. — Então, acho que você não é o ajudante de garçom?

Ele me deu um sorriso, servindo uma bebida para um cara grande no final do balcão. — O que lhe deu a primeira pista?

Dei uma olhada. Harper estava meio nos ouvindo e meio prestando atenção em Aly, que estava conversando com o grandalhão esperando por uma cerveja. Ele sorriu e ergueu o queixo.

Concentrei-me novamente no barman. — Apenas me diga que você não é o dono do lugar. Isso vai mortificar minha amiga.

Ele estava servindo, mas teve que parar porque começou a rir muito. Depois de um tempo, ele balançou a cabeça e voltou ao trabalho, terminando a bebida. — Não, mas minha irmã é. Sou proprietário de um terço. Eu administro a seção do bar. Ela comanda todo o resto.

— Oh.

Oh. Meu. Senhor.

Aly ficaria tão envergonhada. *Eu* estava tão envergonhada.

Ele apenas riu e, como não tinha outra bebida para servir, pegou um pano e começou a limpar um copo vazio. Ele se recostou no balcão. — Por que você não me conta sobre vocês? Suponho que sejam de fora da cidade?

Harper entendeu a última parte e fez um som sufocado antes de pegar sua bebida.

Eu a ignorei. — Eu conheço pessoas em Frisco.

Ele parou de secar o copo, seu olhar fixo em mim.

Meu coração disparou. Isso não era um bom sinal.

Afastei minha bebida, sabendo que era hora de parar. — Você conhece alguém de Frisco?

— Alguém que vale a pena conhecer se mudou daquela cidade anos atrás, depois que sua escola pegou fogo. — Ele largou o copo lentamente. — Quem você conhece em Frisco?

Um gosto amargo veio à minha boca. — Não é a avó de alguém, se é isso que você está pensando.

— Saia da cidade.

Meu olhar disparou para o dele.

Seus olhos estavam sérios. — Se você está dizendo que conhece um Red Demon, você precisa ir. *Agora.* Não estou falando com base em rumores. Eu sei. Pessoalmente. Tivemos desentendimentos com eles e são más notícias. Vão. De onde quer que você tenha vindo, volte. Deixe os Red Demons em paz. Não posso enfatizar isso o suficiente.

Bem. Esta visita acabou de dar uma reviravolta.

Eu sabia que ele estava falando a verdade e o que ele estava dizendo estava certo. Ele quis dizer isso. Ele tinha boas intenções, mas não sabia. Eu tinha uma irmã para encontrar, embora não soubesse por quê. Mas eu a encontraria.

Meu telefone se iluminou.

Desconhecido: Onde você está?

Não há necessidade de adivinhar quem era.

Eu: Um lugar chamado Manny's.

Desconhecido: Estou indo atrás de você.

Bem. A má notícia estava chegando para mim.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu celular.

— Filha. Como estão as coisas? Você ainda está na Califórnia? Sabe onde mais poderia viajar? Para ver o seu velho, é isso. E, por velho, estou falando do seu pai. Eu mesmo. Seu verdadeiro pai. Ah, e The Old Gents voltaram a se reunir. Estamos pensando em fazer uma turnê de reunião.

Eu não tinha ideia de como responder a isso.

Alguns dias meu pai poderia me deixar sem palavras. Esta noite era uma dessas noites.

16

KALI

Meu telefone se iluminou novamente vinte minutos depois.

Shane: Estou do lado de fora. Não posso entrar. Você tem que vir até mim.

Fiz uma careta, mas tudo bem então. Minha conta já estava paga, então desci do banquinho.

Aly e Harper não notaram, ambas absortas em suas próprias conversas. Aly estava flertando com Brandon e, bem, Harper também. Tipo. Tive a impressão de que Brandon era hétero, mas ele era legal. Ele aceitava as piscadelas que Harper dava em sua direção.

Voltei pela porta por onde entrei.

A poucos metros de distância estava Shane. Ele estava com sua motocicleta parada e encarando o segurança. Dois outros Red Demons estavam ao lado dele, mas estavam sentados, esperando. Observando.

Pude sentir a tensão assim que saí. Contornei o segurança, que se virou e me olhou com desaprovação.

— Você não precisa ir com eles.

Abri a boca, sem saber o que dizer.

Shane chegou antes de mim. — Ela é minha.

Minha boca se fechou com um estalo. Registrei vagamente os outros Red Demons compartilhando um olhar enquanto Shane virava os olhos em minha direção.

Ele se sentou e estendeu um capacete. — Os planos mudaram. Temos que ir.

Fiz uma careta. — Para minha irmã?

Ele não respondeu, apenas estendeu o capacete.

O segurança estendeu a mão e tocou meu braço.

— Não faça isso, — Shane disse.

Pisquei e congelei.

Ele não moveu um músculo, mas os outros dois, sim. As armas agora apontadas para o segurança, e nenhum dos dois parecia com medo de usá-las.

O segurança ficou rígido, mas disse baixinho: — Isso não vai acontecer.

— Você tem as mãos no que é meu.

Eu corei. Ele disse isso antes, mas que porra é essa?

Quer dizer, eu sabia. Assisti aos programas e a um bom número de documentários sobre o estilo de vida dos motociclistas depois que Gloves me contou que Shane estava lá, mas ouvi-lo dizer isso? QUE MERDA?

Eu puxei meu braço.

O segurança não estava olhando para mim. Ele nem estava olhando para as armas. Ele estava olhando diretamente para Shane. *Ghost.* Ele estava olhando para Ghost.

Senti uma frieza quando ele disse: — Ela não estava agindo como se fosse sua lá dentro.

Eu parei, ouvindo sua insinuação.

Lancei um olhar para ele, mas novamente, ele estava focado apenas em Shane.

Eu me virei, fixando os olhos em Shane também. — Não sei o que está acontecendo aqui, mas isso é mentira.

Shane estava com os olhos fechados, com o queixo contraído. — Pegue o

capacete, Kali.

Eu fiz uma careta. — Minhas amigas são lá dentro-

— Vamos levá-las para casa, — interrompeu o segurança. — Não preciso que você perca mais para esses caras.

Se ele fosse alguém por quem eu me importasse, isso teria doído. Ele não era, então estava começando a me irritar.

Fui para o lado de Shane e peguei o capacete, colocando-o. Shane indicou o assento atrás dele.

Olhei de volta para o segurança. — Você é um idiota. — Então levantei uma perna e subi.

Minha irritação bloqueou o fato de que eu estava andando de moto, e não em qualquer moto. A moto de Shane era o verdadeiro negócio, e havia o fato de que eu estava atrás de Shane.

Shane King.

Shane King.

Imagens nossas passaram pela minha cabeça, no quarto do motel, enquanto ele me prendia contra a parede. Quando ele se aproximou. Quando ele me levantou e começou a se esfregar em mim.

Minha garganta estava seca.

Ele acelerou, e eu me aproximei dele, meus braços firmemente entrelaçados.

Ele era sólido, puro músculo. Ele já havia me chamado de toda *mulher* antes. Ele era todo homem.

Foley era um garoto.

Nunca pensei isso antes. Ele tinha minha altura, meu peso e era um garoto bonito. Branco. Não que a aparência de alguém o torne um garoto versus um homem, mas havia algo em Shane. Algo que Foley não tinha.

Pensei que Foley era bonito quando nos conhecemos. Ele era charmoso, mas havia uma sensação de autenticidade nele – foi por isso que me apaixonei, não por seu charme. Não seu raciocínio rápido ou sorriso fácil. Eu me apaixonei pelo lado dele real, mas agora, andando atrás de Shane e tendo estado em seus braços apenas uma vez, eu sabia que Foley não era nada além de um garoto.

Shane nunca teve tempo para os atletas da escola. Mesmo na idade deles, Shane tinha uma atmosfera de outro mundo. Ele sabia coisas, tinha visto coisas, passado por coisas. Ele ainda estava passando por coisas, e isso fez dele quem ele era. Eu já havia sentido isso naquela época. E Connor não era popular, mas Shane não se importava.

Shane poderia ter sido o idiota popular. Ele escolheu não ser. Ele escolheu ser amigo do meu irmão.

Isso, ali mesmo, deu início a tudo.

Sentada atrás dele agora, eu não estava pensando em Aly ou Harper. Eu não estava sendo a adulta responsável que deveria ser. Eu só queria me esfregar nele durante todo o trajeto até onde quer que estivéssemos indo. Suprimi um arrepio, pressionando minha bochecha contra o ombro de Shane.

Eu o senti olhar para trás. Não me mexi.

Estava escuro e o vento soprava contra nós. Eu podia sentir o cheiro da graxa e do óleo das motocicletas.

Tudo isso era inebriante, de certa forma, libertador. Eu não me sentia livre há muito tempo, talvez nunca.

Mas eu me sentia livre agora e não consegui compreender. Porque agora?

Eu deveria estar preocupada com Aly e Harper. Mas em vez disso estava com Shane, indo para um local desconhecido.

Esta não era eu. Cresci cautelosa – era preciso ser cautelosa neste mundo. Eu cresci inteligente. Trabalhei duro toda a minha vida. Agora aqui, na garupa de

uma moto, eu era outra pessoa.

Cheguei ainda mais perto de Shane, minha frente e as laterais das minhas pernas moldadas contra ele como cola. Se ele tivesse parado e se levantado, meu corpo teria subido junto com ele.

Um arrepio me percorreu.

Shane deve ter sentido pois olhou para trás novamente.

Eu não me movi, apenas respirei fundo e encostei minha cabeça em suas costas.

Ele se inclinou, pegou minhas mãos e as moveu até seu peito. Alisei minhas palmas, meus dedos abertos. Levei uma das mãos até seu estômago e ele apertou minha perna, deixando sua mão repousar ali. Ele a manteve lá durante a maior parte do caminho, deixando-me quando precisava tocar no guidão.

Eu não estava prestando atenção para onde estávamos indo, mas sabia que estávamos deixando a urbanização e indo para outro lugar.

Eu deveria estar com medo, e uma parte de mim estava.

Mas se Shane decidisse pilotar a noite toda, levando-me para algum lugar, uma parte de mim iria querer isso também.

* * *

Parecia longe demais e não o suficiente quando Shane começou a desacelerar.

Durante a última parte da viagem, não havia mais ninguém na estrada. Eu não conhecia bem a Califórnia, mas estava aprendendo que esse estado tinha tudo: rios, oceano, montanhas, florestas, desertos, vales, planícies. Se eu visse um canguru pulando, reagiria, mas não ficaria tão surpresa.

Olhei para cima quando viramos em uma estrada de cascalho e havia três caras lá, armas na mão. Diminuímos a velocidade e, quando viram Shane, acenaram para que passássemos. A partir dali, avançamos mais um quilômetro. Estava escuro, mas eu podia ver uma infinidade de luzes à frente. Quando nos aproximamos, era uma espécie de rancho. Havia motos por toda parte.

Uma grande casa de três andares ficava no centro, com alguns trailers instalados de um lado. Atrás dele havia um celeiro e, além, havia mais celeiros e galpões.

Do outro lado havia um celeiro grande e extenso com cercas ao redor. Ouvi cavalos relinchando e alguns caras saíram para a varanda da frente da casa quando nos aproximamos. Eles acenaram para que passássemos e contornássemos um dos celeiros. Mais caras abriram as grandes portas e entramos.

Eu não sabia o que estava esperando, mas não era isso.

Shane dirigiu até o fim, estacionando bem na frente das portas traseiras. Os dois caras estacionaram atrás dele e ouvi o barulho de mais motores. Mais caras estavam entrando para estacionar.

Alguns vieram cumprimentar Shane antes que ele fosse chamado para conversar com outro grupo de rapazes.

Isso me deixou na moto e, sim, eu não tinha ideia do que fazer.

Esperei, desci da moto e me alonguei.

Foi então que minha sanidade voltou para mim. Eu deixei minhas duas melhores amigas – duas amigas que eram minha família, que fizeram toda essa viagem até aqui para buscar minha irmã. Eu recebi uma mensagem e as deixei para atrás.

Merda, merda, merda.

Peguei meu telefone e vi a primeira de uma série de mensagens.

Aly: hum, olá.

Aly: Brandon – o nome dele é BRANDON – disse que você fugiu com alguns motociclistas. Adivinhando que era Shane?

Aly: Estamos voltando para o hotel. Brandon está nos levando.

Aly: Oficialmente esperando ele terminar de fechar. Eu gosto dele. Ele é gostoso. Mas estou com Scott. Estou sendo estúpida? Ele é um garoto. Brandon não é um garoto.

Aly: Harper perguntou e ELE TEM A NOSSA IDADE! Oficialmente não sou uma puma[31]. Ah. Garota. Onde você está? OK. Colocando um chapéu de amiga responsável aqui, você está segura? Entendo. É Shane. Você conhece Shane. Nós conhecemos Shane, mas ainda assim. Brandon não está feliz por você ter ido com aqueles caras. Ele não sabe que conhecemos Shane. Espere. Ele está me dando uma olhada. Ele está flertando comigo, querida. Flertando. Suspiro. Não me sinto velha esta noite. Isso está errado? Eu deveria me sentir velha, mas ele está fazendo com que eu não me sinta extinta.

Aly: Ok. O universo falou. Royce acabou de me enviar uma foto de Scott em um bar e sua mão está na parte de trás da camisa de Melly. Mensagem recebida, Universo.

Aly: Eu te amo. Esteja em segurança. Entre em contato quando puder. Sabemos que trazer Claudia de volta será uma provação. Estamos bem com isso. Podemos brincar de turistas, mas só entre em contato. Eu me sentiria muito melhor se soubesse onde você está agora.

Harper: Onde você está?

Harper: Os caras estão chateados, disseram que os motociclistas eram perigosos. Disseram que você foi com um deles e que nos ajudariam a voltar para onde precisássemos. Estou sóbria, mas querida, estou fingindo que

estou bêbada. O barman está interessado em Aly. Estou indo com ela. Não estrague meu disfarce.

OK. A bola de tensão aliviou um pouco no meu peito. Elas não estavam muito chateadas.

Continuei percorrendo, lendo-as.

Harper: Brandon parecia pronto para falar sobre os Red Demons, mas depois se calou.

Harper: Ele está nos levando para o hotel.

Harper: Ele gosta de Aly. Eu sei que já disse isso. Posso não estar fingindo estar bêbada.

Harper: Pedi a um amigo para ficar de olho em Scott e deu certo! O pequeno bombeiro foi pego em flagrante. Aly gosta desse cara. Eu tenho um bom pressentimento sobre ele.

Harper: Divulgação completa, estou no quarto de hotel. Sozinha. Aly foi com o Sr. Bonitão Brandon, e você, Kali. Onde você está? Você está segura? Sabemos que está com Shane, mas o cara é assustador. Totalmente consciente de que trazer Claudia de volta será uma aventura completa. Mantenha-nos atualizadas. Ou eu.

Harper: Por que Justin está me mandando uma mensagem dizendo que você entrou em contato com ele?

Oh!

Eu: Estou com Shane. Vou em frente porque não tenho ideia de onde Claudia está, mas ela está com outro motociclista. Vou mantê-las atualizadas. Não fique brava com Justin. Eu te amo. Ele te ama. Aly precisa transar com Brandon.

— Ei.

Guardei meu telefone, enfiando-o no bolso.

Shane havia voltado. Ele se abaixou, tirou uma sacola de um compartimento e me entregou.

Eu peguei. — O que é isso? — Esta era minha bolsa. — Você pegou minha bolsa?

Sua mão chegou ao meu cotovelo. — Fiz uma parada primeiro. Vamos. — Ele pegou minha mão, levando-me para fora do celeiro.

Havia motociclistas por toda parte e muitos deles estavam me observando.

— O que está acontecendo, Shane?

Ele balançou sua cabeça. — Espere um pouco. Vou explicar logo.

Um cara grande apareceu na varanda da frente da casa principal e deu um aceno de cabeça para Shane. — Temos um quarto para você nos fundos, a menos que queira ficar com seus rapazes.

Shane indicou o outro celeiro. — Podemos dormir com eles. Não quero colocar ninguém para fora.

— Não é incômodo, não para o vice-presidente. — O cara me olhou. — Mas podemos colocar você com seus rapazes. Eu faria o mesmo.

Outro cara saiu e ficou ao lado dele. — Rash vai levá-lo ao seu lugar. — Ele disse a Rash: — Talvez mencione à Shelly sobre a convidada do VP?

Rash assentiu. Ele parecia ter quarenta e poucos anos, com uma pele que tinha visto muito sol. Ele parecia um pouco magro, mas tinha uma barriga pequena e, ao descer da varanda, caminhava com passos longos e lentos. Ele tinha cabelos escuros, penteados para trás em um rabo de cavalo. — Esta é sua old lady? — Ele perguntou a Shane.

Fiquei tensa, sabendo o que isso significava e lembrando de como Shane me chamou de *sua* no bar.

— Ela é minha, — Shane disse.

Eu olhei para ele, mas ele apenas sorriu de volta.

Tudo isso era novo para mim.

Vê-lo novamente. A atração por ele. A sensação dele.

Meu quarto de motel.

Deus. Como ele conversou com Foley por mim.

Eu não estava em posição de discutir se eu era dele ou não. E não sabia como me sentia a respeito disso, para ser honesta.

Rash nos levou para o outro celeiro, onde reconheci alguns dos caras de Shane, incluindo Corvette do supermercado, que parou e olhou para mim. Severamente.

Shane notou e gritou: — Olhos afastados.

Corvette virou-se imediatamente.

Um dos outros caras que vinham atrás de nós estava descendo uma escada e apontou o queixo para Shane. — Aqui em cima, VP.

Rash deu um passo para o lado, mas não disse nada. Ele apenas nos observou subir as escadas. Olhei para trás quando chegamos ao segundo andar e vi alguns membros do clube de Shane quase expulsando Rash do celeiro.

O que é isso?

Mas estávamos andando rápido e voltei minha atenção para o próprio celeiro em si. Era um estábulo para cavalos reformado. A parte central tinha sofás em uma extremidade e uma cozinha na outra, com mesas no meio. As baías foram muradas e fechadas com portas. Algumas estavam abertas e vi camas lá dentro. Estávamos no segundo andar de quartos agora, e uma passarela ligava ambos os lados no meio, criando um loft sobre uma grande mesa abaixo. De certa forma, esse lugar era aconchegante e legal. Por outro lado, era assustador também

porque eu só via motociclistas por toda parte.

Não. Espere.

Vi duas mulheres na cozinha. Um estava preparando o café e a outra cozinhando.

O motociclista – eu não sabia o nome dele – nos levou até outro lance de escadas no final. Estas levavam a um terceiro andar que se estendia por metade do celeiro. Era um cômodo gigantesco e, quando subimos e entramos, vi uma varanda particular, afastada da casa principal. Eu só podia imaginar como seria aquela vista pela manhã.

O cara fez um gesto ao redor do lugar. — Parece que você tem seu próprio apartamento aqui. — Seus olhos me encontraram, demorando-se um pouco antes de prosseguir. — Pensei que gostaria de privacidade e... — Ele apontou para o pátio. — Há escadas descendo para uma saída, se precisar.

O cara era jovem – mais jovem que nós – mas seus olhos não eram. Eles eram muito, muito velhos.

Ele tinha cabelo escuro, cortado curto, e era musculoso, mas ainda magro. Ele teria sido bonito se não parecesse tão assombrado.

Shane acenou com a cabeça em direção a ele. — Este é Stripes.

Stripes assentiu, mas não estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Eu sou Kali.

— Prazer em conhecê-la.

Shane olhou ao redor do lugar. — Você está bem aqui? — Ele perguntou.

— Uh…

— Tenho alguns negócios para resolver.

Certo. Então toda a explicação viria mais tarde?

Mas ele não esperou por uma resposta. Stripes já estava saindo e Shane foi

atrás dele.

Ele parou, estendendo a mão para a porta. — Não abra isso para ninguém além de mim ou se eu enviar Stripes por mim. Entendeu?

Fui em direção a ele e, quando ele fechou a porta, agarrei a maçaneta, segurando-a no lugar. Aproximei-me e baixei a voz. — Você quer explicar o que diabos estou fazendo aqui? Ou vai embora até sabe-se lá quando?

Seus olhos endureceram, mas ele soltou um suspiro suave. — Alguma merda deu errado. Você está aqui porque eu quero você perto. Agora, tenho que lidar com essa merda antes que aconteça ainda mais merda por causa disso. Ouça, os caras da minha equipe são bons, mas não conheço os outros caras. Fique aqui. Não conte a ninguém onde você está, pois isso pode fazer com que elas não estejam seguras. Entendeu?

Ele estava falando sério? — Não!

— Bom. — Ele fechou a porta e falou através dela. — Tranque.

Rosnei, mas fiz o que ele disse.

O que agora?

* * *

Apertei o botão de chamada no meu celular.

— Filha! O que você está fazendo? Conseguindo ingressos para o show de reencontro?

Contei-lhe o resumo sem dizer onde estava, e ele ficou quieto depois.

Muito quieto.

Realmente muito quieto.

— Dizer o quê? Você está onde? Você me disse que estava viajando para a

Califórnia, não para ir buscar sua irmã! Porque Ruby disse para você fazer isso. Como é que isso está saindo agora?!

Oh garoto. Esta seria uma longa ligação.

Abri a boca para falar e fechei.

Ele começou de novo.

17

SHANE

Meu pau ainda estava duro daquele passeio.

Andar de moto deixou Kali molhada. Era bom saber disso, mas este era o momento errado para essa compreensão. Ela estava aqui no meio disso e estava chateada. Que mulher não ficaria com a maneira como eu a estava tratando? Eu simplesmente não tinha outra escolha e nada disso poderia ser consertado agora.

Quando saí do celeiro, Roadie estava esperando por mim e acompanhou-me enquanto eu me dirigia para a casa principal. — Machete não está longe, — ele me disse. — Ele mandou uma mensagem. Trinta minutos de distância. O que você quer que façamos com Claudia?

— Eu não quero que você faça nada, exceto deixá-la em paz.

— Certo, mas você sabe, o que você quer que seja *feito* com ela?

Tínhamos uma possível guerra se formando aqui, e Roadie estava me perguntando sobre sua ex, que precisava continuar sendo sua ex pelo bem do nosso clube. Rosnei e me virei, parando-o. — Você precisa colocar isso na sua cabeça. Fique longe de Cláudia. Se não, vou mandá-lo para o Texas. Para o clube, você tem que ser sincero comigo. Você terá problemas com ela daqui para frente?

Seus olhos se arregalaram e seu pomo de adão balançou. Mas então a resignação tomou conta dele. — Não, Ghost. Eu quero ficar com você. Vou ficar longe dela, prometo.

— Se precisar que seu pau seja chupado, encontre outra pessoa. Entendeu?

Ele assentiu, seus olhos passando por cima do meu ombro.

Eu tinha um palpite sobre quem estava lá.

Virando, já sabia que estava certo.

Crow estava de cabeça baixa, mas seus olhos estavam voltados para nós. Ele deve ter saído de casa quando nos aproximamos. — Temos outros problemas que eu deveria saber? — Ele perguntou.

— Não. — Agora tínhamos igreja[32]. — Vamos fazer isso.

Meu telefone tocou – *Heckler ligando.* Mostrei a tela ao Crow.

Ele ergueu o queixo e eu me afastei para atender.

— Quais são as últimas novidades? — Perguntei.

— Não sabemos quem disparou, — anunciou Heckler. — Nós questionamos todos aqui.

— Como está o Prez?

— Ele está mau, Ghost. Você precisa se preparar.

Porra.

— Ninguém está aqui, como ninguém, — acrescentou, baixando a voz. — Entramos em contato com todos os nossos aliados. Entramos em contato com os inimigos e todos dizem a mesma coisa. Se eles soubessem, falariam. E esses são apenas aqueles que podemos encontrar. Estamos arrombando portas. Estamos desalojando todo mundo. Tudo isso foi cronometrado perfeitamente - tinha que ser ou já saberíamos quem acertou Max.

— Ele estava sozinho? Como aconteceu? Vamos repassar novamente.

Da última vez, minha mente estava em outro lugar. Estrada teve precedente. Então pensei em Kali.

— Ninguém estava com ele, — disse Heckler. — Nenhum dos nossos rapazes. Ele foi a uma reunião sozinho e então recebemos uma ligação do hospital. Eu já disse.

— Você não sabe com quem foi o encontro?

— Ele não contou a ninguém e não há nada em seu telefone.

— Com quem ele estava antes? Ele deve ter recebido uma ligação?

— Ele estava com Wraith, mas Chris acabou de dizer que o telefone de Max tocou e ele se afastou para atender. Depois, nada. Eles foram comer e Chris e minha sobrinha foram para casa. Max deveria estar com nossos rapazes, mas não estava. Ele nunca os chamou.

— Ele mentiu para Chris?

— Parece que sim, e eu acredito no Chris. Kess estava lá.

Kess era mulher de Wraith, mas também sobrinha de Heckler.

— Você questionou o hospital?

— Eles estão dizendo que ele foi deixado do lado de fora. Pedimos as imagens de segurança, mas todas as câmeras estavam desligadas. Subornamos os guardas e verificamos nós mesmos, mas é um sistema de merda. Inútil. Uma enfermeira sabia quem ele era. Ela disse à recepção para nos ligar.

— Quem é a enfermeira?

— Ela conhece o nosso mundo. O primo dela está numa das prisões daqui. Ele está relacionado.

— Você pode pedir a ela para perguntar ao primo? Todas as gangues estão juntas lá embaixo. Ele saberia de alguma coisa.

— Vou perguntar, mas ela está nervosa. Não quer nada conosco.

— Precisamos saber.

— Já sabemos. Muitas coincidências.

Ele provavelmente estava certo, mas eu precisava ter certeza. — Não posso declarar guerra ao cartel agora se o atirador não tiver nada a ver com o cartel.

— Nós votamos. Isso iria acontecer de qualquer maneira.

Sim, mas de modo planejado. Não dessa forma. Nós abordamos Gloves porque ele era o único que poderia colocar isso em ação da maneira que queríamos. — O plano foi feito por um motivo, — lembrei Heckler. — Temos irmãos lá dentro para proteger.

— Você tem um plano para lidar com ele?

Olhei para trás. Crow estava esperando na varanda, com alguns de seus rapazes com ele.

— Estamos indo para a igreja agora.

— Entendi, — confirmou Heckler. — Ligue quando você souber. Os caras estão na estrada a noite toda. Eles chegarão no início da tarde.

— Parece bom. Vou avisá-los para se prepararem.

Desligamos e, enquanto eu caminhava em direção a ele, Crow se virou e abriu caminho para sua casa, desceu até o porão e entrou em uma sala tipo adega grande o suficiente para acomodar vinte membros. Os demais ficaram na parte de trás. Peguei um dos assentos no final. Crow ocupou o lugar principal enquanto os demais entravam. Cada membro da hierarquia tinha um assento específico – VP, sargento de armas, secretário, tesoureiro, capitão de estrada[33].

Este era o regulamento de Frisco, sua casa, sua igreja. Então o VP deles iniciaria a reunião.

Crow fez exatamente isso quando as portas foram fechadas. A sala ficou em silêncio e ele assentiu, inclinando-se para frente. Havia um martelo na frente dele.

— Ok. Todos aqui? — Ele perguntou.

Uma rodada de *sim* soou e ele assentiu novamente, olhando para mim. — Este aqui é uma espécie de lugar longe de casa. Está fora dos livros. Não deveríamos estar relacionados a isso. Agora, vocês já ouviram falar do nosso

convidado surpresa e do que aconteceu com o nosso Prez, então vou passar a palavra ao Ghost. Ele está no comando nesse momento.

Todos os olhares se voltaram na minha direção.

Balancei a cabeça. — Como a maioria de vocês provavelmente já ouviu falar, Prez foi baleado ontem. — Contei sobre o que eu sabia sobre isso. — Metade dos nossos rapazes estão vindo. Os outros ficaram para trás para protegê-lo, mas a presença de Estrada aqui justifica uma ameaça que não podemos ignorar.

— E se não for ele? — Perguntou o capitão da estrada de Frisco. — Se houver uma ameaça diferente para o Prez?

— Ele vai se esconder. Eles não farão nenhum movimento até eu voltar. Heckler ficou por esse motivo. Ele o manterá seguro.

Isso pareceu apaziguar os rapazes, e a maioria olhou na direção de Crow.

Ele fez a pergunta. — Qual é o plano?

— Precisamos coletar informações, tanto quanto possível. Quero saber quem Estrada estava visitando aqui perto. Quero saber onde estão os homens dele. Quero saber tudo o que podemos conseguir. Você sabia que ele tem conexões locais?

— De jeito nenhum, mas não é tão surpreendente, — disse Crow. — Eles se movem por Tijuana[34].

Balancei a cabeça. Sim. Esse era o problema.

— Precisamos de um plano para esta noite, — disse Stripes. — Apenas no caso. — Ele estava ao meu lado e falou comigo, não com Crow.

O resto dos nossos rapazes acenaram em concordância.

— Vamos deixar os caras aqui, — eu disse a ele. — O resto virá conosco. Nada de bebidas. O álcool só deve ser servido aos nossos hóspedes. E mantenham suas armas prontas. — Olhei para Stripes. — Quero metade do

nosso pessoal lá fora, vigiando.

Ele assentiu.

Eu me concentrei em Crow. — Você está pensando que o assado será no The Bonfire?

— Sim. Se ele não conhece nossos outros locais, por que apresentar um novo lugar?

— Ele pode nem saber disso, no entanto. E onde estávamos antes? O estacionamento onde o conhecemos? É plano por lá, na maior parte. Poderíamos manter os caras atrás do prédio e fora da cidade.

Crow levantou um ombro. — Faz sentido, mas não vai dar muito trabalho para eles descobrirem sobre The Bonfire. Todos por aqui sabem que é de lá que operamos.

Fiz uma pausa para considerar isso.

Crow estava certo, manter Estrada nas áreas que ele já conhecia ou poderia conhecer facilmente fazia sentido. — Vamos fazer isso no The Bonfire, caso contrário teremos que deixar mais homens para trás para proteger o lugar. Esvazie-o, exceto quem precisa estar lá para desempenhar um papel.

— Ghost.

Olhei para trás e Roadie se inclinou para frente, as sobrancelhas franzidas. — Estamos realmente fazendo isso? Fingindo?

— Votamos e não podemos jogar tudo fora fazendo um movimento quando não sabemos ao certo. Quero que ele jogue a mão dele e então poderemos jogar a nossa. Escolherei os caras que ficarão de guarda. — Eu me virei para Crow. — Seu clube tem algum ex-militar?

Alguns de seus rapazes levantaram as mãos.

Crow fez um gesto para eles. — Dois fuzileiros navais e um Ranger, como

você.

Dei uma olhada em a cada um deles e todos os três olharam fixamente para trás com olhos conhecedores. Eles sabiam por que eu estava pedindo por eles. — Como está nosso estoque?

— Estamos carregados, — disse Crow. — Armas. Fuzis. Nós nos mantemos abastecidos, não importa o que aconteça.

— Você quer compartilhar um pouco disso com meus rapazes? Estávamos viajando, então não estamos tão amarrados.

— Claro.

Em seguida passamos para os detalhes. Os códigos. Os sinais. O plano se as coisas corressem mal, o plano se as coisas corressem bem. Mapeamos todas as opções que pude imaginar. Após uma hora de reunião, ouvimos um par de botas descendo as escadas e alguém bateu na porta antes que ela se abrisse. Um prospecto se inclinou para dentro e me encontrou. — Machete está aqui. Quer saber o que fazer com a garota.

Certo. Claudia.

— Coloque-a em um galpão. Quero falar com ela antes de qualquer coisa.

— Entendi. — Ele desapareceu.

— Importa-se de nos contar sobre essa situação? — Crow perguntou.

Todos sabiam da nossa decisão de deixar de trabalhar com o cartel. Mas nem todos sabiam dos detalhes e não podiam. Levantei-me da mesa. — É delicado, mas tem a ver com a nossa estratégia de saída. Ela e minha mulher estão ligadas a alguém de dentro que está nos ajudando. Não quero que elas saibam de nada, nem mesmo *ouçam* nada. — Olhei ao redor da sala, esperando que cada cara me desse um aceno de cabeça em resposta.

— Meus rapazes sabem calar a boca, — confirmou Crow.

— Bom. Devo ir lidar com essa situação.

— Tudo bem. — Crow se inclinou para frente, pegou o martelo e bateu com ele. — A Igreja está encerrada. Cada um conhece o seu papel.

Stripes se aproximou, baixando a voz. — Você me quer lá?

Balancei a cabeça quando Crow se aproximou. Stripes deu um passo para trás.

Crow olhou entre nós enquanto o resto dos caras saía. Além de se preparar, a maioria precisava dormir antes desta noite. — Pedi à minha old lady para preparar comida, mas não gosto da ideia de ter as mulheres lá.

— Você acha que as outras garotas poderiam servir no lugar delas?

Crow sorriu. — Posso perguntar, mas elas não são exatamente atrizes.

Balancei a cabeça com um sorriso. Isso era verdade. — Basta perguntar a algumas das mais espertas. Mantenha as old ladys aqui.

— E falando em sua mulher, você quer que eu peça a alguma das old ladys que a coloquem sob sua proteção? — Ele adicionou. — Eu mencionei isso para Shelly, irmã de Rash.

Certo. — Ela está no quarto até agora. Espero que fique lá, mas precisará de comida. — Hesitei, mas ele precisava saber. — Sobre a mulher de Machete… bem, espere problemas com ela.

Ele soltou uma risada antes de perceber que eu estava falando sério. Ele ficou sério, seu sorriso desaparecendo. — Certo. Ok. Temos aqui algumas old ladies espertas. Talvez eu compartilhe esse boato também.

Balancei a cabeça. Qualquer aviso seria bom.

Machete entrou e se aproximou enquanto Crow se afastava. — Vou deixar você com isso então.

— Obrigado.

Machete tomou seu lugar, mudando de posição para vê-lo sair, já que o resto da sala já estava vazia. — Isso pareceu produtivo.

Eu grunhi. Gostava de Machete. — Como ela está?

— Irritada. Sabe que ela foi entregue a mim, mas foi junto. Agora ela está ainda mais chateada porque foi levada para um galpão, por ordem sua. O que está acontecendo?

— Não tenho tempo a perder. Preciso saber se ela sabe de alguma coisa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Kali está aqui, — acrescentei. — Elas vão se cruzar.

Suas sobrancelhas se ergueram ainda mais. — Como isso aconteceu?

— Estrada. — Dei uma olhada nele.

Ele o imitou. — Certo. O que você quer que eu faça?

— Por enquanto, olhe para o outro lado porque eu tenho que lidar com sua mulher.

— Ela é *minha* mulher.

Esse era o problema. Era protocolo do clube deixar as mulheres uns dos outros em paz, as old ladies ou as namoradas.

Ele suspirou. — Eu tenho que estar lá. Você sabe disso.

Dei um aceno de cabeça. — Então vamos resolver isso.

Ele gemeu. — Prefiro fazer uma colonoscopia[35] do que fazer o que estamos prestes a fazer.

O mesmo, irmão. O mesmo.

18

KALI

Eu estava bêbada.

Mas sem julgamentos.

Eu estava cercada por motociclistas, não tinha ideia de onde estávamos e não poderia surtar oficialmente com minhas melhores amigas/família porque, se o fizesse, as colocaria em perigo. Acreditei em Shane quando ele disse isso. E agora eu não conseguia dormir. Quem diabos poderia dormir depois desse aviso?

Então sim. Bêbada.

Encontrei a segunda melhor opção quando achei o vinho tinto, e agora eu estava rindo sozinha porque, caramba, *minha* vida estava uma bagunça.

Tipo, seriamente fodida, e o que era pior? Eu sabia que se Shane aparecesse e quisesse um pouco, eu não negaria a ele. Meu Deus. Meus hormônios foram o que me trouxeram aqui.

Ele me mandou uma mensagem para que eu aparecesse, e eu fui.

Eu era uma idiota.

Achei que o que Foley tinha feito comigo foi a pior coisa de todas.

Não.

Não foi o que Shane fez comigo, foi o que ele *poderia* fazer comigo.

Deixar Aly e Harper para trás em um bar, em um estado que não conhecíamos, eu teria dito a ele para ir se foder. E ele provavelmente teria... ah. Oh não.

As risadas me envolveram.

Porque isso é exatamente o que ele teria feito – ou encontrado outra pessoa para transar com ele. Não que eu pudesse culpá-lo... Ele estaria fazendo o que eu disse a ele...

Mas a questão toda é que Foley nunca teve um poder como esse sobre mim.

Nunca. *Nunca*.

Então, uau.

Estou aqui, bêbada, por causa de uma simples mensagem de texto. Mas o que Foley fez comigo?

Eu tinha algumas coisas para contar à Foley.

Shane disse que eu não poderia ligar para pessoas de quem gostava. Primeiro, essa regra nunca se aplicaria ao meu pai, mas eu estava bêbada.

Então liguei para Foley.

* * *

Ele não respondeu, o que foi uma decisão sábia da sua parte. Em vez disso, mandei uma mensagem.

Os textos eram longos e negativos.

Eu não queria falar sobre eles. A energia veio de um lugar sombrio, mas me sentia melhor quando terminei.

Tenho certeza de que o chamei de verme e pesquisei no Google quantas espécies diferentes de vermes existiam, e então o chamei de tantas espécies que pude. Perto de cem tive que parar. Mandei uma mensagem para meu pai dizendo que há um milhão de espécies diferentes de vermes.

Ele respondeu perguntando por que eu estava contando isso a ele.

Eu estava bêbada demais para responder, então fui para a cama.

Eu dormi muito bem.

19

SHANE

O galpão era um prédio em ruínas com um pouco de palha no chão, mas principalmente terra. Claudia estava na outra extremidade, com os pés afastados, os braços cruzados sobre o peito e um olhar direcionado para Machete e para mim. Alguns de nossos rapazes estavam do lado de fora, aqueles em quem confiávamos para afastar aqueles em quem *não* confiávamos. Provavelmente ela os tinha visto. As tábuas que compunham a parede não estavam alinhadas de maneira uniforme. Havia rachaduras e alguns buracos, e você podia ouvir e ver bastante se prestasse atenção.

— Você quer explicar do que se trata? — Ela disse.

Aquela expressão no rosto dela, nos olhos dela - eu não tinha percebido que *todas* as garotas da família de Connor eram muito inteligentes. Cada uma delas.

Olhei para Machete. — Ela é sua old lady?

Ele piscou lentamente e se virou para olhar para ela. Então ele suspirou e começou a avançar. — Eu acho que sim.

Eu quase ri. Um endosso bastante sonoro. Isso falou muito.

Afastei-me, esperando para ver como ele lidaria com isso. Evidentemente, ela era dele, então ele ocuparia o primeiro lugar neste interrogatório, e era isso que estava prestes a se tornar.

— Claude, — Machete começou em um tom baixo, e parou no meio do caminho entre ela e eu. — Estamos em uma situação aqui.

Fiquei surpreso ao ver como ela se suavizou quando Machete falou.

Ela manteve os braços cruzados sobre o peito. — Estou vendo isso,

considerando que saímos, transamos um monte e agora estamos de volta, mas onde diabos estamos? — Ela olhou através da parede do galpão para os caras se movimentando na frente. — Roadie me disse que estávamos aqui para festejar. Não estou sentindo o clima de festa por aí. — Ela ergueu o queixo, levantando a voz também. — Eu não sou estúpida, Ghost. Lembro de você, lembro de como gostava da minha irmã na escola. Eu vi como você reagiu a ela. Fique longe de Kali. Ela é boa demais para você.

Eu concordei, mas dei um passo à frente. Ela me trouxe para isso.

Machete também sabia disso, recuando enquanto eu assumia a liderança.

— Sua irmã está aqui, — informei a ela.

A surpresa brilhou nos olhos de Claudia antes que ela o fizesse, mas ela deu um passo para trás, com os ombros tensos. — Ela está aqui por minha causa?

— Ela estava, mas agora está aqui por motivos diferentes. Estamos em uma situação. Você tem nos seguido desde Friendly. Estava andando por aí, quase poderia ter sido um vagabundo se fosse um cara. Você não é uma *sweet butts*[36]. Você também não é uma namorada. Então, como eu disse, estamos em uma situação difícil.

Seus olhos ficaram marejados, mas ela não se moveu. Sua voz saiu baixa. — Qual é a situação?

Eu suspirei porque *dane-se isso*. Claudia era esperta e eu estava exausto e tinha mais duas batalhas me esperando. Kali. Estrada. Não tinha tempo de fazer isso da maneira correta, mas também não podia fazer dessa maneira. Eu não poderia abrir as cartas e esperar que Claudia fizesse a coisa certa. Ela não faria. Essa é apenas a mulher que ela era. Ela mantinha suas cartas perto do peito, o tempo todo, não importando quem essas cartas pudessem machucar. Ela não se importava. Nunca se importou.

— Eu não confio em você, nem um pouco, — informei a ela. — Mas você

está aqui para sua segurança, e sua irmã está aqui para a segurança dela também. Você passou muito tempo no clube antes de chegarmos aqui e Machete a levar, então não tenho a menor ideia do que ouviu. Você sabe quem somos, o que podemos fazer, estou em maus lençóis aqui. Não quero que sussurre nada para sua irmã.

Dei uma olhada em Machete. Como se pudesse sentir minha pergunta, ele me deu um aceno de cabeça.

Nós dois nos viramos e nos concentramos em Claudia.

Droga. Eu tive que fazer isso, então avancei.

Machete se conteve.

Claudia era sua mulher, mas isso era para o clube e para minha mulher também.

Os braços de Claudia caíram e ela se virou para o lado, tentando se afastar de mim.

— Não faça isso! Não, Claude. Ela não, — gritou Machete.

Ela parou, um olhar de cervo sob os faróis veio sobre ela ao comando de Machete, e seus olhos voltaram para mim. Ela se manteve firme, seu rosto se tornando uma tela em branco, mas vi um tremor sob seu queixo.

Continuei me movendo, apoiando-a até que ela estivesse contra a parede. Invadi o espaço dela, mas não a toquei. Inclinei-me sobre ela e me movi, bloqueando completamente a visão de seu homem.

— Isso é entre você e eu. — Mantive minha voz baixa.

— Afaste-se ou vou estragar as coisas entre você e minha irmã, — ela sibilou.

— Sim. Isso também faz parte.

Ela ergueu o queixo, mas o tremor ainda estava lá.

— Normalmente eu amarraria você a uma cadeira, — falei. — Eu conectaria você a um detector de mentiras e a interrogaria dessa maneira. Essa seria a maneira humana de fazer. Ou se eu estivesse chateado, talvez a atacaria com uma faca. Eu cortaria todas as pequenas curvas e apêndices bonitos que você tem, como seus cílios. Suas unhas. Eu arrancaria um terço do seu cabelo. Pequenos cortes aqui e ali para fazer você se contorcer, e se você continuasse a lutar, passaria para seus apêndices. Não temos tempo para isso, então vou contar algumas coisas. Primeiro, se você nos denunciar, estará morta. Machete fará isso. Segundo, se você disser alguma coisa à sua irmã para virá-la contra mim, você morrerá de uma forma lenta e agonizante, e serei eu quem fará isso. Terceiro, você fode com seu homem agora mesmo, volta com Roadie ou algum outro motociclista aqui, eu vou te estripar e te deixar no deserto. Estas não são ameaças ou ultimatos. São promessas. Você está no meu radar. Não estamos no ensino médio. Não estamos em Friendly, Indiana. Se você foder tudo aqui, a vida é sua. A maneira como você vai se dar mal depende de você. Está me entendendo?

Ela olhou para mim, sem desviar o olhar. Nem por um segundo. Não houve recuo. Não havia nada, mas eu tinha chegado até ela.

— Se você tocar na minha irmã, destruirei você, — disse ela.

— Tarde demais para isso. — Saí, passando por Machete. — Ela é toda sua.

20

KALI

Quando olhei para cima, o quarto estava menos escuro. Eram seis da manhã. Eu estava na cama, pois decidi que essa era a melhor opção. Não sabia no que teria me metido se tivesse saído do quarto e não queria pegar o telefone. Ficar bêbada ao telefone nunca era bom.

Mas enfim! Troquei a fronha por uma de seda extra na minha bolsa.

Além disso, eu ainda estava bêbada.

Estendi a mão, meu cobertor ainda estava no lugar. Eu não tinha colocado minhas roupas de dormir habituais porque não conhecia esse lugar. Eu não sabia o que iria acontecer. A ansiedade girou em meu estômago.

Onde está Shane?

A descarga de um vaso sanitário soou e então ouvi passos. Grandes e pesados.

Acho que eu sabia o que ou quem tinha me acordado. Quando realmente fui para a cama? Talvez às quatro?

Ouvi a porta do banheiro abrir e procurei a porta do quarto.

Depois de um momento ela se abriu e tudo ainda estava escuro. Eles deviam ter cortinas blackout. Shane entrou.

Foi quando me dei conta e me levantei. — Ah, não, você não.

A temperatura do meu corpo aumentou enquanto meus olhos viajavam pelos músculos que se moviam sob sua pele tatuada. Todos os músculos. Pensei que o homem era magro. Eu estava errada. Lembrei de estar sentada atrás dele em sua motocicleta, meu corpo colado ao dele, minhas coxas abraçando as dele, e engoli

em seco. Ele não era magro. Ele era todo músculos, puro músculo.

Todo homem. Santo, *todo* homem.

Eu estava velha demais para me sentir assim. Não sabia que ainda tinha isso em mim. Eu me sentia excitada e incomodada como... eu não sabia, porque esse não era o tipo de sentimento de uma colegial. Era muito mais – muito, *muito* mais. Acho que Foley não tinha me destruído totalmente.

— Não o quê? — Shane murmurou. Ouvi sua exaustão, mas havia outras emoções também. Tensão? Cautela?

— Você não pode dormir aqui.

— Besteira. Não vou dormir em nenhum outro lugar. — Ele foi para o lado da cama.

Ao ouvir sua determinação, decidi escolher minhas batalhas. Esta não era uma delas. Agarrando meu travesseiro, sentei-me para sair quando ele se deitou na cama, mas ele passou um braço em volta da minha cintura e me puxou para trás.

— Não.

— O quê? — Fiquei tensa.

Ele me puxou para mais perto dele. — Não.

— Saia de cima de mim.

Seu braço deslizou para baixo.

Meus olhos se arregalaram. — Muito bem. Você quer dormir na cama, eu vou para lá.

— Não.

Então ele me colocou debaixo dele e abaixou a cabeça na curva do meu ombro. Foi um aconchego bem firme.

Eu não tinha ideia de como digerir isso. — Shane.

— Estou cansado.

— Você não está me ouvindo. — Cutuquei seu braço.

Ele bufou em meu pescoço. — Você não está me sentindo, querida.

Sentindo?

— O que-

Ele pressionou seus quadris contra mim por trás.

Eu o senti agora. Temperaturas instantâneas de sauna aqui dentro. Instantâneas. Quase gemi, porque agora estava me lembrando da moto e de como queria tocá-lo naquele momento. Isso estava começando a parecer a coisa mais difícil que eu já fiz, porque precisava resistir a ele. Ele tinha muito controle sobre mim e tudo estava acontecendo rápido demais.

— Shane! — Cravei minhas unhas em seu braço, na esperança de arrancá-lo, mas ele simplesmente me ignorou. Eu tinha certeza que tinha arrancado a pele também. — Ei.

— Não sabia que você gostava disso, mas podemos brincar. Estou bem com isso.

Tudo bem... tirei seu braço de cima de mim e me sentei. Não me movi para sair da cama. Eu sabia onde iria parar se fizesse isso, mas olhei para ele, tentando repreendê-lo, mas sem saber totalmente por quê. — Isso-

Ele nos virou, então eu fiquei de costas e ele pairou acima de mim. Sua mão deslizou ao redor do meu pescoço e me segurou ali, na palma da mão. — As coisas aceleraram conosco em seu quarto de motel. Normalmente... — Ele parou, balançando a cabeça. — Não há *normalmente* sobre isso. Tentei me afastar de você no supermercado e não consegui. As coisas mudaram e acho que temos um padrão aqui. Não existe normal para você e eu, e *querida*, existe você e eu.

Abri a boca para discutir, mas fechei-a quando ele baixou os quadris e me tocou. Senti o que havia entre nós e lutei para não me contorcer, querendo empurrá-lo. *Droga.* Isso foi bom. Tão bom.

Todos os receptores nervosos que eu tinha estavam *excitados.* Eu não tinha ideia de como lidar com nada disso, mas enquanto isso, Shane ficou quieto, com uma das sobrancelhas levantada.

Ele sorriu. — Você pode achar que não está se movendo, mas, querida, você está. — Ele empurrou contra mim novamente e soltei um gemido alto, fechando os olhos.

Que droga. *Droga!*

— Sim. — Sua palavra saiu como um sussurro, e eu o senti abaixar a cabeça, seu nariz tocando a lateral da minha bochecha. — Eu quero muito você, mas preciso dormir e estou ciente de que você precisa de algum tipo de explicação. Por enquanto, pelas próximas horas, podemos ignorar o que ambos queremos fazer um ao outro e dormir?

Abri meus olhos. Dormir com ele? Eu não sabia se conseguiria. — Acho que ainda posso estar bêbada.

Ele soltou uma risada, movendo-se para deitar ao meu lado novamente, ainda me abraçando. — Imaginei. Vi a garrafa de vinho no balcão – vi que também estava vazia.

Algo naquela afirmação me deixou envergonhada, mas seu braço passou por cima de mim e ele pousou a mão em meu quadril. Ele me puxou contra ele mais uma vez, uma de suas pernas deslizando entre as minhas, e a moveu para cima, pressionando ali mesmo, exatamente onde eu poderia montá-lo até o meu clímax.

— Não sei como lidar com isso, — eu disse a ele. — É muito rápido. Sou cautelosa e cuidadosa.

— Eu também estou ciente disso. — Ele se aproximou e beijou minha bochecha, deslizando até minha garganta, e eu rapidamente não consegui pensar mais.

Sua mão deslizou para minha barriga, pressionando, segurando-me ali.

Sua perna se moveu para cima, apertando-me.

Sufoquei um gemido porque tudo parecia tão bom.

Sua boca voltou, provando-me até chegar à minha boca. Então ele se levantou, só um pouquinho. Eu podia respirar o ar dele quando disse: — Que tal agora, esta manhã, você não ser cautelosa e cuidadosa? — Ele me beijou suavemente enquanto sua mão deslizava para baixo, para dentro da minha calcinha, e passou um dedo entre meu clitóris. — Qual é a sensação?

Eu não consegui responder porque enquanto ele me circulava, esfregando o polegar sobre meu clitóris, ele deslizou para dentro. Todo o caminho para dentro, e ele foi fundo.

Soltei um gemido, meus olhos fechados. Envolvi minha mão em seu pulso enquanto ele movia o dedo para dentro e para fora de mim. Eu não o impedi. Oh não. Comecei a guiá-lo, controlando o ritmo, a velocidade, e quando queria ele fundo, eu o empurrava profundamente.

Ele deixou, seguindo todos os meus movimentos, mas percebi que não precisava de orientação.

Abrindo os olhos, encontrei-o exatamente onde estava antes, com os olhos fixos nos meus. Ele sorriu para mim.

Amaldiçoei, e sua boca desceu e cobriu a minha.

Apenas uma outra vez fui beijada assim.

Era como se ele me conhecesse de dentro para fora, minha boca, meu corpo. Ele sabia exatamente como comandar meu prazer, e eu estava impotente, exceto para recebê-lo. Ele moveu dois dedos em mim, acariciando profundamente e

com força, depois gentilmente, penetrando para dentro de mim.

— Jesus, — ele respirou quando senti seu corpo estremecer. Então sua boca desapareceu de mim.

— O que-

Ele empurrou os lençóis e arrancou meu short e calcinha. Sua boca substituiu o polegar.

Oh.

Minha.

Nooooosaa.

Eu estava desmoronando, meu corpo inteiro se curvando com aquele toque.

Ele me fodeu e sua língua me penetrou. Seus dedos foram retirados e sua língua enfiada.

Tão rápido. Muito rápido.

Eu não estava acostumada com isso, mas não podia fazer nada. O prazer estava quase me atacando, vindo até mim de uma só vez, e eu segurei sua cabeça, mantendo-o firme entre minhas pernas, onde ele me fodia, com prazer.

Então, com um rugido, ele voltou para cima, sua boca encontrando a minha, e enfiou três dedos profundamente em mim. Quase desmaiei com a força que ele empurrou, mas ele continuou empurrando.

Eu não consegui segurar - um grito começou a construir e ele reagiu, e seu polegar se moveu no meu clitóris.

Gozei com uma força impossível. Os tremores me atravessaram, destruindo-me.

Shane gemeu e moveu meu corpo, virando-me de lado e colocando a mão na minha bunda.

— O que-

— Não vou fazer nada aí, ainda não, — ele murmurou contra minha boca. Sua mão alisou minha bunda, segurando firmemente enquanto ele empurrava seus dedos em mim novamente, uma última vez e ele me segurou enquanto meu corpo tremia.

Ele ainda estava firme atrás de mim, e recuei, rolando meus quadris contra ele. — Você-

Ele me interrompeu, sua boca encontrando a minha. O longo beijo foi quase doce no final. Ele levantou a cabeça. — Eu preciso dormir mais do que qualquer outra coisa agora. Você vai ficar comigo?

Achei que não conseguiria me mover naquele momento. Meus ossos haviam derretido. Balancei a cabeça.

Ele fechou os olhos, encostou a testa no meu ombro e se acomodou, abraçando-me.

Achei que não conseguiria dormir, mas depois de um tempo, ouvir sua respiração longa e profunda me relaxou e...

* * *

Batida! Batida!

Shane amaldiçoou, mas estava de pé e fora da cama antes que a batida soasse novamente. Ele abriu a porta e ouvi uma conversa abafada antes de fechá-la novamente. Sentei-me quando ele não voltou para a cama.

O relógio marcava quase uma da tarde e um barulho de motores soou lá fora.

Pulei da cama, indo até a janela, e pude ver uma longa fila de Harleys descendo a entrada da garagem, circulando e estacionando em frente à casa.

Um vaso sanitário deu descarga. Ouvi água correndo e então a porta se abriu

novamente.

— Fazem parte do clube, — Shane disse, olhando para a janela.

Soltei a persiana da janela, virando-me para ele. — Achei que você já tivesse parte de seu pessoal aqui.

— Só uma parte. — Ele se abaixou, pegando suas roupas. Vasculhando-as, separou alguns itens e pegou uma sacola que eu não tinha visto ontem. Ele pegou algumas roupas novas e se vestiu, uma camisa branca por baixo do colete. Os mesmos jeans de ontem. Ele havia deixado as botas na porta.

— O que está acontecendo hoje?

Quando ele olhou para mim, fiquei surpresa ao ver como ele parecia muito mais cauteloso hoje do que ontem. Seu queixo contraído.

Eu o segui até a mesa e vesti meu short de dormir. Eu não tinha sutiã, mas já tínhamos passado disso. Encostei-me no batente da porta enquanto ele examinava suas armas.

Armas. Em cima da mesa.

Como isso era uma coisa normal?

Ele agia como se fosse uma ocorrência diária. Em vez de escolher que tipo de ovos queria no café da manhã, ele escolhia que tipo de arma levar – ah, deixa para lá. Ele estava levando todos elas.

Depois de verificar a munição, ele começou a colocar as armas nos coldres em cima dele. Seu colete foi a última coisa que ele pegou. Ele o colocou ao lado de suas armas na mesa.

Outro lembrete de nossas diferenças. Minha boca ressecou.

Pisquei algumas vezes, mas a imagem de Shane em toda a sua glória de motociclista não seria algo que eu esqueceria. Mordi meu lábio inferior. Eu não sabia se gostava desse visual ou não. Ou se eu *realmente* gostava.

Mas o medo era real. As armas eram reais.

Decidi naquele momento. Eu não gostava disso. Nem um pouco.

— Shane.

Ele fez uma pausa, levantando os olhos do telefone agora.

Encontrei seus olhos. — Eu esperei. O que está acontecendo?

Ele assentiu, como se estivesse tomando uma decisão. — Eu não posso te contar tudo. Simplesmente não posso. Mas trabalhamos com alguns homens poderosos e perigosos. Um desses caras veio à cidade e esta noite temos que ir vê-lo. Todos estão aqui para mantê-la segura. Foi por isso que trouxe você. Não queria arriscar que alguém descobrisse sobre você e que não fosse protegida. Sei que o que estou dizendo é assustador, mas agora preciso que fique onde está. Não conte a ninguém onde está. Entendeu?

Fiquei tensa, mas continuei me lembrando de como ele me segurou esta manhã. Por alguma razão, abriu caminho para o primeiro plano. Eu também não sabia o que pensar sobre isso.

Balancei a cabeça. — Posso sair deste quarto? Eu preciso de café.

Ele abriu um sorriso. — Sim. Diga que você é minha se alguém lhe causar problemas. Haverá algumas old ladys aqui também. Acho que pediram para elas cuidarem de você.

Old lady. Tive um momento, porque aquele termo não era mais apenas uma palavra de um documentário. Era real, vivo e na minha cara. Este era o mundo dos motociclistas.

Ele se aproximou, com a mão no meu quadril, e se inclinou. Seus lábios encontraram os meus em um toque suave. Arrepios se espalharam por mim, e mordi meu lábio quando ele se endireitou.

Ele tocou meu lábio com o dedo. — Eu voltarei. Mantenha seu telefone com você. Entrarei em contato.

Balancei a cabeça e então ele se foi.

Deslizei para o chão, exatamente onde estava, e me inclinei para frente, segurando a cabeça entre as mãos.

Em que eu havia me metido?

* * *

Comecei a ligar para meu pai, mas não.

Eu não conseguia. Simplesmente não conseguia.

Eu não queria saber o ponto de vista dele sobre uma old lady.

21

SHANE

O resto dos caras estava posicionado. Crow não estava muito feliz por estar em menor número, mas também sabia que não poderia dizer nada sobre isso. Ainda assim, eu estava chamando sua atenção cada vez mais. A suspeita estava aumentando e logo haveria uma conversa sobre o assunto. Eu podia sentir isso, como uma coceira irritante.

Eu entendia sua perspectiva. Esta era sua jurisdição, a sua área, e estávamos movendo firmemente.

— Ghost.

Eu estava sorrindo antes mesmo de me virar, porque, *caramba,* eu tinha sentido falta desse homem.

Meu irmão. Meu melhor amigo. Meu parceiro em tantas situações complicadas. Boise era seu nome de motociclista, e ele era minha outra metade – tanto quanto eu tinha uma neste momento. Nós o chamávamos de Boise por causa de uma conversa simples que tivemos uma vez.

De onde você é? Boise.

Qual o seu nome? Boise.

Você dirige? Boise.

Então o nome do motociclista dele era Boise. Uma vez ele disse que era Shoshone[37], mas não falava muito sobre sua família tribal. Eu respeitei isso, e uma vez que se tornou um Red Demon, ele se tornou meu braço direito. Era estranho estar aqui sem ele, então, ao vê-lo vindo em minha direção, o longo cabelo escuro balançando ao vento, eu apenas balancei a cabeça e não consegui

conter o sorriso.

— Já faz muito tempo.

Ele me abraçou com força e passei meus braços em volta dele. Nada daquela besteira masculina aqui; estávamos nos abraçando forte e batendo nas costas um do outro.

Eu o abracei na parte de trás de sua cabeça. — Senti sua falta.

Ele me abraçou forte uma última vez. — Eu também, irmão. Eu também.

Ele deu um passo para trás e nós rimos, abraçados um ao outro por um momento antes de nos separarmos completamente.

— Achei que você ficaria com o Prez, — eu disse.

Seu rosto se contraiu e ele quase bufou. — Ouvi dizer que Estrada está aqui e você acha que vou ficar para proteger um homem doente? Você é maluco.

— Sim. Talvez. — Mesmo assim, o clube vinha em primeiro lugar. Boise levava isso a sério, então ele escolher o meu lado em vez do de Max dizia muito.

— Disseram-me que você tem uma mulher? — Ele ergueu uma sobrancelha.

Agora eu bufei. — Essa é uma batalha para outro dia.

Ele riu e Crow veio em nossa direção. Todos os outros caras estavam em suas motos ou se aproximando delas.

— Você ainda está bem com o plano? — Crow me perguntou.

Inclinei minha cabeça em direção a Boise. — Vou adicionar os novos caras ao redor do perímetro. Eles sabem o que fazer, mas manteremos alguns aqui para proteger as mulheres e crianças.

Crow assentiu, dando uma olhada em Boise.

Já houve apresentações. Crow foi quem cumprimentou os rapazes quando chegaram, mas ele estava vendo uma nova dinâmica aqui. Eu entendi.

— Quando chegarmos, preciso saber o motivo pelo qual você está aqui — Crow falou.

Senti Boise tenso. Eu fiquei também. Sabia que estava por vir. Só veio mais rápido do que eu pensava.

— Seu presidente entrou em contato com Max, — eu disse a ele. — Ele está na prisão por um longo período e queria que estivéssemos aqui para ajudar a posicionar vocês para uma nova liderança. Disse que você estava tendo problemas com alguns caras.

Crow assentiu porque sabia disso. Ele foi informado. É por isso que nossa viagem até aqui não foi uma surpresa, mas não era a única razão, e ele já deve ter percebido. Seus olhos se moviam entre Boise e eu.

— Isso é verdade, — disse ele. — A presença de vocês aqui resolveu algumas coisas, mas estou pensando que talvez precisemos ter outra conversa depois desta noite.

Pedi a Max por três meses. Eu queria abrir caminho com calma, não chutar pedras que tivessem cobras embaixo. Mas com a presença de Estrada e os novos caras do nosso charter[38] chegando, não tive muita escolha.

— Recebi uma ligação, — acrescentou ele depois de um momento. — A comida está pronta. Algumas das bundas gostosas ficaram para trás para brincar de namoradas de mentira. Estamos prontos para ir.

Balancei a cabeça e, como era o membro mais graduado aqui, eu os liderei.

Crow veio em seguida, bem ao meu lado. Intercalamos meus rapazes e os dele para que andassem ao lado dos novos, mas no final das contas éramos todos irmãos.

As mulheres saíram para nos ver partir. Vi Kali pela janela enquanto descíamos a garagem.

Esta parte era sagrada.

Éramos nós, nossas motos e a estrada aberta – nada nos separando da natureza. O vento. O sol.

Éramos livres.

22

KALI

Ver toda a fila de motos partir era outro lembrete de que este era um mundo *totalmente* diferente, uma cultura diferente. Mas eu ainda era eu e precisava de comida. Ou, mais importante, eu precisava de café.

Então iria atrás.

Eu me vesti, mantendo a simplicidade, com as mesmas roupas que eu estava usando ontem. Prendi meu cabelo em uma trança grossa e achei que precisaria de alguma adaptabilidade para seguir em frente. Não importa. Eu poderia fazer isso. Tenho feito durante toda a minha vida.

O celeiro estava quase vazio. Havia alguns caras no andar principal. Todos me observaram, mas nenhum se moveu para vir em minha direção. Pude ver algumas mulheres nos fundos, perto da cozinha.

Eu acho que é onde vou para comer? Ou é na casa principal?

Quando me aproximei, a mulher mais velha olhou para trás enquanto lavava uma panela. — Você é Kali?

Balancei a cabeça. — Você é Shelly?

Ela sorriu e largou a panela. Depois de secar as mãos, estendeu uma para mim. — Sou irmã de Rash, não a old lady dele, caso você tenha ouvido falar diferente.

Apertamos as mãos. O dela foi um aperto firme.

Ela era magra, mas eu podia ver que ela era magra e musculosa. Ela tinha um rosto magro – não era bonito, mas não era feio. Impressionante. Maçãs do rosto altas. Um queixo fino e lábios minúsculos. Cabelo liso e loiro escuro, preso em

uma trança frouxa. Vários fios haviam caído, mas ela apenas os penteou para trás, prendendo-os atrás da orelha. Observei as roupas dela também, agora me sentindo um tanto vestida demais. A outra mulher estava vestida da mesma maneira.

Ambas usavam regatas pretas de motociclista que desciam, mostrando muito decote, e jeans justos com botas grossas e funcionais - e não do tipo prostituta.

Eu acho que ela estava na casa dos quarenta. Talvez. Ela parecia mais velha, e isso não era de forma desrespeitosa. Ela tinha olhos envelhecidos.

— Disseram-me para cuidar de você, — disse ela. — Vocês chegaram tarde ontem à noite. Esta é a primeira vez que você se aventura por aí?

Eu quase ri. — É tão óbvio?

— Mãe. — A versão mais jovem dela estendeu outro pote, uma toalha jogada por cima do ombro. — Esse é o último.

— Ok. — Shelly pegou a panela e fez um gesto com a cabeça para a filha. — Esta é minha, Katie. — Ela me deu um aceno de cabeça. — Katie, ela é do VP. Mostre algum respeito.

Os olhos de Katie se arregalaram e ela se levantou, nervosa. Alisando as mãos pela calça jeans, ela se aproximou, dando-me uma rápida inclinação de cabeça. — Oi. Desculpe. Eu não sabia. Há muitas...

— Há muitas mulheres por aqui, especialmente em momentos como este. — Shelly assumiu, falando pela filha. Ela sorriu e acenou com a cabeça para mandá-la embora. — Eu assumo daqui. Para onde você vai agora?

— Uh... — Katie olhou entre nós antes de se virar para sua mãe. — Há uma festa na casa de Jared hoje à noite. Será que eu não poderia ir?

— Você conhece o acordo. Ficamos aqui até sabermos que tudo está feito e resolvido.

Katie olhou em minha direção novamente. — Ok. Estou indo para o meu

quarto. Você precisa de ajuda com o jantar?

— Não. Temos ajuda mais que suficiente por aqui. Se você pensa em sair, vou mandar seu primo atrás de você.

As sobrancelhas de Katie se uniram. — Mãe!

— Apenas dizendo. — Shelly encolheu os ombros. — Você conhece o negócio.

Katie bufou antes de sair.

— Você toma café? Chá?

— Café, por favor.

Ela acenou com a cabeça para a panela e vi que havia todo um cenário, como se fosse um hotel. — Fique à vontade. Tentamos mantê-lo abastecido para quem vai ficar, e os caras adoram tomar café por aqui.

— Esta é a sua casa? — Perguntei enquanto me aproximava e começava a encher uma caneca.

— Sim. — Ela pegou alguns itens e esperou enquanto eu colocava um pouco de creme no meu café. Então indicou que deveríamos seguir na mesma direção que sua filha havia tomado.

Saímos do celeiro e nos voltamos para a casa principal.

— Este é o meu projeto, — acrescentou ela. — Crow age como se fosse dele, mas não é. É meu.

— Você e Crow são…?

— Não! Deus não. — Ela riu. — Rash é meu irmão, como eu disse, e ele e Crow cresceram juntos. Crow é meu primo. Meu marido era Red, mas morreu há dez anos. Recebi uma herança e usei-a para comprar este lugar e renová-lo. É problema meu. Katie e eu temos um apartamento em uma cidade não muito longe daqui. É onde ela estuda e alugamos este lugar. Também faz bem. Muitas

companhias o utilizam para eventos e assim por diante. Então Crow me ligou ontem e disse que o clube precisava. Aqui estamos nos.

— É lindo.

— Obrigada. — Ela me enviou um sorriso caloroso, antes que um olhar curioso o substituísse. — Devo dizer que é realmente importante que Ghost e seu clube estejam aqui. Você viajou com eles?

— Uh. — *Oh cara.* Ela estava fazendo perguntas, e eu não sabia como Shane queria que elas fossem respondidas. — Não. Eu conheço Sha-Ghost de onde cresci. Minha irmã seguiu o clube até aqui e bem... — Parecia ridículo, agora que eu estava dizendo isso para uma estranha. — Vim buscar minha irmã.

— Ela é jovem? — Shelly baixou a voz, parando no meio do caminho para casa. — Se ela tiver dezoito anos, eles não vão gostar que você meta o nariz nos assuntos deles. Dezoito anos ou mais é um jogo justo para esses caras. Já que você está com Ghost, talvez as regras sejam diferentes, mas...

— Não. — Comecei a rir porque, a essa altura, como não poderia? — Desculpe. — Ainda rindo. Toda essa situação era complicada. Acenei com a mão, sentindo algumas lágrimas se formando.

Shelly olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, mas isso tornou tudo ainda mais engraçado.

Ela estava me avisando sobre os caras que queriam minha irmã aqui. Era *exatamente* ao contrário.

— Não é nada disso. De forma alguma. De. Jeito. Nenhum. Minha irmã é... — *ri muito.* Agora eu estava rindo de mim mesma.

Shelly cedeu, começando a rir comigo.

Meu delírio não era só por causa de Claudia. Era sobre mim. Foley. O divórcio. Eu trabalhando em um supermercado. A viagem. Tudo – e se me dissessem que se minha irmã tivesse dezoito anos, eu deveria deixar isso em paz.

Finalmente, depois que me acalmei e consegui tomar um pouco de ar, balancei a cabeça. — Você claramente ainda não conheceu minha irmã.

As sobrancelhas de Shelly se ergueram na testa e ela riu ainda mais. — Oh. É assim que é?

Balancei a cabeça, enxugando algumas lágrimas. — Desculpe. Apenas... *então* não é a situação, e sim.

— Você é uma vadia.

Eu engasguei, virando-me.

Claudia estava não muito longe da varanda da casa principal. Ela caminhou em minha direção, com os braços cruzados sobre o peito, e parecia irritada. Ela também parecia vestida da mesma forma que Shelly e sua filha.

Esse era o uniforme das mulheres neste mundo? Claudia escolheu um short que mal cobria sua bunda.

Eu olhei para baixo. Eu não estava muito longe. Eu estava com jeans, mas usei uma camisa branca com decote em V. Era simples, mas elegante. Ou eu pensei assim. Agora fiquei tentada a dar um nó atrás de mim, só para não me sentir muito velha.

— Bom Deus. — Claudia revirou os olhos. Ela se virou para Shelly. — Olha para ela. Ela está preocupada em não se encaixar porque suas roupas não são justas e não percebe o quão mais linda ela é do que o resto de nós.

Os olhos de Shelly se arregalaram quando ela olhou entre nós duas. — Acho que você é a irmã?

Eu estreitei meus olhos. — O que você está fazendo aqui? — Esta era a sóbria Claudia. Não era a Claudia bêbada e divertida.

Ignorei o modo como minha pergunta confundiu Shelly, considerando todo o nosso ataque de risada e o fato de que Claudia e eu não nos parecíamos em nada.

— Você não veio me buscar? — Ela perguntou. — Onde mais eu estaria?

— Shane disse que você, tipo, foi embora.

— Certo. — Os olhos de Claudia se estreitaram, tornando-se especulativos. — Vamos falar sobre você e o Sr. VP. — Ela se adiantou, entrelaçando nossos cotovelos e me empurrando para longe de Shelly. — Com licença por um minuto, — ela gritou por cima do ombro. — Nós, irmãs, precisamos ter uma conversa franca agora.

Shelly nos seguiu quando voltamos para o celeiro que tínhamos acabado de deixar e, quando entramos, os dois motociclistas sentados lá deram uma olhada em Claudia e foram embora.

Ela grunhiu enquanto avançamos, fechando a porta atrás de nós. — É bom ver que tenho uma reputação por aqui.

Soltei nossos cotovelos e me afastei. — Não fique chateada porque eles ficaram de olho.

Ela bufou, revirando os olhos. — É mais provável que seu homem tenha dito a todos que eu estava fora dos limites.

Eu não iria discutir com isso. Parecia algo que Shane faria. Mas ele não me disse que ela estava aqui. — Shane falou com você?

Ela estava olhando os quartos, certificando-se de que aqueles com portas fechadas estavam vazios por dentro. Quando chegou à cozinha, ela se virou, fazendo o mesmo do outro lado do corredor. — Falar comigo sobre o quê? Por que você não me conta sobre o que o Ghost teria falado comigo? — A voz dela estava um pouco amarga.

— Sobre eu estar aqui? Que mamãe me pediu para trazer você de volta?

Ela bufou. — Mamãe não quer que eu volte. Garanto isso.

— Ela estava chorando...

Claudia riu, ficando na minha frente e cruzando os braços sobre o peito novamente. — Ela não estava. Mamãe enganou você. Nós duas vimos como Ghost reagiu a você no bar naquela noite e, acredite, já sabíamos. Ghost enviou alguém para fazer perguntas sobre você por toda a cidade – como se isso fosse acontecer e nenhum de nós soubesse disso? Você deveria ser a inteligente. Mamãe não a mandou atrás de mim. Ela mandou você atrás de Ghost. Eu era apenas a desculpa.

Eu abri minha boca.

Claudia me olhou. — Não consigo entender por que você veio. Por causa do Ghost ou porque não queria mais ficar em Friendly? Meu palpite? O último, mas agora estou ouvindo como você veio aqui na traseira da motocicleta do Ghost e em qual cama estava ontem à noite, então talvez eu seja a tola. Você e o Ghost, hein? Ele não é o tipo de cara que se recupera. Não para você, não de Foley.

Ah, droga.

Ali mesmo, com essa última afirmação, percebi algumas coisas.

Primeiro, Shane afastou um pouco da dor que eu estava ignorando de Foley.

Dois, minha irmã não se importava nem um pouco com o motivo de eu estar aqui.

E terceiro, Claudia ainda era uma vadia.

Minhas paredes foram derrubadas. Shane tinha feito isso, mas elas voltaram agora, e minha irmã viu a mudança acontecer em mim. Ela deu um passo para trás, com os olhos especulativos. Ou talvez estivessem calculando.

— O que subiu pela sua bunda e te deixou retorcida? — Perguntei. — Você também mencionou Foley da última vez que te vi e realmente pareceu se arrepender. Desta vez você o mencionou de propósito. Para me machucar?

— Oh. — Ela riu, zombando de mim, e começou a andar em círculos.

Eu me movi com ela. Não pude evitar.

— Você está mentindo para si mesma, Kali, se acha que realmente veio atrás de mim.

— Quem se importa? Eu teria encontrado você e tentado convencê-la a voltar para a mamãe. Ela me pediu para vir buscá-la.

Ela balançou a cabeça. — Você está apenas correndo, como sempre fez. Diga-me uma coisa, irmã. Por que diabos ficou com Foley? Você sabia antes de se casar com ele que ele era um traidor e ficou com ele.

— Como se eu devesse acreditar em tudo que você me diz? — Eu ri de volta para ela, refletindo perfeitamente seu tom zombeteiro. — Tudo o que você fez foi pegar minhas coisas. Minhas coisas. Meus carros. Meus amigos. — Ainda não tínhamos chegado a isso. — Meus namorados. Meus trabalhos-

— Você está mentindo sobre isso. Eu só peguei um dos seus...

— Dois. Você pegou dois dos meus empregos.

Ela franziu a testa. — Quais? Lembro-me do trabalho na barraca de concessão da escola, mas...

— A sorveteria da Sra. Bierreto.

Ela parou de franzir a testa. — Oh. Sim. Eu disse a ela que você era preguiçosa, tinha um distúrbio alimentar e comia todo o sorvete.

Eu parei, minha boca aberta. — Você disse isso a ela?

Ela riu. — Ela me ofereceu o emprego na hora. Ela não tinha ideia de que eu estava contando a ela sobre mim. *Eu* comia todo o sorvete.

— Você está confessando agora que tem um distúrbio alimentar?

— Deus, não. Isso é uma mentira. Eu realmente gosto de pau, cigarro e bebida. Certo? — Ela me lançou um olhar sombrio, começando andar em círculos novamente. — Não é só isso que você pensa sobre mim? Você não acha que eu realmente me importo com você.

— Porque você não quer.

— Até parece. Eu *só* me importo com você.

— Você só me *machuca.*

— Não é verdade. Eu apenas vejo as situações de merda em que você se mete e tento te contornar, me colocando lá primeiro. E olha, funcionou de muitas maneiras. Você não trabalhou na sorveteria. Você teria odiado trabalhar lá.

— Eu adoraria trabalhar lá. Eu estaria trabalhando com minha melhor amiga. Aly trabalhou lá.

— Oh. Certo. — Ela franziu a testa. — Aly e Harper. Essas duas nunca gostaram de mim.

Eu gargalhei. — Isso as consolidou como minhas melhores amigas. Porque elas odiavam você.

Claudia revirou os olhos. — O que você está fazendo aqui, Kali? Sério. Você não está aqui por minha causa, mas se estiver, estou aqui e não vou embora. E agora, minha irmã dourada e santa?

Parei no meio do caminho, porque ela estava certa.

Ela não parecia querer ir embora. Eu podia ouvir a finalidade em seu tom e conhecia minha irmã. Não havia como convencê-la a fazer nada. Se Aly e Harper estivessem aqui, eu pediria a opinião delas, mas posso garantir que seria algo como deixá-la inconsciente e sequestrá-la, esperando que ela não acordasse até voltarmos para Indiana.

Talvez fosse bom elas não estarem aqui.

— Por que você está tão decidida a ficar? — Perguntei. — Por causa daquele cara, Roadie?

Claudia parecia murchar na minha frente, e isso era algo que eu nunca tinha visto.

Bem, uma vez, quando ela voltou para casa depois de um encontro com um veterano popular. Ela nunca falou sobre o que aconteceu com ele e nunca mais a vi com ele.

— Claudia? — Minha voz ficou baixa. Eu não sabia como lidar com ela assim.

Ela balançou a cabeça, como se quisesse clareá-la. — Eu não vou ficar por ele. Ele é como todos os outros. Vou ficar por Machete.

— Machete? — Eu não queria saber por que ele tinha esse nome.

— Ele é bom. Você o aprovaria.

Eu fiz uma careta. — Você é a old lady dele?

— Talvez. Eu acho que sim. — Ela encolheu os ombros. — Espero que sim. Isso significa algo aqui. — Ela me olhou. — Ouvi dizer que você é a old lady de Shane?

Agora minhas garras estavam para fora. — Não sou, mas isso não é da sua conta.

Ela riu. — Continue fazendo o que você faz de melhor, minha irmã. Você continua mentindo para si mesma. — Ela foi até a porta. — Obrigada por este bate-papo. Consegui o que precisava. — Ela parou e me estudou por um momento. — Faça um favor a si mesma desta vez? Shane é um Red. Eles têm garotas que os deixam treinar nelas. E todos eles participam – ou a maioria deles. Se você não conseguiu lidar com Foley, você *realmente* não consegue lidar com Shane. Ghost. Ele é o maior chefão aqui, e elas gostam de sua estrutura de poder. O fato de você ainda estar aqui significa que ele entrou furtivamente e começou a cavar fundo em você. Não o deixe entrar mais, nem um centímetro. Foley fez você assim, mas Ghost terminará o trabalho. Você não pode lidar com esta vida. Saia enquanto pode. Eles não estão aqui. Esta é a sua melhor chance de correr, mas eu não vou. Eu tenho um cara que não é um pedaço de merda. Dê

lembranças à mamãe e ao Connor. Eu nunca mais vou voltar.

Então minha irmã, adorável como era, foi embora, e eu fiquei ali, repassando suas palavras.

— Saia enquanto pode. Eles não estão aqui. Esta é a sua melhor chance de correr…

Revirei os olhos.

Eu conhecia minha irmã.

Se Claudia estava me dizendo para ir, eu com certeza *não* iria.

* * *

Eu: Atualizando! Ainda estou com Shane. Encontrei Claudia. Ela não vai a lugar nenhum.

Aly: Meu Deus, ela nunca vai mudar. Por outro lado, Harper e eu tivemos um sábado divino. Jogamos golfe esta manhã. (E foi péssimo.) Tomei um delicioso brunch no country club daqui. Esta tarde foi passada no spa e esta noite, Harper não tem ideia, mas Justin está chegando. Estou planejando passar a noite no Manny's. Com Brandon e aquele cara normal. Não ouvi o nome dele ontem à noite, mas conheci Roy. Ele parece ser um ótimo garoto... se for uma criança. Quem sabe neste momento.

Aly: Você está realmente bem? Por favor, diga se não estiver.

Eu: estou. Prometo. No momento estou chateada com Claudia, então está tudo normal.

Aly: Ligue para nós se precisar de reforços. Harper provavelmente trará um forcado destinado a mim (porque sou eu quem está trazendo Justin aqui), mas ela pode descontar sua agressividade em sua irmã. Você sabe o que nós duas sentimos por ela. Boa e velha Claudia.

Eu: Sim. Boa e velha Claudia. Comece a se alongar para fugir e desviar do tridente. Harper é rápida.

Harper: Vocês duas são péssimas! ESTE É UM CHAT EM GRUPO, esqueceram?

Harper: Fique segura, K. Compartilhe sua localização conosco, por favor. Aly, comece a alongar. Comece. A. Alongar.

* * *

Eu: Pai. Devo um telefonema. Aqui está meu pedido de desculpas inicial antes que a verdadeira humilhação aconteça. Dê-me alguns dias. Estou de plantão com Claudia agora.

Pai: Também tenho novidades! Temos quinhentos inscritos no canal The Old Gents no YouTube.

Pai: Além disso, estarei esperando.

Eu: Ah, garoto.

Pai: Isso era para ser uma mensagem de texto para mim?

Eu: Não! Desculpe. De novo. Ou antes do tempo. Desculpe desculpe, desculpe. Te amo pai!

Pai: Eu com certeza amo você de volta. Tique-taque para o telefonema, filha. Tique-taque.

23

SHANE

Normalmente, quando chegávamos a Frisco para um assado como o de hoje à noite, o portão do The Bonfire ficava fechado e podíamos entrar com nossas motos. Desta vez, seguimos em frente e depois demos ré, andando de volta com nossas motos para que todos ficássemos de frente para a rua. Estávamos prontos para uma retirada ou uma perseguição rápida, ninguém tinha certeza do que aconteceria.

Eu sabia de uma coisa, no entanto. Não iria morrer esta noite e não iria recuar. O que quer que acontecesse, acabaria hoje.

Se fosse para eu quebrar o pescoço de Estrada, eu faria isso. Sabia como funcionavam os cartéis. Eles prosperaram ao atingir sua família, e de jeito nenhum alguém tocaria em Kali.

Não gostava de Marco Estrada. Nunca gostei. Eu não sabia quem fez isso, mas Maxwell nos colocou no negócio com ele, e nosso clube cresceu por causa disso. Não mais. O cartel era demasiado perigoso, demasiado mortal para nós, e era hora de cortar relações.

Esta noite veríamos como tudo terminaria.

Eu não era um grande ator, mas conhecia meu papel. Manteria tudo firme até a hora certa.

Assim que estacionei, liguei para Heckler antes de descer da moto. O resto dos caras entraram e os prospectos voltaram um momento depois para vigiar as motos.

— Liguei, como você pediu, — disse Heckler ao atender. — Ninguém lá em cima ouviu falar que o cartel está se aproximando de nós. E aqui embaixo ainda

não estamos conseguindo nada. Lamento não poder ser mais útil.

Eu me recostei, pensando. — Então vamos entrar às cegas.

— Sinto muito.

Um pensamento diferente me ocorreu. — Ele poderia estar nos ouvindo?

— Nossas ligações?

— Sim.

Heckler ficou quieto por um momento. — Se ele estiver, estamos fodidos.

Tínhamos pessoal da tecnologia, pessoal da informática, que talvez pudesse fazer o que eu sugeri. Simplesmente nunca pensamos em implementar essas medidas.

— Nós erramos, — eu disse a ele.

— Sim. Nós fizemos. Eu estava focado em Max.

— Eu estava focado em outras coisas. — De jeito nenhum mencionaria Kali agora.

— Você quer que eu ligue para eles? — Heckler ofereceu.

— Sim. Vamos precisar deles avançando.

Heckler riu e depois suspirou. — Talvez esse tenha sido o objetivo de atirar em Max? Nos distrair?

— Talvez. — Meu telefone estava tocando novamente. — Eu tenho que atender esta ligação. É Boise.

— Mantenha-nos atualizados.

— Manterei. — Encerrei a ligação e mudei. — Sim?

— Eles estão vindo. Três carros. Mandarei uma mensagem se alguém se vier de fora da cidade.

— Obrigado. — Desligamos e enviei uma mensagem para todos os outros.

Eu: Chegando.

Alguns minutos depois, eles chegaram exatamente como Boise havia dito que fariam: três SUVs.

Pouco depois disso, todos já haviam se acomodado. Marco tinha cinco homens que se posicionaram na frente do The Bonfire com rifles em punho. Mais três estavam parados logo depois do portão, e o resto de seus homens - os dez que ele nos disse para prestar contas - estavam sentados, comendo e bebendo como se nada estivesse fora do comum.

À minha mesa estavam sentados Marco, Crow e o sargento de armas de Crow. Uma das garotas estava em cima de Crow, passando a mão para cima e para baixo em seu braço. Ele a ignorou, mas quando o olhar de Marco permaneceu nela, ele a puxou para seu colo.

Marco nem piscou, apenas voltou a comer.

Seus homens estavam bebendo e, a julgar pelo modo como aproveitaram, eles poderiam lidar com sua bebida.

Nossos homens tomaram cerveja sem álcool, porque alguns deles *não* aguentavam a bebida.

Eu estava tão tenso que poderia ter sido a estátua do Oscar. Mas por fora, eu tinha certeza de que ninguém poderia dizer nada. Eu queria matar esse homem. Eu sabia disso.

— Ghost.

Era sempre tão estranho quando Marco usava meu nome de motociclista. Ele disse como se fosse meu nome de batismo e fossemos melhores amigos. Ele sorriu. — Como está o seu presidente? Você conseguiu identificar quem atirou nele?

Esse maldito idiota. Só por trazê-lo à tona…

Eu não pisquei. Meu sorriso nunca se contraiu. Respondi casualmente,

recostando-me na cadeira. — Ainda é incerto, e não. Ainda não descobrimos quem fez.

Marco assentiu, enxugando os cantos da boca com o guardanapo. Ele mudou para Crow. — E você, este é o seu clube, correto? — Ele guardou o guardanapo e um sorriso suave tomou seu lugar. — Você terá que me perdoar. Não tenho muito conhecimento da cultura dos motociclistas.

Crow me lançou um olhar, inclinando-se lentamente para frente. Ele bateu na bunda da garota e fez sinal para ela voltar para dentro. Ela fez, fazendo beicinho enquanto caminhava. Crow a observou partir, observou sua bunda balançar de um lado para o outro antes de se virar para o líder do cartel. — Nosso presidente fundador não está aqui. Na verdade, ele está em Potomahmen.

— Essa é a prisão daqui?

— É, sim.

Marco olhou em minha direção. — E você está aqui para ajudá-los neste momento?

Ele estava se metendo nos assuntos dos Red Demon, não nos dele, e a julgar pelo brilho em seus olhos, ele sabia disso.

Eu dei a ele um olhar vazio. — Já falamos sobre isso antes. Esse é o nosso negócio, não o seu. E digo isso sem intenção de desrespeito.

Marco sorriu, aparentemente não ofendido. — Eu gosto de você, Ghost.

Ele não deveria.

Eu sorri de volta. — Estou aliviado.

Crow quase engasgou com a cerveja antes de colocá-la de volta na mesa. — Desculpe.

A música aumentou e alguns homens de Estrada decidiram começar a dançar. Alguns de nossos rapazes se juntaram, junto com as garotas.

Marco analisou tudo por um momento antes de olhar ao redor da nossa mesa novamente.

Nenhum de nós estava relaxado. Poderíamos parecer, mas não estávamos. Crow e sua SIA[39] estavam sorrindo, mas eu poderia dizer que era tão forçado que era doloroso de ver. Os olhos de Marco se estreitaram e eu sabia que ele não perdeu nada, mas então ele se virou e focou em mim. Só em mim.

Seus olhos mudaram, ficando mais sérios. — Posso falar com você a sós por um momento?

Ele me perguntou, mas sua pergunta foi direcionada aos outros dois.

Ambos se levantaram, balançando a cabeça com os mesmos sorrisos tensos em seus rostos. Crow e sua garota se juntaram à dança no pátio.

— Eu preciso me repetir. Gosto de você, Ghost. Posso chamá-lo pelo seu nome?

Não. — Claro. É Shane.

— Shane.

Porra, não. Porra, não. Porra, não. A última pessoa que me chamou assim foi Kali.

Ele parecia tão honrado por saber meu nome verdadeiro agora.

— Seu clube de motociclista fez muito por mim. Você me ajudou tremendamente. Minha organização. Consegui expandir meu negócio por sua causa e tenho inimigos. Eu tenho muitos inimigos. — Seu rosto ficou tenso, quase como pedra. — Mas não importa. Continuo crescendo e sei que o seu clube faz parte disso. Sinto que foi a mão de Deus que me manteve tão perto quando ouvi falar do ataque do seu presidente. E eu sempre respeitei você. Você sabe como matar. Você sabe como fazer a difícil escolha de acabar com uma vida ou não. Posso ver isso em você. Eu tenho isso em mim. Não quero falar mal dos doentes, mas o seu presidente às vezes hesita. Eu já vi isso. Queria transmitir

que, se alguma coisa acontecer ao seu presidente, e se você se apresentar para assumir o seu lugar como presidente, tem o meu apoio. Não sei se isso é necessário em uma situação como essa, mas queria que soubesse.

Certa vez, Marco Estrada pendurou numa ponte uma família de dezoito pessoas, com todas as cabeças decapitadas - um homem, sua esposa e seus dezesseis filhos. O mais novo tinha oito meses.

Este homem fez isso. O que sentou ao meu lado, dizendo que me respeitava.

E a razão pela qual todos foram enforcados e decapitados? Porque uma das filhas entregou um telefone à irmã do Marco. Foi isso. Um telefone foi passado e toda a família foi assassinada.

Ele estava falando bem e agindo bem, mas esse homem era mau.

Sorri para ele e levantei minha cerveja. — Isso significa muito, Señor Estrada.

Seu sorriso aqueceu e pude vê-lo relaxar.

Ele não tinha preocupações. Nenhuma. Se estava por trás do golpe de Max, não estava preocupado com isso.

— Estou ansioso por muitas mais refeições com você. Esta foi a mais divertida até agora. Agradeço-lhe, Shane.

Queria sacar minha arma, pressionar o cano contra sua testa e puxar o gatilho. Em vez disso, sorri. — À você também, Señor.

Eles festejaram o resto da noite, até que seus homens mal conseguiam ficar de pé. Eu distribuí ordens. Alguns de nossos homens precisavam começar a agir como bêbados, ou o cartel saberia.

Marco e seus homens não partiram até de manhã cedo. O sol começou a aparecer no horizonte quando eles decidiram que era hora de partir.

Marco se divertiu muito. Ele professou isso para mim muitas vezes durante a

noite.

E quando finalmente partiram, Crow olhou para mim, com todos os nossos homens ao nosso redor. — Jesus, *porra*, Cristo, — disse ele.

Mandei uma mensagem para Heckler.

Eu: Se for ele, é o idiota mais presunçoso que existe.

Heckler: Temos uma pista. Vamos investigar amanhã.

24

KALI

Um monte de motos havia retornado há trinta minutos, de manhã cedo, com seus motociclistas sorridentes. Não, Shane, mas os caras chegaram, estacionaram e alguns agarraram as mulheres em abraços. Houve gritos, assobios e vivas, mas ainda senti uma tensão subjacente.

Eles acenderam uma fogueira e agora estavam festejando.

Os rapazes estavam bebendo e algumas mulheres pairavam sobre eles. De certa forma, parecia uma típica festa de família. A música começou e eu pude sentir o cheiro de maconha.

Sentei-me numa cadeira do lado de fora do celeiro, a poucos metros da porta da frente. Alguns caras entraram, olhando para mim enquanto avançavam, mas ninguém se aproximou ou disse nada para mim. Esses eram os caras de Shane. Eu sabia disso. Sua equipe estava hospedada aqui.

Um minuto depois, um cara mais velho caminhou em direção à casa – talvez alguns anos mais velho que eu. Careca e pele escura, ele era todo musculoso. Parecia uma caixa quadrada. Ele me deu uma olhada antes de ir.

Ele não era bonito, mas impressionava de uma forma rude.

— Ghost e Boise foram fazer uma tarefa. Ele estará de volta mais tarde. — Seus olhos caíram para minhas mãos. — Os caras vão festejar hoje à noite. Você quer uma bebida?

Balancei a cabeça. — Eu posso pegá-la, no entanto.

Ele deu uma pequena sacudida de cabeça, já se virando. — Vou pegar suas bebidas. Apenas me dê um aceno de cabeça e eu saberei como reabastecê-las.

Volto logo.

O som da terra sendo pisada me fez olhar para trás e minha irmã estava lá. Ela observou o cara saindo, seus braços abraçando sua barriga. Estava frio, então ela estava com uma flanela pendurada na parte de baixo e quase cobrindo o short. Seu cabelo estava solto, jogado para trás pela brisa, e seus olhos estavam perturbados. Ou não... Sombrios.

Eu só tinha visto aquele olhar nela algumas vezes na minha vida, principalmente quando Connor foi condenado. Nem quando ele foi preso, nem em nenhum dos dias em que fomos ao tribunal. Apenas o dia da sentença – e em um outro dia.

— Ele é meu homem.

Ela não estava olhando para mim, mas eu sabia que estava falando comigo. Dei ao cara uma avaliação diferente.

Havia uma borda de perigo nele, mas fazia sentido. Ele era um motociclista, um Red Demon. Todos esses caras usavam isso na maneira como se moviam, no quão familiarizados estavam com suas armas, suas motocicletas, mas principalmente estava em seus olhos. Eles eram violentos, sem pensar duas vezes, se o momento assim o exigisse. Eu sabia que havia outros que *queriam* ser violentos. Mas até agora, nenhum desses caras chegou perto de mim.

— Eu pensei que você estava com aquele outro cara?

Ela se virou, olhando para mim. Depois de me observar por um instante, ela se aproximou, segurando uma garrafa de cerveja pelo gargalo. Ela sentou na cadeira ao meu lado, trazendo a cerveja para beber.

— Ele dormiu com uma vadia. — Ela olhou para mim. — É assim que chamam as garotas que dormem com qualquer pessoa.

Balancei a cabeça, já sabendo.

Ela se virou para observar novamente a fogueira e a casa principal. —

Machete apareceu quando eu estava me preparando para fazer algo estúpido com Roadie e me disse que eu deveria ir embora com ele.

É assim que a maioria dos casais se reúne. — O que você ia fazer?

— Algo que provavelmente teria me matado.

Sinceridade da minha irmã. Também algo que raramente recebia. Eu era a favor de Machete. Ele era uma boa influência para ela.

Ele voltou em nossa direção agora, segurando algumas cervejas nas mãos.

Ela suspirou. Era suave, mas estava lá.

Eu me sentia como um animal congelado neste momento. Quem era essa pessoa ao meu lado e o que ela fez com minha irmã?

— Eu gosto dele, — ela respirou. — Eu gosto muito dele.

Isso foi doce.

Ela se virou para olhar em minha direção, com um brilho intenso em seus olhos. — Não se meta com o meu. Eu não vou foder com o seu.

Deixa para lá. Eu relaxei. *Lá* estava minha irmã.

Machete ainda estava vindo em nossa direção.

Aproveitei para desfrutar desse momento. Sorri para minha irmã, inclinei-me e disse: — Esse sentimento? Preocupação? Saber que você merece o que semeou na vida, esse medo vindo de você, estou adorando. Eu acredito em carma, irmã. Você acredita?

Seus olhos brilhavam com ódio. Mas o som de passos sobre o cascalho se aproximou e depois parou. Machete ficou nos observando. — Baby.

Claudia estava toda sorrisos então, levantando-se e movendo-se em seus braços. — Oi, baby. — Ela inclinou a cabeça para trás para o beijo, e eles se beijaram por um momento antes que ela se afastar, com a mão ainda no peito dele. — Como foi a coisa de vocês? Vocês fizeram o que precisavam fazer?

Ele a estudou. Seu rosto não se moveu, mas seu olhar atento deixou minha irmã desconfortável.

Ela se afastou completamente, endireitando uma das mangas e apertando mais a camisa em torno de si. — Você quer se sentar conosco? Esta é minha irmã, Kali.

Machete acenou com a cabeça para mim, estendendo uma das cervejas, mas seus olhos permaneceram em minha irmã. — Prazer em conhecê-la.

Peguei a cerveja. — Obrigada, e você também.

Minha irmã recostou-se na cadeira.

Foi quando ele mudou seu olhar para mim. Ele levantou as cervejas ainda em sua mão. — Vou colocar isso na geladeira. Volto logo. — Ele foi respeitoso comigo, mas assim que disse essas palavras, seu olhar voltou para minha irmã.

Ela ignorou o olhar dele. Quando ele entrou, vi que suas bochechas estavam coradas e comecei a rir.

— Cale-se.

Eu ri.

— Cale-se! — Ela sibilou, batendo no meu braço.

Eu ri mais.

— Você é uma vadia.

— Karma, — eu disse calmamente. — Karma. É uma coisa. Confie e acredite, irmã. *Confie* e acreditar.

— Eu odeio você. — Ela se recostou na cadeira.

Ouvimos vozes masculinas e Machete voltou com outro cara. Ele era mais jovem. Eu o reconheci por estar com Shane mais cedo. Ele nos deu um aceno de cabeça antes de ocupar o lugar vazio do meu outro lado.

— Levante-se, mulher. — Machete parou diante de Claudia.

Ela se levantou.

Ele se sentou, passando um braço em volta da cintura dela e puxando-a para sentar em seu colo.

Eu não conseguia parar de assistir a essa cena. A casa principal poderia ter explodido e eu não teria parado de assistir.

Minha irmã estava apaixonada por ele.

Eles trocaram um olhar, segurando-se por um momento, antes que ela abaixasse a cabeça. Sua boca se curvou em um leve sorriso e suas bochechas ficaram rosadas novamente. Ela se aproximou, acomodando-se contra o peito dele, e eu juro, parecia tão confortável que poderia ter adormecido.

— Eu sou Stripes, — veio uma voz atrás de mim.

Tive que me forçar a desviar o olhar. O cara do meu outro lado estava segurando sua cerveja. Já nos conhecíamos antes, mas não custava outra apresentação.

Dei-lhe um pequeno sorriso, tilintando sua cerveja com a minha. — Kali.

Ele assentiu e recostou-se.

Stripes parecia contente em beber e assistir à festa. Machete era o mesmo. Claudia estava *quieta*, aparentemente *contente* em descansar no colo de Machete.

Eu fiquei sem palavras.

Não havia mais nada a dizer.

25

SHANE

Chegamos tarde, mas os caras ainda estavam acordados e furiosos. Podíamos ver a fogueira a oito quilômetros de distância e, quando entramos, todos abriram espaço. Eu vi Stripes vindo em nossa direção, mas Crow veio primeiro. Seu sargento de armas estava com ele e outro cara.

— Como foi? — Crow perguntou.

Passei os olhos pelo grupo, vendo Machete chegando atrás de Stripes.

Boise se aproximou de mim e senti o resto dos caras que tinham ido com a gente se reunir atrás de mim.

Acenei com a cabeça para eles, indicando que poderiam ir. Eles se dispersaram, mas Boise ficou.

Crow lançou um olhar severo, mas Boise não reagiu. Ele nunca reagia.

— Nós acompanhamos o ritmo deles. Seguimos até Lancaster, — informei.

Crow assentiu. — Você acha que eles vão atravessar esta noite?

Balancei minha cabeça. — Não sei, mas eles foram embora depois do assado.

— Quem está com eles?

— Dois dos meus.

Os olhos de Crow se aguçaram. — Eles são bons? Estarão seguros?

Eu balancei a cabeça. — Eles são bons. Forças especiais. Não serão pegos.

Os ombros de Crow relaxaram um pouco. — Bom. Uh, eu gostaria de conversar com você mais tarde, em algum momento.

Isso significava: sozinho, sem mais ninguém por perto, e venha me encontrar

para isso.

— Parece bom.

Ele estava balançando a cabeça novamente e parecia muito mais tranquilo. A tensão o havia deixado. Ele acenou com a mão. — Todo mundo está festejando. Podemos conversar amanhã em algum momento. Você e seus rapazes deveriam se divertir. Parece que evitamos o cartel por enquanto.

Isso significava que o plano era o mesmo. Nós nos retiraríamos, mas da forma planejada que havíamos decidido.

Boise estava ao telefone. — Heckler está ligando para você, — ele disse enquanto guardava o aparelho.

Meu telefone se iluminou e eu acenei para Crow. — Preciso atender.

— Relaxem esta noite, pessoal. Vejo vocês pela manhã.

Eu respondi, mas não me afastei. Algo na fácil aceitação de Crow não me agradou. Falei ao telefone: — Estou aqui. Um segundo.

— Entendi.

Acenei com a cabeça em direção a Crow antes de encarar Stripes. — Você é bom em se misturar. Observe-o a noite toda.

Stripes não piscou nem reagiu. Ele assentiu uma vez e se moveu na direção que Crow acabara de seguir.

Olhei para trás uma vez e vi Crow na varanda da frente da casa. Havia uma garota em seus braços, então ele ainda não estava falando de negócios. Stripes se abaixou, pegou uma bebida e tirou um maço de cigarros.

— Você está dando a ele muitas tarefas, — observou Boise.

Heckler ainda estava ao telefone, mas me virei para ele. — Ele tem seguido todo mundo. Ele era engenhoso na prisão, ouvi dizer.

— Dentro e fora da prisão.

Sim.

— Ele ainda é considerado um nômade, não é?

Balancei a cabeça. — Sim. Max o enviou comigo nesta viagem por um motivo.

— Parece estar dando certo.

— Veremos. Ele pode querer ir para a Flórida.

— Você quer que eu o acompanhe?

Isso significava que Boise sairia com ele, o conheceria, faria perguntas pessoais para as quais um VP talvez não conseguisse as respostas reais.

Balancei a cabeça, dando luz verde a Boise.

Ele saiu em direção ao celeiro, olhando para Stripes algumas vezes antes de se misturar com a multidão ao redor da fogueira.

Machete foi o próximo. — As irmãs estão juntas, fora do celeiro.

Ele saiu, voltando na mesma direção de Boise.

Então Claudia encontrou Kali. Finalmente falei ao telefone: — Como está Max?

— Ele vai sobreviver e descobrimos quem fez isso.

Fiz uma careta. Isso chamou minha atenção bem rápido. Ele não havia começado com isso quando respondi. — Quem?

— Um pai. Max estava transando com sua filha. Dezessete anos.

Jesus!

Heckler não terminou. — Ela fez dezessete anos há um mês.

— O que você está planejando? — Meu tom era firme porque, caramba, este não era um bom lugar para se estar agora.

— Nós pegamos o pai. Ele diz que tem provas de que Max transou com ela

quando tinha dezesseis anos, um dia antes de seu aniversário. Ele pode ser um problema, mas diz que não fará mais nada se o deixarmos viver. — Ele fez uma pausa. — A maioria dos caras está com você, então acho que a decisão é sua. Max está em coma induzido. O que você quer que façamos?

Max era o presidente. Não havia dúvidas aqui.

— Obtenha a prova e depois mate-o.

26

KALI

Eu bebi uma cerveja com calma.

Esta era uma festa completa, então de jeito nenhum eu conseguiria dormir.

Além disso, esta era uma festa de verdade, então de jeito nenhum eu ficaria bêbada. Eu não me importava que Shane tivesse dito que ninguém mexeria comigo se eu contasse que estava com ele.

Além disso, uma festa de verdade *e* minha irmã estava aqui, então outro motivo para dizer *não* a ficar bêbada.

Tomei a cerveja como se fosse ganhar uma competição. Com uma recompensa em dinheiro.

Mas eu estava com tesão, porque nas últimas horas testemunhei muitas pessoas tendo alguma ação – nas sombras e na luz. Inferno, Machete até entrou e pegou um cobertor para ele e Claudia. Com certeza, pouco tempo depois houve movimento debaixo do cobertor, e minha irmã não conseguiu evitar alguns gemidos.

Algumas motocicletas chegaram no momento em que me sentia pronta para entrar em combustão, e os dois caras se levantaram, o que me deixou um pouco aliviada.

— Seu homem está de volta, — disse Claudia.

Com isso, meu nível de tesão passou de cinco para nove. Um nove vírgula cinco.

Eu poderia estar esperando por ele. Talvez. Não sabia se queria admitir isso para mim mesma. Mas enquanto observava os caras indo encontrá-lo... Mesmo

vendo-o de longe, pude sentir dentro de mim. Sim. Eu estava esperando por ele.

Deus.

Eu o queria. Agora.

Minha necessidade latejava de forma profunda e constante dentro de mim, entre minhas pernas, e eu me contorci no assento. Esse cara. O que ele fez comigo? Eu não conseguia lidar com isso.

Meu corpo estava um inferno.

Lembrei-me de todas as vezes – no motel, aqui, quando ele me comeu como se eu fosse o Dia de Ação de Graças.

Machete voltou, mas apenas estendeu a mão. Claudia pegou, lançando um olhar furtivo para mim antes que ele a levantasse e a levasse para dentro.

Stripes não tinha voltado, mas isso não importava. Shane estava vindo direto para mim. Eu soube no instante em que ele me viu. Meu corpo passou de um inferno a um vulcão ativo. O resto do grupo saiu. Éramos ele e eu, e o jeito que ele estava olhando para mim? Parecia que também estava se lembrando do Dia de Ação de Graças.

— Você voltou. — Minha voz saiu rouca e seus olhos se intensificaram.

— Você estava aqui sozinha? — Ele perguntou depois de me observar por um momento.

— Machete, minha irmã e Stripes estavam comigo.

Ele piscou lentamente. — Você conversou com eles o tempo todo?

Voltei a me contorcer porque por que conversaríamos? Balancei minha cabeça. — Outro cara veio e conversou com Stripes, mas é isso. Eu não me importei. Isso... —acenei para a festa. Eu não sabia o que dizer. — É muita coisa para absorver.

Seus olhos se aguçaram novamente. — Você está bem?

Balancei a cabeça, com o pescoço rígido, e me movi novamente, precisando me ajustar na cadeira. Eu estava inquieta. Querendo-o. Precisando dele. Sem saber o que fazer a respeito.

Ele me deu uma olhada completa e lambi meus lábios. Eu não pretendia fazer isso. Simplesmente aconteceu, mas então seu olhar passou de atento para sombrio e intenso.

Ele estendeu a mão.

Eu peguei. Um formigamento subiu pelo meu braço e, quando ele entrelaçou nossos dedos, esse formigamento se transformou em um chiado.

Ele liderou o caminho para o celeiro.

Olhei para trás uma vez e vi Shelly parada não muito longe de onde estávamos, nos observando. Ela me deu um pequeno sorriso antes de voltar para casa.

Assim que voltamos para o quarto onde estávamos dormindo, a porta fechada silenciou todos os sons. Eles não foram embora, mas se tornaram uma bela música de fundo, junto com o zumbido em meu corpo.

Shane olhou para mim, sem se mover para remover seu colete e suas armas. — Você está bêbada?

Eu sentia vontade. — Não. — Minha pulsação batia ainda mais forte, preenchendo todo o meu corpo. Empurrei meus seios para cima, sem pensar nisso até que seu olhar caiu sobre eles. Ele não desviou o olhar, não por muito tempo.

Eu não conseguia respirar. Inclinei a cabeça, batendo de costas contra a porta. Eu estava quase ofegante. Quão embaraçoso era isso?

— O que está acontecendo com você?

Foda-se. — Dois casais transando, — falei.

Seus olhos se arregalaram, olhando para o meu rosto.

— Três boquetes.

Seu olhar ardeu novamente, escurecendo. Ele deu um passo em minha direção.

Minha voz ficou baixa. — Oito caras fizeram trenzinho para foder uma garota lá fora.

Ele se aproximou ainda mais. Quase me tocando. Eu podia sentir o calor de seu corpo.

— Ela pareceu gostar, — acrescentei.

Segurei seu olhar, minha cabeça inclinada totalmente para trás agora.

— Minha irmã e seu novo namorado também estavam fazendo coisas. Bem perto de mim. — Respirei fundo. — Eu não estou bêbada, Shane. Eu quero foder.

Os olhos dele? Ficaram sombrios instantaneamente.

Ele estendeu a mão para mim, mas eu me movi primeiro. Minha mão foi para seu peito e caí de joelhos. Fiquei com água na boca. Eu nunca quis fazer isso. Nunca. Nem uma vez na minha vida.

Fazia para o meu marido, mas raramente. Nos feriados. Aniversários. Era para ele.

Mas desta vez, peguei as calças de Shane – desabotoando-as, deslizando para baixo o zíper.

Cheguei e encontrei seu pau. Desta vez era para mim.

Vou processar tudo isso mais tarde, disse a mim mesma enquanto o chupava em minha boca.

Então eu estava me movendo sobre ele.

Para dentro. Para fora.

Eu o engoli profundamente.

Lambi ele.

Provei ele.

Circulei sua ponta.

Eu o acariciei enquanto sugava como se ele fosse um pirulito.

Ele me observou o tempo todo, extasiado. Ele parecia estar prendendo a respiração.

Então absorvi tudo dele de novo, até minha garganta. Tanto quanto eu poderia levá-lo. Eu gemi, meus sons foram abafados ao redor dele. Preparei-me, caindo de joelhos, e agarrei seus quadris.

Ele se abaixou, pegando meu cabelo, e tentei balançar a cabeça, dizendo o que eu queria.

Ele penetrou lentamente.

Eu me abaixei ainda mais, encontrando uma boa posição sentada, e tentei abrir ainda mais a garganta.

Ele relaxou. Lentamente novamente.

Sim. Eu queria que ele fizesse isso.

De volta, mas ele estava indo muito devagar.

Eu estava o chupando. Queria que ele assumisse o controle.

Movi a minha cabeça para trás e ouvi um som de estalo quando o seu pau saiu da minha boca. Eu olhei para ele.

— Foda minha boca.

Seus olhos brilharam com um prazer sombrio e primitivo. Quando vi que ele estava disposto a isso, posicionei-me novamente, agarrando sua base. Suguei-o e, enquanto ele enrolava meu cabelo em uma das mãos, alcancei seus quadris e

me preparei.

Então ele começou a se mover, fodendo meu rosto.

Eu deixei, esperando ele gozar.

Eu estava começando a pensar que sempre deixaria ele fazer o que quisesse. Mas não, também não queria processar isso. Só mais tarde.

Muito tarde.

* * *

Ele tentou se afastar para gozar.

Eu não deixei.

Eu o chupei, segurando-o, e então ele se contorceu, enchendo-me. Olhei para cima enquanto engolia. Seus olhos ainda estavam sombrios. Ele ofegava.

Ele rosnou e me agarrou, com as mãos debaixo dos meus braços. Carregou-me pelo quarto, como se eu fosse uma boneca. Ele me jogou na cama e eu caí lá, atordoada por um momento. Ele tirou minhas calças, arrancou minha calcinha, minha camisa e empurrou meu sutiã para cima. Quando fiquei livre para seu prazer visual, ele parou para me admirar por um momento.

— Maldição, — ele rosnou. — Você é tão linda.

Ele se ajoelhou na cama, curvando-se sobre mim.

Sua mão foi para minha boceta, dois de seus dedos mergulhando. Seu polegar se moveu sobre meu clitóris pouco antes de ele puxar e passar a mão pelo meu corpo. Da boceta ao estômago, entre meus seios, até minha garganta, onde sua mão me circulou e seus dedos entraram em minha boca.

Eu os suguei, sentindo meu gosto, e fechei os olhos enquanto ele se abaixava.

Sua boca encontrou meus seios, e ele circulou um deles com a língua, seus

dentes tocando meu mamilo.

Eu ofeguei com as sensações me percorrendo.

Nunca. Nunca outro homem me fez sentir essas coisas, fazer essas coisas, me fez desejar mais, exigir mais. Esquecer o que o cara queria. Isso era o que *eu* queria.

Nem uma vez.

Shane afastou os dedos, acariciando meus seios enquanto sua boca se movia para onde eles estavam. Sua língua deslizou para dentro e o beijo me consumiu. Naquele momento, sentia vergonha porque sabia que nunca amei meu marido.

Eu não poderia.

Então parei de pensar.

Eu só sentia Shane.

27

SHANE

O telefone dela nos acordou.

Algumas horas depois, eu o peguei e o entreguei quando ela começou a se mexer ao meu lado.

Eu tinha colocado minha boca nela, meus dedos em todos os seus buracos na noite passada, mas não meu pau. Ainda não.

Ela me chupou duas vezes, e puta merda, o que ela poderia fazer com aquela boca.

Eu tinha fodido seus seios.

Mas não sua boceta.

Eu estava me segurando. Não sabia por quê.

Em um celeiro rodeado pelos meus irmãos? Isso normalmente não me incomodaria. Era o nosso caminho nesta vida.

Mas foda-se, eu estava me segurando porque *ela* estava se contendo.

Ela me queria. Isso era óbvio, mas havia uma parede dentro dela. Eu sentia e isso me irritava.

Deixava-me furioso, mas era paciente. Quando fizesse amor com ela, seria com tudo dela. Sem paredes. Nada. Eu queria dobrá-la, contorcê-la em tantas posições indecentes, mas não antes de tê-la inteira.

Ela gemeu, atendendo o telefone. — Ei.

Eu ri. Sua voz estava rouca.

Ela me lançou um olhar, o que me fez rir ainda mais, e eu me inclinei sobre

ela, minha boca caindo sobre a dela.

— Ele... — Minha boca engoliu tudo o que ela ia dizer.

Eu podia ouvir quem estava do outro lado reclamando, mas não me importei.

Eu demorei.

Minha língua deslizou dentro de sua boca, alisando-a, acariciando, desfrutando.

Ela era minha, toda minha. Eu teria cada centímetro dela também.

Ela estava gemendo quando terminei. O meu pau estava duro como uma rocha, e comecei a rastejar por cima dela, moendo-me e entrando nela quando a pessoa ao telefone ficou esperta.

— O que... meu Deus! Você está fazendo sexo agora?!

Levantei minha boca, apreciando o olhar atordoado em seu rosto enquanto ela piscava.

Peguei o telefone dela. Eu poderia dizer agora que era sua amiga Harper. Lembrei-me dela do colégio. — Seja gentil e respeitosa, certo? — Eu sugeri.

Não esperei que ela respondesse. Eu sabia que Kali a adorava. Levantei-me, devolvi-lhe o telefone e esperei.

Ela me lançou um olhar, pois eu ainda estava pairando sobre ela.

Ela colocou o telefone no ouvido. — Ei, Harper. — Mas ela estava focada em mim, murmurando para mim: — O quê?

Eu sorri. Maldita. Eu a queria.

Eu mal podia esperar até que isso acontecesse, mas não respondi, apenas me levantei e saí da cama.

— Não fique brava com Aly, — disse ela, sentando-se enquanto eu entrava no banheiro e fechava a porta.

Entrei no chuveiro.

Quando saí, ela ainda estava ao telefone, mas agora na cozinha.

Ela colocou o telefone no viva-voz e estava procurando o café. Ela vasculhou um dos armários, ficando na ponta dos pés.

Aproximei-me, coloquei a mão em seu quadril e a afastei.

Eu não tinha ideia de por que o café estava guardado na prateleira de cima, mas peguei e entreguei a ela.

Ela deu um passo para trás, a amiga ainda falando ao fundo, mas ela não pegou o café. Ela acompanhou uma gota d'água que escorria pelo meu peito até meu estômago e estendeu a mão para pegá-la, com os olhos naquela névoa que reconheci de algumas horas atrás. Ela tocou meu estômago e se inclinou para frente. Ela pegou a gota d'água na boca e depois moveu a boca no meu estômago até o peito.

Eu amei. Eu precisava disso.

Eu a peguei pela cintura, puxando-a com força, e então a levantei sobre o balcão.

Ela gemeu, suas pernas em volta da minha cintura.

— O quê? — Disse Harper. — Kali? Seu homem voltou?

Eu sorri, inclinando-me para trás para olhar para ela.

Ela não conseguia corar, mas eu sabia que estava envergonhada. Sua testa descansou em meu peito, suas mãos segurando meu jeans. Eles não estavam fechados, e meu pau estava duro, tentando chegar até ela.

Inclinei-me e suas pernas se abriram para mim.

Deslizei a mão até sua bunda e puxei-a para a beira do balcão.

— Kali!

Movi minha boca até sua orelha, beijando-a antes de murmurar: — É melhor

responder a ela, querida.

Ela bufou um som profundo, mas baixo. Mas levantou a voz um segundo depois. — Não, não. Quero dizer, sim. Ele está aqui.

Movi minha mão sobre sua bunda, meu polegar passando entre ela, e ela estremeceu.

— OH MEU DEUS. Estou no viva-voz, não estou? Eu estou. Ele esteve aí o tempo todo? — A voz de Harper ficou estridente.

Mordi seu ombro antes de levantar a cabeça, sorrindo. — Olá, Harper.

Ela respirou alto e depois respondeu com muita calma. — Olá, Shane. Você lembra de mim?

Passei meu polegar entre a bunda de Kali e senti seu corpo estremecer novamente, contra mim. Eu estava *realmente* gostando da maneira como o corpo dela estava sintonizado comigo, com cada toque meu. Deixei cair minha cabeça em seu ombro, mordiscando-a novamente, deixando meus dentes tocarem seu pescoço.

Ela estremeceu.

— Eu me lembro. Eu me lembro de vocês três. Vocês eram um trio e tanto naquela época.

— Ainda somos, só que estou com raiva da outra. Kali te contou o que Aly fez? O que não *concordo,* e também estou com raiva de você, Kali. Você a encorajou. Você entrou em contato com ele primeiro.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando e não me importava. Eu a ignorei.

A cabeça de Kali inclinou-se para trás e ela respondeu, mas sua voz era baixa e tensa. Ela se manteve no controle enquanto meu polegar se movia mais para baixo dela. Eu me mexi, levantando-a, e ela ofegou.

— O que? O que está acontecendo?

Encontrei o ânus dela, circulando-o, e ela se inclinou totalmente contra mim. Eu a segurei, contornando-a.

Senti sua boca aberta contra minha garganta e um som estrangulado veio em seguida.

— Oh, meu Deus. Estou ligando para minha mãe para reclamar com ela. Ninguém se importa. Todo mundo quer que eu me case com Justin, e se você o quer tanto, case-se com ele.

Eu fiz uma pausa. *O quê?*

Kali agarrou meus ombros, suas unhas cravando-se em minha pele – sem ferir, mas perto.

Ela se virou, seus dentes tocando a lateral do meu pescoço.

Virei-me, meus olhos encontrando os dela, e pude ver a luxúria. Era aquela névoa novamente. Minha garota se foi e suas unhas estavam cravadas.

Ela queria isso. Entendendo, estendi a mão, apertei o telefone e a levantei de volta em meus braços.

Minha garota queria brincar um pouco.

28

KALI

Eu tinha sido drogada.

Essa era a única explicação para o meu comportamento, porque, falando sério, eu estava agindo como uma viciada. Ou a forma como presumi que um drogado poderia estar obcecado com a próxima dose. *Drogada*. Sim. Todo o pensamento racional me abandonou, e o que era pior? *Ainda não tínhamos feito sexo!*

Minha pele se arrepiou.

O que havia de errado comigo?

Havia algo de errado comigo?

29

SHANE

Boise me encontrou assim que saí do quarto. Ele olhou de volta para o quarto de onde eu tinha saído. — Vou precisar conhecer esta.

Eu grunhi. A notícia se espalhou rapidamente de que eu havia reivindicado uma old lady.

— Presumo que ela sabe que é uma old lady?

Fiz uma pausa, olhando para trás, para a porta. Ela sabia? Ela queria meu pau. Eu sabia disso, mas ela não me queria tanto quanto eu a queria. Eu também sabia disso. Saber que ela era minha old lady? Essa era uma outra batalha ainda pela frente.

Eu não respondi, apenas dei um tapa no ombro dele. — Vamos cuidar do Crow. Alguma notícia dos rapazes?

— Eles pediram ordens. Estrada está se movendo para o leste.

— Leste? — Então ele não estava atravessando para o sul. — Quero saber quem são todas as suas conexões nos Estados Unidos.

— Ele não tinha nenhuma quando começamos o negócio, então isso é novo e está fora do radar.

Balancei a cabeça. Exatamente. Por isso não gostei.

— Heckler mandou uma mensagem, — continuou Boise. — Ele também está esperando uma ligação. Ele quer os caras de volta com ele se não estivermos lutando aqui.

Isso fazia sentido, mas *caramba.* Eles dirigiram uma noite inteira para chegar aqui, fingiram estar em uma festa, depois fizeram uma festa, e agora voltariam

amanhã.

Assenti, começando a descer para o andar principal. — Eu quero que descansem hoje. Eles podem sair hoje à noite ou de manhã.

— Eu fiz a ronda. Metade dos caras quer ficar com você.

— Talvez precisemos ir até lá.

Boise encolheu os ombros. — Seus rapazes querem estar com você. Não importa onde você vá.

Isso era verdade. E eu ainda tinha um trabalho a fazer aqui. — Certo.

Quando chegamos ao andar principal, os caras se levantaram. Eles estavam esperando por mim e eu fui na frente. Eles entraram na fila. Stripes estava fora do celeiro e também entrou na fila.

Alguns dos caras do Crow estavam na varanda da frente da casa e ficaram parados, nos vendo chegar.

Cobriríamos todas as bases agora na Igreja.

— Seu VP está pronto? — Perguntei a um deles.

Ele deu um aceno de cabeça, seu rosto inexpressivo. — Pronto para a Igreja.

Isso era bom. Direto ao assunto.

Eu me sentia impaciente. Queria entrar em ação, travar alguma batalha, discutir com Kali para que ela aceitasse que era minha, mas tudo no devido tempo. Eu precisava ser inteligente em todas as frentes. Estava prestes a me aproximar quando meu telefone tocou. Vendo que era Heckler, mostrei a tela a Boise. Ele assentiu. Ele cuidaria das coisas para mim até que eu terminasse a ligação.

Eu respondi, recuando e procurando um pouco de privacidade. — Como ele está? — Essa foi a minha saudação.

— Eles vão acordá-lo amanhã. O doutor disse que o inchaço está

diminuindo, então ele está estável. Essa é a boa notícia.

— E o pai?

— Nós o pegamos, mas…— Heckler hesitou.

Heckler não hesitava. Eu fiz uma careta. — O que aconteceu?

— Minha sobrinha conhece a garota. — *A garota que Max estava transando.* — Ela descobriu suas ordens e ficou louca.

As mulheres não deveriam saber dos negócios do clube, mas acontecia. Algumas sempre tinham uma opinião e a inseriam. Ouvimos as boas. Kess era uma boa pessoa.

Esperei que ele continuasse. Ele não fez isso. — E?

— Ela é da opinião de que Max pode amar essa garota e, portanto, se oporia se matássemos o pai.

— Ele atirou em nosso presidente.

— Eu sei.

Ninguém poderia atirar em um Red Demon e sair ileso. Ele atirou no *presidente* e a sobrinha de Heckler estava defendendo exatamente isso?

— Wraith está se perguntando se queremos esperar, ver o que Max diz ou pelo menos fazer uma convocação na Igreja. Apenas para cobrir nossas bases.

— Você está com o pai?

— Nós o pegamos.

— De jeito nenhum ele pode se libertar?

— Nenhuma maneira. Colocamos Tango atrás dele.

Tango era sádico. Minhas ordens poderiam ter mostrado mais misericórdia.

— Ok. Vamos esperar. Veja o que Prez diz, se ele consegue pensar direito.

Heckler ficou quieto, porque isso era um problema. Eu não tinha me

permitido refletir sobre o que poderia significar o fato de Max estar ferido e em coma por tanto tempo. Mas era possível que ainda perdêssemos o nosso presidente.

— Vou fazer, — ele finalmente disse.

— Heckler.

— Sim?

— Se alguma coisa parecer que vai piorar antes de Prez acordar, o pai terá que ser sacrificado.

— Eu sei, — ele grunhiu.

— Disseram-me que você quer os caras de volta com você?

— Vou me sentir melhor com eles aqui.

Eu entendi. — Disseram-me que metade deles quer ficar comigo.

— Você ainda está seguindo em frente com o plano de Max?

— Acho que sim. Crow quer conversar hoje. Vou dar uma olhada nele. Coloquei Stripes nele ontem à noite. Sua aceitação de que Estrada saiu tão rapidamente não pareceu certa para mim.

— O que você está pensando?

— Não sei. Algo parece errado. Eu não gosto disso.

— Entendi. — Ele tossiu, o que significava que estava mudando de assunto. — Ouvi dizer que você tem uma mulher agora, — ele acrescentou, seu tom mais leve.

— Ah, vá se foder. — Desliguei com a risada dele.

Descendo e entrando na igreja, passei por motociclistas alinhados no corredor e nas escadas. Eles me seguiram e a sala ficou em silêncio. Crow estava na frente da mesa. Sentei-me no final. Meus rapazes se alinharam atrás de mim. Boise sentou-se ao meu lado, com Machete do outro lado.

Depois que todos entraram, a sala parecia significativamente menor do que na primeira vez que estivemos aqui. A porta se fechou e Crow pegou o martelo, batendo-o e chamando a Igreja à ordem.

— Primeiro as coisas mais importante. — Ele acenou para mim. — Como está o presidente?

Contei tudo a eles: quem realmente havia atirado em Maxwell, minha ordem inicial, a objeção de Kess e a última ligação com Heckler.

Crow assentiu. — O cara tem que pagar. Ele é a razão pela qual tivemos nosso susto, a razão pela qual todos os seus caras extras viajaram uma noite inteira e mais para chegar aqui.

— Concordo, mas vamos esperar e ver como Max estará amanhã. Ele pode ter uma opinião sobre como o pai pagará também.

Houve um murmúrio na sala. A maioria parecia concordar.

— Quais são as novidades do Estrada?

Eu também os atualizei, olhando para Boise.

— Ele está indo para o leste? — Crow perguntou.

Boise disse: — No último contato que tive, eles estavam passando pelo Novo México.

— Eles podem estar indo para o Texas. Ele tem caras trabalhando lá.

— Eu tenho um primo no leste, — um dos caras de Crow falou. — Há um boato sobre uma relação entre os russos e Estrada.

A cabeça do Crow se virou. — Por que diabos você não mencionou isso antes?

O rosto de seu cara estava inexpressivo e ele encolheu os ombros. — Nunca pensei que fosse pertinente. Não operamos lá.

Crow amaldiçoou antes de se sentar. — Fizemos uma votação há pouco

tempo. Muito planejamento foi feito sobre como será coordenado. Você sabe de uma colaboração que ele tem com os russos e não acha que seja pertinente?

O cara piscou lentamente.

Pareceu-me que o cara era simplesmente burro.

Sua cabeça abaixou. — Desculpe, chefe. Eu não pensei. Você me conhece. — Ele bateu na cabeça. — Só um cérebro aqui. É sobre isso.

Crow amaldiçoou novamente.

Rondell bufou. — Você pode querer parar com a erva, X. Acho que precisa desse seu cérebro.

Alguns caras riram.

X estava rindo também.

Crow olhou para mim. — Desculpe, Ghost. Peço desculpas em nome do meu primo idiota.

X grunhiu.

Crow se inclinou para frente novamente. — Já que parece que estamos livres do Estrada… Eu sei que você veio aqui inicialmente para ajudar, mas como o presidente mal, o que você está pensando em fazer?

Todos os caras ficaram quietos, esperando por mim.

Olhei em volta. Meus homens estavam esperando que eu decidisse.

Se Max estivesse bem amanhã, ele iria querer que eu ficasse e terminasse minha tarefa.

Se ele não estiver bem, eu ainda precisava fazer o que vim fazer aqui, mas não conhecia a verdadeira lealdade de Crow. E caramba, porque isso não deveria ser uma pergunta.

— Metade dos meus rapazes vão voltar amanhã. Gostaria que eles descansassem e depois voltassem para Max. A outra metade, que quiser ficar,

ficará comigo. Permaneceremos por aqui um pouco, se ainda estiver de acordo?

O presidente deles nos convidou para vir aqui, mas eu estava me sentindo estranho em relação à Crow. Isso precisava ser descoberto. E ainda me deixava desconfortável o quão perto Estrada estivera sem ninguém saber, até que ele apareceu de repente.

Ainda havia muitas pedras a serem reviradas antes que eu pudesse partir.

Crow não revelou nada. Seu rosto era uma parede quando ele assentiu, olhando ao redor. A maioria dos rapazes também assentiu e ele pegou o martelo novamente. — Você pode ficar o tempo que quiser, mas como não quero que minha irmã leve minhas bolas, todo mundo tem que sair *daqui* amanhã. Ela administra este lugar e tem uma festa de casamento chegando depois de nós.

Os caras gargalharam quando Crow bateu o martelo.

A Igreja havia terminado.

* * *

Eu estava do lado de fora e voltei para o celeiro, com Boise ao meu lado, quando Crow chamou meu nome.

Eu me virei e ele fez um gesto para o lado. — Será que podemos ter aquela conversa?

Certo. Acenei com a cabeça para Boise, baixando a voz. — Fale com Stripes. Quero saber se ele ouviu alguma coisa ontem à noite. Diga aos que partirão amanhã para descansar hoje.

Ele deu um aceno de cabeça, indo embora.

Segui Crow até a lateral da casa e desci até onde sua irmã guardava os cavalos. Eles estavam presos em um lindo curral branco.

— É muito bom que sua irmã tenha nos deixado ficar escondidos aqui, — eu disse a ele. — Devemos alguma coisa a ela por isso?

Ele balançou sua cabeça. — Não para o clube. O pai dela também era Red. Ela sabe como é.

Eu dei a ele um olhar penetrante. — O clube não está com problemas. Podemos pagar. Parece a coisa certa a fazer.

Ele me observou por um momento antes de assentir. — Se você quiser. Ela certamente apreciaria isso.

Caminhamos um pouco mais, contornando o curral e indo em direção a outro celeiro menor. Atrás havia uma trilha para caminhada que levava ao pasto dos cavalos.

— Sobre o que você queria conversar, Crow?

Ele fez uma careta, a boca fechada antes de soltar um longo suspiro. — Nosso presidente assumiu a responsabilidade por muitos caras nesta organização. Eu sei que ele ligou para você para nos ajudar a resolver isso. Essa é a verdadeira razão pela qual você está aqui, porque temos alguns caras em quem não confio.

Ele estava falando de si mesmo? Ou de outros?

— Mas a razão pela qual quero ter esta conversa em privado é porque estou preocupado. Fico nervoso com a proximidade do Estrada, com a rapidez com que chegou até nós. Quando conseguirmos fazer tudo, e depois?

— O que você está falando?

— Estrada é poderoso. E se ele está ligado aos russos, onde é que isso nos deixa? Somos os Red Demons, mas estou preocupado quando nos afastarmos do cartel.

— Você está falando sobre segurança?

— Estou falando que talvez queiramos nos unir a outra entidade de poder. Queria abordar o assunto, saber sua opinião.

— Alguns podem dizer que estamos nos afastando de um demônio, então por que quereríamos nos juntar a outro?

— Porque a pessoa em quem estou pensando não é como Estrada. Eles não enforcam uma família inteira por passar a porra de um telefone. Eles estão na mesma área que nós. Faria sentido formar uma equipe com eles, se estivessem abertos a isso. Mas você é VP, então caberia a você fazer a abordagem.

— Por que não paramos com essa besteira e você nomeia quem eu acho que está nomeando.

Ele me olhou, uma gota de suor aparecendo em sua pele. Mas depois de um momento ele assentiu, tomando uma decisão. — Estou falando dos canadenses. Eles estão aqui, principalmente no Centro-Oeste, mas estariam abertos à expansão para o oeste. Eles não têm o Texas, e nós temos.

Dei a ele outro olhar penetrante. — Você sabe que quando sairmos, será no Texas que seremos atingidos primeiro.

Ele assentiu. — Estou ciente. Mas aqui também, eu acho. É por isso que estou pedindo isso. Os canadenses fazem seus negócios de uma forma que ainda é um mistério para a maioria. Eles conseguiram homens, mas atacaram de forma coordenada. Seu líder é inteligente, calculista, mas não mata incessantemente. Isso me pega. Tenho família aqui. Não quero que sejam mortos e, tendo Estrada na nossa porta, quero que algumas medidas sejam postas em prática.

Bem, foda-se. Os canadenses eram quem Max queria que eu abordasse. Mas eu não confiava em Crow o suficiente para revelar isso, ainda não.

— Vamos cuidar dos caras em quem você não confia primeiro.

Ele me deu outro olhar avaliador. Então seus olhos se fecharam e ele assentiu. — É a jogada inteligente.

Precisávamos fazer os negócios desagradáveis primeiro, porque estávamos falando sobre traidores Red Demon – um dos piores crimes que existiam. Precisaríamos lidar com esses caras, remover seus patches[40] e decidir quem enterrar e quem queimar.

Pude ver a relutância de Crow, mas isso tinha que ser feito.

Ele não queria nomeá-los. Eu não queria ouvir os nomes, mas primeiro o clube. Sempre.

Então fiz a pergunta: — Em quem você não confia em seu clube, Crow?

30

KALI

Meu telefone tocou ao meu lado.

Harper: Justin está aqui.

Oh garoto. Eu já sabia disso. Harper sabia que eu sabia, então não era esse tipo de conversa por mensagens de texto.

Este era um texto diferente.

Suspirei, acomodando-me. Eu estava esperando Shane fazer o que ele precisava fazer. Então, bem, faríamos o necessário depois disso. Até então... Meu telefone tocou novamente.

Harper: E ELE ESTÁ ME IGNORANDO! Ignorando-me, Kali. Me ignorando.

Harper: Ele veio aqui por minha causa. Agora, está me ignorando. O que é isso? Honestamente, que porra é essa?!

Harper: O pior é que ele e Aly são melhores amigos. Ele levou minha melhor amiga. Ela é minha. Não dele. E seu novo homem, porque santa banana, ela e aquele Brandon são gostosos juntos. Há quanto tempo você se foi? Três noites? Ela esteve com ele todas as noites. Somos presença permanente no Manny's. Estou começando um clube do livro com uma senhora maluca chamada Rebecca e outro cara mais velho chamado Gus. Suspiro. Ele é realmente maluco, mas eu gosto dele. Eu não acho que ele saiba ler. Tenho quase certeza de que ele acha que o clube do livro é um código para outra coisa, e não quero perguntar o que ele acha que é.

Eu: Se Justin está te ignorando, é porque você fez ou disse algo que o

aborreceu.

Harper: De quem você é melhor amiga?

Eu: Sua. Aly também. Entrei em contato com ele também.

Harper: Eu odeio todo mundo. Até minha mãe não se importou.

Harper ligando.

Apertei aceitar e ela continuou como se não tivesse havido nenhuma pausa após sua mensagem.

— Liguei e informei a ela o que estava acontecendo, e sabe o que ela fez?

Fiquei tensa, esperando a bomba cair.

— Ela pediu para falar com ele! — Sua voz se elevou. — Não para repreendê-lo, ou sei lá, adverti-lo para não machucar a filha dela. Não. Ela queria ver como ele estava desde o rompimento. Eu não posso acreditar. Minha própria mãe. E então, quando ele devolveu o telefone, ela *me avisou* para não *machucá-lo!*

Sim. Meu palpite foi confirmado. — Harper.

Ela fungou. — O quê?

— Justin lhe deu um ultimato? Casar ou terminar com ele?

Ela ficou em silêncio por um momento. — Não.

— Você sente falta dele?

— Sim…

— Você está com medo de se casar. Acho que isso é razoável, considerando a vida maluca dos seus pais, mas tenho certeza que Justin vai entender. Vocês conversaram desde aquela noite?

— Não. Ele propôs e eu fui embora.

Santo, eu me levantei da cama. — O quê?

— Ele se ajoelhou, tirou o anel e eu fui embora. Da minha própria casa. Saí da minha própria casa.

— Ele estava lá quando você voltou?

— Não.

Eu fiz uma careta, algo na maneira como ela disse isso... — Quanto tempo você ficou fora?

— Três dias.

— Oh meu Deus, Harper! Claro que ele tinha ido embora quando você voltou. Isso é... isso é humilhante.

— Minha melhor amiga. — Sua voz estava estridente novamente. — Minha. Não a dele...

Soltei um suspiro e ela ouviu, acalmando-se.

— Estou sendo irracional, não estou?

— Um pouco.

Esperei, pois conhecia Harper. Passávamos por isso desde o ensino médio. Podemos envelhecer, podemos ficar mais sábios, podemos criar cicatrizes internas e externas, mas algumas coisas nunca mudam – nossos corações. Harper estava petrificada e não sabia o que fazer.

— Quando você vai voltar? Eu gostaria de um abraço de Kali.

— Eu não tenho certeza. Estou esperando para descobrir.

— Sinto sua falta. É divertido estar aqui com Aly, mas viemos para ficar com você, sabe.

— Eu sei. — Deitei-me novamente, acomodando-me no travesseiro mais uma vez. — Não acho que minha irmã volte conosco.

— *Você* vai voltar com a gente?

Eu também não poderia responder a isso. — O que você vai fazer com Justin? — Perguntei em vez disso.

— Ah! Não pense que não sei o que você está fazendo. O que está acontecendo entre você e o Sr. Shane King, o motociclista gostosão e durão?

— Eu também não sei. — Essa era a verdade. Ainda não tínhamos feito sexo. — Então, Aly e aquele tal de Brandon, hein?

Harper resmungou. — Eu sei perfeitamente que você está desviando de novo, mas vou deixar passar. Eu também poderia me distrair com alguma fofoca. E sim! Ela teve três encontros de uma noite com ele. Fica dizendo que cada noite é a última, até a noite seguinte, quando estamos no Manny's e ela fica esperando ele fechar. Esse cara é gostoso. E conheci a irmã. Eu tenho uma queda por ela. É oficial. Vou começar minha própria página no Instagram e preenchê-la com fotos dela e de seu homem, que tem uma aparência incrível. Os dois? Sexo sobre rodas. Sexo *excitante* sobre rodas.

— Aly gosta da irmã?

Ela fez um som evasivo. — Você conhece Aly. Ela é toda alegre e legal, mas internamente está mentindo para si mesma sobre o que está fazendo com Brandon.

Eu fiz uma careta. Isso parecia mais sério do que eu pensava. Sentei-me novamente lentamente. — Espere. O quê?

— Ela está apaixonada.

— Só se passaram três noites.

— Sim, e você conhece Aly. Nós conhecemos Aly. Ela está apaixonada.

— O quê?!

— Ela fica ruborizada quando ele diz o nome dela. Ela fica nervosa antes de ligar para ele - ou até mesmo mandar uma mensagem. Ela tem o olhar. Nossa garota se apaixonou, Kalista.

Eu me levantei, agora de pé na cama. — *O quê?!*

O pânico tomou conta do meu peito.

Subindo.

Comprimindo.

A pressão encheu meu peito, subindo até minha garganta.

A porta do quarto se abriu e Shane apareceu, com o rosto transtornado. — *O quê?!*

Deixei cair o telefone, sem pensar. — Minha melhor amiga se apaixonou pela segunda vez na vida e EU NÃO ESTAVA LÁ PARA ASSISTIR! — Lancei-me sobre ele, sabendo que ele me pegaria. Minhas pernas envolveram sua cintura e olhei de cima a baixo, com um olhar fixo. — Você me manteve aqui enquanto minha melhor amiga se apaixonava! Como você ousa!

Shane me pegou facilmente e balançou a cabeça, provavelmente por causa do quão louca eu estava sendo.

Eu não me importei. Continuei olhando, furiosa. — Minha melhor amiga, Shane!

O olhar de choque desapareceu e ele deu um passo, deixando-me cair na cama. Minha bunda bateu no telefone. Ouvi Harper gritando embaixo de mim, mas não me importei.

Eu me sentia hiperventilando. Eu havia perdido esse momento. Eu não tinha verificado o cara. Eu me levantei novamente, balançando as mãos no ar. — A última vez que ela se apaixonou, o pau de três centímetros a trocou por uma garota tamanho 36. Aly é tamanho 42. É isso. Um 42. Ele disse especificamente que a estava trocando por alguém que parecia um troféu em seu braço. Aly ama *muito*. Ela não amou ninguém desde então. Agora descubro que ela está apaixonada por alguém e não estava lá para verificá-lo – persegui-lo ciberneticamente, interrogar seus familiares, seus amigos, procurá-lo em sites de

namoro, ver quais fetiches ele poderia ter. Eu não fui capaz de fazer nada disso porque estava aqui por sua causa e *uau*...

Ele se aproximou, passou os braços em volta da minha cintura e me colocou por cima do ombro.

— Shane!

Ele se abaixou e me entregou algo. — Seu telefone, baby.

— Baby?! — Pude ouvir Harper novamente. — Ele chama você de baby?!

Ai Jesus. Peguei o telefone, colocando-o no ouvido de uma forma muito desconfortável. — Ei.

— Ei? Olá você mesmo! — Harper estava toda alegre agora. — Ele chama você *de baby?*!

Eu me encolhi, um pouco da minha raiva derretendo, porque sim, ele me chamava de baby. — Hum, acho que preciso ligar de volta para você.

— Faça isso! Definitivamente. Sem pressa. Baby. Oh meu Deus. *Baby.* Preciso ligar para Aly agora mesmo. — Ela desligou na minha cara dessa vez.

Não estávamos muito longe da cama, então larguei o telefone enquanto Shane saía do quarto e ia para o banheiro. Ele me colocou sobre a bancada, afastando-se para ligar o chuveiro.

Dizer o quê?

Ele não me penetrou, mas queria tomar banho juntos?

Eu estava colocando o pé no chão. Considere isso. Meu pé. Agora.

Então ele se virou para mim e seus olhos ficaram semicerrados. *Que pena.* Lá se foi minha vontade, literalmente derretendo dentro de mim. Ele estendeu a mão para tirar a camisa e eu engoli em seco novamente, porque, meu Deus, seu peito era outra coisa. Ele largou a camisa vindo em minha direção e suas mãos foram para a calça jeans.

Engoli em seco, obrigando-me a olhar para cima e para longe daqueles dedos mágicos. — O quê? — Eu estremeci. Minha voz estava seriamente estridente. Abaixei a voz, tossindo. — O que você está fazendo?

— Estava no telefone com sua amiga? — Seus olhos ainda fumegavam.

Desviei o olhar.

Ele se aproximou, com as mãos nos meus joelhos, deslizando pelas minhas pernas.

— Sim. — Minha voz falhou. Eu teria ficado envergonhada se não estivesse tão focada na forma como suas mãos deslizavam pelas minhas pernas, direto para onde eu queria que seu pau entrasse dentro de mim, mas ainda não tinha acontecido. — O que tem demais?

— Estou me familiarizando aqui. — Ele levantou meu queixo para encontrar seu olhar e se aproximou ainda mais. Eu podia sentir sua calça jeans esfregando na minha. — E sua outra melhor amiga, a garota, se apaixonou por alguém?

— Mmm-hmmm. — De jeito nenhum eu diria a ele que era um cara inflexivelmente contra seu clube de motociclismo. Esqueça minha irmã. Ela tinha feito a cama e, para ser sincera, eu não tinha certeza se ela não estava melhor aqui do que em casa. Gostei do Machete. Red Demon ou não, eu tinha um bom pressentimento sobre ele. Mas esqueça ela. Meu novo objetivo era voltar para Fallen Crest e verificar esse cara por quem Aly estava se apaixonando.

— E você não estava lá? — Shane perguntou.

Balancei a cabeça, começando a me sentir idiota. Um pouco.

— Harper disse que ela está apaixonada, e só disse isso uma vez, — tentei explicar.

— Sobre o ex dela?

Eu fiz uma careta. — Como você sabe sobre o ex dela?

Shane se aproximou, agora parado entre minhas pernas. Seus olhos suavizaram. — Seu irmão e eu conversamos mais do que você pensa.

— Connor mencionou o ex de Aly?

— Gloves se manteve a par de tudo na sua vida. Ele compartilhou a maior parte, ou pensei que sim. Ele não contou que você estava de volta à cidade. Ele sabia?

Eu balancei a cabeça. — Sim. Ele sabia.

Shane fez um som evasivo. — Parece que ele guardou isso para si mesmo, mas é o que é. Para lidar com o problema atual, presumo que você queira falar com suas amigas?

Seus dedos massagearam minhas pernas, seus polegares esfregando o interior delas, mas ele não se moveu mais para cima.

Por que não fizemos sexo?

Eu queria isso. Falei a ele de uma forma muito direta e nada. Ele tinha feito todo o resto. Mas sem inserção de pau.

O que isso significava?

Eu podia senti-lo, mesmo agora. Sua dureza. Estava bem na minha frente. Ele me observou e eu observei seu pau.

— Por que não fizemos sexo?

No instante em que as palavras saíram, eu me arrependi delas.

Suas mãos se levantaram e ele recuou.

O frio instantâneo tomou conta de mim, como um balde de água espirrado em meu rosto.

Isso foi idiota.

Eu não deveria ter perguntado... Espere. Não. Essa é uma pergunta legítima.

Levantei a cabeça e deixei de lado todas as minhas inseguranças estúpidas. Eu não tinha mais vinte anos. — Já fizemos todo o resto. Eu te disse ontem à noite que queria foder, mas até agora... — Estendi a mão para sua cintura, puxando-o para mim. — Esse cara ainda não entrou em mim.

Seus olhos ficaram sombrios, subitamente sérios.

Abrindo minhas pernas, movi-o até que ele coubesse ali. Um toque em alguns botões e ele poderia ter penetrado.

Eu esperei.

Eu esperaria por ele.

A luxúria sombria brilhou em seus olhos.

Estava ansiosa por ele. Eu nunca, jamais senti isso antes.

— Eu fiz uma pergunta, Shane. Quero uma resposta.

Tão direta. Tão decidida. Quem era essa nova Kali? Quer dizer, eu geralmente era determinada, mas não em relação ao sexo, não quando me sentia vulnerável.

Ele emitiu um rosnado quando sua mão subiu, agarrando minha nuca. Ele segurou meu cabelo e lentamente se moveu totalmente contra mim.

Fechei os olhos, apenas brevemente, ao toque, à aproximação.

Ele se sentiu tão bem ali. Então, novamente, foi aí que tudo começou: encostada contra a parede de um motel.

— Você quer saber por que meu pau não esteve dentro da sua boceta?

Eu ofeguei enquanto ele se movia contra mim, esfregando.

— Sim. — Olhei diretamente para ele. — Eu quero.

Eu não estava com medo dele. Não mais. Deixei-o ver isso. Nesta área, eu nunca mais teria medo. Nenhum homem iria tirar esse poder de mim.

Ele se abaixou, seus olhos brilhando, sua mão segurando meu cabelo com força, mantendo-me parada no lugar. Mas eu queria isso. Eu gostava.

Quando ele se aproximou ainda mais, com a boca quase na minha, eu me mexi e envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, puxando-o para perto.

Sua boca se aproximou da minha por causa do movimento, e embora ele não estivesse esperando por isso, eu estava.... Mordi seus lábios, mas sua boca se abriu e assumiu o controle, de repente muito dominadora. Suas mãos seguraram meu rosto, inclinando-me para ele, para que pudesse explorar minha boca.

Sua língua me reivindicou. Assumindo o controle.

Então ele me pegou de novo e se virou, nos levando para o chuveiro. A água caía sobre nós enquanto ele me pressionava contra a parede.

Ele acariciou minha bunda enquanto continuava me beijando.

Os beijos. Eu poderia morrer só por causa dos beijos.

Ele tirou minhas roupas, deixando-as cair uma por uma no chão do banheiro até que ambos ficássemos nus, nos contorcendo um contra o outro.

Ele se movia contra mim, girando, movendo-se, repetindo.

Eu estava ofegante novamente, mas ele não largou minha boca, nem uma vez, nem mesmo quando sua mão passou entre minhas pernas. Então seu pau estava lá, parado contra minha boceta.

Eu gemi, minha cabeça inclinada para trás.

Finalmente, ele levantou a boca apenas o suficiente para rosnar: — Meu pau não esteve em você porque estive esperando. Eu quero você por inteira. Não apenas seu corpo ou sua mente. Eu quero você por inteira.

E quando ele disse essas palavras, empurrou para dentro. Ele foi fundo, sua mão segurando minha nuca. — Sei que não tenho tudo de você - não ainda. Mas você quer isso? Você está entendendo.

Ele deslizou para fora e empurrou novamente. Penetrou com força, quase agressivo, punitivo.

Agarrei seus ombros. Eu queria isso.

Sim.

Ofeguei quando ele se moveu novamente, senti como se estivesse sendo marcada de dentro para fora.

Eu era dele.

Ele havia comandado isso.

Suas investidas eram fortes, rápidas. Não eram suaves, mas nada era suave entre nós.

Era intenso. Desesperado.

E tão necessário.

Meus quadris se moveram com ele, e ele manteve minha cabeça apoiada em sua mão, mas o resto do meu corpo bateu na parede. Uma e outra vez.

Ele continuou a me beijar, sua língua agora no ritmo de seu pau.

Meus dedos afundaram em sua pele, segurando-o. Estávamos frenéticos. Nós dois juntos.

O prazer invadiu-me, crescendo, expandindo...

Ele continuou se movendo dentro de mim. Dentro e fora.

Deixei cair uma das mãos em seu quadril, a outra na parede do chuveiro, e comecei a montá-lo, empurrando para cima e para fora sozinha. Nós nos movemos um contra o outro. Agora que eu estava me segurando no lugar, sua mão se moveu para meu clitóris e começou a esfregá-lo lentamente, quase com ternura – em total oposição à maneira como ele se movia dentro de mim.

Ele olhou nos meus olhos e eu sabia que podia ver dentro de mim, mas eu podia ver dentro dele.

Ele precisava disso tanto quanto eu, talvez mais. Não. Definitivamente mais. A necessidade surgiu em seu olhar, e minhas emoções pressionaram e ameaçaram explodir para fora do meu peito.

Eu estava gozando, mas Deus, não. Eu não queria. Ainda não. Queria esperar, apreciar isso.

Ele me viu lutando contra e balançou a cabeça antes de agarrar meus quadris. Ele me segurou ali, parando antes de deslizar para fora, quase todo o caminho, mas então me reposicionou. Ele me segurou mais alto, movendo-se para dentro de mim e eu não pude fazer nada além de envolver meus braços em seu pescoço, minhas pernas fechando em suas costas, meus tornozelos enganchados um no outro.

Inclinei minha cabeça enquanto nos abraçávamos, e ele começou a me penetrar, quase como um deslocamento.

Isso me levou ao limite, e eu quebrei em seus braços, todo o meu corpo aproveitando o meu clímax.

Ele continuou se movendo, perdendo um pouco de sua intensidade enquanto esperava que eu me acalmasse, que meu corpo se recuperasse depois de as ondas terem me atingindo. Quando aconteceu, ele se afastou e virou-me no ar antes de me pressionar contra a parede do chuveiro. Suas mãos encontraram as minhas, seus dedos entrelaçaram-se com os meus enquanto seu pau deslizava de volta para dentro de mim.

Ele me fodeu por trás sem parar até que comecei a sentir o formigamento de novo, e gozei de volta nele. Minha cabeça descansou em seu ombro. Ele ainda me penetrou e moveu nossas mãos unidas entre minhas pernas, tocando-me ali com meus próprios dedos. Juntos chegamos ao limite, e ele fez uma breve parada até que eu gritei de novo. Em seguida eu o senti, uma última vez, movendo-se e girando até que gozou dentro de mim.

Eu estava preenchida, esgotada.

Ele saiu de mim, dando um beijo suave em meu ombro, e sua mão subiu para circundar meu seio. Pensei que ele fosse dizer alguma coisa, mas não disse. Ele apenas me segurou. Nós dois estávamos tremendo um pouco. Depois de alguns momentos, ele me carregou para fora do chuveiro, pegando algumas toalhas no caminho.

De volta ao quarto, ele colocou uma toalha na cama antes de me deitar nela.

Recuei, abalada com o que acabara de acontecer.

Tinha sido violento em alguns momentos, quase um tipo de sexo de dominação, mas fiquei abalada porque parecia certo para mim. Com ele. Só ele, no entanto.

Ele ficou parado, olhando para mim.

Eu olhei de volta.

Não havia palavras. Sem sentimentos. Ele havia arrancado cada um deles de mim.

Mas eu sabia que poderia me submeter para uma vida inteira de sexo assim.

Isso me assustou.

31

SHANE

Estava acabando de me vestir quando alguém bateu na porta. Era Boise e eu fechei a porta do quarto. Kali e eu não conversamos depois da merda que aconteceu, e ela estava se vestindo também.

Voltei, abrindo a porta principal.

Boise entrou, seu olhar indo para a porta do quarto, mas não fez comentários. Ele foi até a mesa da cozinha, onde eu estava com minhas armas. Comecei a colocá-los de volta, uma após a outra. Meu colete foi o último.

— Crow? — Ele perguntou.

Balancei minha cabeça. Eu não poderia falar sobre isso com Kali ouvindo.

Não é que eu não confiasse nela. Ela era uma armadilha de aço, a mais forte que existia. Mas isso era assunto do clube. Eu não a queria na posição de ouvir nada. Também era contra a política.

Ele assentiu. — Você ainda pretende ir para Frisco amanhã?

A porta se abriu e Kali saiu, mas ela parou ao ver Boise. Ela usava shorts e uma regata, e seu cabelo estava solto. Ela passou os dedos pelas pontas. Evitando meu olhar, deu um pequeno sorriso para Boise e entrou no banheiro. Ouvi o chuveiro ligar um segundo depois.

— Posso saber o que foi aquilo? — Boise olhou para a porta fechada do banheiro.

Eu grunhi. — Eu nem sei do que se trata. — Balancei a cabeça em sua direção. — Pergunte por aí. Ela quer ir à Fallen Crest.

— Fallen Crest? O que faremos lá?

— Nada, mas ela tem amigas lá e quer se encontrar com elas.

Boise, que não demonstrava emoção, desta vez mostrou sua surpresa. Suas sobrancelhas se ergueram. — Não deveríamos ir em Fallen Crest.

Ele estava se referindo a um acordo que havíamos feito no passado com pessoas que não passavam disso – passado. Ele estava errado sobre parte disso. — É por Roussou que não deveríamos atravessar. Fallen Crest nunca fez parte desse acordo.

— Ainda. Tem policiais lá. Gente rica.

Balancei a cabeça, dando uma olhada dura na porta do banheiro. — Ela quer ir e não vou deixá-la ir sozinha. Ainda não.

Ele olhou para trás também. — E aí? Você é o VP. De jeito nenhum vai entrar sozinho.

Isso significava algumas concessões. — Sem coletes? Um pequeno grupo de nós?

Ele me deu um olhar longo e duro. Depois concordou. — Stripes está fora de questão.

Balancei a cabeça. Ele tinha história com ambas as cidades. — Pegue Corveta. Roadie.

— Eu.

Nós compartilhamos um sorriso. — Nenhuma outra pessoa ao meu lado.

— Está bem então. O que você quer que eu diga aos outros?

— A verdade. Preciso dar atenção à minha mulher, e ela quer ir para Fallen Crest. Vamos levá-la, partir daí e encontrar o resto quando estiverem descansados?

Seus olhos se estreitaram. — Ninguém vai querer estar aqui sem você.

Sim. Eu entendi.

O chuveiro foi desligado.

Eu tinha que tomar uma decisão.

Peguei meu colete. — Diga a eles para se vestirem. Iremos para The Bonfire e ficaremos lá. Não é tão longe de Fallen Crest. Isso é algo.

Boise assentiu e saiu.

Terminei de juntar minhas coisas – não que eu tivesse muita coisa comigo. Uma mochila. É sobre isso. Kali ainda estava no banheiro, então fui juntar as coisas dela também. O telefone dela estava desligado. Deixei de lado, colocando a bolsa dela ao lado. Levei a minha comigo, saindo.

Stripes apareceu assim que fechei a porta, o que não foi surpreendente. O cara estava em todo lugar. É por isso que eu o coloquei em Crow.

Ele olhou ao redor. — Boise disse que estamos saindo?

— Se você quiser. Estou indo para Fallen Crest. O resto pode ir para The Bonfire.

Ele assentiu, colocando as mãos nos bolsos. Ele fazia isso quando tinha algo que queria dizer. — Você tem algo a dizer?

Sua cabeça levantou, mas abaixou novamente. — Eu tenho história lá.

— Estou ciente.

— Boise disse que você vai pegar Core e Road.

— Eu também estou ciente disso.

Atravessamos a entrada da garagem, indo até minha moto. Crow estava me esperando na varanda da casa principal. Ele tinha um monte de homens com ele e seus olhos estavam nos rastreando. Reconheci a expressão em seu rosto. Ele também tinha algo a dizer.

— Estou pensando que pode haver uma fila de pessoas esperando para conversar comigo, — disse a Stripes. — Diga o que você quer. O que está

acontecendo?

Ele respirou fundo e depois falou. — Eu quero ir com você.

— Não.

— Ghost.

— Não. — Parei, encarando-o. — Vamos entrar sem nossos coletes. Não é algo com que me sinta confortável, mas também não me sinto confortável com outras coisas. Você não vem. Os policiais irão localizá-lo, reconhecê-lo e você sabe que eles vão querer vingança. Ou alguns deles o farão.

Ele amaldiçoou, virando-se.

— O que mais você tem a dizer antes de eu ir até lá e o vice-presidente de Frisco encontrar algo para conversar comigo?

Stripes me deu um sorriso, com as mãos ainda nos bolsos. — Não tenho nada então. Queria colocar minha proposta para ir com você. Eu conheço Fallen Crest, sei onde estão todos os idiotas desprezíveis.

— Estou ciente da sua história, mas as amigas da minha mulher estão criando raízes em um lugar chamado Manny's.

Sua cabeça foi jogada para trás, todo o seu corpo paralisado.

Sim. Essa era a reação que eu sabia que ele teria. Ele tinha um histórico sério com algumas pessoas próximas aos proprietários daquele lugar.

Ele amaldiçoou. — Não pensei que chegaria tão perto.

— Está bem perto.

Ele respirou fundo. — Sim. Ok. Talvez eu fique um pouco aqui, fazendo o que você me pediu antes de voltar.

— Peça a um irmão para ir com você. Um dos nossos.

Ele assentiu, já começando a se afastar. — Farei isso. — Seus olhos passaram por meu ombro e ele me deu um pequeno aviso. Eu não precisava do

aviso. Ouvi o cascalho e sabia quem estava vindo em minha direção.

Quando me virei, Crow estava sozinho. Seus homens ainda estavam na varanda da frente, todos observando o VP se aproximar de mim.

Ele ergueu o queixo. — Ouvi um boato de que você está saindo.

Eu grunhi. — Boise é rápido.

Ele riu. — Quais são seus planos em relação ao que conversamos?

Certo. Todos os irmãos em quem ele não confiava, e ele me deu bons motivos para não confiar neles também. Observei-o, sério. — O que você disse foi sério. Não é contra as regras ter trabalhos paralelos, atividades paralelas. Você sabe disso, mas Estrada está se movendo para sudeste, bem em direção onde nosso Prez ainda está instalado. Confie e acredite que levarei em consideração o que você está propondo, mas preciso resolver algumas coisas antes de tomar essa decisão. Entende?

O que não estávamos dizendo tinha a ver com cavar dois metros de profundidade para alguns caras, caras que chamamos de irmãos, e finalmente fazer o que vim fazer aqui. Mas antes de tudo, eu precisava cuidar de Kali.

Crow deu um pequeno aceno de cabeça, relaxando. — Entendo você. — Ele examinou o pátio da frente, vendo alguns dos outros caras arrumando suas motocicletas, e alguns que não estavam. — Planos para seus homens?

Relatei os planos que havia discutido com Boise e Stripes agora há pouco.

Enquanto eu falava, Machete atravessou o pátio, vindo do celeiro. Claudia veio atrás dele, com as mãos enfiadas nos bolsos traseiros. Quando ele se virou para mim, ela mudou para a casa, passando pelos caras na varanda. Ela quase deu um salto, mas não estava olhando na minha direção.

Eu duvidava que a irmã de Kali voltasse a olhar em minha direção, a menos que sua vida estivesse em risco. Era só um palpite.

— Vou manter contato com você? — Crow perguntou.

Balancei a cabeça em sua direção enquanto ele se dirigia para casa, e Machete se aproximou.

Ele olhou na direção de Crow. — Aquele ali está diferente.

Eu franzi a testa. — O que você quer dizer?

Machete observou enquanto Crow conversava com alguns de seus homens antes de saírem da varanda, indo para um dos outros celeiros.

Ele balançou sua cabeça. — Apenas um pressentimento. O cara está desligado.

Eu também tive essa sensação. — Não posso fazer só com isso.

— Não, mas temos pessoal de informática. Eles podem ser direcionados para ter uma determinada maneira. — Ele me deu uma olhada.

Sim. Talvez ele estivesse certo. Eu teria que fazer essa ligação assim que pudesse.

— Você veio por um motivo. O que está acontecendo? — Perguntei.

— Só vendo como está a irmã? — Ele olhou para a casa. — Claudia está um pouco preocupada, acha que Kali está fora de si, considerando seu recente divórcio.

Pelo amor de Deus. Dei a ele um olhar demoradamente, um olhar muito sério também. — É legal que você e a patroa estejam se dando bem, mas você a conhece. Esta está se metendo nisso, e você sabe que não serei receptivo.

Ele sorriu, uma risada seca saindo dele. — Eu disse isso, mas ela não parava de tagarelar até que eu lhe dissesse que diria alguma coisa. Pelo que vale, acho que parte dela quer mexer com o seu relacionamento e a outra parte *está* preocupada. O ex deu estragou tudo com a irmã.

Sufoquei um suspiro porque eu também sabia de tudo isso. — Diga à sua mulher que se ela entrar na minha, eu vou entrar na dela.

Seus olhos se estreitaram. — Isso é uma ameaça?

— Não, mas ela com certeza vai entender assim. Do jeito que ela pensa, não conseguirá tirar isso da cabeça. Pode dar a mim e a Kali um pouco de paz por alguns dias, pelo menos.

Ele sorriu, mas Machete deixou de existir para mim.

Kali estava vindo em minha direção com a bolsa na mão. Ela caminhou pelo cascalho, os ombros curvados para a frente e uma das mãos no bolso da frente. *Maldita.* Suas longas pernas apareciam através do jeans rasgados. Eu não gostava de tendências, mas agradeci a todas as pessoas da moda pela vista linda das longas pernas dela.

Ela estava com uma regata, um sutiã preto aparecendo por baixo, e meu pau estava duro de novo.

Esta mulher.

Ela olhou para cima e seus olhos se aqueceram ao me encontrar a admirando.

Porra. Um olhar dela assim, e eu mataria qualquer um que ela pedisse.

Ela diminuiu a velocidade, fora do meu alcance, e se ergueu, voltando a se movimentar sobre os pés. — Vi minha bolsa. Vi que suas coisas sumiram. Fiz uma suposição.

Estendi a mão, pegando a bolsa dela e certificando-me de que minha mão tocasse seus dedos e braço no processo. Seus olhos escureceram com o toque e ela cambaleou em minha direção. Eu tinha certeza que ela também não sabia que estava fazendo isso. Então ela respirou fundo e recuou.

Ela revirou os olhos. — Com você, eu me transformo em uma mulher estúpida e sedenta de sexo. — Ela riu de si mesma, sua boca se curvando.

Isso me fez querer me aproximar e beijar seu sorriso até que fosse meu. Eu me abstive. — Eu e alguns caras vamos levá-la para Fallen Crest.

Seus olhos se voltaram para os meus, arregalando-se. — Sério?

— Você precisa saber, o clube tem alguma história por aqui, mas não tenho intenção de deixá-la entrar lá sozinha. Vou com você e não usaremos nossos coletes. Espero que isso torne as coisas um pouco mais tranquilas. — Dei a ela um pequeno aceno de cabeça. — Faço isso por você.

Tirar nossos coletes ou escondê-los significava alguma coisa. Nossos coletes eram nossos bens mais sagrados.

Sua boca formou um pequeno O.

Ela percebeu. — Obrigada.

Inclinei-me, tocando minha boca na dela. Um beijo doce e prolongado. Ela tinha gosto de limonada fresca em um dia quente, o que me fazia querer enrolar os dedos dos pés e fingir que era uma criança de novo, sem preocupações, sem conhecer as sombras do mundo. Ela era assim para mim.

Levantei a boca só um pouquinho e disse: — Ligue para suas amigas, veja onde estão? Vamos nos encontrar com elas esta noite.

Ela assentiu, sua boca se movendo contra a minha com o movimento. Então ela ficou na ponta dos pés, agarrou minha nuca e pressionou sua boca, quente e firme, na minha.

Bem. Parecia que eu tinha acabado de causar uma boa impressão.

Eu queria fazer mais disso.

32

KALI

Começamos a viajar com a maior parte do clube de Shane, mas depois viramos para o sul em direção a Fallen Crest, pois eles seguiram para outro lugar.

Eu não perguntei onde. Não queria saber, mas viajando atrás de Shane, sem sentir nada entre nós, o vento e a natureza, eu entendia a alegria que eles sentiam. Entendia por que as pessoas dedicavam parte de suas vidas apenas para suas motocicletas.

Era viciante, emocionante e perigoso.

Entramos, mantendo-nos nos arredores de Fallen Crest e parando atrás de uma oficina mecânica. Um cara mais velho – magro, de pele envelhecida, careca – saiu e acenou para que fôssemos até os fundos. Shane foi na frente e entramos em um quintal com uma pequena casa. Havia também trechos de terra e cascalho, espremidos entre carros abandonados, algumas motos e grama que não parecia ter sido cortada há uma década. Um tanque de propano ficava do outro lado da casa, que mais parecia três quartos de motel juntos com uma calçada de cimento em frente às portas.

Shane dirigiu até a casa e estacionou.

O cara mais velho se aproximou, com a mão no ar. Shane se encontrou, e eles se abraçaram dando tapinhas nas costas.

— Ghost. É bom ver você. — O olhar do cara passou por mim, mas não se demorou. Ele se virou para os outros enquanto eles estacionavam ao nosso lado. — É bom ver você, Corvette. Roadie. — Havia um brilho em seus olhos. — Vou tomar nota para avisar Tracey, embora talvez deva avisar você. Minha garota

está vindo de West Virginia e agora ela tem um homem. Tire as mãos.

Roadie deu a volta na traseira da sua moto, franzindo a testa para o cara mais velho.

Eu finalmente somei dois mais dois e percebi quem era Roadie minutos antes de sairmos do celeiro. Roadie e Corvette foram os motociclistas brigando no supermercado naquele primeiro dia. Ele me deu um olhar tímido enquanto os olhos de Corvette se tornaram tensos.

Corvette se aproximou do outro lado, tirando as luvas de estrada. — Não. Nenhum aviso necessário. Este está tão fodido com as mulheres que está com o pau preso.

A cabeça do cara mais velho se inclinou. — É mesmo?

Shane grunhiu, pegando minha bolsa e a dele. — É quase uma pena ouvir falar de Tracey. Ela o teria comido e cuspido. Talvez ele tivesse aprendido uma lição.

O sorriso do cara era ofuscante e me fez recuar um pouco. Ele riu. — Talvez, mas minha garota está apaixonada. Ele também é um cara grande.

— Ele está aqui com ela? — Corvette perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Ela veio ajudar um pouco a tia. Tomamos a decisão de colocar Helen em uma unidade de cuidados.

Todos os caras lamentaram.

— Lamentamos ouvir isso, vovô, — disse Shane. — Helen é uma boa mulher. Uma pessoa altamente emocional de temperamento explosivo.

Vovô piscou um pouco antes de tossir e se virar. — Sim. Você sabe como é. Essas doenças levam o cérebro e tudo, mas ela ainda é uma mulher espirituosa. Recebi uma ligação esta manhã informando que ela havia trancado duas assistentes de enfermagem em seu quarto enquanto tentava escapar.

Corvette sorriu.

Roadie riu.

— Tracey foi ajudá-las, — continuou vovô. — Encontrou Helen na estrada, tentando pegar carona. Eu mesmo tenho que chegar lá. Helen está tendo um ataque e ainda está bem, então quem sabe que tipo de dano ela pode causar nesse meio tempo. — Ele tossiu novamente e apontou para a casa atrás de nós. — Os quartos são seus enquanto precisarem deles. Quando eu esclarecer as coisas, ligarei para Maxwell. Sinto falta do velho.

Shane assentiu. — Obrigado, vovô.

Corvette e Roadie ficaram em silêncio, deixando Shane falar por eles.

Vovô levantou a mão e entrou.

Eu não sabia a história nem quem era esse cara, mas era óbvio que os três homens estavam preocupados. Ninguém falou, não a princípio, mas então Corvette bateu na nuca de Roadie.

— Ai! — Ele se virou, esfregando a nuca e franzindo a testa. — Para o que foi isso?

Corvette balançou a cabeça, os olhos ainda onde o avô tinha ido. — Você é um idiota. Precisa ser lembrado de vez em quando com um tapa. Estou pensando que vou assumir isso como meu trabalho. — Ele se abaixou, pegou sua bolsa e foi para a casa dos fundos. — Estarei no meu quarto, pensando em mais maneiras de acrescentar minha nova função no clube.

Roadie continuou esfregando a nuca, olhando para Corvette. — Que idiota.

— Ouvi isso! — Corvette ergueu o punho no ar antes de passar pela porta da sala à direita, a tela batendo atrás dele.

— Você deveria! — Roadie gritou. — Qual é o plano, chefe?

Shane tocou meu quadril. — Vá para o seu quarto, tome banho e troque-se.

Não usaremos coletes esta noite.

Roadie franziu a testa, mas foi para a porta da esquerda.

Shane pegou nossas malas e pegou meu capacete, guardando-o antes de entrarmos no quarto do meio.

Era como um motel, exceto que *nosso* quarto dava para um corredor, e dali eu podia ouvir os caras se movimentando em seus quartos. Shane veio atrás de mim, tocando minhas costas e fechando a porta. — Não dá para ver de fora, mas há uma parte dos fundos que se estende. Sala de estar, cozinha e atrás dela há toda uma área externa com churrasqueira.

Ele foi até a frente, fechou a porta também e ligou um ventilador.

Quase derreti porque o ventilador estava super barulhento, o que eu gostava - me lembrou da viagem e também de privacidade.

Shane colocou as malas na cama.

Ele olhou por cima do ombro. — Você está bem?

Fechei os olhos, subitamente exausta. — Sim.

Ele colocou as malas de lado e estendeu a mão para mim, puxando-me para seu colo.

Subi, aconchegando-me, e ele inclinou a cabeça para trás para me ver melhor. — O que você está pensando? — Sua expressão se intensificou. — Está pronta para ver suas amigas?

Concordei com a cabeça. Mandei uma mensagem para Harper e Aly antes de sair e, pegando meu telefone, vi que elas responderam.

Aly: VOCÊ ESTÁ VOLTANDO?! É ISSO MESMO. INFERNO SIM. TOUCHDOWN[41].

Harper: É GOOOOOOAAAL, não um touchdown. Kali, não se preocupe com Aly, anteriormente conhecida como nossa melhor amiga. Ela assistiu a

um jogo de hóquei com seu novo namorado e também com Justin e agora eles estão tentando lhe ensinar os termos.

Aly: Anteriormente conhecida? O que é isso? Não fique chateada porque você está preferindo não reconhecer o homem da sua vida, que VIAJOU TODO O CAMINHO PARA A CALIFÓRNIA POR VOCÊ! Isso é por sua conta. Ele está aqui. Justin é incrível e você está com ciúmes porque estamos gostando dele. Yolo, Harp. YO-LO

Oh garoto.

Eu: Estamos aqui. Onde vocês estão?

Eu não esperava uma resposta imediata, então joguei meu telefone na cama, mas ele começou a tocar.

Aly ligando.

Mostrei a tela a Shane e comecei a descer de seu colo. Ele me segurou no lugar.

Oh, tudo bem. Apertei aceitar e me recostei, bocejando. — Olllllá?

— Que tipo de saudação foi essa? Você deve estar cansada, hein?

Senti um calor intenso em mim. Era bom ouvir a voz dela. Eu sorri. — Olá, Aly.

— Olá você. — Eu ouvi o próprio sorriso dela pelo telefone. — Garota, sentimos sua falta. Sei que Harp está ao telefone com você e você está recebendo relatórios sobre o que estamos fazendo, mas como está? Como está a sua irmã? O que está acontecendo entre você e Shane? O marido da dona de Manny's é um caçador de recompensas. Não acho que seria preciso muito para que ele fizesse algum trabalho *pro bono*[42] e encontrasse você. — Ela fez uma pausa. — Brincadeira.

Ela não estava brincando.

Nós duas rimos, mas Shane ficou tenso com a menção do marido.

Eu fiz uma careta. — Hum, bem…

Shane olhou para mim e, seja lá o que ele estivesse pensando, seguiu em frente. A tensão o deixou, e ele me deu um sorriso suave, seus olhos se aqueceram.

Estendi a mão, tocando a lateral de seu rosto antes que outro bocejo me deixasse. Eu não consegui reprimir esse bocejo.

— Oh cara. Posso ouvir o quanto você está cansada, — disse Aly. — Por que você não tira uma soneca? Deixe-me saber onde está e podemos passar por aí? Talvez devêssemos fazer uma refeição? Netflix e calmaria, esse tipo de coisa?

Shane balançou a cabeça, apenas ligeiramente.

— Hum... — Procurei em seus olhos e tomei uma decisão. — Posso ligar de volta para você em um segundo? Quero conversar com Shane rapidinho.

— Tudo bem.

Desligamos. — Eu sei que elas não podem vir aqui. — Shane parecia pronto para falar, mas continuei. — Também suponho que você não quer que elas saibam sobre este lugar.

Ele se acomodou para me ouvir.

— Mas eu sei que não usar seus coletes é um grande negócio, então e se eu fosse lá e ficasse no quarto delas durante a noite? Elas estão no hotel do Country Club, totalmente seguras. Vocês podem ir tomar uma cerveja ou algo assim?

Seus olhos tinham uma inclinação suave, mas consciente. — Primeiro. — Ele estendeu a mão, pegando o telefone de mim e colocando-o na mesa de cabeceira. — É muita consideração da sua parte, pensar em nós e saber o que significa ficar sem nossos coletes. Eu realmente aprecio isso, mas é desnecessário. Segundo... — Ele me segurou e se levantou.

Suspirei, mas Shane me segurou firmemente em seus braços.

Ele se virou e me colocou na cama, deitando-se ao meu lado. Ele apoiou a cabeça na mão para olhar para mim. — Nenhum lugar está a salvo das pessoas de quem inicialmente nos escondíamos. Nenhum clube de campo, em lugar nenhum, e não estamos mais operando como se fosse um risco. Eles seguiram em frente. Eles estão em um estado totalmente diferente agora. Mas você e eu somos novos. Eu sou possessivo. Não de um jeito ruim, mas desenvolvi sentimentos e não quero perde-la tão cedo. Por causa disso, você vai ter que me satisfazer. Não há lugar para onde você possa ir que eu não me preocupe com você. Entendeu?

Inclinei a cabeça, levantando uma sobrancelha. — Quantas vezes você já fez isso antes? Sentir algo por uma mulher e ser possessivo com ela?

Isso não era ciúme se agitando dentro de mim. Não era.

Eu estava mentindo totalmente para mim mesma.

Seus olhos flamejaram e um leve sorriso apareceu. — Nenhuma antes de você.

Nenhuma.

Antes de você.

Ah... *ah cara!*

O calor surgiu dentro de mim.

Ele me observou, esperando até que eu soltasse um pequeno suspiro.

— Está falando sério?

Ele assentiu. — Você é a única, Kalista.

— Está dizendo que sente algo por mim?

Ele sorriu. — Acho que isso é um dado adquirido, com base no que acabei de falar e em como tenho agido. Você sabe disso.

Engoli em seco, sentindo um caroço. Minha voz ficou baixa. — Eu não sabia que isso não era uma ocorrência comum para você.

Eu me senti como uma adolescente aqui.

— Reivindiquei você, — Shane disse. — Em nosso mundo, isso significa muito. Mas eu quis dizer o que falei esta manhã. — Seus olhos olharam através de mim, atravessando todas as barreiras que eu tinha. — Seu coração... estou ciente de que você o considera precioso. Mas baby, significa algo para mim o que fizemos esta manhã. O que temos feito nos últimos dias.

Oh.

Uau.

Aquela parede a que ele se referiu? Não era tão alta como costumava ser, mas eu não sabia se ousaria compartilhar isso. Ainda não. Seria revelar muito.

— O que você está pensando? — Ele perguntou.

Ele ainda estava me estudando, parecendo conhecer meu interior melhor do que eu.

Eu me contorci na cama, espreguiçando-me e deixando escapar outro bocejo. — Estou pensando que gosto de você. — Minha voz baixou para um sussurro. — Talvez muito.

Ele me lançou um olhar penetrante. — O mesmo, Kali. O mesmo.

Meu telefone tocou e ele olhou. — É sua amiga de novo, mas o que eu estava começando a dizer é que não importa aonde você vá esta noite, nós também iremos. Você quer comer uma pizza e assistir a um filme no quarto de hotel delas? Tudo bem para nós, mas estaremos por perto. No estacionamento. Eu poderia colocar Roadie no final do seu corredor. Tomar uma cerveja no Manny's funciona para nós. Faça o que quiser. Essas são suas amigas, é hora de colocar o papo em dia. Parece que muito drama precisa ser compartilhado, e eu entendo isso.

O telefone continuou tocando.

Nós o ignoramos.

— O marido da proprietária. É essa história que preciso saber?

Ele balançou sua cabeça. — Não. Está no passado. Escolhemos caras que não seriam reconhecidos, se essa é a sua preocupação. Ele não me conhece. Eu não o conheço. Isso é apenas assunto do clube e, com o nosso clube, vai acontecer em muitos lugares. Não tem nada a ver com você, ou mesmo comigo, na verdade.

Isso não fazia muito sentido, mas eu estava entendendo como o clube era sua própria entidade.

O telefone parou de tocar.

Um instante depois, começou de novo.

Shane esperou eu atender.

Acenei com a cabeça e ele estendeu a mão e me entregou o telefone.

Apertei em aceitar a ligação. — Ei, encontro você no Manny's. Quero conhecer esse seu homem de uma forma mais oficial.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu celular.

— Filha! Já faz uma eternidade. Parece que faz um ano. Você está viva? Casada? Grávida? A propósito, é melhor que não esteja em nenhuma dessas situações. Não sem a bênção do seu pai. Então. Conte os acontecimentos. O que está acontecendo na Cal-i-for-nia?

— Aly tem um homem.

— Aly tem um quê?

— Um homem.

— O nome dele não é JustinBanana, é?

— O nome dele é Brandon.

— Uau. Um Brandon. Acho que nunca conheci um Brandon. Stevie está aqui. Espere…. STEVIE!

— O QUÊ?!

— VOCÊ JÁ CONHECEU UM BRANDON NA SUA VIDA?

— QUEM?

— BRAN-DON. BRANDON. COMO LONDON, MAS COM SUTIÃ. COMO AS MULHERES USAM.

Silêncio. — Não. Nunca conheci um Brandon. Conheci um Caden uma vez. Era o nome mais moderno que já ouvi na minha vida. Achei que ele ia me desafiar para fumar, porque gosto dos meus cigarros e ele também fumava, mas não o que eu fumava. Você me entende? — Ele se dissolveu em gargalhadas. — Ah, e ele era um garoto branco também. Eu meio que gostaria de ter saído mais com ele. Ele parecia muito legal.

Meu pai tossiu ao telefone. — Não. Ele também nunca conheceu um Brandon.

33

KALI

Estávamos saindo da sala quando outra Harley entrou no estacionamento, vindo estacionar no final ao lado da moto do Corvette. Era o cara que veio ao nosso quarto no celeiro, e quando ele desceu da moto e veio cumprimentar Shane, percebi que eles eram próximos.

Eu não prestei muita atenção no apartamento. Entrei no banheiro para tentar fazer um controle de danos no meu cabelo. Mas agora estava diferente. *Muito* diferente.

Em primeiro lugar, esse cara era lindo. Belos cabelos longos e escuros que caíam soltos, passando pelos ombros. Testa elevada e maçãs do rosto meio baixas, mas que arredondavam seu rosto. Seu queixo era forte e proeminente, e os olhos eram escuros e intensos. Ele era alto, talvez alguns centímetros mais baixo que Shane, e magro.

Ele foi direto até Shane e os dois se abraçaram. Não um abraço másculo, apenas um abraço pleno.

O cara estava sorrindo quando se afastou, e isso transformou seu rosto, deixando-o um pouco ofuscante de olhar.

Corvette era bonito de uma maneira rude e severa. Roadie tinha um ar de garoto bonito, misturado com uma pitada sedutora e astuta, mas esse cara estava quase no nível de Shane. *Quase.*

Ele deu um passo para trás, observando-me, e seus olhos aqueceram. — Sua mulher está me examinando, Ghost.

Shane bufou e se aproximou, passando um braço em volta da minha cintura. Ele me puxou para o seu lado. — Kali, este é Boise.

— Oi. — Eu me senti tímida. *Droga. Isso não era eu*. Então, novamente, toda essa experiência também não era eu.

Ele deu um passo em minha direção, com a mão estendida. Ele me observou atentamente enquanto apertamos as mãos. — Kali. É um prazer conhecer você. — Ele deu um aceno de cabeça para Shane. — Este aqui não disse uma palavra sobre você, o que me deixa ainda mais intrigado.

Sim. Minha língua estava travada. *Não* tenho ideia do que estava acontecendo comigo.

— Os caras estão bem? — Shane perguntou acima da minha cabeça.

Boise se endireitou, seu rosto ficando sério. — Tudo resolvido. Temos a noite toda.

— Bom. — A mão de Shane se estendeu sobre a parte inferior das minhas costas enquanto ele se afastava. — Hora de ir. — Ele acenou com a cabeça para Boise. — Vamos passar a noite fora.

Boise entrou em nosso quarto e um momento depois voltou sem colete e vestindo uma camisa Henley preta de manga comprida. Abraçava seu corpo.

Oh garoto. Eu estava pensando nas definições de gostosura de bad boy. Se Aly não tivesse ficado com esse cara novo, ela teria enlouquecido. O mesmo para Harper. Elas conheciam Shane desde o ensino médio, mas até onde eu sabia, não o viram mais, nem nenhum desses caras.

Senti um frio na barriga, nervosismo, quando cheguei atrás de Shane, passei meus braços em volta dele e o abracei durante todo o caminho até o Manny’s. A vibração só se intensificou quando estacionamos no final do estacionamento e caminhamos em direção ao prédio. O local estava movimentado. Desta vez havia um segurança diferente na porta lateral, e ele não olhou duas vezes para os rapazes.

Ele era o único, no entanto.

O resto das pessoas, aquelas que estavam no estacionamento e nos decks externos, estavam observando nosso grupo. Os caras. A maioria estava fixada em Shane, mas o resto dos caras teve sua parcela de olhares.

Eu entendia. Eu mesma havia verificado. Estava na maneira como eles andavam, na maneira como se comportavam. Seus jeans eram bem gastos. Todos os caras usavam mangas compridas – talvez para esconder as tatuagens? Era tudo clássico. Nada que esses caras usavam estava na moda. Eles eram o verdadeiro negócio.

Eu sabia que eles estavam carregando armas, mas não sabia onde. Eu não queria saber onde. Mas estava claro que não se podia mexer com eles. Eles eram perigosos, como lobos camuflados vindos de uma caçada recente.

Enviei uma mensagem.

Eu: Estou aqui. Onde vocês estão?

Aly: Aqui! Estamos na seção do bar dos fundos. Shane está com você?

O segurança se afastou, nos deixando entrar, e eu parei, inclinando minha cabeça para Shane.

Ele se inclinou.

— Elas estão na seção do bar dos fundos.

Ele assentiu, com a mão ainda nas minhas costas.

Boise estava na frente, mas fez uma pausa e olhou para trás.

Shane gesticulou na direção que precisávamos seguir e Boise continuou em frente.

O Manny's também estava lotado, mas não tanto quanto no outro dia. Hoje, pelo menos, havia espaço para respirar. Olhei para o bar e vi o cara da última vez que estive aqui. Imaginei que fosse Brandon. Ele estava atendendo um cliente, mas como se estivesse sentindo meus olhos, ergueu os dele e me viu.

O reconhecimento se intensificou e sua cabeça levantou, mas então seus olhos se estreitaram quando ele viu Shane atrás de mim. Sua boca se pressionou em uma linha firme, mas ele não fez nada, apenas nos observou passar pelo corredor, passando pelos banheiros. Pouco antes de sairmos de sua visão, ele estendeu a mão para servir uma cerveja.

Se alguém fosse dar o alarme, seria ele, então teríamos que ver o que acontecia.

Eu respirei fundo.

Aly e Harper.

Eu estava entrando em um drama e elas iriam ver Shane.

Eu não estava pronta.

Mas havíamos entrado na parte de trás e isso estava acontecendo de qualquer maneira.

Era hora de agir.

— KALISTA CALLIOPE MICHAELS! — Ouvi uma música depois.

Essa era Harper, e ela correu em minha direção enquanto Aly soltava um grito de alegria.

Minhas melhores amigas estavam chegando.

Eu me preparei e seus corpos atingiram os meus um segundo depois.

— Oh meu Deus. — Aly estava atrás de mim, sua voz sufocada em meu pescoço. Eu podia sentir seus seios pressionando em mim. — Eu senti sua falta!

A cabeça de Harper estava enterrada em meu ombro. Seus braços me seguraram, logo abaixo dos de Aly. — Não mais que eu.

Quando elas me soltaram, só conseguia as encarar.

Quanto tempo se passou? Três dias? Mas senti falta delas.

Aly passou a mão no olho. Harper apenas sorriu, alegre e amplamente, ainda segurando meus ombros. Então, como se estivesse se lembrando, ela se endireitou e virou a cabeça para o lado. Seus olhos ficaram grandes e ela prendeu a respiração. — Quem são eles?!

Shane e os rapazes foram para uma mesa no canto, não muito longe de onde Aly e Harper vieram. Shane estava observando, e quando olhei, ele me deu um aceno de cabeça. Ele estava me dando espaço.

Acenei de volta, deixando-o saber que eu estava bem.

Harper e Aly tinham olhos grandes quando me voltei para elas.

— Puta merda, mulher. — Harper agarrou meu braço, levando-me até a mesa delas. Era uma mesa grande no canto.

Havia outras pessoas na parte de trás conosco, mas elas estavam do outro lado do bar. No meio havia uma infinidade de mesas de sinuca, uma mesa de air hockey[43] e outros jogos. O balcão ficava no canto com uma porta para fora. As pessoas entravam e saíam, e era possível vislumbrar algumas mesas de piquenique do lado de fora.

Mais uma vez, fiquei impressionada. Este lugar tinha tudo para dar certo.

Tanto Harper quanto Aly já tinham bebidas prontas e um aperitivo estava no meio da mesa.

— Então é ele? — Harper olhou para Shane, estudando-o como se Shane estivesse prestes a vir e nos roubar.

Shane notou a atenção, dando outro olhar.

Eu balancei minha cabeça. Eu precisava conversar com minhas amigas antes que ele chegasse.

— Ele não é quem eu me lembro do ensino médio, — disse Harper.

Eu não sabia dizer se isso era bom ou ruim.

Aly estava me observando, não Shane, com um olhar conhecedor no rosto.

— O quê? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça lentamente, um sorriso aparecendo. — Você parece bem, só isso. Tipo, muito bem.

A atenção de Harper se voltou para mim. Ela assentiu, mas parecia irritada. — Vocês duas estão recebendo alguns orgasmos. O que estou fazendo aqui?

O sorriso de Aly desapareceu. — Autopiedade, muita? Seu homem voou para a Califórnia por você. Não por mim. Não por Kali. Por você.

— Ele não deveria ter vindo! Eu o deixei-

— Você tem estado infeliz desde que ele foi embora.

— Não estou. Estávamos fazendo coreografias *do SNL*[44] *na* semana passada.

— Sim, — ela respondeu. — Fizemos quando você *precisava se distrair de sua miséria*.

A voz dela se elevou, e agora estávamos recebendo atenção de mais do que apenas da mesa de Shane. Corvette e Roadie pareciam estar gostando do show. Roadie estava sorrindo. Corvette me deu um sorriso e ergueu sua cerveja em uma saudação.

— Ok. Chega, — eu disse para minhas amigas.

Elas pararam de brigar e ruborizaram, lançando um olhar de culpa.

— Desculpe. Já faz alguns dias, sabe? — As palavras de Aly foram para mim; seu olhar sombrio foi para Harper.

Ela ergueu o queixo, ignorando-a intencionalmente. Então se virou para mim e suavizou-se. — É muito bom ver você. Fora todo o drama aqui – estávamos preocupadas com você. O que aconteceu?

— Eu... — Eu estremeci. — Não posso contar a vocês, exceto que havia um cara na área. Shane estava preocupado comigo e eu tive que ficar onde eles

estavam por alguns dias. — Estendi minhas mãos, vendo sua preocupação instantânea. — Está tudo bem. O bandido foi embora e acabou ajudando de certa forma porque eu vi Claudia.

— Oh. — A boca de Harper se fechou.

O rosto de Aly ficou em branco.

— Ela definitivamente não vai voltar conosco, então é isso. — Lembrei-me que essa era a principal razão pela qual vim aqui. — Ruby terá que ficar sem sua filha favorita por um tempo.

Eu também vim aqui para escapar de Foley. Ou das memórias de Foley. Ou... eu não tinha mais certeza. Acabei de me lembrar de sentir uma montanha de dor em meu peito e, nos últimos dias, essa montanha havia desaparecido.

Eu me sentia mais leve. Mais livre.

Pensar em Foley não me deixava em uma fúria cega e uma dor sufocante.

Estranho, certo?

Ou talvez não.

Olhei para Shane.

Sim. Talvez não seja nem um pouco estranho.

A garçonete veio até a mesa com outra rodada de cerveja para eles. Ela permaneceu, dando um sorriso a Shane. Notei. Ele não notou porque estava me observando.

Ele respondeu a algo que ela disse, sem tirar os olhos de mim.

Meu corpo aqueceu, mas não fiquei surpresa. Era o efeito Shane. Eu dei um nome a isso.

— Puta merda.

Voltei a me concentrar. Os olhares de Aly e Harper estavam fixos em mim.

— O quê?

— Não, uh. — Harper balançou um dedo no ar. — Você não pode jogar essa carta. Vimos toda essa troca. Você... você está apaixonada por ele.

Revirei os olhos e olhei para Aly. Ela estava mordendo o lábio inferior. — O quê?

— Você o ama.

Eu senti como se um peixe congelado tivesse surgido do nada e me acertado no rosto. — O quê?

— Você o ama. — Ela assentiu. — Você se apaixonou por ele. O que está fazendo? — Ela se inclinou sobre a mesa, os braços cruzados firmemente sobre o peito, mas a cabeça... ela estava em negação. — Querida, você estava arrasada quando viemos aqui. Eu pensei *em distração.* Aventura sexual. Excitante e intenso, mas curto. Ênfase no curto. Você nem falou conosco sobre Foley e mudou para um cara novo? E *esse* tipo de cara? Você ao menos sabe alguma coisa sobre ele?

Oh. Uau.

Recostei-me totalmente na cadeira, porque essa não era minha amiga.

— Eu não sei, Aly. Quer dizer, eu o conheci no ensino médio. Ele continua sendo um bom amigo do meu irmão. Passei os últimos dias no mundo dele, e quero dizer, *totalmente* no mundo dele. Mas você está certa. Estou pensando que você pode saber mais sobre meu homem do que eu. — Estendi a mão. — Sem dúvida, informe-me sobre a pessoa com quem estive nos últimos dias.

Seu rosto ficou em branco, tornando ainda mais difícil de ler.

— Pessoal... — Harper tentou interromper.

Não acho que Aly sabia que tinha falado. Ela ergueu as sobrancelhas. — Muito bem. Eu tenho coisas para falar com você. Você sabia que seu namorado e seu clube assassinaram pessoas? Eles trabalham com o cartel? Eles ajudaram a

fazer uma família inteira desaparecer, sem mais nem menos. — Ela estalou os dedos, parecendo tão fria. — Simplesmente assim, Kali. — Ela se aproximou lentamente. — Você é minha amiga. Eu te amo e estou preocupada. As histórias que ouvi...

— Histórias.

Ela parou, franzindo a testa ligeiramente.

— Você já ouviu falar. Histórias que você ouviu. — Eu não precisava adivinhar de onde vieram essas histórias. — Seu novo homem, sobre quem eu também não sei nada, deve ter contado todas essas histórias para você.

Eu não tinha nada a dizer sobre esse assunto. Estava além do meu controle. Seu novo namorado, quer ela o amasse ou não, tinha uma opinião, e ele a compartilhou.

— O engraçado é que nunca pensei que ouviria isso, não de você, — eu disse a ela. — Talvez Harper em uma noite de bebedeira, quando ela estivesse se sentindo dramática.

— Ei.

Eu a ignorei. — Mas você? Aly? Você não julga. Você nunca julga. Você é quem é *julgada.* Eu pensei... — Balancei minha cabeça. — Não importa o que eu pensei, mas definitivamente não é o que isso acabou sendo.

Eu recuei para levantar da cadeira.

— Ei! Uau. — Harper estava com as mãos para cima, entre nós. — Tempo, ok? Kali, não se mexa desse banco. Você está me ouvindo? E Aly, pare com o julgamento. Kali está certa, mas não sobre a coisa dramática da embriaguez. Não exagere muito aí.

Eu tive que sorrir com isso, um nó se desfazendo dentro de mim. Só um pouco e não o suficiente. Não importa o que mais fosse dito, o dano já estava feito. Aly bateu a porta antes mesmo que eu conseguisse entrar.

Nós duas nos acalmamos.

— Ok, agora, que porra é essa? — Harper disse. — Honestamente? Que porra é essa? Eu não ouvi sobre nenhuma dessas coisas que Aly acabou de dizer, então ela não está falando pelas suas costas nem nada. E você sabe que ela está apenas preocupada, *realmente* preocupada com a declaração absolutamente horrível, mas você sabe o que quero dizer. — Seu tom suavizou. — Ela te ama e você veio sabendo da situação dela. Você estava preparada. Nenhuma de nós estava preparada para sua situação. É muita coisa para qualquer uma digerir, ainda mais para a família.

Se eu fosse mais jovem poderia ter pedido a elas que ficassem felizes por mim. Mas isso não era eu agora, não mais. Já estávamos além desse estágio em nossas vidas.

Balancei a cabeça, porque havia outro elefante na sala[45]. — Onde está Justin?

A boca de Harper se abriu.

Aly começou a rir.

Isso aliviou um pouco mais o meu nervosismo. Mas, novamente, não o suficiente.

— Eu nem consigo, — Harper balbuciou, jogando as mãos para o alto. — Muito bem. Vocês duas que lutem. — Ela pegou sua bebida e desceu do banquinho. — Ao contrário de Aly, vou até lá conhecer o seu homem, porque quero saber quem são os amigos dele. Até mais, vadias. — Harper saiu.

Aly parecia abalada.

Eu não me importei com o porquê. Uma dor começou atrás da minha testa e estava aumentando rapidamente. — Você é a mais firme, — murmurei. A gentil. Amável. Humilde. Amorosa. Não sei quem é essa nova Aly e não estou dizendo que ela esteja errada, mas cara, ela foi rápida em falar de uma forma que a Aly

que eu conheço não teria feito. Eu sei disso.

Cansei. Eu já havia dito o suficiente. Mas eu estava sofrendo. Ela abriu um pequeno buraco no meu peito.

— Brandon conhece o clube, — ela disse depois de um momento.

— O clube. Não Shane. — Porque havia uma distinção.

— É verdade, — ela concordou. — Ele não conhece Shane, mas nesses clubes isso não importa. Você conhece um, você sabe tudo.

Besteira. Eu já estava balançando a cabeça.

— Sim, Kali. — Ela levantou o tom, mas não de um jeito ruim. De um jeito firme. — O cunhado dele teve desentendimentos com o clube de Shane. Ele me contou sobre eles e tem pavor deles. Estava aterrorizado. Ele está preocupado com você. Ele está preocupado comigo...

Ela não estava olhando para mim agora. Ela estava olhando para longe, sua preocupação obscurecendo tudo novamente. — Ele disse que se você ficar com Shane, ele não sabe onde ele e eu ficaremos.

— É muito poder que você está dando a ele.

Seus olhos encontraram os meus e vi uma lágrima se formando ali. Ela piscou. — Não é desse jeito. Somos mais velhos. Nós sabemos. Não temos mais tempo a perder, não se soubermos o que queremos. — Seus olhos brilharam e ela ergueu um ombro, parecendo impotente. — Eu te amei durante toda a minha vida, mas você não pode me dar filhos.

Droga. Harper estava certa. Ela estava lá, *até* o fim.

— Harper disse que você estava lá, mas eu meio que esperava que estivesse exagerando. — Dei a ela um sorriso triste. — Eu queria estar aqui quando você se apaixonasse. Queria falar com você antes do seu primeiro encontro, ligar para o 411[46] depois... ou na manhã seguinte.

Ela riu suavemente.

— Eu queria ajudar com o jogo de adivinhação sobre *o que ele está pensando,* garantir que ele estava a fim de você enquanto você enlouquecia pensando que poderia não estar, mesmo que seja tão óbvio que ele está. E a perseguição cibernética. Eu estava preparada para exagerar também. Estamos falando de perseguição de detetive particular, esse tipo de coisa.

Ela lutou contra as lágrimas, piscando rapidamente.

— Eu perdi isso.

Ela fechou os olhos, uma tristeza serena tomando conta dela. — Eu pensei que Shane fosse seu cara de fuga – um durão depois de lidar com um idiota. Estou com tanto medo de perder você. Falei muito rápido. Eu julguei, mas não estou errada sobre o clube dele. Eles são perigosos.

Balancei a cabeça, sentindo sua tristeza se infiltrar dentro de mim. — Eu sei, Aly. Você não me contou nada que eu não saiba.

Seus olhos se arregalaram um pouco. — O quê?

— Shane e eu conversamos. Não sobre essas coisas, mas sobre as coisas que preciso saber. Essas coisas.

Harper estava ali, rindo, sentada na ponta da mesa. Ela estava flertando com Roadie, que estava chamando a atenção. Corvette revirou os olhos, rindo e balançando a cabeça. Boise não estava fazendo nada. Ele estava olhando, e Shane? Ele estava me observando.

Pela expressão em seus olhos, parecia que ele sabia o que estava acontecendo aqui.

— Brandon tem uma família inteira aqui, — disse Aly, chamando minha atenção de volta para ela. — Quero dizer, não sangue. Ele tem a irmã e a família dela, mas pelo jeito que fala, é um grupo de amigos. A irmã dele é próxima deles e ele está na margem. Ele é sempre bem-vindo, mas tem liberdade para fazer

suas próprias coisas. Não sei dizer se ele gosta disso ou não, ou se está magoado por estar no limite. A irmã dele tem filhos e Brandon os adora. O irmão mais velho deles está na Flórida. Casado. Conseguiu algum emprego em vendas ou algo assim. O pai deles também está lá. Seu irmão mais velho meio que cuida do pai - tipo, ele verifica como ele está. A mãe deles se foi. Ele não falou muito sobre ela, mas é como se ele não pensasse nela, então não é grande coisa, seja o que for que tenha acontecido.

Ela estava compartilhando. Ok. Estávamos nessa parte agora.

Eu fiquei meio que com um nó na garganta, mas queria que ela continuasse compartilhando. Balancei a cabeça, tentando sorrir.

— Ele sabe sobre minha avó. Ele sabe sobre meu ex. Ele sabe sobre todos os caras com quem namorei e com quem perdi meu tempo. Ele sabe sobre você, sobre Harper. Ele ama Justin.

Oh cara. Isso era um ponto para ele.

— Ele gosta de Harper. Ele disse que você parecia legal naquela noite em que esteve aqui. Disse que vocês conversaram um pouco. — Ela parou, seus olhos mudando, ficando tensos novamente.

Eu me preparei.

— O desentendimento com o clube de Shane foi sério e real. É muito, muito sério. Eu-

— Pare. — Não havia calor no meu tom, apenas cansaço. Acenei com a mão no ar. — Por favor. Pare. Não quero ouvir todas as coisas que sei e também tenho medo. — Eu não sabia mais o que dizer. Eu não podia contar a ela coisas que tinha medo de admitir para mim mesma.

— Não sei o que fazer agora.

Eu balancei a cabeça. — Você ao menos quer conhecê-lo?

— Eu já o conheço.

Isso era um não então. Ela já havia se decidido.

Tudo bem.

Eu precisava de um tempo. Descendo do banco, eu disse: — Vou ao banheiro.

Aly pegou sua bebida.

Fui em direção à porta, indicando para Shane onde eu estava indo.

Ele ergueu o queixo em resposta, mas não se moveu para me seguir.

Demorei um pouco no banheiro antes de me lavar e voltar. Quando eu fiz isso, Shane estava lá. Foi um déjà vu do hotel. Ele colocou a mão na minha cintura e me conduziu de volta ao banheiro, pegando um aviso *de Fechado para Limpeza* e colando-o do lado de fora da porta.

De volta para dentro, eu me afastei, não gostando de como ele estava olhando para mim. — Não.

— O que ela disse para você?

— Você não consegue adivinhar? — Indo até o espelho, lavei as mãos. De novo. Eu precisava fazer alguma coisa. Meu estômago revirou e Shane pôde ver dentro de mim. Era desconfortável. — Ela está com o barman, cuja irmã é dona do lugar.

— Eu já sei disso, mas o que ela disse para você?

Levantei um ombro. — Nada que você mesmo não tenha dito ou que eu já não tenha percebido, mas a essência é que se eu ficar com você, eu a perco. — Parei de mexer no meu cabelo, encontrando seu olhar no espelho.

Seus olhos estavam sombrios. Ele não estava me deixando lê-lo.

— Você a conhece a vida inteira.

Balancei a cabeça, minha garganta apertada.

Não havia espaço para isso. Era o que era. Era difícil, mas estava bem na

minha frente. Não há como evitar. Como eu poderia fazer uma escolha dessas? Tão cedo?

Ele tirou a dor.

Ela não sabia disso.

— Está bem então. — Ele se virou para sair.

— Ei! — Eu estava do outro lado do banheiro, minha mão em seu braço. — O que você está fazendo?

— Estou lhe dando espaço. Ela é sua família. Parece que você precisa de algum tempo para organizar seus pensamentos.

Minha nossa. Eu queria sacudi-lo e beijá-lo ao mesmo tempo. — Você me seguiu até aqui. Por que você não fica e me abraça?

Seus olhos não se desviaram. Eles ainda estavam tão sombrios, mas ele colocou os braços em volta de mim e me puxou para ele. Não éramos adolescentes. Eu não iria me preocupar com isso. Aly poderia ser resolvida. Poderia levar algum tempo, algumas medidas delicadas, mas enquanto Shane me segurava e eu desfrutava, sabia que não perderia Aly.

Eu também sabia que não desistiria de Shane. Antes desta noite, eu não sabia que tinha tomado essa decisão.

Agora eu sabia.

— Kali, — ele murmurou.

— Hum? — Levantei a cabeça.

Ele estava olhando para baixo, atentamente. — Se chegar um momento em que você tem que tomar uma decisão entre mim e sua garota, deixe-me saber disso.

— Claro, mas não vai chegar a esse ponto. Estamos velhos demais para isso.

— Apenas me deixe saber, não importa a decisão.

Eu poderia dizer que isso era importante para ele e franzi a testa ligeiramente. — Ok. Sim.

— Eu tenho problemas com máscaras. Não quero que você sinta que precisa usar uma comigo. Eu poderia dizer que você usou uma no ensino médio. Já naquela época, isso partiu meu coração. Não quero que você faça isso, nem comigo, nem onde estamos. Você está me entendendo?

Balancei a cabeça, minha boca seca novamente. Eu entendia.

Sem máscaras.

34

KALI

Estávamos saindo do banheiro.

Shane pegou a placa, colocando-a de volta no armário ao lado do banheiro. E quando nos viramos, com a mão nas minhas costas, paramos imediatamente. Brandon estava vindo da parte de trás, segurando a mão de Aly logo atrás dele. — Oh.

Ele parou.

Eu parei.

Senti a mão de Shane pressionar mais forte nas minhas costas e ele se aproximou logo atrás de mim.

Aly olhou ao redor de Brandon, seus olhos se arregalando. — Ei, hum —— Ela começou a tentar contornar Brandon, mas ele a segurou. Seu olhar estava fixo em Shane.

— Por que não deixamos as amigas aproveitarem a noite? — Shane falou primeiro, seu tom soava casual, mas eu podia sentir a tensão dentro dele. — Você e eu talvez possamos chegar a um entendimento? Lá fora?

A boca de Aly se abriu. — O que? Não-

— Claro. — Brandon a interrompeu, virando-se e olhando para Aly. — Nós resolvemos isso. Ok?

Ela fechou a boca com um estalo, seus olhos encontrando os meus e eu vi o apelo ali.

Uma parte de mim ressentiu-se ainda mais porque eu sabia do que ela tinha medo. Ela já havia passado por tanto inferno, teve seu coração partido e agora

encontrou um cara com quem poderia se imaginar tendo filhos. Ela não queria que alguém entrasse e tirasse isso. Fui puxada de duas maneiras distintas porque ela pensou que a pessoa que tiraria isso seria um cara que tinha tirado minha tristeza.

Segui em frente, passando meu cotovelo pelo de Aly. — Vamos. — Eu gentilmente bati meu quadril no dela. — Vamos interrogar Harper sobre Justin. — Ela estava tão tensa, mas foi comigo. Olhei para trás, observando os olhares de Brandon e Shane. O de Shane estava focada em mim, sua expressão ilegível. Brandon estava observando Shane, e o dele era muito legível. Ele parecia querer matá-lo.

Fomos até a mesa onde Harper estava. Na nossa presença e na ausência de Shane, cada um de seus rapazes tomou um gole de cerveja antes de descer dos bancos e ir para o lugar de onde tínhamos acabado de vir.

Aly os viu sair. — O que-não!

Eu a parei, ficando na frente dela. — Eles não farão nada. Eles simplesmente irão protegê-lo se Brandon o atacar.

Com os olhos arregalados, ela disse: — É com isso que estou preocupada.

— Será que Brandon vai brigar sem motivo? Ele não me parece esse tipo de cara.

— O que? Não. Ele nunca faria isso, mas se for provocado, ele tem amigos aqui.

— Exatamente. Brandon não está sozinho. Ele está cercado por pessoas que o apoiarão. Deixe que Shane tenha alguns também. Estamos no território de Brandon, lembre-se.

Aly franziu a testa, dando um passo para trás e me observando. — Devo dizer que não sou uma grande fã no momento. Para onde minha amiga foi? Sinto como se estivesse vendo uma motociclista vadia-

— Ok. — Harper estava entre nós, abrindo caminho entre nós. — Parem. Cada uma de um lado da mesa. Agora. — Ela apontou para a nossa mesa vazia. Ela estendeu a mão, pegou sua bebida e o resto das cervejas dos caras. Levou todas para a mesa e apontou para um banquinho de um lado, depois do outro. — Sentem-se. Agora.

Fui até aquele que ficava de frente para a porta dos fundos.

Aly veio até mim, seu banco de frente para a porta do outro lado do Manny's.

Harper hesitou um segundo antes de sentar-se ao lado de Aly.

Justin se aproximou e pegou o vazio perto de mim.

— Ei. — Demorou um segundo para que sua presença fosse notada. Eu derreti. — Oi! Oh meu Deus, Justin. — Estendi a mão e lhe dei um grande abraço.

Ele me abraçou de volta, segurando minha nuca. — Ei. Como você está? — Ele disse isso só para eu ouvir e continuamos nos abraçando, segurando um ao outro, porque Justin era esse tipo de cara. Ele queria saber, bem rápido, antes de começarmos a falarmos, como eu realmente estava. Era assim que ele agia, como se relacionava. Ele realmente se importava com as pessoas. Ele era carinhoso. Gentil. Paciente. E Harper estava com medo de perdê-lo, então é claro que o afastou. De repente, fiquei com muita raiva da minha melhor amiga.

Abracei Justin um pouco mais, com mais força. — Estou me recuperando.

Justin se recostou, olhando para mim, suas mãos ainda em volta de mim levemente. — Bem, isso parece curativo. — Ele sorriu, levantando uma sobrancelha de forma curiosa.

Sorri de volta, respondendo à pergunta não formulada. — E você?

Parte de seu sorriso desapareceu e suas mãos se afastaram. — Você verá essa parte. — Ele levantou a voz, virando-se para incluir a mesa. — Porque vamos discutir as coisas entre mim e Harper esta noite também.

— O quê? Não há nada para resolver. — Harper sentou-se ereta, fazendo a melhor imitação de uma estaca enfiada em suas costas.

— Sim, há, porque estou cansado. Vou voltar e seguir em frente.

— O quê?

Estendi a mão, tocando o joelho de Justin para o confortar. Ele estava tão tenso e ao meu toque, uma respiração saiu dele. Ele me deu um sorriso triste antes de responder a Harper novamente. — Está na hora, querida. Se você realmente não me quer, eu vou embora. Eu tenho muito amor e sei que vai ter uma pessoa por aí que vai me valorizar. Estava esperando Kali voltar, ajudar aqui, e se você ainda disser que não me quer, um cara não aguenta mais, sabe? Eu tenho que ir. Não posso continuar assediando você.

— Mas, — Harper soltou um suspiro profundo. — Você não está me incomodando, Justin. Você nunca poderia fazer isso. Eu sou a que incomoda.

— Eu sei, mas você não está me importunando. Você tem me evitado.

— Eu não evitei ontem à noite.

Aly e eu trocamos um olhar. Noite passada?!

— Uma noite não significa que você mudou de ideia. Na verdade, apenas abre as feridas novamente. Dá esperança.

Harper desviou o olhar, com a boca pressionada e parecendo que estava tendo dificuldade para engolir. — Eu... — Ela nos observou antes de fechar os olhos e abaixar a cabeça. — Coloque-me na berlinda aqui.

— Podemos ir lá fora? Conversar em particular, mas quero que as garotas saibam que cansei de esperar. — Ele cobriu minha mão com a sua no joelho, dando tapinhas suaves. — Foi bom ver você. Posso ver que está quase radiante.

Tive vontade de chorar. — Justin, não vá.

Ele inclinou a cabeça para o lado, o sorriso e olhos tristes. — Não aguento

muito mais. Harper tomou sua decisão em alto e bom som. Eu tenho que ouvir em algum momento.

Eu sabia, mas queria discutir. Harper estava errada. Conheci-a toda a minha vida para saber que estava errada, e ela sabia que estava errada também. Olhei para ela e vi que estava lutando consigo mesma.

Todos nós levantamos dos bancos para os abraços.

Justin me abraçou. Abraçou Aly.

Harper parecia derrotada, então ela recebeu um abraço e eu sabia que ela precisaria de mais até o final da noite, então não importa o que acontecesse, ela receberia todos os abraços de nós. Aly e Harper se abraçaram, então recebi um último abraço de Justin.

Ele me apertou com força, dizendo em meu ouvido: — Não deixe que ela se torne como a mãe dela.

Eu o abracei de volta com a mesma força. — Eu não vou. Juro.

Ele se afastou, observando-me antes de dar um aceno final e firme. Seus olhos estavam fixos, determinados. Enquanto ele seguia para fora, havia um olhar decidido em ambos. Seus ombros estavam curvados para frente e para baixo.

— Por que sinto que estamos terminando com Justin? — Aly se moveu ao meu lado.

Suspirei. Esse era o caso. Mas não. Sem chance. Eu sabia que Justin faria o que tivesse que fazer. Ele seguiria em frente, o que significava que iria embora, mas Justin era incrível, então ele seria arrebatado rápido. Ele encontraria uma pessoa legal, e todos os amigos dessa pessoa se apaixonariam por Justin. Haveria alguns encontros de vez em quando, talvez alguns e-mails, mensagens de texto, mas isso diminuiria porque Justin se tornaria leal a sua nova namorada. Em algum momento, ele teria que cortar relações comigo e com Aly.

Balancei minha cabeça. Isso não iria acontecer. — Precisamos impedir que Harper destrua Harper.

Aly perguntou: — Precisamos protegê-la de si mesma?

Olhei de lado, vendo que ela estava me dando o mesmo olhar de volta.

Ela acrescentou: — Você está pensando o que eu acho que está pensando?

— As chances são altas.

Uma resolução totalmente diferente tomou conta dela. Ela abaixou a cabeça. Seus olhos ficaram sérios. Sua boca ficou firme. — Vamos fazer isso, seja lá o que for que temos que fazer.

Eu completei: — Estamos fazendo isso.

— Entendido.

Ela começou a se aproximar, mas toquei seu braço. — Espere um pouco. — Tínhamos quatro bebidas ainda intocadas na mesa. Peguei a minha e bebi, entregando a Aly o resto da dela.

Quando a nossa terminou, olhamos para a de Justin e Harper.

— Normalmente não gosto de beber o que outra pessoa começou, mas…

Peguei a de Justin, dando a de Harper para Aly. Ambas estavam basicamente intocadas.

Completo: — Bebida é bebida. É uma regra fundamental do nosso grupo não desperdiçar boas bebidas.

— Exatamente.

Depois que bebi a de Justin, Aly voltou a me olhar. Ela me disse: — Justin pediu que eles trouxessem duas long islands[47] juntos, então…

— O que?! — Oh não. Oh garoto. Não, não, não. Isso significava que eu tinha apenas oito doses misturadas. Eu esqueci que ele poderia beber seriamente. Ele tinha um nível de tolerância que eu nunca testemunhei antes.

Ela começou a rir. — Você vai ficar tão bêbada e rápido.

— Merda. — Cobri meu rosto. Eu não tinha ideia de como lidar com isso, o que fazer.

Aly começou a rir e ouvi uma bufada no final.

Eu gemi. Assim que a risada de Aly começasse, nós duas estaríamos rolando porque a risada dela era contagiante. Realmente contagiante. Ela logo estaria soando como um burro rindo. E logo o haha ficaria mais alto e eu estaria sorrindo, rindo ao lado dela porque o *he-ahhhaa-eee-haaa* emergiria de seu corpo.

Maldita.

— He-ahhhaa-eee-haaa!

Eu estava rindo, e isso fez com que Aly ficasse pior, mais alto. Agora era — HA-AHHHHAAA-EEE-HAAA — e as pessoas ao nosso redor estavam participando.

— Oh meu Deus! — Aly engasgou entre risadas, segurando a barriga. — Não consigo respirar HA-AHHHHAAA-EEEE-HAA!

— Nunca ouvi alguém rir assim, — disse uma mulher, balançando a cabeça enquanto se dirigia para sua mesa, mas ela estava sorrindo e enquanto Aly continuava fazendo sua cena, toda a mesa se juntava a ela.

Ela bateu na minha mão, meio curvada enquanto ainda ria, e apontou para a porta. — Temos que ir – por ali... — Outra risada veio dela.

Era uma experiência totalmente extracorpórea quando isso acontecia.

— Ha-ahhhhaaaa–eeee-haaa–HA-AHHHHAAAA–EEE–HAA!

Eu estava rindo também, mas o meu riso era mais contido. Fui na frente dela, agarrando sua mão. Nossos dedos se entrelaçaram enquanto eu a arrastava atrás de mim e saía pela porta, onde presumi que Justin e Harper teriam ido. Saímos,

mas ninguém estava aqui. Eu a levei pela porta dos fundos. As pessoas estavam nas mesas da frente e do lado norte do bar. Eles tinham toda uma configuração lá para todos. Caminhei para o lado sul. A casa era um pouco recuada, com cascalho subindo pela lateral e conectando-se ao estacionamento. Ao avistar Corvette, não achei que Justin e Harper teriam passado por eles. Eu estava em uma missão antes que a bebida realmente me atingisse e me envolver no que estava acontecendo entre Shane e o novo namorado de Aly, não era o caso.

— Lá. — Aly havia se acalmado, suas risadas estavam mais normais agora.

Olhei para onde ela estava apontando. Havia uma entrada de carros do outro lado do estabelecimento, que dava para uma estrada totalmente diferente. Eu fiz uma careta, mas vi duas pessoas ali em um abraço.

— Espere. Talvez eles tenham feito as pazes?

A mão de Aly apertou a minha. — Ou muito mais do que isso?

Não parecia com eles, no entanto. Justin parecia com o coração partido no bar mais cedo. Essas pessoas estavam se abraçando ou algo mais. Eu duvidava que Justin e Harper estivessem na fase de abraços de despedida tão cedo.

Eu compartilhei um olhar com ela. — Você acha que deveríamos verificar se está tudo bem ou deixá-los em paz?

— Você está brincando comigo? — Ela me deu um olhar sombrio enquanto ainda ria. — É Harper. Temos que verificar.

Dei um aceno de volta para ela. — Você tem razão. É Harper.

Não precisávamos ficar de mãos dadas indo até lá, mas eu não me afastei e ela também não. Ou o álcool estava fazendo efeito ou eu estava sentimentalista em relação a Aly. Eu estava com medo do que aconteceria depois que essa missão fosse concluída? Uma parte de mim me assegurava de que nada aconteceria comigo e com Aly. Nossa amizade era sólida. Sempre foi forte. Mas…

Sim.

Eu não queria mais pensar nisso.

Nós relaxamos, vendo as duas pessoas se movimentando pela lateral de um galpão.

Aly começou a se aproximar, mas eu a puxei de volta. Franzindo a testa.

— O que é?

Balancei minha cabeça. — Não tenho certeza, Harper é mais baixa que Justin. Aqueles dois tinham a mesma altura.

— Oh sim. Eu percebi também, mas pensei que Justin estava se inclinando ou algo assim.

Isso era idiota. Havia motociclistas do outro lado do Manny's. Nada aconteceria com Shane tão perto.

Eu fui na frente, dizendo: — Harper? Você e Justin saíram–

Dei dois passos, contornei o galpão e, uau! Tudo ficou escuro. Algo foi empurrado sobre minha cabeça. — Ei. — Uma mão cobriu minha boca e antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo e cravar meus dentes naquela mão, ela foi substituída. Soltei meio grito antes que algo fosse enfiado em minha boca, e senti uma fita adesiva passando por toda a minha cabeça.

Comecei a lutar, com mais força quando meu cérebro me acompanhou.

Eu podia ver um pouco através do que quer que tivesse sido colocado na minha cabeça, mas estava muito escuro.

Dois caras estavam lá e, quando tentei correr, dois braços me envolveram e fui levantada do chão. Eu estava lutando, chutando e me mexendo.

— Jesus. Merda!

— Cale-se!

— Pegue seus telefones.

Mãos estavam sendo enfiadas no meu bolso, procurando. Eles recuaram e ouvi um som *estridente* logo depois.

Não reconheci nenhuma das vozes, mas eram homens e eu estava sendo carregada rapidamente para dentro de um carro. Registrei o que era assim que fui jogada para dentro. Eles cobriram as luzes traseiras e, um segundo depois, senti um corpo pousar ao meu lado. O gemido de Aly a identificou e tentei estender a mão, agarrando a mão dela. Não consegui encontrar a mão dela, mas sua cabeça estava pressionada em meu peito. Rolei, capaz de tirar a cobertura da minha cabeça. Continuei me movendo bem a tempo de ver dois outros caras saltarem da traseira de uma van. Um cara desapareceu. O outro estendeu a mão para a porta.

Eu estava tentando sair, mas ele me viu e riu. Ele balançou a cabeça antes de fechar a porta.

Foi quando percebi que eles também tinham amarrado minhas mãos atrás de mim.

Engraçado. Eu nem tinha percebido essa parte.

35

KALI

Eles nos sequestraram. Eu não conseguia acreditar que estava sendo sequestrada!

Estávamos no escuro e eu não conseguia ver muita coisa lá dentro. Um assento ou algo assim estava bloqueando onde estávamos e onde *eles* estavam, mas tateei ao redor e encontrei as mãos de Aly. Eu estava pensando que ou a adrenalina estava aumentando em meu corpo ou a bebida estava fazendo efeito porque eu não estava com medo. Nenhum choque também. Era apenas, ok. Esta é a situação. Agora, vamos sair dela.

E eu estava tentando fazer isso, puxando Aly para rolar comigo até a porta.

Não havia mais ninguém aqui. Eu não conhecia nenhum carro que mantivesse a porta trancada de fora para dentro, exceto carros de polícia, mas de jeito nenhum era esse. Havia três caras na frente e esta era uma van grande. Eles baixaram as janelas da frente, o que ou foi engenhoso da parte deles, para que não pudéssemos identificar suas vozes, ouvi-las, ou era estúpido.

Eu esperava que fosse a parte estúpida, porque significava que eles também não poderiam nos ouvir. Ou me ouvir rolando.

Cada vez que eu tentava fazer barulho, acabava comendo tecido do que quer que tivessem enfiado na minha boca. Eu não conseguia ver, mas presumi que fizeram o mesmo com Aly.

Daí por que eu estava tentando puxá-la para a porta.

Ela não estava se mexendo. Então, ah. Fui para o outro lado dela, coloquei meu ombro do seu lado e comecei a empurrá-la para a porta. Ela gemeu, lutando. Eu gemi, no fundo da minha garganta, até que, de repente, ela foi para onde eu a

estava empurrando. Agora essa era a parte difícil. Minhas mãos estavam amarradas, então quando ela chegou à porta, sentei-me e me inclinei para que ela pudesse me ver. Estava tão escuro, mas eu conhecia essa estrada. Havíamos viajado de moto, por isso eu sabia que um poste de luz estava chegando. Esperei até que um deles passasse por cima da van e, quando aconteceu, apontei para a porta com a cabeça.

Os olhos de Aly se arregalaram, mas a luz sumiu e esperamos até que outro poste passasse por cima de nós.

Balancei a cabeça. Ela assentiu e eu comecei a me sentar, virando-me e alcançando a porta com as mãos.

Isso seria muito desconfortável, mas de jeito nenhum eu esperaria chegar onde quer que eles nos levassem. Essa era a regra básica para se manter viva. Não vá com seus sequestradores. Aly deve ter percebido meu nervosismo, porque ela se aproximou, encostou a cabeça no meu ombro e a deixou descansar ali.

Isso não era bom, mas tudo bem. Oh cara.

Eu estava tão nervosa. Outro poste de luz passou por cima de nós, Aly me deu um aceno de cabeça e eu puxei a minha para cima e para baixo, mas esperei até escurecer novamente antes de abrir a porta.

Sim, sim! Mas eu estava caindo e oomph. Caí com força no meu pulso. Eu tinha quase certeza de que estava quebrado ou torcido, e então ouvi Aly cair um pouco depois de bater no chão. Eu gemi, esperando, sem esperança, que eles não soubessem que a porta havia sido aberta. Estava escuro quando eles abriram a porta quando nos colocaram lá dentro, então eu não pensei que a luz acenderia novamente. Olhei, mas não vi as luzes acesas. Eles não estavam freando.

Eles continuaram.

Precisei me levantar e senti um líquido escorrendo pelos meus braços. A dor

atingiu todo o lado direito do meu corpo. Eu não conseguia me concentrar nisso. Levantei-me, lutando, minha cabeça latejava e fui até onde Aly estava lutando para se sentar.

Eu me virei, agarrei seu braço e tentei ajudá-la a se levantar.

Demorou um pouco. Demandou esforço. Ela quase caiu duas vezes, mas assim que se levantou e ficou firme, olhei em volta.

Eu não conhecia esta cidade ou onde estávamos. Lembrei de passar por esta estrada, mas estávamos cercadas por árvores.

Aly deu um gemido, puxando-me para segui-la.

Um lado ia para o sul. O outro lado ficava ao norte e subia uma colina. O Manny's ficava atrás de nós e no lado sul da estrada. Era para lá que Aly estava me puxando, mas eu a impedi. Esses caras voltariam e adivinhariam para onde iríamos. Balancei a cabeça e puxei-a para o outro lado. Seguiríamos para o norte e esperaríamos encontrar alguém que tivesse um telefone e estivesse disposto a nos ajudar. Não pensei que aqueles caras pensariam em subir a colina atrás de nós.

Eu não tinha ideia se era telepatia de melhor amiga ou não, mas ela foi comigo e, assim que o fez, senti uma explosão de energia me atravessar. Eu saí correndo de lá. Não havia nenhuma maneira de eu estar aqui quando aqueles caras voltassem, e eles voltariam. Isso era um dado adquirido.

Fomos em direção à floresta, subindo até estarmos a uma distância segura da estrada.

Aly puxou minha camisa, impedindo-me, e caiu de joelhos. Senti seus dentes tentando cortar o que quer que tivessem usado para amarrar minhas mãos. Pode ter sido fita adesiva porque quando ela começou a puxar, estava se soltando da minha pele. Cerrei os dentes até que ela conseguiu progredir o suficiente antes que eu pudesse mover meus pulsos, tirando o resto por mim mesma. Assim que

o fiz, virei-a de costas e puxei os seus pulsos.

Ela se moveu, alguns gemidos saindo de sua boca amarrada.

Finalmente! Eu a rasguei e puxei a fita em volta de toda a minha cabeça. Idiotas.

Engoli um grito enquanto puxava, sentindo meu cabelo ficar preso nela também. Mas cuspi tudo o que estava na minha boca, enfiando nos bolsos, porque pode apostar que eu queria que a polícia pegasse algumas evidências contra esses idiotas.

— Eles vão voltar. Temos que continuar andando.

Deus. Minhas costelas doíam ao falar. Minha voz também parecia engraçada. Estranha.

Eu me sentia estranha.

Eu não conseguia sentir meus pés.

Ou um único ombro.

Eu não conseguia pensar nisso. Nada disso.

— Quem eram esses caras?

— Não tenho ideia, mas temos que ir. — Agarrei sua camisa e comecei a seguir em frente. — Vamos.

Aly, deixou-me assumir a liderança. Ela e Harper não eram do tipo durona como eu. Eu era forte, precisava por crescer com minha irmã, mas passávamos muito tempo na floresta e ao redor do lago. Achei que ainda faltava um pouco para que o choque de Aly realmente se instalasse. O meu também, mas eu suportaria. Já passei por coisas piores que essa, ou, bem... não. Nunca fui sequestrada, então não. Isso foi pior que já passei, mas passar um tempo em Chicago, onde meu pai trabalhava, e ser birracial[48], sim. Houve alguns momentos assustadores lá também. Nada amigável. Achei que todo mundo

estava com medo de irritar Ruby e Claudia, o que me fez sentir de uma certa maneira em relação à minha mãe e à minha irmã, agora que estava pensando nisso.

O que eu estava fazendo? Não tive tempo para descobrir, mas era no que estava pensando. Mantendo meu cérebro ocupado para que eu não tivesse que me concentrar nos caras voltando e nos encontrando.

Continuei seguindo em frente. Meu plano era ir para o norte, subir uma colina pela estrada e depois descer até o Manny's. Ou esperar até ouvirmos os motores de Harleys rugindo pela rua e correr o mais rápido que pudéssemos até lá para encontrar Shane. Então eu queria ficar longe da estrada o suficiente para que se aqueles caras voltassem, pudéssemos nos esconder facilmente, mas não muito longe a ponto de não ver a estrada se ouvisse Shane.

Isso fazia sentido?

Fazia sentido na minha cabeça.

Acho que o choque estava começando a se instalar.

Nós continuamos. Galhos nos atingiam.

Provavelmente eu tinha um ninho no cabelo, mas continuei. Tínhamos que continuar. Precisávamos continuar.

Cheguei a um ponto em que minha cabeça estava confusa e parei de correr.

Eu estava ficando desorientada. O que estava acontecendo?

Olhei em volta.

Eu não estava sozinha, mas não conseguia ver ninguém.

Aly! Aly estava comigo, mas sumiu.

Comecei a dar um passo para trás, mas caí em um tronco e meu tornozelo tombou para um lado e meu corpo foi para o outro lado.

Estalo!

Oh não. Isso não parecia bom.

Mas eu estava caída e fiquei lá por um minuto. Se eu pudesse ver alguma coisa, sabia que teria testemunhado pássaros voando em volta da minha cabeça.

Estrondo.

Estalo.

— Kali!

Sentei-me, minha cabeça tonta. Era Aly. Ela parecia tão assustada.

Ela me viu, assim como nós duas vimos os faróis surgindo de uma colina.

Uma colina? Achei que tínhamos subido até o topo da colina?

Devo ter me enganado.

Acho que devo ter errado muito.

Onde estava Shane?

— Kali! — Aly caiu de joelhos ao meu lado. Eu a ouvi fungando e ela estava tocando minha perna. — Oh não. O que aconteceu?

Estendi a mão, agarrando a mão dela, e caí para trás. Eu não conseguia mais me segurar. Talvez os faróis não nos iluminassem? Não estávamos na estrada. Deveríamos passar despercebidas, fácil.

— Eu caí.

Ela se sentou ao meu lado, um baque pesado e denso, então eu sabia que ela caiu de bunda com força. Eu duvidava que ela sentisse isso. Ela provavelmente estava em choque como eu e se inclinou para mim. — Tenho certeza de que só estávamos correndo há alguns minutos, mas parece que foram horas.

Eu murmurei. E parecia mesmo.

O choque estava passando e eu estava começando a sentir dor.

Eu sibilei, sabendo que não deveria mover meu pé, mas caramba. Eu queria

me mover. Tinha que me mexer, mas também não consegui me mover ao mesmo tempo. Em que situação nos encontrávamos. Eu esperava que fosse uma distensão e não uma torção.

— Desculpe.

— Sobre o quê? — Ela se virou em minha direção.

Balancei minha cabeça. — Não sei, mas imagino que isso foi por minha causa. As chances são altas, considerando Shane. Você sabe.

— Oh. — Ela se acomodou ainda mais ao meu lado e no meu braço. Sua cabeça descansou em meu ombro. — O lado bom da história?

Abri um sorriso, que também doeu, mas tive que entrar no jogo. Essa era outra coisa que fazíamos.

Eu arrisquei: — O lado bom é que aposto que Justin não foi embora.

Ela soltou uma risada antes de engasgar, um gemido saindo de sua garganta ao mesmo tempo. — Jesus. Tudo dói.

Movi meu ombro um pouco, empurrando-a levemente. — O lado bom? Sua vez.

— Certo. Hum, o que Brandon temia que acontecesse, aconteceu, então já foi. Em termos de estatísticas, as chances são baixas de que isso aconteça novamente.

Eu sabia onde ela queria chegar com isso. — Veja. Você pode usar essa lógica contra ele quando ele discutir sobre você e eu sermos amigas. Mas minha vez. O lado bom… você pode ver que tipo de cara Brandon é quando eles nos encontrarem.

— Isso é verdade. — Ela estava movendo o pé. Eu não sabia por quê. Ela choramingou com um gemido de dor. — Eu realmente gosto dele.

— Percebi. Você disse que eu não poderia lhe dar bebês.

Ela bufou. — Quero dizer, você poderia. Por causa da ciência, você poderia me dar bebês, mas você sabe o que eu quis dizer.

— Isso significa que você *realmente* gosta dele.

— Eu sei. Eu não esperava por isso. Não esperava nunca mais, honestamente. Eu havia desistido. Achei que Scott era minha melhor chance de formar uma família, mas sabendo como era a família dele, eu não tinha esperança. Fiquei aliviada quando Harper me mostrou a imagem dele beijando aquela garota em casa.

— Vadia.

Ela riu. — Eu sei que você está se referindo a ele, não a ela.

— Claro.

— Obrigada, Kali.

Eu tinha esquecido completamente dos faróis, mas lembrando, levantei a cabeça e não consegui mais ver nenhuma luz. Eles devem ter continuado. Eu nem sabia onde ficava a estrada porque onde estavam aquelas luzes não fazia sentido para mim. Achei que a estrada estava do nosso lado, mas agora que estava analisando, também não vi nenhum poste de luz.

— Tenho certeza de que nos perdemos.

— Vamos sobreviver durante a noite e, quando o sol nascer, poderemos nos orientar.

Esse era um bom plano. — Eu não quero dormir. Posso estar com uma concussão.

— Então você não pode dormir.

— Ok.

Um minuto depois, Aly estava dormindo.

Eu lutei, mas ela se acomodou ainda mais em mim, deitada ao meu lado. Ela

estava quente. Mudei-me, tentando chegar o mais perto que pude porque ainda estava frio aqui fora.

Eu ficaria acordada.

Eu poderia fazer isto.

Eu teria que fazer isso.

Pense em Shane.

Pense em Harper. Justin.

Connor.

Claudia.

Minha mãe.

Meu pai – ah, cara. Eles quebraram meu telefone.

Eu estava realmente ferrada.

Mas…

36

KALI

Quando acordei, senti o nariz molhado e uma forte dor de cabeça.

Braços passaram por baixo de mim, levantando-me, e eu estava sendo carregada/levada por um campo. Eu olhei para cima. — O que... — Era Shane. Ele me abraçou com mais força. — Aguente firme, baby. Peguei você.

Oh.

Isso parecia bom.

E ainda por cima, Shane!

Fechei os olhos, apoiando a cabeça em seu peito e uma sensação tomou conta de mim. Eu ficaria bem. Estaria segura. Tudo ficaria bem. Eu nunca tive essa sensação de um cara. Nunca. Até mesmo Harper. Era meu trabalho tranquilizá-la, mas com Shane – eu estava notando isso aqui.

Então me lembrei de Aly.

— Aly!

— Corvette está com ela. Precisamos levar você ao hospital.

Ah, que bom. Estava tudo bem.

— Baby. — Ainda estávamos em movimento.

— Hum?

— Você não deveria adormecer. Parece que sua cabeça foi atingida.

Certo. Sim. Tive uma concussão, com muita certeza de onde sabia que estava. Minha cabeça ainda estava doendo. E as coisas ainda estavam confusas.

A lógica estava entrando em ação. Seria melhor se eu ficasse acordada.

— Por que você não me conta o que aconteceu? Passamos a noite toda a procurando.

Sim. Ele não teria ideia.

O pânico tomou conta de mim. — Esses caras! — Eles não podiam voltar. Eles não conseguiram pegar Shane. Espere. Eu estava bem. Shane tinha uma arma.

— Aqui. — Essa era outra voz e Shane estava diminuindo a velocidade.

— Eu a peguei. Abram espaço. — A voz de Shane agora estava firme quando ele me passou para outra pessoa.

Eu olhei para cima. Era o cara novo de ontem. Idaho? Não. Isso não estava certo. Por que eu não conseguia lembrar?

— Ok. — Disse Shane.

E eu estava sendo devolvida para Shane, que estava em uma caminhonete. Ele me segurou em seus braços, indo até o interior e um segundo depois, Corvette deslizou para o assento ao nosso lado, Aly em seus braços. Ele a embalava como um bebê, e eu conhecia Aly. Seu enorme tamanho 42 (estou sendo muito sarcástica aqui) afetou sua autoestima, mas ele a estava segurando como um bebê e nossos olhos se encontraram quando ele a colocou do outro lado do peito. Nós duas estávamos observando a mesma coisa, e ela começou a rir um pouco.

Corvette parou, sua cabeça inclinando-se para observá-la.

Comecei a rir, o que fez Shane me abraçar um pouco mais forte. — Ai. Minhas costelas.

Ele relaxou seu aperto imediatamente.

Eu olhei para cima. — Não. É de rir. — Olhei de volta para Aly. — Como você está se sentindo?

— Eu não tenho certeza.

O cara de Idaho sentou-se ao volante e outro cara pulou no lado do passageiro. Ambos fecharam as portas, enquanto Shane abria um pouco a janela. — Obrigado pelo uso de seus cães.

Ouvi uma voz abafada, mas então partimos e estávamos indo rápido também.

Shane abriu a janela novamente, dizendo: — Ligue o aquecedor, Roadie.

O carro começou a esquentar um segundo depois.

— Devemos ligar para ela, cara? — Eu não sabia dizer de quem vinha essa frase. O abraço de Shane estava me dando sono, e estávamos em um carro em movimento. Dormir em um carro em movimento era o meu favorito.

— Ainda não.

Eu ouvi Aly dizer alguma coisa.

Shane respondeu, mas...

* * *

— Elas ficaram lá fora a noite toda?

Acordei de novo, ouvindo a pergunta enquanto era colocado na cama e depois levada por um corredor.

Shane respondeu, vindo com a gente: — Sim. Nós as encontramos esta manhã.

— Que horas?

— Um pouco depois das cinco.

— E elas estavam lá fora, por quê?

Estava um pouco mais coerente desta vez e esperei pela resposta de Shane.

Ele não respondeu.

— Senhor, preciso chamar a polícia?

— Sem malditos policiais, — ele rosnou.

Estávamos entrando em uma sala e, ao fazê-lo, levantei a cabeça, observando a cena ao meu redor. Ao rosnado de Shane, Roadie e Boise se aproximaram de Shane, todos os três dando ao médico um olhar significativo.

— Estou vendo. — A resposta do médico foi firme. Seus olhos se estreitaram. — Eu preciso do quarto. Vocês três precisarão sair. Temos um lobby onde podem esperar. Vou pedir a uma das enfermeiras que lhes mostre.

— Não vamos a lugar nenhum. Estaremos aqui mesmo. — Shane recuou, sua raiva fervendo sob a superfície e ele deu um passo para o corredor. Seu olhar foi para o meu no momento em que uma enfermeira entrou e fechou a cortina. Ela foi para a cama e começou a preparar uma intravenosa imediatamente. O médico estava me examinando enquanto a enfermeira mencionava: — Red Demons, hein?

Olhei para cima, dando-lhe um olhar diferente porque ela não parecia assustada. — Você os conhece?

— Acho que a melhor pergunta é: você os conhece? Eles são seus amigos?

Ela estava preocupada comigo. Balancei a cabeça levemente no momento em que o médico disse: — Não mova a cabeça. Ainda não.

Eu disse a ela: — Eles são amigos. Ele é meu homem.

Porque ele era.

Shane.

Meu homem.

Gostei de dizer isso e gostei que fosse verdade. Eu não estava com medo de reivindicá-lo. Também não estava com medo de que ele fosse meu homem. Eu

me sentia bem.

Sim. Tenho quase certeza de que tive uma concussão. A única coisa que fazia sentido agora.

— Qual é o seu nome, querida?

— Kali. Eu sou uma enfermeira. Acho que meu tornozelo está distendido e tenho quase certeza de que estou com uma pequena concussão.

— Tudo bem, Kali. Meu nome é Rena e este é o Dr. Vioeri. Basta nos dar um pouco do seu tempo e nós garantiremos que tudo esteja bem com você. Ok?

— Sim. OK.

— Ótimo.

Depois disso, o médico entrou em cena e eu fui examinada.

* * *

O diagnóstico final era uma leve concussão, meu tornozelo já estava melhor, então a distensão foi super leve e alguns arranhões graves em metade do meu corpo. Eu *realmente* não gostei quando eles limparam tudo, mas quando enfaixaram e me deram antibióticos, fiquei mais inclinada a gostar da equipe do hospital de Fallen Crest. O médico me disse que eu precisava descansar, evitar muitos estímulos com minha concussão e que precisaria limpar meus curativos uma vez por dia. Os pontos se dissolviam sozinhos, onde eu precisei levar pontos.

Ele saiu, mas Rena ficou para trás e não prestei atenção no olhar que ele lançou para ela, nem nos olhares que as outras enfermeiras trocaram enquanto saíam. Eu estava me preparando para uma boa conversa com a senhorita Rena. A última enfermeira fechou a cortina e agora pude ouvir a porta do pronto-socorro se fechando. Eu não tinha percebido antes, mas era agradável e silencioso.

Tranquilo

— Isso é sobre eles? — Eu comecei.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu de surpresa antes de se mover, e ela me lançou um olhar conhecedor. — Você sabe alguma coisa sobre New Kings Bounties?

Comecei a balançar a cabeça e lembrei que não deveria. — Não.

Ela deu um aceno de cabeça, deixando escapar um pequeno suspiro. — Meu marido trabalha com eles. Ele é um caçador de recompensas. A razão pela qual estou compartilhando esse boato com você é porque há uma história entre eles e o clube de motociclistas do seu homem. Eu os ouvi falar sobre os Red Demons no passado. Não me lembro de ter ouvido falar de Shane, então não estou dizendo que é com o seu homem em particular, mas sei que eles devem se manter afastados desta cidade e de outra não muito longe daqui.

— Você está me contando isso, por quê?

Um olhar brilhou em seus olhos e ela abaixou o queixo antes de recuar ainda mais. — Apenas tenha cuidado. Isso é tudo. — Ela estava indo embora.

Eu perguntei: — Minha amiga? Aly. Entramos juntas.

— Oh sim. Ela já recebeu alta. Os arranhões dela foram mais leves que os seus. — Ela estendeu a mão para a cortina, mas fez uma pausa e olhou para trás. — Eu não deveria fazer isso, mas farei. Que diabos. — Ela voltou, pegou a caneta, rabiscou em um pedaço de papel e entregou. — Esse é meu número. Se você estiver hospedada na região e precisar de um emprego? Estamos em uma grande escassez. Se precisar de alguma coisa, quero dizer, qualquer coisa, ligue. Mande uma mensagem. Não importa. Apenas saiba que há pessoas aqui que podem ajudar se você precisar.

Peguei o cartão, colocando-o no bolso.

Ela estava me dando outro olhar avaliador antes que uma parede caísse sobre

seu rosto. — Mas estou pensando que talvez eu tenha entendido tudo errado e você possa se cuidar bem? Espero estar certa.

— Estou bem. Obrigada.

Um último aceno antes de ela sair, então éramos só eu e meus pensamentos.

O clube de Shane tinha história aqui. Certo. Eu não sabia o que tirar disso, mas era o que era. Eu já tinha ouvido o suficiente.

Eu queria verificar Aly, encontrar Shane e pegar aqueles idiotas que vieram atrás de nós. Essas eram minhas prioridades agora.

As portas se abriram e senti Shane antes de ouvi-lo. — Kali?!

— Estou aqui.

A cortina foi aberta e Shane estava ao meu lado em dois passos. Ele começou a me abraçar, mas parou e recuou. — Eu não quero machucar você. — Ele estava me olhando de novo, e desta vez, agora que eu estava muito mais lúcida, e via o esforço que ele estava fazendo para se manter sob controle.

Ele estava quase tremendo.

Estendi a mão, toquei seu braço e sua mão veio sobre a minha instantaneamente. Eu podia sentir sua tensão. Ele parecia concreto sob meu toque, mas respirou fundo ao meu toque. — Jesus, baby. — Ele disse com a voz rouca. — Você sabe quantos anos perdi quando percebi que estava desaparecida? — Ainda tremendo, seus olhos se fecharam e ele se aproximou, apoiando a testa na minha.

— Oh baby. — Toquei sua cintura.

Ele soltou um suspiro triste, meio sorrindo. — Sabe o quanto eu não sabia que precisava ouvir você me chamar assim até você fazer isso?

Eu sorri, sentindo a certeza de que tudo ficaria bem.

Tinha que ficar.

Precisava.

— Como está Aly?

— Eu deveria estar perguntando a você. Eles fecharam as portas assim que a colocaram lá. O homem dela chegou aqui e eles foram embora.

— Oh. — Eu não sabia como processar isso. Feliz por ela ter alguém que se importava tanto com ela? Mas também chateada porque Aly era minha família e ele acabou de conhecê-la. — E Harper? Justin?

Uma vibração totalmente diferente entrou na sala e meu estômago embrulhou.

Ele afundou, uma bola de pavor aninhada bem ao lado dele e eu vi uma transformação tomar conta de Shane.

Este era o motociclista Shane olhando para mim. Ghost.

Um arrepio percorreu minha coluna, porque pude entender por que todos estavam com tanto medo dele, deles, se era isso que eles viam.

Engoli um nó na garganta. — O que é?

Ele piscou uma vez antes de dizer: — Eles se foram.

— O que? — Eu balancei minha cabeça. — O que isso significa? O que você quer dizer com eles se foram? — Minha voz aumentava a cada pergunta.

— Quando percebi que você tinha ido embora, e quando o homem dela percebeu que sua amiga tinha ido embora, todos nós ficamos loucos. O bar inteiro foi fechado, e quero dizer, trancamos todo mundo lá dentro. As luzes foram acesas. A música desligada. Passamos por todas as pessoas no bar, verificando os telefones. Tudo. Se fôssemos policiais, nada disso teria sido uma busca legal, mas ainda bem que não somos. Eu tenho que avisar você agora, no entanto. Irritamos muita gente fazendo o que fizemos, mas o homem de Aly estava certo conosco. Não conseguimos encontrar vocês e não conseguimos encontrar seus amigos. Começamos uma busca logo em seguida e Stripes pediu

um favor. Entrei em contato com um cara local que usa cães de busca. Foi assim que encontramos você, mas demorou um pouco.

O ar foi arrancado de mim. Eu... eu não conseguia compreender. — Justin e Harper? Eles também foram sequestrados?

Espere.

Eu engasguei, agarrando o braço de Shane. — Você não... não, não. Os corpos deles? — Deus. A dor tomou conta do meu corpo. Eu não conseguia terminar esse pensamento.

— Não. Eles foram levados como vocês, ou era isso que estávamos pensando até vocês duas aparecerem. Dois pares de rodas saíram da entrada da casa dos fundos, que fica ligada à outra estrada. Câmeras de segurança flagraram duas vans saindo. Uma foi para o sul, a sua. E outra foi para o norte. Estamos assumindo que era a deles.

A sala ficou sufocante. O ar estava denso, pressionando-me.

Justin e Harper. Eles foram sequestrados.

— Baby. — Shane interveio novamente, sua voz suave. Ele segurou a lateral do meu rosto, traçando o polegar sobre minha bochecha em um toque terno. — Precisamos saber quem eram esses caras. O que você lembra sobre eles?

Justin. Harper.

Eles não poderiam tê-los.

Agarrei seu pulso, segurando-o com força. — Você tem que encontrá-los.

Seus olhos se arregalaram, só um pouco por causa da minha ferocidade, depois suavizaram novamente. — Nós faremos.

— Não. Estou falando sério, Shane. Nós temos de ir agora.

Seus olhos se estreitaram e sua cabeça inclinou-se alguns centímetros para trás. Ele estava me reavaliando, não muito diferente de como Rena fez

momentos antes. — Vamos, mas cuidamos disso internamente. Você tem que saber isso sobre nós, nesta vida. Não lidamos com policiais. Nós mesmos cuidamos de tudo.

Ele não teria nenhum argumento meu lá.

Ele ainda estava me observando, estudando. — Você está bem com isso?

Levantei-me, procurando minhas roupas. Vendo uma sacola que ele trouxe e colocou no armário atrás dele, apontei para ela. — Isso é para mim?

— Sim. Roadie comprou algumas coisas para você. Achei que você não gostaria de usar as mesmas roupas.

Reprimi um estremecimento porque ele estava certo, mas estendi a mão para elas. — Dê para mim.

Ele as passou, ainda me olhando por causa da minha súbita mudança de atitude. — Você está bem, Kali?

Peguei a bolsa e comecei a trocar de roupa. — Vou te contar tudo que me lembro, mas não sei muito. — Contei a ele o que fiz quando terminei de me vestir. Depois de calçar meus sapatos velhos, eu estava pronta para ir.

— Você deveria ir com calma.

Mas do jeito que disse, ele me conhecia. Eu dei uma olhada para Shane. — Você espera isso de mim?

Ele abriu um sorriso. — Estou um pouco preocupado com sua cabeça, mas não. Está esquecendo que me lembro de você no ensino médio. Eu sei o quanto você ama seus amigos e ouvi o quanto gosta do namorado. Eu não esperaria mais nada.

Ótimo.

Um pouco da minha própria tensão me deixou ao ouvir isso. Ele não lutaria comigo. Ele não tentaria me conter. Ele não me diria para ficar em casa e ser

uma boa mulher.

Saímos da sala e abaixei a cabeça para ajudar a evitar o estímulo extra. — Eles levaram nossos telefones e os destruíram.

Shane estava bem ao meu lado. — Nós os encontramos. Eu tenho um substituto para você.

Ele entregou o telefone assim que chegamos ao corredor que ia da mesa da enfermeira até o que parecia ser a sala de espera. Eu vi os caras de Shane parados ali, esperando por nós, mas olhei por cima do ombro.

A enfermeira Rena estava de pé, entregando uma pasta para outra enfermeira, nos observando.

Seus olhos encontraram e seguraram os meus. Ela me observou, seu olhar se dirigiu para Shane, que tinha ido na frente, mas estava esperando por mim agora. Ele não estava me tocando. Ele não estava me mimando e a enfermeira Rena notou tudo isso.

As advertências dela e as de Aly me chamaram a atenção, mas quando pensei muito nelas, continuei voltando aos termos-chave de que eram baseadas as história. No passado. Isso foi naquela época, e não agora, e eu tive que tomar uma decisão se me importaria ou não.

Escolhi não fazer, nesse momento. Eu ouvi os avisos. Eu não esqueceria, mas não deixaria que eles me afetassem mais. Aquela era uma história que não me dizia respeito, portanto, eu a deixaria de lado.

Tomada essa decisão, todo um sentimento renovado de desespero me preencheu.

Justin e Harper. Precisávamos encontrá-los agora.

Eu me virei e fui *eu* quem disse a Shane: — Vamos.

37

SHANE

Tudo parou quando descobrimos que Kali estava desaparecida.

Meu mundo parou.

Mas ela estava aqui. Ela estava um pouco machucada, mas *ela estava aqui.* Quem quer que tenha feito isso com ela, eu iria gostar de matar. Eu também estava pensando que teria que entrar na fila porque Kali poderia insistir em fazer isso primeiro.

Ela sentiu meu olhar e olhou em minha direção. Eu estava deixando ela ver como eu me sentia mesmo sabendo que poderia ser muito. Às vezes, ela se sentia desconfortável pelas besteiras que seu ex fez com ela, mas não hoje. Não dessa vez.

Ela estava olhando de volta para mim, mantendo meu olhar firme e eu vi a mesma ferocidade do hospital. Minha mulher estava pronta para declarar guerra a quem quer que levou seus amigos. Isso fez eu me apaixonar ainda mais por ela. Ela era de tirar o fôlego.

— Ah, uau. — Boise estava diminuindo a velocidade para chegarmos à casa do vovô.

Ele veio para a estrada, com o braço balançando no ar. Um grande anel de fumaça subia no ar por trás, onde nossas motocicletas estavam.

— Que porra é essa, — Roadie rosnou.

Corvette olhou para mim, mas assim que Boise entrou na garagem e parou, ele e Roadie saíram da caminhonete.

Vovô estava suando, com sangue escorrendo da cabeça. Ele estava confuso e

começou a balançar a cabeça, tossindo. Perguntei: — O que aconteceu?

Roadie e Corvette estavam correndo de volta para verificar nossas motocicletas. Quando os trocamos pela caminhonete que meu avô nos emprestou, pegamos nossos coletes para que ficassem seguros.

— Estrada.

— O que? — Veio de Boise.

Vovô ainda balançava a cabeça, mas estava tendo dificuldades para ficar de pé. — Desculpe. Foram seus homens. Eles invadiram, procurando por vocês. Levaram Tracey. Quebraram nossos telefones.

Minha nossa.

Porra.

O mundo parou quando Kali desapareceu, mas parou mais uma vez, porra.

Roadie estava voltando correndo e parou abruptamente. — As motocicletas estão bem. Mas invadiram os quartos. Todas as nossas merdas estão espalhadas em todos os lugares.

— O que está queimando?

— Ah. — Vovô fez uma careta. — Isso é minha culpa, não deles. Eles estavam em um tumulto procurando por vocês e eu estava tão bravo que peguei minha tocha de fogo. Amarrei-o no meu jato de água, mas usei ar. Desliguei a água. Tentei incendiá-los. Consegui um, então eles podem estar indo para um hospital próximo. Eles agarraram Tracey na saída, mas acho que a levaram como refém para que eu parasse de incendiá-los. Pensei que eles fariam alguma coisa com suas motos, mas quando abri fogo, eles fugiram bem rápido.

— Eles levaram Tracey?

Meu telefone começou a tocar. Heckler.

A notícia chegou até ele, eu tinha certeza.

Atendi, mas continuei falando com o vovô: — Eles quebraram o seu telefone também?

— Oh sim. Eles fizeram isso primeiro. Entraram com armas em punho, falando espanhol. Não que eu não soubesse que eram de Estrada. Eles tinham a tatuagem de Estrada no pescoço, mas Tracey conhecia um deles. Não tenho ideia de como ela os conhecia, mas sabia. Ela começou a gritar sobre seu homem e sua equipe vindo atrás deles. Foi quando liguei a tocha. Quer dizer, tudo meio que aconteceu ao mesmo tempo, mas foram os caras do Estrada.

— Merda. — Roadie ficou imóvel.

Boise também.

Seria uma merda enorme se fosse verdade.

Eu estava fora da caminhonete, meu telefone no ouvido em outro segundo. — Você ouviu?

— Sim, mas puta merda. O que está acontecendo? Você me disse que sua mulher estava desaparecida ontem à noite, mas Boise me enviou uma mensagem dizendo que ela estava bem e que você me alcançaria. É por isso que eu estava ligando.

Porra.

Maldição!

Isso era enorme. Monumental.

— Como está o Prez?

— Ele não está preparado para essa merda.

— Maldição, Heckler! Estaremos em guerra se isso for verdade.

— É verdade e você sabe disso. Desde quando o vovô mente?

— Nunca. — Eu queria jogar fora esse telefone, mas outros pensamentos passavam pela minha cabeça.

Isso significava guerra.

Significava que já estávamos atrasados. Quem sabia quantos corpos já estavam no chão.

Também significava que todo o nosso planejamento virou fumaça, o planejamento que levamos em consideração com muito cuidado com Connor. Mas... bem, porra, ainda teria que acontecer, mas provavelmente muito mais cedo do que havíamos previsto, do que eu esperava, porque queria tempo para contar a Kali, precisava desse tempo.

Eu estava desesperado por saber que iria perdê-la.

Não havia dúvida sobre isso. Só faltava saber *quando* eu a perderia.

Maldito Estrada. Ele sabia. Ele descobriu tudo de alguma forma.

— Ghost, é por sua conta. Essa é outra razão pela qual eu estava ligando. Prez sofreu um mini derrame ontem à noite. Ele está de volta à UTI. Eles detectaram cedo, mas ele está inconsciente. Se isso for verdade, e você tem que agir como se fosse, então significa que todo o clube está em guerra contra o cartel. Você precisa nos dizer suas ordens.

Minha mente ainda estava acelerada. Não tinha parado desde que ouvi as notícias e a situação com o Prez. Heckler era agora meu número dois. Eu agora era presidente interino de todo o clube Red Demons.

Primeiro as coisas mais importantes. Fiz sinal para os caras se aproximarem. — Preciso saber onde Estrada está. Os homens dele nos atacaram ontem à noite e tentaram levar a minha mulher. *Levaram* a sobrinha do meu avô e acho que também levaram dois amigos da minha mulher.

Heckler amaldiçoou.

Boise estava ao telefone. — Estou ligando para a equipe que está de olho no Estrada.

Corvette estava com o telefone na mão e eu disse a ele: — Ligue para Crow.

Diga que estamos sem tempo. Preciso da lista desses caras agora, e depois precisamos enviar um grupo para reuni-los.

Corvette assentiu, pegando o telefone e se afastando um pouco.

Ordenei ao Roadie: — Ligue para o pessoal da informática. Diga-lhes a marca e o modelo da van que levou Justin e Harper, e que precisamos encontrar os caras que também levaram Tracey, sobrinha do vovô.

Ele deu um rápido aceno de cabeça antes de se afastar, com o telefone já no ouvido.

Vovô estava absorvendo tudo antes de vir mancando até mim. Ele enxugou o rosto com as costas da camisa, semicerrando os olhos. Uma mão foi para seu quadril e ele soltou um longo suspiro. — Não posso dizer que sei completamente o que está acontecendo, mas posso ver que é um grande problema aqueles caras vindo atrás de você–

— Eles podem estar procurando por mim.

Kali havia saído da caminhonete e estava parada não muito longe, abraçada a si mesma.

— Kali. — Fui até ela.

Ela balançou a cabeça, recuando. — Não. Não faça isso. Não me mime-

— Chefe! Ei, chefe! Ghost. — Corvette voltou correndo, com os olhos em pânico. — Acabei de desligar com Crow e recebi uma ligação de Machete. Ele foi atacado. Ele e sua mulher estavam na estrada e ele disse que uma van parou. Eles atiraram nele e levaram sua mulher.

MALDIÇÃO!!

— Ele está bem?

Corvette assentiu rapidamente, seus olhos percorrendo Kali, que não estava reagindo. — Chefe. Um dos caras foi baleado, mas ele disse que havia um cara

na van que parecia queimado. Machete foi atingido, mas não acham que seja grave. A bala passou direto por ele. Eles estão levando-o para o hospital agora.

— Certo. Chame Stripes. Quero seis dos nossos homens com ele no hospital. Assim que estiver liberado, ele irá atrás de Claudia. Precisamos descobrir a situação antes que ele chegue lá.

Corvette assentiu, transmitindo minhas ordens a Crow.

Kali falou. — São os caras que levaram Aly e eu. Fugimos, mas eles não podem voltar sem reféns. Então estão reunindo quem podem. Quero dizer, não sei, mas é um palpite. Faz sentido. Quantas vezes as pessoas são sequestradas? Não pode ser coincidência.

Tracy. Agora Claudia. Duas mulheres por duas mulheres.

Compartilhei um olhar severo com Boise, que estava voltando. — Você ouviu?

— A maior parte. A equipe ainda está de olho em Estrada. Ele está parado no Texas, no Vale.

Balancei a cabeça, mas caramba, eu não estava gostando nada disso. — Ele está mais protegido lá do que em qualquer outro lugar.

— Qual é a sua decisão, Prez?

Ao ouvir o termo, Roadie, que havia se aproximado, e Corvette olharam para mim um pouco diferente. Eles ficaram mais sérios, mais alertas, menos em pânico. Olhei para Kali e ela estava me olhando de volta, ainda imóvel, o mesmo olhar que ela tinha no hospital e na caminhonete. Ela estava esperando.

Ela queria vingança.

Mas, primeiro, as coisas mais importantes, no entanto. — Precisamos alertar todos os clubes daqui até o Texas. Os caras do Estrada pegaram esses reféns por um motivo, para levar de volta para Estrada. Eu quero que eles sejam detidos. Reféns presos em segurança e quero todos os seus homens ainda vivos.

Espalhem a notícia.

Boise, Corvette e Roadie começaram a trabalhar, enviando as mensagens.

— Chefe, — Roadie estava mandando uma mensagem enquanto falava. — Os caras da informática invadiram o sistema de transporte. Estão verificando câmeras de rua, mas detectaram uma van em alta velocidade a 16 quilômetros de Frisco. Faz sentido serem os caras que atacaram Machete.

O alívio me inundou, mas algo mais também. Algo mais sombrio. Algo mais intenso. Algo que eu não gostava estava dentro de mim. — Eu quero as coordenadas exatas. Vamos encontrar a van, mas de modo organizado e inteligente. — O que significava que acabamos de encontrar nossa primeira batalha.

Virei-me para Kali e foi como se ela soubesse. Ela começou a recuar, balançando a cabeça. — Não me deixe de fora. Agora não. Eles têm minha família. E minha irmã.

Compartilhei um olhar com meu avô, enviando-lhe uma pergunta silenciosa.

Ele entendeu, levantando a mão e me deu um aceno de cabeça.

— Kali.

— Não, Shane!

— Kali. — Abaixei minha cabeça, aproximando-me dela. — Você teve uma concussão. Não me importa se é leve ou não, ainda é uma concussão. Eu fiz uma promessa a mim mesmo quando descobri que você estava desaparecida. Jurei nunca mais colocar você em perigo, seja intencional ou não. Agora, algumas coisas não consigo fazer, mas tenho que tentar pelo meu próprio coração. Você está me ouvindo?

— Não, — ela gritou, uma única lágrima escorrendo e caindo por sua bochecha. — Eu dou conta disso. Sou uma enfermeira. Conheço minha própria cabeça.

Minha mulher. Ela não percebeu a lágrima cair. Achei que ela nem sabia que estava lá.

— Eles estão com Harper. Justin. — Havia soluços profundos em sua voz, mas ela os continha. — Claudia provavelmente irá destruí-los, mas Harper. Não Harper.

— Eu sei. — Eu me aproximei, minhas mãos fechando em torno de seus braços. Eu só precisava tocá-la, mas me segurei para não a fazer sentir como se eu estivesse a prendendo. Aprendi que ela tinha um problema com isso. — Mas eu tenho que fazer o que você tem recebido, todos aqueles avisos sobre mim, com o que fazemos. Eu preciso de você segura, e baby, como está sua cabeça, você não estaria segura comigo.

Ela soltou um suspiro. — Maldição, Shane.

— Eu sei. — Fiz um gesto para o vovô. — Ele vai ficar com você enquanto partimos. — Para ele, eu disse: — Fico preocupado com vocês aqui. Temos caras em Frisco. Eu me sentiria melhor se estivessem lá.

Vovô apertou a boca, ocupando seu lugar, o grande anel de fumaça subindo atrás. — Sim. Não há muito mais que eu possa fazer agora. Os bombeiros e a polícia provavelmente virão para cá e, para falar a verdade, não tenho interesse em estar aqui quando eles chegarem. Tenho uma certa opinião sobre a polícia.

Foi decidido. — Vovô, faça uma mala. Você tem cinco minutos. Farei com que você dirija a caminhonete, você e Kali.

Ele saiu mancando de volta para seu lugar, enxugando o rosto novamente com a camisa.

Roadie gritou: — Peguei eles! Sabemos onde estão.

Graças a Cristo.

Compartilhei um olhar com Boise antes de dizer: — Precisamos de caras neles agora, observando, seguindo.

— Pode deixar.

Dei a ele um aceno de cabeça e ele saiu correndo, indo pegar sua moto.

Kali fez sinal para a caminhonete. — Vou esperar aqui.

Aproximei-me, dando um beijo em sua testa. — Significa muito você concordar em ir com o vovô.

Ela olhou para mim. — Não fique confortável. É porque tive uma maldita concussão.

Eu sorri, precisando sentir o gosto da minha mulher. Ela era como o paraíso, como sempre.

— Eu não esperaria nada menos.

Saímos cinco minutos depois.

38

KALI

Tentei ligar para Aly mais tarde naquele dia.

Shane saiu assim que chegamos a este lugar. Era no bar The Bonfire, em Frisco, onde tive medo de parar pela primeira vez. Precisava retirar isso porque aqui estava eu, ficando confortável como se este fosse um lar temporário. Estremeci com esse pensamento, esperando que não acontecesse. Eu ficaria louca, mas quem sabia quanto tempo Shane ficaria fora.

Fomos colocados em um quarto nos fundos. Shane disse para avisar qualquer um que pudesse perguntar que eu era sua old lady. Sabia o que isso significava e sabia que manteria qualquer um longe de mim.

Assim que chegamos, deitei-me, mas agora estava inquieta.

Shane estava lá fora.

Aly estava... eu não tinha ideia. Ela não atendeu minha ligação.

Justin. Harper. Deus. Eu segurei outro estremecimento porque eles tinham que estar bem. Tinham que estar. Se não estivessem... eu não conseguia terminar esse pensamento.

E Claudia. Quer dizer, eu estava mais assustada pelos sequestradores no caso dela.

— Ei.

Saí para a rua e sentei num banco. Este lugar era uma cidade fantasma, ou quase, e eles tinham quatro prospectos vigiando a porta da frente. Achei que me afastar trinta metros de distância seria bom. Shelly pensou o mesmo. Ela estava vindo em minha direção. Vestida com mangas compridas, ela tinha as pontas

puxadas para baixo sobre as mãos e saiu da frente do The Bonfirr para a frente da loja. Era uma lanchonete pequena, mas estava fechada. Eles tinham uma aparência melhor. Os bancos em frente ao The Bonfire eram inexistentes. Parecia um antigo reservatório de água de um filme de faroeste, com eixos de sustentação baixos no topo e postes na frente, como se antigamente eles amarrassem seus cavalos ali. Tudo o que faltava eram os bebedouros para os cavalos. Não havia nada disso aqui. O lugar atrás de mim era só janelas. Sem toldos com vista. Sem postagens. Nada. Apenas alguns bancos e agora eu tinha companhia enquanto Shelly se sentava ao meu lado.

Ela acrescentou: — Vi que você foi incluída para o segundo turno, hein? — Ela olhou para o meu telefone. — Está fazendo uma ligação? Eles geralmente tentam manter isso em um nível mínimo.

— É para minha amiga. Acho que ela está presa como eu, então pensei que poderia gostar. Além disso, — apontei para o bar a trinta metros de distância. — Os bandidos sabem sobre este lugar.

— Isso é verdade. — Ela riu, mas o som estava meio vazio.

Em vez disso, mandei uma mensagem para Aly.

Eu: Ei, é Kali. Comprei um telefone novo... e agora percebo que você provavelmente também comprou.

Cliquei em enviar, sabendo que ela não responderia.

Comecei a guardá-lo quando ele zumbiu de volta.

Desconhecido: é Aly. Trocamos meu telefone esta tarde. Você já ouviu falar de Harper?

Respirei fundo antes de digitar de volta.

Eu: Você deveria me ligar.

Aly: Não posso. Brandon está extremamente preocupado agora. Ele está preocupado, pensando todo tipo de coisas ruins. Você sabe.

Oh garoto. Eu sabia, e ele estava certo em se preocupar.

Eu: Você está segura?

Aly: Sim. Preocupada com você. Preocupada por não conseguir falar com Harper. Brandon disse que não sabem onde Harper ou Justin estão. Presumi que eles estavam com você.

Eu: Você realmente deveria me ligar.

Aly: Agora estou ficando com medo. Apenas me diga. Eu cuido disso.

Eu: Onde você está? Apenas me diga que você está segura.

Aly: Sim. Estamos na casa do cunhado de Brandon. Ele é aquele caçador de recompensas, então toda a sua equipe está aqui, e há vários outros também. É uma coisa completa, mas você está me deixando com medo.

As coisas mudaram tão rápido. Aly tinha 'seu pessoal' e eu estava aqui com 'meu pessoal'. Estávamos em dois locais diferentes, sendo protegidas por dois grupos diferentes.

Eu: Eles têm armas?

Aly: Hum, eu não sei. Há alguns caras ENORMES aqui. Mas me sinto segura com eles. Pare de protelar. Onde está Harper?

— Apenas diga a ela.

Eu pulei, gritando.

Shelly recostou-se, fazendo uma pequena careta. — Desculpe. Fiquei entediada e você não estava escondendo o telefone. Tentei não ler, mas não consegui evitar. — Ela acenou com a cabeça para o telefone. — Apenas conte. Ela está perguntando sobre sua amiga, aquela que foi levada, certo?

Eu parei. — O que você sabe sobre isso?

Ela encolheu os ombros, puxando as pontas das mangas ainda mais sobre as mãos. — Nada demais, exceto que Crow disse que houve alguns ataques.

Estrada tentou levar você e sua amiga. Suponho que seja a amiga? No telefone. Ele disse que levaram outros em seu lugar. Também suponho que você esteja se referindo a sua amiga 'Harper'. Estou certa?

— Você é sempre tão rápida com negócios que não são seus?

Ela me deu um sorriso. — Gostaria de dizer que isso não acontece ou não é uma ocorrência comum mas, embora não seja tão comum, acontece. Seu homem é um Red Demon. Eles não são um clube de motociclistas. Eles são o verdadeiro negócio. Você deveria saber em qual cama está se metendo porque, como Crow diz, seu homem agora é o presidente deles. Ou o futuro presidente. Você está com Ghost e isso significa que todo o seu mundo vai mudar. Os Reds não são pequenos. Eles estão indo contra um cartel por uma razão.

Um cartel?!

Inspirei meu suspiro porque não conseguia soltá-lo. Eu não faria isso. Ninguém poderia saber como eu estava me revirando por dentro. — O que você acabou de dizer?

— O Cartel Estrada. — Shelly sentou-se mais para trás, olhando-me fixamente. — Eles são um clube de 1%. Você sabe o que isso significa, certo?

Eu me irritei. — Eu sei.

Ela se acomodou ao meu lado. — Bom. Por um momento, fiquei nervosa. Pensei que você não tinha ideia de quem estava chupando o pau. Eu seria educada bem rápida se fosse esse o caso.

Eu olhei para ela, mas ela não percebeu. Então meu telefone começou a tocar.

Aly ligando.

Oh garoto. Respirei fundo, tentando controlar os nervos enquanto atendia a chamada. — Ei.

— Onde está Harper? Brandon está todo irritado agora. Não sei como explicar a relação de todos aqui, mas uma garota simplesmente apareceu e disse

que recebeu relatos de que 'alguns outros' foram levados. Essas foram as palavras dela. Eles levaram Harper? — Sua voz aumentou um pouco.

Levantei-me e comecei a andar. Minha mente estava uma bagunça, literalmente. Meu estômago estava uma bagunça. Tudo estava uma bagunça. — Aly.

— Oh Deus. É muito ruim se é assim que você está falando comigo. O que é? É Harper? Eles a levaram também? Não a encontramos e íamos procurá-la. O que está acontecendo, Kali?! Diga-me.

— EU-

— Kali! Apenas me diga.

Parei, minha cabeça se inclinando para trás. Meu estômago estava dissolvendo até os pés. Todas as emoções estavam sendo expelidas.

— Não sei quem a levou, mas alguém o fez. Acho... acho que foi um cartel.

Houve um silêncio absoluto do seu lado.

Eu não aguentava esperar por ela.

Ajoelhei-me sem nem ver onde. — Sinto muito, Aly. Isso é tudo minha culpa. Viemos aqui por minha causa. Eu fui com Shane, e agora, esses caras – eu acho que eles tentaram nos sequestrar para prejudicar o clube de Shane. Eu sinto muito.

— O que você está dizendo, — sua voz soou. — Você está dizendo que um cartel levou Harper?

Fechei meus olhos com força. Eu estava segurando meu telefone contra o rosto com tanta força que fiquei surpresa por não o ter quebrado. — Justin também.

— *Justin também?!*

— Acho que eles pegaram minha irmã também. E alguma outra mulher.

— OH MEU DEUS, VOCÊ ESTÁ OUVINDO A SI MESMA?! QUATRO PESSOAS, KALI! Quatro pessoas! Seu namorado é a causa de tudo isso. E você está certa, se não tivéssemos vindo até aqui, NADA DISSO TERIA ACONTECIDO!

— Querida? — Eu ouvi por trás dela.

Ela respirou fundo dramaticamente, mas eu podia ouvi-la chorando.

Era eu. A culpa era minha.

Tudo isso era minha culpa.

— Sinto muito, Aly. Eu sinto muito. — Não sabia mais o que dizer ou fazer. — Eu sinto muito. Nós vamos recuperá-la. Eu prometo.

Seu tom era assustador. — Você não pode prometer isso. Nem ouse tocar nesse assunto.

Outro arrepio me percorreu ao ouvir sua voz.

Ela me odiava. Eu podia ouvir. Havia dor, mas havia ódio.

Eu perdi minha amiga. E eu só esperava não ter perdido fisicamente Justin e Harper também. Ou Claudia. Maldita Claudia. Eu também não estava me permitindo pensar nela. Claudia escolheu esta vida. Ela sabia mais do que eu, então ter sido levada não era culpa minha, mas isso não importava.

Meu coração doía por ela também.

Shane precisava encontrá-los. Ele precisava trazê-los de volta. Todos eles.

Por favor, Deus. Por favor. Por favor.

— Vou compartilhar com Brandon e sua família o que está acontecendo e depois vou rezar para que Harper e Justin sejam encontrados. Porque se não forem, Kali, então irei atrás de você, porque isso é tudo culpa sua. Maldição.

Cada palavra que ela disse era um soco para mim. Eu os senti, golpe após golpe, e quando ela desligou na minha cara, eu entendi, porque, droga. Isso era

tudo culpa minha.

— Sua amiga está um pouco perturbada.

Eu me virei e vi Shelly parada atrás de mim, com um cigarro aceso na mão. Ela estava de frente para a rua, com o braço cruzado sobre o peito, sob o outro braço que segurava o cigarro. Ela parecia toda casual, mas havia me seguido.

— Eu não preciso que você cuide de mim.

Ela deu uma tragada no cigarro antes de apontar para o meu telefone, exalando. — Acho que sim, se você deixar aquela 'amiga' entrar na sua cabeça. Ela está errada, sabe. Nada é culpa de ninguém. Simplesmente acontece. Eu ouvi o suficiente para concluir que vocês vieram aqui por algum motivo? Você obrigou suas amigas a entrarem em seu carro?

— Você não sabe do que está falando. — Comecei a voltar, mas ela tocou meu braço, impedindo.

Ela gesticulou para baixo com a cabeça. — Estamos bem aqui. Além disso, algumas das garotas vão chegar. Um grupo vai para uma escola de beleza não muito longe daqui e vão enlouquecer quando souberem que estamos no lugar delas. Isso é o que elas pensam. Espero acenar para alguns dos caras aqui e entrar furtivamente na lanchonete atrás de nós para comer alguma coisa quando abrir para o jantar. Você está dentro? Aposto que você está com fome.

Ela estava certa. Meu estômago roncou como se estivesse sob comando. — O que você quer dizer com garotas?

— As *sweet butts*[49]. Você sabe, as garotas que dormem com qualquer um, desde que estejam no clube.

— Há realmente mulheres que fazem isso? — Eu conhecia o termo, mas ouvir que era real era uma coisa totalmente diferente.

— Oh sim. — Ela deu outra tragada no cigarro. — Todos os tipos, mas não se preocupe. Nunca ouvi falar do infame Ghost pegando uma mulher.

Eu ainda estava me sentindo magoada por causa de Aly. — Não pense que você o conhece, já que ele não pertence a este clube.

Shelly riu, dando uma tragada novamente. — Você tem razão. Ele não está e eu não o conheço, mas me dê um tempo. Já estive perto de muitos caras. Eu posso dizer. Seu cara, ele é bom. Firme. Leal. Inteligente. Ele é como meu antigo marido, ou eu gostaria de pensar, então não tire isso de mim. Afinal, ele está morto.

E eu estava me sentindo uma idiota. — Desculpe.

— Sem problemas. Eu não sou normal. A vida e a morte não me afetam como afetam os outros. Meu marido se foi e eu estou aqui, passando meus dias tentando aproveitar a vida o máximo que posso até ir me juntar a ele. Não me fale de vidas passadas porque isso é outra coisa comigo. — Mas ela deu uma quarta tragada, exalando, e apontou o cigarro para mim. — Sabia que tenho amigos que acreditam em vidas passadas? Eles acham que somos apenas energia nestes corpos, para esta vida. Tenho amigos que acreditam plenamente que foram Apaches em outra vida. Um está convencido de que era um cavalo. E tenho outra amiga que está convencida de que era uma deusa da África. Você acredita nessas coisas?

Eu... não tinha absolutamente nenhuma ideia do que dizer a ela. — Por que você está me contando isso?

Ela olhou de volta para o bar e depois para mim. — Honestamente? Um, porque acho legal. E dois, estou protelando porque todas as garotas chegaram e estão lá dentro. Agora vou usar seu telefone e ligar para um dos caras que estão lá embaixo. Os proprietários vão abrir o restaurante atrás de nós dentro de cinco minutos. Confie em mim. Queremos comer no Mama's Diner, e não no The Bonfire. Eles têm boas intenções, mas a comida é uma merda.

Ela pegou meu telefone e fez o que disse.

Enquanto eu tentava não pensar em Harper ou Justin, porque se pensasse, iria

desmoronar.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu celular.

Ele não respondeu, mas sabia que não responderia porque ele não sabia que era eu.

Em vez disso, mandei uma mensagem.

Eu: Pai. Meu telefone quebrou. Este é o meu novo número.

39

SHANE

Caminhamos até onde Boise estava estacionado, todos calados e vestidos de preto. Precisávamos ser discretos para que as motocicletas fossem deixadas em uma estrada secundária e afastadas para que ninguém as encontrasse. Ele estava na colina mais próximo de onde os caras de Estrada estavam escondidos em uma casa. Quem sabia se era deles ou invadiram em busca de uma parada para descanso? Eu não tinha ideia, mas pretendia descobrir.

Ele se afastou, passando para mim os óculos de visão noturna. — São três deles, mas já abandonaram o cara queimado. Ele estava fazendo muito barulho, então atiraram nele. Está vendo aquela pilha de plástico atrás da casa? — Movi os óculos, vendo-os ao lado da garagem deles. Ele acrescentou: — É ele.

— Jesus, — Corvette disse calmamente atrás de nós.

— Isso significa que há dois ou ainda três alvos?

— Ainda são três. Um na parte de trás que está verificando os reféns e dois na frente. Olhando, parece que há algum problema com os dois primeiros. Eles estão irritados com alguma coisa, um deles fica andando de um lado para o outro. Ele saiu algumas vezes para verificar o sinal do celular. — Boise estava sorrindo enquanto segurava seu dispositivo. — Não sabem que eu peguei este prático bloqueador de celular.

Corvette assobiou baixinho. — Não achei que funcionassem a uma boa distância. A que distância estamos?

— Estamos a duzentos metros, não tão longe, mas sim, mais longe do que o normal. Fiquei entusiasmado no inverno passado e decidi tentar inventar merdas.

Boise estava sendo modesto. Ele era um gênio quando se tratava de

tecnologia e armas.

Acomodei-me com mais firmeza de bruços, meus cotovelos ajudando a manter os óculos firmes enquanto examinava o resto da casa. Sinalizações de calor mostraram-me onde cada pessoa estava, incluindo as reféns. Ambos estavam no chão. Uma parecia inquieta ou impaciente. A outra estava parada. Eu tinha um palpite de que quem estava agitada era Claudia.

— O que sabemos sobre a sobrinha do vovô?

Passei os óculos para Corvette enquanto respondia a Boise: — Há algum motivo para você estar perguntando?

Ele deu de ombros, virando-se para observar a casa com seu próprio binóculo. — Apenas um pressentimento. Algo está errado. Não consigo ouvir nada, mas eles a estão tratando de maneira diferente da mulher de Machete.

— Sabemos como Machete está se saindo?

Corvette respondeu: — Tenho recebido atualizações. Ele está sendo costurado. Stripes conhece a enfermeira e pediu que ela que não tivesse pressa.

Boise sorriu. — Ele vai sofrer por isso. Você sabe que Machete está plenamente consciente do que todos nós estamos fazendo.

— Sim. Eles confiscaram seu telefone. A mesma enfermeira passou para Stripes ou Machete está totalmente ciente do que estamos fazendo.

— Não, ele não faria isso. Ele rastrearia nosso GPS e nos caçaria enquanto caçamos os caras de Estrada, — comentei.

Todos os caras sorriram porque sabiam que eu estava certo.

— Qual é o plano aqui, chefe?

Plano. Porra. Sempre precisávamos de um plano.

Fiquei sério. O breve momento de piadas foi revigorante, mas agora o assunto era matar. — Você tem motivos para acreditar que eles conhecem este

lugar? Armadilhas foram preparadas por algum motivo?

— Não. Acho que eles estão total e completamente sozinhos. Acho que eles nem conseguiram mandar uma mensagem para o chefão, e é por isso que aquele cara fica andando de um lado para o outro.

— Certo. Então o plano é convergirmos para a cabana. Usem silenciadores. Máscaras. Planejo capturar todos os alvos, se possível.

— E se isso não for uma opção? — Corvette fez a pergunta, mas todos os caras estavam esperando.

Eu tinha que ser o único a dar luz verde.

Eu disse: — Então os eliminem. Quero que Roadie e Corvette cuidem das mulheres.

— Eu fico com a sobrinha do vovô, — Roadie falou rapidamente.

Corvette lançou um olhar furioso. — Foda-se. Você sabe que funciona dessa maneira.

Boise me perguntou: — Quantos Reds temos lá esperando pelo seu comando?

— Eles estão esperando que retornemos para então traçar um plano.

Todos os meus rapazes pararam e olharam para mim.

Eles me conheciam. — É por isso que vamos entrar agora, e ligarei para eles assim que tudo estiver resolvido.

Crow disse que tinha homens em quem não confiava. Mandei ordens para ele reuni-los, colocá-los em um local, mas a verdade é que eu não sabia se havia homens em quem não deveria confiar ou o próprio Crow. E com os ataques, recuperar quem podíamos era prioridade. Então, eu não iria trazer ninguém em quem não confiasse para me apoiar em uma situação como a que iríamos entrar.

Sabendo disso, todos os caras ficaram sérios muito rápido.

— Preparem-se.

Entramos, colocando silenciadores em nossas armas. Já estávamos camuflados, mas quando nos aproximamos da casa, Boise e eu fomos para a frente. Roadie e Corvette foram para trás. Eu gostaria que tivéssemos mais rapazes, mas não havia tempo. Metade precisava ficar para trás, vigiar Kali e quem mais estivesse lá. Os outros estavam com Machete. E assim que chegamos, Roadie me disse que recebeu um aviso do nosso pessoal de informática. Eles encontraram o segundo carro.

Já estava no Arizona agora.

Chegamos à porta e, por meio de nossas comunicações, fizemos a contagem.

— Estou de olho no alvo um. —Boise falou.

Eu disse: — Estou de olho no alvo dois.

— Eu tenho o alvo três.

— Roadie? — Este era eu.

— Preparados.

— Em três. — Liderei a contagem. — Um. Dois.

Como eu disse três, o plano era que Roadie abrisse a porta e lançasse uma bomba de efeito moral. Corvette entraria e surpreenderia o homem lá atrás. Ao mesmo tempo, arrombaríamos nossa porta e cada um de nós atacaria o homem de trás.

Ouvimos a bomba de efeito moral disparar e estávamos em movimento.

Boise abriu a porta.

Entrei primeiro, olhando para a esquerda.

Ele se moveu para a direita.

Ambos os nossos alvos estavam passando pela porta, mas se viraram ao nos ouvir.

As armas estavam levantadas – *bang!*

Bang!

Seus corpos caíram. Depois disso, vasculhamos a casa só para ter certeza.

Não havia suspeitos no primeiro andar, no segundo ou no porão. Estávamos bem, e ainda com as luzes apagadas, começamos a trabalhar. Boise e eu garantimos que cada cara fosse nocauteado com outro tranquilizante, depois os caras foram carregados para a frente da casa. Eu podia ouvir Roadie e Corvette pelos comunicadores e dentro da casa enquanto conversavam com as mulheres.

Claudia parecia bem. Irritada, mas bem.

A outra mulher parecia surpresa, mas nenhum de nós conhecia realmente Tracey. Ela cresceu na comunidade de motociclistas, mas seus pais moravam no leste. Algo aconteceu e ela decidiu se mudar para West Virginia, ficou com a irmã e o marido da irmã. Vovô sempre falava de Tracey como sendo inteligente, durona e alguém que não deveria ser contrariada. Ela também foi descrita como tendo uma grande personalidade, mas quando uma vez lhe perguntaram o que isso significava, ele encolheu os ombros e disse que ela tinha atitude.

Ela deveria ter sido alguém que foi sequestrada por engano, e em outra operação, eu agido conforme a situação. Mas Boise tinha um pressentimento por ela ter sido tratada de forma diferente. Eu queria saber mais sobre isso.

Boise foi verificar o caminhão e depois fez uma busca lá dentro. Ele apareceu, balançando algumas chaves e sorriu para mim. — Transporte.

Um plano sólido.

Ele saiu, deu ré na caminhonete até a casa e começamos a colocar os corpos na traseira. Ao mesmo tempo, Roadie e Corvette traziam as mulheres dos fundos da casa.

Eu verifiquei, sem saber o que esperar, mas as expressões frias nas duas mulheres me surpreenderam.

Isso foi até elas verem os caras que estávamos carregando.

— Droga, seus idiotas! — Claudia gritou, indo atrás daquele que Boise e eu estávamos carregando. Ela começou a bater no peito dele e quando isso não foi suficiente, tentou chutá-lo. Ele era muito mais alto que ela, então levou alguns golpes nas costas.

— Agarre-a, — gritei para Roadie, que a levantou. Ele começou a recuar, com os braços em volta da cintura dela.

Sua cabeça estava baixa e ele murmurava algo para ela.

Não estava funcionando.

Ela estava com os punhos cerrados e as pernas ainda tentando se libertar, mas não estava lutando muito para se afastar dele. De repente, depois que a carregamos, e ela foi a última, um soluço irrompeu de sua garganta. — Maldição, — ela sussurrou antes de se pendurar nos braços de Roadie.

Ele levantou a cabeça, encontrando meu olhar e eu entendi.

Algo muito sério aconteceu antes de chegarmos aqui.

Olhando para a outra mulher, ela parecia mais calma. Recuada. Silenciosa, mas perto de Corvette. Seus braços estavam em volta de si mesma. Captando meu olhar, ela não desviou os olhos. Ela se encolheu e seu rosto se contraiu com alguma emoção que eu não consegui identificar, mas ela sustentou meu olhar.

— Roadie, — eu disse baixinho.

— Hum? — Ele ainda estava segurando Claudia.

Fiz um gesto para ela. — Ajude-a a se acomodar na caminhonete.

Ele me deu um aceno de cabeça, colocando-a de pé e conduzindo-a gentilmente, com cautela, para a caminhonete.

Boise estava dando uma volta pela casa. Se houvesse algo lá que achasse que poderíamos usar, ele pegaria. Eu confiava nele. Ele era mais minucioso do que

eu. Então mudei em direção a Corvette e Tracey.

Ela poderia ter sido uma mulher bonita, com muita maquiagem mesmo nessas circunstâncias. O cabelo dela era liso, e eu poderia dizer que isso a incomodava porque ela ficava mexendo nele. Mas seus olhos eram severos e envelhecidos. Ela me pareceu ter trinta e poucos anos, mas não adivinhar exatamente. Ela era bem constituída e se portava de uma maneira que demonstrava orgulho disso. Ela estava me observando analisá-la e respirou fundo, um pouco antes de eu me posicionar na frente dela.

— Você é o líder.

Acenei com a cabeça. — Suponho que é assim que eles me chamam.

Seus olhos foram para os caras na caminhonete. — Esses são os homens de Marco Estrada.

— Você sabia disso antes de eles a levarem?

— Não. Eu não os reconheci sem as tatuagens no pescoço.

Claudia já estava na caminhonete e Roadie estava com metade do braço em volta dela, no encosto do banco. Ela não estava enrolada nele, mas não estava do outro lado do assento. Sua cabeça estava apoiada no colo e ela tremia de soluços silenciosos.

Acenei com a cabeça na direção deles. — Você quer me contar o que eles fizeram com a mulher do meu homem?

Ela olhou, outro suspiro pesado a deixou. — Eles não tocaram nela de forma alguma, se é isso que você está perguntando. Disseram que mataram a irmã dela. Se eles fizessem isso com os meus, eu enfiaria uma faca nas bolas deles. Inconscientes ou não.

— Eles disseram o que?

Ela olhou para trás, soltando outro suspiro pesado. — Eles assassinaram a irmã dela–

Eu estava me movendo antes que ela terminasse, indo para a caminhonete. — Claudia.

Apoiei um pé no degrau inferior, uma mão no topo da porta e esperei que ela olhasse em minha direção.

Ela não fez isso, só continuou tremendo no meio do assento.

— Ela não está morta, Claudia.

Ela fungou uma vez e levantou a cabeça. Seu rosto estava molhado pelas lágrimas e ela fungou novamente, usando as costas do braço para enxugar o rosto. — O que você disse?

— Eles a levaram, mas não a mantiveram. Os loucos que levaram vocês foram os que a perderam.

Sua boca se abriu e ela ficou absolutamente imóvel. — Não é uma boa ideia foder comigo agora, Ghost.

— Não estou brincando com você, de forma alguma. Sua irmã está viva e em Frisco agora, longe desses idiotas.

— Você está dizendo que Kali está viva?

Um aceno firme meu. — Minha mulher está viva.

Roadie bufou, agora relaxando e recostando-se um pouco no assento. — Se ela estivesse morta, acha que ele estaria aqui todo calmo e conversando com você? Porra, não. Ghost seria *um fantasma*, com máscara de hóquei e tudo, e ele estaria *bem longe*. — Ele assobiou, balançando a cabeça. — Esses caras estariam fritos no segundo em que os encontrássemos, e ele partiria, indo para a próxima rodada sozinho, se pudesse. Não, mulher. Sua irmã está viva.

Os olhos de Claudia estavam arregalados para mim e ela respirava com dificuldade. Seu peito estava inchando. — Meu homem?

— Provavelmente muito bravo conosco, mas ele está vivo também. A bala

passou por ele.

— Por que ele estaria bravo com vocês?

— Porque viemos buscar você sem ele. Eu queria que essa missão fosse feita com um dos caras vivos para ser interrogado. Isso não teria acontecido com o seu homem aqui, quer você estivesse ferida ou não.

Ela piscou e todo o seu corpo estremeceu. Ela caiu para trás. — Graças a Deus! Graças a Deus! — Mas ela estava gritando e socando o painel antes de tentar se virar para olhar os caras atrás. — Eu quero eles, Ghost! Eles me disseram que mataram minha irmã. Eles disseram essa merda para mim.

Ah, Cristo.

Afastei-me da porta, mas disse a Roadie: — Contenha-a.

— Vou tentar.

Tracey aproximou-se de mim e apontou para o assento livre. — Acho que isso é para mim? — Ela examinou o horizonte ao nosso redor. — Eles estavam tentando ligar para Estrada para receber suas ordens. Não sei se conseguiram ou não, mas falando em meu nome, gostaria de sair daqui. Talvez possam se reunir em outro lugar? Em algum lugar seguro?

Eu olhei para ela, mas assenti. Quando ela se sentou, dei um breve assobio para Roadie e sinalizei para ele não usar celulares, depois acenei para as duas mulheres. Ele me deu um leve aceno de cabeça antes de ligar o motor.

Depois disso, Corvette e eu subimos na parte de trás.

Boise estava saindo da casa e demorou o suficiente para jogar um fósforo lá dentro.

Ele saiu e pulou na parte de trás conosco. Todos abaixamos, por precaução, mas não demorou muito para que a casa estivesse em chamas. Era sempre uma boa ideia incendiar qualquer possível evidência atrás de nós, para atrasar Estrada em seu próximo passo. Ou esperava, imaginando que ele poderia aguardar por

relatos de corpos encontrados no incêndio.

* * *

Roadie nos levou até onde estavam nossas motocicletas.

Tínhamos ligado antes, então alguns de nossos rapazes esperavam quando chegamos. Um deles era um cliente em potencial e ele pulou da traseira de uma motocicleta em direção a caminhonete. Roadie saiu e o cara entrou. Ele seria o motorista.

Stripes foi um dos caras que veio nos encontrar e veio até mim. — Machete está irritado com você.

Eu grunhi. — Onde ele está?

— Ele está na The Bonfire. Alguns de nós escaparam para encontra-lo, mas ele não ficará feliz por termos feito isso.

— Eu sei. — Manter os caras fora do circuito não estava em nossa cultura, mas também não estava em nossa cultura lidar com cartéis, políticas ruins de clube e dividir seu clube de quatro maneiras diferentes. — Vou falar com ele, mas você avisou que a pegamos?

Ele assentiu. — Sim, e por falar nisso, conheço um armazém onde podemos nos abrigar. — Ele apontou com o queixo para a traseira da caminhonete, o que significava que conhecia um lugar discreto onde poderíamos fazer nosso interrogatório.

— É seguro?

— É no meio do nada. Meu tio tentou fazer uma loja lá, mas não deu certo. Estava abandonado quando ele foi levado para a prisão.

— Tudo bem. Envie a todos as coordenadas.

Meu telefone tocou então.

Crow: Qual é o plano? Não estamos fazendo nada aqui.

— Stripes.

— Sim? — Ele voltou para pegar sua motocicleta.

— Envie uma mensagem para Crow também.

Ele fez uma breve pausa antes de acenar com a cabeça.

Eu: Encontre-nos nas coordenadas.

Boise se aproximou. — Você tem certeza disso? Ele tem caras em quem talvez não possamos confiar.

Eu estava observando Tracey e Claudia na caminhonete e localizei onde os caras ainda estavam inconscientes. Teríamos mais batalhas pelo caminho em relação a Estrada. Eu queria lidar com Crow ou seus homens antes disso.

— Sim. Quero deixar tudo às claras, de uma vez por todas.

Boise ficou parado, ouvindo o que eu não estava dizendo. Ele soltou uma maldição rápida em voz baixa. — Vai ser fogo, isso é certo.

— Sim.

Eu já não me importava.

Eles tentaram ir atrás da minha mulher. Atiraram no meu irmão e planejavam fazer mais, muito mais. Estes foram apenas os tiros de advertência, no que me diz respeito.

Eu estava sedento para ir atrás deles.

40

SHANE

Heckler estava ligando quando chegamos ao lugar sobre o qual Stripes nos falou. O lugar parecia abandonado, como ele disse, então ele que chutar a porta algumas vezes antes que ela finalmente abrisse.

— Oh cara. Você está falando sério? — Roadie estava reclamando, balançando a mão no ar à sua frente enquanto entrava. — Este lugar está coberto de poeira e provavelmente de merda de rato. Eu tenho alergia.

— Fique quieto, quem se importa — Stripes respondeu de volta.

Meu telefone ainda estava tocando, então atendi, começando a andar de volta pela estrada de cascalho que acabamos de descer. — Dê-me boas notícias.

Ele riu. — Eu farei isso, sem problemas. Prez vai sobreviver e nós o manteremos bem. Ele está escondido e ninguém pode encontrá-lo.

Parei. O. Que. Isso. Significa? Eu estava com medo de ter esperança. — Você está brincando comigo?

— Eu nunca faria isso com você. Estamos indo em sua direção ou, mais precisamente, para parar a segunda van. Pensando que podemos cruzar com eles em Albuquerque. Você acha que pode nos encontrar?

— Estou pensando que você chegará lá muito mais cedo do que nós.

— Você está com a outra van?

— Pegamos a outra van.

Ele soltou um grunhido divertido. — Isso é fantástico *pra* caralho.

Olhei para trás. O armazém estava iluminado, então havia eletricidade. Os caras começaram a trazer os homens de Estrada para dentro. E enquanto eu

observava, vi Tracey agarrar um dos caras e depois de um segundo de hesitação, Claudia pegou a outra ponta dele. Juntas, elas carregaram o homem para dentro. Ele caiu no chão, mas Tracey era uma mulher forte. Ela estava se segurando. Claudia lutou, mas por puro despeito, ela ergueu os braços e a cabeça do cara. Foi quase cômico assistir.

Corvette se aproximou e substituiu Claudia antes que ela causasse dano na cabeça do cara.

Assim que eles entraram, perguntei em voz baixa: — Você sabe alguma coisa sobre essa Tracey?

— A sobrinha do vovô? Aquela que eles pegaram?

— Essa mesmo.

— Na verdade não, mas ela não está mais na comunidade. Pensei que ela tivesse se casado com alguém? Na Virgínia Ocidental? Cabelereira, certo?

— Você poderia perguntar por aí, ver se ouve alguma coisa sobre ela.

— Claro, mas qual é o motivo? O que você está procurando?

— Eu não sei, apenas uma curiosidade, no momento. Boise disse que os caras de Estrada a estavam tratando de maneira diferente. E ela não estava muito abalada quando a encontramos. Faz eu pensar. Ela ajudou a trazer um dos caras agora também.

— Yeah, yeah. Considere feito. Vou ligar para o pessoal da informática e pedir que façam uma pesquisa.

— Bom. Essa é uma boa decisão.

— Até mais, chefe. Ligue para mim quando tiver resolvido as coisas onde você está.

— Ligarei.

Eu estava entrando quando Tracey saiu, e ela fez isso como se tivesse

decidido que era a hora de falar comigo. Havia um propósito em seu passo e ela ficou no meio da porta. Sua cabeça levantou. Seus olhos encontraram os meus e ela perguntou: — Podemos conversar antes de você atacar aqueles caras lá atrás?

Bem, então.

Dei um passo para trás e para o lado. — Depois de você.

Sua cabeça voltou a abaixar, mas tudo nela indicava que sabia exatamente o que estava fazendo. Seus ombros estavam firmes. Seu andar era forte e estável. Ela liderou o caminho, levando-nos até o final da área de estacionamento e depois por uma trilha de caminhada, passando por algumas árvores.

Ela notou onde ficava a estrada e a entrada, vendo que estaríamos escondidos se alguém saísse nos procurando.

Enviei uma mensagem para Boise.

Eu: Espere um minuto.

Boise: Você quer que eu comece a questionar? Um deles está acordando.

Eu: Faça isso.

Ela se acomodou, observando-me enviar mensagens de texto.

Dei a ela um aceno de cabeça. — Eu sou todo seu.

Ela abriu a boca, mas um grito de gelar o sangue encheu o ar.

Boise deve ter decidido começar primeiro com as perguntas difíceis.

— Percebi que não me ofereceram um telefone.

— Sim. Eu queria falar com você primeiro.

Sua cabeça se moveu para cima e para baixo, analisando. — Certo. Bem, eu gostaria de um telefone. Tenho certeza de que você conversou com o vovô, disse a ele que estou bem, mas tenho um homem que reagiria de uma certa maneira por não ter avisado a ele o mais rápido que poderia.

— Sobre o seu homem, ele é alguém que eu deveria conhecer? Meu homem estava atrás de vocês um pouco antes de chegarmos. Ele observou enquanto esperava por nós e nos disse que você estava recebendo tratamento diferente dos homens de Estrada. Gostaria de saber se você estaria aberta a compartilhar comigo o motivo desse tratamento. Dito isto, vou compartilhar que me disseram que eles tratavam você de maneira diferente. Presumo que foi melhor, considerando como Claudia os atacou e você não.

— Certo. — Ela voltou a analisar a informação, parecendo que estava literalmente mordendo a parte interna da bochecha. — Então, eu não faço parte dessa luta, mas desde que me levaram, pensando que eu era uma de suas mulheres, muda um pouco as coisas. Dito isto, você precisa saber que meu homem trabalha para alguém que trabalha com Estrada. Eles descobriram e surtaram. É por isso que estavam tentando ligar para Estrada, ou presumo, porque eu os informei assim que descobri quem eles eram.

Bem. Porra.

As coisas faziam mais sentido agora.

— Você é da Virgínia Ocidental. Nos meus livros, isso não é considerado leste. As pessoas com quem Estrada se alinhou são conhecidas por estarem no leste. — Eu dei uma olhada nela. — E russos. Supondo que você não seja de onde ele mora, no México, ou esses caras não teriam confundido sua identidade.

Seus lábios se separaram, meio em um sorriso, meio em uma careta. — Veja bem, eu venho de uma família de motociclistas. Cresci com meu pai participando de seu clube. Minha lealdade é forte com você, mas estou em uma situação em que não me sinto totalmente preparada para compartilhar o nome do meu homem ou como é que ele trabalha parcialmente com o aliado de Estrada. Além disso, considerando a reviravolta muito abrupta dos acontecimentos, porque até poucos dias atrás, acreditava-se que o clube de motociclistas Red Demons era a razão pela qual Estrada era tão poderoso nos Estados Unidos, fica

claro que ele não tem mais você e, bem, estou apenas dando uma dica sutil que pode afetar outros relacionamentos que ele tem, mas ainda não me sinto confortável em lhe dar o nome do meu homem. Se eu der uma dica muito grande, não terei certeza se estou em território inimigo ou com amigos da minha família. Posso dizer que não quero lhe fazer mal e que o fato de você me deixar chamar o meu homem seria de grande ajuda para algumas pessoas.

Agora meus lábios se separaram porque ela estava pedindo uma demonstração de fé sem me dar muito.

Maldita seja, porque eu já sabia o que iria fazer e esperava seriamente que isso não me desse um chute na bunda mais tarde. Concordei. — Ok. Vou enviar um cara para levá-la de volta e lhe dar um telefone. Nós levaremos você aonde precisar ir.

— Eu agradeço. Uma carona até a cidade e hotel mais próximos e um telefone para fazer uma ligação serão tudo o que preciso. Eu ficarei bem depois disso.

— Cidade mais próxima? Não vai ver seu tio?

— Eu estava planejando falar com ele por telefone, mas acho que posso perguntar. Ele está bem?

— Ele está bem. Ele está em Frisco, em uma de nossas casas.

— Bom. Mantenha-o seguro, mas a cidade mais próxima e uma ligação para meu homem é tudo que preciso.

Estávamos voltando quando ouvimos primeiro os motores, depois os faróis começaram a aparecer. Uma fila de motocicletas apareceu.

Crow e o resto de seu clube haviam chegado.

Mas o primeiro a chegar até mim foi Machete. Ele estacionou, quase se jogou da motocicleta e estava marchando direto para mim.

— Agora, Machete...

Soco!

Um gancho de direita acertou meu rosto. Fui com o soco, mas levantei as mãos porque Machete era meu irmão e entendi a raiva dele. — Desculpe...

— Maldito seja, Ghost. — Ele deu outro soco, sibilando enquanto o fazia.

Eu me esquivei desse e evitei outro enquanto ele tentava me acertar com um golpe superior.

— Pare! — Mantive minha posição, porque eu era o chefe agora. Se ele estava pesando isso em sua raiva ou não, como vice-presidente eu poderíamos ter dado alguns socos em sua direção, só para nos divertirmos. Mas agora não era o momento, não desta vez, não com o que ainda tínhamos que fazer. — Eu tive que ter certeza de que eles estavam vivos para questionar. É por isso.

— Maldito seja, Ghost! — Ele parou de atacar, mas ainda estava irritado. Ele tinha olhos selvagens e estava olhando em volta. — Onde ela está?

— Machete! — Veio o grito de dentro.

— Claudia! — Ele gritou de volta, movendo-se em direção a ela, mas mais devagar e fazendo uma careta. Ele estava pressionando a mão no ombro enfaixado.

Filho da puta estúpido. Dando socos quando levou um tiro?

Filho da puta estúpido, aquele era meu irmão, era quem ele era. Eu adorava o cara. Faria pior, disso eu sabia.

— Ela está bem. Ela estava mais agitada. Disseram a ela que mataram Kali.

Ele me lançou um último olhar não muito feliz, antes de Claudia passar pela porta. Ela correu até ele, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela se jogou, as pernas envolvendo a cintura dele. Ele a pegou, que se dane o buraco de bala, e a carregou para a floresta.

Eles precisariam de um minuto.

Tracey estava observando e me deu um sorriso. — Alguns dias eu realmente sinto muita falta desta vida. É muito bom estar de volta, mesmo que seja por um minuto.

Devolvi-lhe um meio sorriso, ainda esperando não me arrepender de deixá-la ir embora. — Mesmo sendo feita de refém?

Ela grunhiu. — Inferno. Essa foi a parte divertida.

41

KALI

Toc, Toc!

Eu estava na cama, deitada esperando por alguma coisa. Qualquer coisa. Eu não tinha me despido e nem estava debaixo das cobertas, mas ao ouvir a batida, levantei-me.

— Sim? — Corri até a porta, abrindo-a.

Uma mulher estava lá, vestindo uma regata justa e jeans minúsculo. Dei-lhe uma breve olhada porque ela era uma das *'sweet butts*' que Shelly destacou para mim. Havia uma hierarquia até mesmo entre as mulheres deste mundo e, de acordo com Shelly, eu estava no topo desde que Ghost dizia que eu era sua old lady. O termo parecia ofensivo, mas significava algo para eles. Eu estava tentando entender, realmente, mas agora só estava focada em trazer Harper e Justin de volta. Depois disso, eu precisava ver onde tudo ficaria entre mim e Aly, e também entre Shane e eu.

— O quê?

Ela deu um passo para trás, movendo a cabeça para baixo e para cima enquanto me olhava. No final, ela cheirou, literalmente cheirou. — Os caras dizem que você precisa fazer as malas. Você vai viajar em breve.

— O quê?

Mas ela se virou e foi embora.

Saí para o corredor, mas não disse mais nada.

Uma viagem?

Não tinha nada para arrumar, mas fui ao banheiro. Lavei-me. Eu me arrumei

o máximo que pude e peguei minha bolsa antes de sair do quarto. Aquelas mulheres estavam no bar, algumas sentadas no colo de alguns rapazes. Outras estavam de barriga para cima no balcão.

Examinei a sala, procurando por alguém que eu reconhecesse. Não havia ninguém e vendo alguns caras passando por uma porta para os fundos, segui para ver quem estava lá fora.

Vendo Shelly no canto, fumando, fui até lá. — Ele-

Ela agarrou meu pulso e me puxou para uma entrada, e eu nem sabia que havia uma entrada aqui.

Olhei em volta porque, onde estávamos? Parecia uma área privada. Não estávamos mais nos fundos, mas também não estávamos do outro lado da parede, onde ficava a rua.

— Ouça.

— Que lugar é esse?

Ela acenou com o cigarro no ar, afastando-me. — É para encontros particulares. Você sabe, se um dos caras quiser ganhar um boquete particular ou qualquer outra coisa.

Oh.

Ai credo. Olhava para isso de forma diferente agora, embora, novamente, soubesse que fazia parte do estilo de vida deles. Eles queriam viver a vida ao máximo e fazer um ménage à trois onde os outros poderiam ver era algo que faziam sem piscar. Shane já fez isso? E como a pergunta estava queimando na minha cabeça, perguntei: — Uma mulher veio e me disse para pegar minha bolsa.

— Sim. Sobre isso-

— Você acha que Shane já ficou com ela?

— O quê?

— Ela e Shane. Esse é o propósito delas, certo? Ficar com os caras?

— Uh. Sim. Quero dizer, não é tão claro. Elas recebem proteção do clube, mas não respeito. Mas elas sabem disso quando se envolvem. É escolha delas ser um uma *sweet butt*.

— Que tipo de mulher faria isso? Associar-se, servir aos caras, ser desprezada pelos outros e para quê?

— Proteção. Um sentimento de pertencimento. Os caras realmente gostam delas.

— Eu não entendo.

— Isso é porque você não foi criada dessa maneira. Elas foram. Você não foi. Algumas não sabem o que é melhor. Algumas gostam, mas ouça. — Ela apagou o cigarro e tocou meu braço, aproximando-se novamente. Ela baixou a voz. — Um pouco depois de voltarmos do jantar, um grupo do clube de Shane entrou. Então, há pouco, eles partiram novamente. Eles não perguntaram se você estava aqui e Crow e um monte de caras foram com eles, mas ouvi algo que acho que não deveria ter ouvido.

— O quê? — Além disso, por que esse pavor estava voltando para mim? — Tem algo a ver com meus amigos?

— O quê?

— Uh. — Balancei minha cabeça. — Deixa para lá. O que você ouviu?

— Não sei o quanto você sabe sobre negócios de clubes, mas sei um pouco. Recentemente houve uma votação onde eles não trabalham mais com um cartel. Alguns dos caras não estão a bordo e ouvi uma conversa de que alguns iriam emboscar o resto. Não tenho certeza do que isso significa, mas ouvi para onde eles estão indo.

— O quê? — Oh Deus. Meu coração bateu contra meu peito. — Onde?

— Eles estão indo para o Texas. Uma cidade lá. Amarillo. — Ela me puxou ainda mais para perto. — Acho que deveríamos ir.

Eu recuei. — Espere. O quê?

— Sim. Tentei ligar para Crow, mas sei que quando estão nessas missões, eles usam bloqueadores de celular. E estou um pouco nervosa em manter o meu comigo. Eles têm pessoal de informática que poderiam rastrear o nosso, mas não posso ficar aqui sentada esperando para ver o que acontece. Não se pudermos chegar até eles. Detê-los ou, no mínimo, avisá-los.

Sim.

Tudo o que ela estava dizendo eu estava disposta a fazer.

Deus. Não apenas Harper e Justin agora, mas Shane.

Peguei meu telefone. — Eu poderia ligar para Shane.

Ela balançou a cabeça. — Eu não faria isso. Quer dizer, quem sabe quem poderia ouvir, certo? E se contarmos a ele, ótimo, mas a pessoa errada também pode ouvir.

— O que você está dizendo?

— Acho que deveríamos ir. Os caras estão em outro lugar, mas se forem para o Texas, nós também deveríamos. Podemos chegar lá e depois ligar e descobrir onde eles estão. A essa altura, eles não poderão nos impedir. — Ela estava me estudando atentamente. — O que você acha?

Eles já tentaram me machucar, machucar Aly. Eles tinham Harper e Justin.

Isso era a porra de um pensamento para mim.

— Estou dentro.

Ela fechou os olhos, seu alívio evidente. — Bom. — Ela olhou para baixo, vendo minha bolsa. — Oh, bom, você tem isso. Onde está seu telefone?

Eu tirei da bolsa.

Ela apontou para ele. — Desligue e vamos embora. Os caras ainda estão aqui. Eu sei a rota que eles usam. Meu carro está no quarteirão. Podemos chegar lá antes deles.

— Então vamos fazer isso.

Desliguei meu telefone e saímos de fininho.

42

SHANE

Ligando para Kali.

— A pessoa desta conta ainda não configurou a voz–

Desliguei, porque, que porra é essa?

— O que está errado? — Boise se aproximou.

Enviei uma mensagem antes de colocar o telefone de volta no bolso.

Eu: Onde você está? Liga para mim.

— Não consigo falar com Kali. Ela está no The Bonfire, certo? Você esteve em contato com os caras de lá?

— Não. Nossos rapazes estão aqui.

— Kali está lá.

Ele fez uma careta. — Uh, se ela manteve a cabeça baixa, eles não saberão que ela está lá. Eu não contei a eles. Você fez?

Merda. — Não. Tudo estava indo para o buraco aqui.

— Nenhum dos caras teria contado. Nós trouxemos o resto do nosso clube para cá, eles vieram com Crow e os outros.

Isso não estava certo para mim. — Preciso falar com Crow. Talvez precisemos mandar alguns caras de volta para buscá-la, alguns dos nossos.

— Parece bom. Você quer que eu o mande buscar?

Eu estava lá fora e eram quase cinco da manhã. A noite foi para interrogar os homens de Estrada, que nada nos disseram. Não é que eu não acreditasse neles. Eu fiz. Deixamos Machete agir. Ele estava se comportando de uma certa maneira

desde que levaram sua mulher. Mas é que eles não sabiam de nada. Eles foram instruídos a pegar duas mulheres Red Demon. Kali foi mencionada especificamente, mas quando ela desapareceu, eles tiveram que improvisar. Aconteceu exatamente como Kali imaginou.

— E os dois caras?

O cara estava chorando e sangrando, mas não se conteve. Foram necessários apenas dois golpes antes que ele se desestruturasse. Seus amigos fizeram o mesmo. — Não sei. Disseram-nos duas mulheres. A outra van pode ter sido instruída a levar as pessoas próximas aos Red Demons. Eram escolhas fáceis. Estavam ali e conversando. Vimos o que estava na sua mesa no bar, então sabíamos que ele era um aliado do seu clube. Isso é tudo o que posso dizer. Honestamente. Você não entende. Temos que voltar com alguém ou será terão nossa cabeça e a nossa família será enforcada. Você não pode se meter com nosso chefe.

— Sim. Ele é uma ótima pessoa. Estamos cientes.

Acenei com a cabeça para Boise e acrescentei: — Envie Stripes também.

Ele entrou. Depois de terminarmos os interrogatórios, estávamos nos preparando para ir ao Novo México e nos encontrar com Heckler. Ou, pelo menos, esse era o nosso plano. Não dei à Crow os detalhes exatos, em vez disso, anunciei a todos que se preparassem para a viagem.

Ele estava chegando agora, e Stripes apareceu um segundo depois. Ele fez uma pausa, vendo Crow comigo. — Você quer que eu volte?

Fiz sinal para que ele se aproximasse.

Ele o fez, e perguntei a Crow: — Deixei minha mulher em sua sede. Agora não consigo falar com ela. Que caras você tem lá?

— Alguns prospectos. Nós limpamos os locais até que tudo fosse resolvido com Estrada, mas deixei alguns dos meus caras mais confiáveis lá. Shelly

também está lá. Pedi a ela para cuidar de sua mulher, e a última vez ela me disse que estavam comendo no restaurante com meus rapazes. Ela me enviou uma mensagem dizendo que elas estavam se adaptando até que ela ouvisse mais de nós. Foi isso. Quer que eu ligue para ela?

— Quero. — Olhei para Stripes, que acompanhava a conversa com os olhos semicerrados.

Uma pergunta não dita foi feita por ele para mim, e dei um lento aceno de cabeça.

Ele acenou de volta, já começando a puxar as chaves, mas esperamos enquanto Crow ligava para Shelly.

Ele encerrou a ligação, franzindo a testa para o telefone. — Liguei três vezes. Continua recebendo mensagem de voz. — Ele discou outro número, colocou o telefone no ouvido e nos disse: — Vou ligar para o meu homem. Pedir que encontrem Shelly ou sua mulher.

Seu cara respondeu.

— Sim. Ei. Shelly está por aí?

Esperamos enquanto o cara dele foi procurá-la.

Um segundo depois, sua voz veio ao telefone: — Ela não está aqui, chefe. Nem o carro dela.

— E a old lady do Ghost?

Acenei com a cabeça para Stripes, dizendo a ele: — Mantenha seu telefone por perto.

Ele saiu, levantando a mão para me avisar que me ouviu. Ele foi até sua motocicleta e um segundo depois, estava arrancando.

Ao mesmo tempo, o cara disse: — Sim. Ela também não está aqui. Ela estava na sala dos fundos, mas se foi e sua bolsa também. Você quer que continuemos

procurando por ela?

Porra. Cabeças iriam rola.

Rosnei, pegando o telefone de Crow. — Você *vai destruir a porra do lugar.* Se não conseguir encontrá-la, peguem suas motocicletas e vão até onde elas podem ter ido. Essa é minha mulher.

— Sim, senhor!

Eu queria enfiar o telefone do Crow na garganta dele, mas não foi ele quem fez merda. Eu fiz. Kali era minha mulher. Eu deveria ter designado um dos meus homens para cuidar *apenas* dela. Droga! O que eu estava pensando?

— O que você quer fazer?

Eu queria encontrar Kali, mas minha mulher ou meus irmãos? Eu tinha que escolher agora.

Precisava arrancar a cabeça de todo mundo, inclusive a minha.

O telefone de Crow começou a tocar.

Eu peguei e respondi: — Você a encontrou?

— Não, mas Carol disse que Shelly pediu para ela dizer a Kali para pegar sua bolsa e se preparar para sair.

— Quando foi isso?

— Trinta minutos atrás. Outro de nossos rapazes disse que viu as duas saírem, mas não achou nada demais porque elas estavam na frente da lanchonete mais cedo, de qualquer maneira. Achou que elas só queriam um pouco de ar.

— E quanto aos prospectos? Eles estariam vigiando as motocicletas.

— O prospecto que tínhamos lá disse que viu os duas virando a rua. Um segundo depois, ele viu faróis saindo de um quarteirão ao norte. Estamos pensando que era o carro de Shelly, já que ela também desapareceu. Elas estavam indo para o leste.

Crow estava esperando minhas ordens.

— Um prospecto simplesmente as deixou ir? Quando estávamos *sob ataque do cartel?*

— Ele está muito arrependido, Ghost. Eu também. Todos nós. Carol está chorando. Não há razão para não fazer o que Shelly diz, sempre fizemos isso antes. Shelly é a Lady Boss neste clube.

— Descubra exatamente, palavra por palavra, o que Shelly falou para Carol dizer. Quero saber cada porra de coisa que ela disse, viu ou fez desde o momento em que entrou naquele maldito bar até agora. Você me entendeu?

— Entendi. Vamos.

Desta vez não houve restrição.

Peguei o telefone do Crow e bati nele com toda a força e o mais longe que pude, e fiquei a dois segundos de bater no próprio Crow logo depois.

— Agora, Ghost. — Ele começou a recuar, com as mãos no ar. — Pense, irmão. Nós dois somos Reds aqui... — Ele engasgou a última parte porque *não conseguia respirar,* porque minha mão estava em volta de sua garganta e porque eu estava apertando com mais força a cada segundo que passava.

— Ei! — Pés se moveram sobre o cascalho e senti mãos na minha, tentando me puxar.

Eu não estava me movendo.

Esse filho da puta. Seu não tinha sido nada além de más notícias desde o início.

— Shane. — Boise passou um braço em volta do meu peito.

Senti outros, todos tentando me puxar.

Alguém abriu caminho entre nós e empurrou enquanto Boise puxava. Alguém se abaixou e me levantou. Alguns caras. Fui carregado de volta e só

então parei de apertar.

Eu me afastei deles, afastando Boise e todos os outros. — Saiam de cima de mim!

Eu estava indo para Crow novamente.

Ele estava sendo levado para o armazém, e os caras do clube estavam entre ele e eu. O mesmo estava acontecendo com meus rapazes até Boise parar na minha frente e falar com bom senso. — Ele é o presidente deles agora. VP ou não, ele é deles. Eles vão derrubá-lo, esteja ele errado ou não. Você sabe disso. Não tenho ideia do que aconteceu nos últimos cinco minutos, mas vi Stripes sair daqui, então presumo que tenha algo a ver com o motivo de sua partida. Você quer me informar? Deixar alguém que está pensando um pouco mais claro do que você no momento saber o que está acontecendo?

— Aquela mulher, Shelly, quem quer que ela seja para ele, levou minha mulher para algum lugar e Kali desligou o telefone. Ela só desligaria o telefone se fosse levada ou se lhe dissessem para desligá-lo, e não havia razão para que ela desligar o telefone, a menos que fosse uma maldita mentira! — Comecei a andar, a fúria tomando conta de mim, mas caramba. Droga! Boise estava certo. Os caras estavam olhando para mim de uma certa maneira.

Foda-se essa merda.

Comecei a caminhar

— Ghost, —— Boise tentou ficar na minha frente.

— Não vou tocá-lo, mas vou *lidar* com algumas merdas aqui e agora. — Fiz sinal para um dos caras do Crow. — Diga a ele qual marca e modelo Shelly dirige e você, — aponto para Boise, — coloque o pessoal da informática nisso. Ela está com Kali e não tenho ideia de para onde estão indo. Quero que o carro dela seja encontrado agora. Diga a Stripes o que está acontecendo. Ele saiu atrás dela.

Ele deu um aceno firme, recuando com o cara de Crow.

Depois disso, era hora de limpar o ar. Eu estava preparado para algumas escavações acontecerem esta noite.

Seis metros de profundidade.

* * *

— Vamos à igreja.

Todos entraram no armazém principal depois de mim. Os caras de Crow ficaram de um lado enquanto os meus foram para o outro. Roadie e Corvette alinharam-se nas portas. Boise ficou do meu lado direito. Vi Claudia espreitando ao fundo, mas como aquela não era uma Igreja de verdade para nós, deixei-a ficar. Machete saiu do lado dela, ficando na fileira com nossos outros rapazes.

Ele ergueu o queixo e me perguntou com os olhos firmes: — O que você está fazendo, chefe?

Fiz um gesto para os caras do Crow. — Seu presidente nos chamou aqui para fazer a limpa. Disseram-nos que havia membros do clube em quem não podíamos confiar. Eu deveria ter tomado posse, assumido o Red Demon e resolver tudo. Agora tenho o início de uma guerra contra o cartel acontecendo sob minha supervisão, bem aqui, e eles tentaram levar minha mulher. Quem sabe. Talvez tenham chegado até Shelly e possam pegá-la no final, mas o que eu sei é que, inferno, preciso estar aqui quando deveria estar na estrada, tentando salvar minha mulher e seus amigos, e depois disso, seguir em frente contra o Cartel Estrada. Querem saber o que estou fazendo? Estou aqui lidando com a política de seu clube. Quem não sangra Red aqui? Vamos lidar com essa merda agora. Não tenho tempo para política.

Eles estavam todos quietos.

Meus rapazes pareciam resignados.

Crow estava atrás, e muitos de seus rapazes continuavam mandando olhares para ele.

— Jesus, Crow. Seus rapazes estão pedindo para que assuma o comando deles. Você é o atual presidente. O que tem a dizer?

Ele respirou fundo, também parecendo resignado, e se afastou da multidão. — Você está meio que estragando meu lugar.

— Não tenho tempo para lidar com isso. Estrada veio ao seu local, não onde Prez estava. Seu. Quero saber por que e quero saber por que minha mulher e seu pessoal foram alvos. Comece a falar ou faremos a merda da maneira mais difícil.

Seus olhos se estreitaram. — Você quer explicar? Qual é a 'maneira difícil'?

Balancei minha cabeça. — Eu não tenho tempo para isso, mas tenho certeza de que não vou entrar em outra briga e me preocupar com quem está me protegendo. Eliminamos o seu grupo e, magicamente, conseguimos recuperar dois dos reféns. Duvido que seja uma maldita coincidência.

Um dos outros caras falou: — Nosso presidente ligou para você?

— Sim. Estou falando sério, pessoal. Comecem a falar ou vamos dispensar todos vocês e começaremos de novo. Eu não dou a mínima para o que isso pode significar. Cada segundo que não estamos na estrada é um segundo em que meus outros irmãos entram em uma briga sem nós nas costas. COMECEM. A. FALAR. PORRA!

— É Crow.

— Rash!

— Sinto muito, mas é. — Rash deu um passo à frente, parecendo cansado. — Você é meu primo, mas é você. Alguns caras sabem, outros não. Você armou para o Prez. Ele foi para a prisão protegendo você, só não sabia que era você. Mas eu sim.

— Rash, eu juro por Deus, — Crow se lançou contra ele, mas foi pego por alguns de seus próprios homens.

Rash não pulou para trás. Ele não reagiu. Ele apenas parecia cansado, com um olhar resignado. Ele apontou o queixo em direção a Crow. — É ele. Ele vendia para menores, o que vai contra a política do clube. Ele envolveu cerca de cinco outros membros no clube. Quando tudo desmoronou, plantaram evidências em Prez, que estava ficando desconfiado. Eu tenho provas de tudo.

— Você está mentindo!

Rash mal piscou, apenas balançando a cabeça. — Eu o ouvi. Você ligou para Marco Estrada. Ouvi você na primeira vez e, depois disso, fiz questão de escutar todas as outras vezes. Você contou a ele sobre a votação. Ele apareceu naquele momento porque você também disse a ele que o VP estava vindo em nossa direção. Ele entrou, analisou tudo e foi embora. Você disse a ele quem era a mulher de Ghost e que ela tinha amigos em Fallen Crest. Você deu a ele a localização. Você deu a ele o horário. Contou tudo a ele, mas quando eles fizeram merda, você também fez merda. Você deu demais a eles, e um homem assim, Marco Estrada, é uma cobra. Ele sempre vai se voltar contra você. Marque minhas palavras.

— Você é a cobra. — Crow estava com o olhar fulminante, mas seus homens começaram a se distanciar dele.

— Eu tenho tudo gravado. Como eu disse, foi sorte quando atendi a primeira ligação. Eu estava mijando lá fora e você não tinha fechado a janela. Que sorte da minha parte, mas o resto, sim. Fiz questão de colocar algo no seu telefone. Todas as suas ligações foram gravadas. Algumas dessas merdas ninguém precisa ouvir.

Isso era o suficiente. Era tudo que eu precisava ouvir. Dei um passo à frente. — Você tem a prova aqui?

Ele assentiu, fechando os olhos por um momento, os ombros curvados. Ele

enfiou a mão no bolso, tirou o telefone e, depois de um segundo mexendo na tela, a voz de Crow soou. — Sim. Eles fizeram uma votação. O clube inteiro está abandonando você. Todos eles. Mas nós, que somos leais, Señor Estrada, não tivemos a oportunidade adequada de expressar os nossos sentimentos sobre o assunto. Garanto que há mais que não querem parar de trabalhar para você. Prometo.

A voz de Marco veio em seguida, estranhamente calma. — Você gosta do dinheiro, mas preciso de mais provas do que sua palavra antes de agir.

— SEU MALDITO PEDAÇO DE MERDA...

Crow ficou quieto. Meus rapazes avançaram, substituindo os deles e Corvette deu um soco nele, deixando-o inconsciente.

Rash estava esperando, observando-me.

Empurrei meu queixo em direção a ele. — Eu preciso ouvir mais.

Ele voltou ao telefone e, um segundo depois, a voz de Crow soou novamente: — Acabei de receber uma mensagem. Maxwell está enviando o VP para nós. Acho que nosso Prez nos denunciou, é por isso, mas ele está vindo para cá. O filho da puta me aterroriza, mas se você quiser seguir em frente com ele, aqui está sua chance. Será o mais sozinho que estará.

Rash parou, mas balancei a cabeça. — Mais.

Pela primeira vez, a incerteza iluminou seu olhar, mas depois de hesitar, ele reproduziu outra.

— Sim, sim. — A voz do Crow novamente. — Não, ouça. Eu o peguei. Disse que alguns dos nossos homens não são confiáveis. Estou trabalhando com ele e acho que está acreditando. Até mencionei talvez uma parceria com algumas pessoas do norte. Ele parecia aberto a isso.

— Eu preciso conhecer suas fraquezas. Onde vamos acertá-lo? — A voz de Marco soa, ainda calma.

— Ele tem uma mulher. Ele a trouxe aqui e parece realmente interessado nela. Eles estão indo para Fallen Crest esta noite, e ele está sozinho ou mais sozinho do que o normal. Apenas alguns caras irão com ele. Há problemas territoriais lá, mas sim. Se você quiser colocá-lo de joelhos, pegue a mulher dele. Ele ficará louco para recuperá-la e, — a voz de Crow aumentou, sua excitação audível. — Ela também tem amigos em Fallen Crest. É por isso que eles estão indo para lá, para se encontrar com os amigos dela.

Rash parou, mas ergueu o telefone. — Você quer mais?

Uma quietude tomou conta de mim. Isso não me acalmou, mas me fez ir devagar. Com propósito.

Eu estava me aproximando de uma morte. Não importava quem eu iria matar, mas seria alguém e andei em frente e estendi a mão. — Eu gostaria de ter esse telefone.

Rash olhou de mim para o telefone, fez isso duas vezes antes de entregá-lo. — Dá para acessar por aqui. — Ele mostrou a mim e a Boise, que havia caminhado comigo em direção a ele, como acessar seu telefone. Boise assentiu, pegando o telefone para mim. Eu sabia que dentro de uma hora ele analisaria qualquer evidência que estivesse naquele telefone.

Mas tínhamos outro assunto.

Perguntei a Rash: — Quero os nomes dos homens com quem Crow estava trabalhando.

— Feito. — Ele os listou e os caras começaram a correr, xingando.

Foi um trabalho fácil, os próprios colegas pegaram os homens e entregaram cada um ao meu clube. Eles foram retirados e nós cuidaríamos deles depois disso. Ainda havia mais uma questão.

— Para onde sua irmã está levando minha mulher?

Rash hesitou desta vez antes de dizer: — Não tenho ideia. Ela está agindo

por conta própria.

43

KALI

Algo estava errado.

Senti trinta minutos depois de partir e percebi horas depois. O problema, porém, era que eu não sabia quem ou o que era realmente perigoso. Se eu ligasse meu telefone, quem poderia acessar meu GPS? Paramos em um posto de gasolina e eu queria ligar para Shane, mas Shelly apareceu no momento. Posso ligar para Shane? Isso alertaria alguém que eu não queria que fosse alertado? Eu não tinha ideia e tentei novamente no banheiro, mas ela entrou na cabine ao lado.

Quando saí, ela estava bem atrás de mim.

Aconteceu no próximo posto de gasolina.

Eu estava começando a achar que ela estava com medo de me deixar sozinha, o que aumentou minha sensação de que algo estava seriamente errado aqui.

Eu gostaria de ter Aly ou Harper para trocar ideias. Ou até mesmo Justin, embora Justin sempre tenha sido muito mais calmo do que o resto de nós.

Estávamos entrando no Arizona quando abordei o assunto: — Para onde vamos em Amarillo?

— Huh? — Havia um certo tom de desconforto em sua voz.

Meu estômago se contraiu.

Como explicar quando o que não foi dito se move para um reino onde é muito óbvio e você precisa agir de acordo? Porque estávamos lá. Ou eu estava lá. Precisávamos 'afastar' os Red Demons para que não fizesse sentido parar em um hotel, mas eu estava tendo cada vez mais a sensação de que precisava protelar.

Eu precisava de mais tempo.

Eu estava tão perdida aqui. Lidar com Claudia, lidar com Foley, abordar minha mãe com cautela, esses eram terrenos familiares para mim. Isso, seja lá o que fosse, eu não tinha ideia, mas queria uma arma. Pelo menos é o que qualquer um que conscientemente fosse impedir um clube de motociclista de ser esboscado pelo Cartel precisaria... acho que fazia sentido.

Parecia que estava ficando louca, mas no meu íntimo, eu não achava que estava maluca.

Shelly estava mentindo descaradamente para mim, e comecei a me sentir como se fosse a refém sequestrada.

— Onde estamos indo? Podemos repassar o plano?

Ela largou o cigarro, apagou-o e entrou no carro.

Eu não entrei. Minha porta estava aberta, mas santo Deus. Posso correr agora? Era isso que eu deveria fazer? Eu não fazia ideia.

— O que você está fazendo? — Ela gritou.

Eu pulei, mas fiz uma careta. — Ok. Deixe de lado essa atitude comigo.

— Vamos! Se quisermos chegar a tempo de descobrir de onde vêm os Reds, temos que ir agora. Eles não param e relaxam. Quando estão viajando, eles se esforçam. Eles festejam depois que seu trabalho termina. Temos que ir.

Eu ainda estava hesitando.

— Agora, Kali!

Pulei de novo, mas entrei, fechei a porta e imediatamente me xinguei. Por que fiz isso?

Ah, dane-se. — Eu tenho que voltar.

— O quê?

— Esqueci de pegar água. Vamos precisar de mais água. Volte para o posto

de gasolina.

— Você está brincando comigo?

— Não. Água. Vamos lá.

Ela continuou, com o rosto sério, mas soltando um suspiro dramático e uma maldição, virou o carro. Assim que chegamos ao posto de gasolina, pulei e fui até o corredor da água. Conhecendo-a, se algo realmente estivesse errado, ela estaria me observando. Enquanto me movia, tirei meu telefone do bolso e liguei-o.

Um cara estava parado na frente da água, então fiquei bem atrás dele. Perfeito. Ela não tinha ideia de que eu estava aqui. Eu tinha tempo.

Nada disso poderia ser óbvio.

Ele escolheu uma garrafa. Não, duas. Não, ele colocou os dois de volta. Então ele me viu. — Oh, desculpe! Eu não consigo decidir. Vá em frente.

— Tudo bem.

Ele ainda estava se afastando.

E eu estava em pânico. — Uh, você está pegando água para você?

— Minha namorada, mas ela sempre tem que ter uma determinada marca. Nunca me lembro como é a garrafa. Vá em frente.

— Não. Estou bem. Você se lembra das letras da marca?

A suspeita começou a surgir em seu olhar, mas ele apenas se afastou um passo.

Meu telefone começou a vibrar e tocar.

Seus olhos baixaram, viram que eu estava segurando o telefone e olhando para ele enquanto desbloqueava meu telefone, e então me movi para silenciá-lo. Sem zumbidos. Sem alertas. Nada poderia passar.

— Uh-

— Você se lembra de ter visto rosa na garrafa dela?

— Huh? — Ele ainda estava distraído, observando-me mexendo no telefone.

— A garrafa. Às vezes, quando se bebe água, aparece um flamingo dentro da garrafa. Os caras lembram dorosa, mas não lembram do flamingo.

Seus olhos brilharam. — Você tem razão! É aquela água. — Ele franziu a testa. — Que marca é essa, você sabe? Além disso... — Sua cabeça baixou e ele iria perguntar sobre meu telefone, ou pior, iria deixar óbvio que eu estava fazendo alguma coisa.

— Dei um passo à frente, pegando a garrafa que sua namorada provavelmente gostava e peguei duas para mim.

Algo mais?

Entreguei-o e passei por ele, meu dedo movendo-se sobre as mensagens e tentando lembrar o número de Shane. Eu não fazia ideia. Droga. Mas, cara. Aposto que ele estava me ligando, mandando mensagens. Coloquei o telefone no bolso, lembrando que havia um espelho acima que dava para ver todos os corredores.

No meu bolso, fui até as mensagens e torci para que a última mensagem enviada para mim fosse a dele. Não do meu pai, porque, meu Deus, eu não tinha ideia do que aconteceria se ele se envolvesse. Ele chamaria a Guarda Nacional, mas primeiro provavelmente ligaria para Ruby e veria se ela sabia o que estava acontecendo.

Por favor, por favor, por favor.

Peguei alguns lanches, percorrendo o longo caminho até o balcão.

Havia uma fila de pessoas, então esperei, terminando meu texto e torcendo para que não estivesse muito confuso. Cliquei em enviar assim que a última pessoa se moveu e coloquei meus itens no balcão. Ela me chamou. Tive que fazer um show ao puxar minha carteira e pagar pelos itens.

Ao fazer isso, liguei meu telefone, ainda esperando que fosse para Shane.

Shelly me fez prometer que não usaria cartão, usaria dinheiro. E eu podia sentir seus olhos em mim. Ela estava assistindo, então contei o dinheiro e entreguei. A funcionária me devolveu o troco e coloquei tudo no bolso. Pegando a água e o saco de batatas fritas, voltei para fora.

— Ei, Shelly.

Ela olhou para mim, mas franziu a testa quando viu as batatas fritas. Agarrando-a, ela abriu o saco e colocou entre nós. — Estou morrendo de fome. Pronta?

Não. Eu sorri. — Sim.

Eu tinha que fazer alguma coisa. Precisava parar.

44

SHANE

Estávamos há uma hora na estrada quando nos encontramos com Stripes. Ele estava esperando na beira da estrada, então paramos. Todos nós. Ele se levantou, indo até mim, mas olhou para o resto. — Alguns dos caras ficaram para trás?

— Eles tinham outras coisas para lidar.

Ele deu um aceno lento, seus olhos se voltando para Boise. Nenhum de nós desceu das motocicletas. Este era um encontro rápido e estávamos partindo novamente.

— Entrei em contato com nosso pessoal de informática e eles as encontraram. Acham que ela está optando por estradas secundárias, ficando longe de câmeras de rua, o que é uma atitude inteligente. Isso é bom para nós. Elas têm uma vantagem inicial, mas podemos ir pela interestadual, passar por elas e avançar para interceptar. A última vez que foram vistas foi no Arizona.

Amaldiçoei baixinho porque estávamos muito para trás. — Vamos continuar.

Stripes abaixou a cabeça e voltou para sua motocicleta.

Depois disso, continuamos.

Montamos rápido.

* * *

Meu telefone começou a vibrar pouco depois, eu o peguei, mas imediatamente parei. Eu não tinha salvo o novo número dela, mas era Kali. Eu sabia.

Assim que minha motocicleta estacionou, desliguei o motor e saltei, correndo na frente para ouvir melhor. — Kali?

Eu não consegui ouvir.

As motocicletas dos outros caras estavam demorando muito para desligar, então corri mais longe, mas pressionei o telefone o mais próximo que pude do meu ouvido, tampando o outro ouvido. Depois de mais alguns segundos, todos os motores desligaram atrás de mim e eu fui capaz de descobrir o que estava ouvindo do lado dela.

— …um jogo? Eu espiono?

Era Kali, sua voz parecia vir de longe. Eu podia ouvir um movimento do lado dela, estático. Elas estavam dirigindo. Ela ligou o telefone, no entanto. Isso foi bom, muito bom.

Ouvindo cascalho atrás, levantei minha cabeça. Os caras vieram, todos quietos, então coloquei no viva-voz e estendi. Assim que o fiz, Stripes estava ao telefone. Ele ligaria para o pessoal da informática, tentando localizar o telefone dela. Precisaríamos ir de carona, mas enquanto ela estava ao telefone, tínhamos uma linha aberta. Os caras da informática seguiriam em frente de alguma forma, mantendo-a na linha, mas também nos deixando viajar. Até então, estávamos esperando e ouvindo.

Estava me mijando de medo porque Kali estava viva e ela estava pensando. Ela estava planejando.

Essa era minha mulher. Eu estava muito orgulhoso dela.

Shelly falava alguma coisa, mas não consegui entender suas palavras.

Kali disse: — De que cidade acabamos de sair? Aquele era Kingman?

Mais palavras de Shelly. Suas palavras estavam confusas, mas seu tom era áspero. Cansada. Ela iria perder o controle se Kali continuasse pressionando.

Stripes voltou. — Eles pegaram o telefone dela e o carro de Shelly. Há um

iPad na parte de trás que conseguiram rastrear, então se perdermos a linha de Kali, não importa. Ainda a temos.

— Precisamos ir, mas não posso desligar.

— Sim. Eles estão trabalhando nisso também. — Ele levantou um dedo, recuando e ouvindo seu telefone novamente.

...deveria ter pego café. Podemos parar na próxima cidade?

Shelly respondeu para ela.

— Eu sei. Quero chegar lá antes deles também, mas preciso de um pouco de cafeína. Vou acabar desmaiando. Quer que eu ajude a dirigir?

'À frente deles?' 'Pará-los?' E ela está se oferecendo para dirigir, então Shelly foi criativa ao fazer Kali ir embora. E Kali sendo Kali, começou a ter outros pensamentos e ligou o telefone. Seja qual for a mentira, deve ter sido convincente para fazê-la desligar o telefone no começo.

Mas Shelly não atendeu o telefone. Isso teria realmente alarmado Kali, o que mostrava que Shelly estava operando em uma fase cooperativa, e significa que ela estava coagindo Kali a cooperar. Eu não queria descobrir o que Shelly faria se Kali parasse de cooperar.

— Temos que ir.

Stripes estava voltando. — Dê para mim. — Ele pegou meu telefone e começou a trabalhar nele. Ao mesmo tempo, ele falava em seu próprio telefone: — Entendi. O que, agora? — Então ele começou a trabalhar.

Boise fez sinal para que eu me afastasse.

Nós nos afastamos. Machete e Roadie vieram conosco.

— Não vamos chegar lá a tempo, então se elas acabaram de sair de Kingman, significa que Shelly está indo pelas estradas secundárias, mas ainda está tentando manter a rota o mais reta possível. Temos o clube de Flagstaff. Podemos

envolvê-los e pedir que as interceptem até chegarmos lá.

Eu já estava balançando a cabeça porque estava pensando a mesma coisa. — Vamos chamá-los. Roanoke é um cara legal. Ele tentará ajudar se puder. Todo o seu clube é bom.

Boise estava atento, caminhando em direção à sua motocicleta com o telefone na mão.

Roadie e Machete se aproximaram, mas eu olhava para a motocicleta de Machete.

Perguntei a ele: — Como ela está?

Ambos se viraram para onde eu observava Claudia sentada.

Ela permaneceu na traseira da motocicleta dele e apenas nos encarou de volta. Sem desafio. Nenhuma atitude. Ela não parecia estar de mau humor, triste ou com qualquer ânimo. Depois que se reuniu com Machete, não pensei muito nela, mas quando ele disse que queria trazê-la, não me importei. Apenas respondi: — Contanto que ela não nos atrase.

— Ela também ama a irmã. Acho que se diminuíssemos a velocidade por causa dela, ela apontaria uma arma para todos nós.

Então isso estava ótimo para mim.

Machete respondeu, esfregando a mão no queixo: — Eles não tocaram nela, mas a levaram. Disseram que mataram a irmã dela. Isso deixou uma marca nela, mesmo que seja na cabeça. Sempre estará lá.

Nossa vida, o que fazemos para viver, como o fazemos – às vezes haveria danos colaterais. Isso aconteceu com sua mulher. A minha estava em uma briga agora, e depois de tudo isso, o motivo pelo qual ambas foram envolvidas não aconteceu. Mas aconteceria, e quando acontecesse, seria outra marca para ambas. Elas simplesmente não sabiam disso.

Olhei para Machete e vi que seus olhos estavam em mim. Eles estavam

assombrados, e me perguntei se ele estava pensando a mesma coisa que eu.

Ele estava, pois disse: — Temos que fazer isso de uma maneira diferente.

Meu estômago se retraiu. — Não há. Ele mesmo nos contou.

— Tem que haver. Ambas-

— Eu sei, mas... — Não consegui terminar, porque primeiro precisava trazer Kali de volta. Se não o fizesse... também não conseguiria terminar esse pensamento.

Só tínhamos que trazê-la de volta. Ponto final. Não havia outra saída.

— Certo. — Stripes voltou, trazendo meu telefone com ele. Ele entregou-o e me mostrou sua tela. — Então, os caras ligaram a ligação dela e isso é para você. — Ele entregou um fone de ouvido. — Coloque no seu ouvido e poderá desligar o telefone. Coloquei a ligação em uma linha coletiva, então se você perder a conexão, ainda estaremos conectados. — Ele acenou com o telefone, e imaginei que ele se referisse à equipe de informática. — Eles a estão rastreando e são capazes de saber a rota que ela seguirá, sabe, já que não é um caminho reto se estiverem pegando estradas secundárias.

Boise voltou, guardando o telefone. — Roanoke. Ele está a caminho e ligando para seus rapazes. — Ele disse a Stripes: — Já que você é o contato técnico no momento, pode dizer ao pessoal da informática para mandar a localização para Roanoke. Provavelmente conseguirão interceptar antes mesmo de chegarmos ao Arizona.

Eu não gostei disso. Não gostei do fato de que outro clube chegasse primeiro a Kali. Nesse encontro, muitas coisas poderiam dar errado. Se ela não confiasse neles? Se Shelly tivesse uma arma? Mas era melhor do que qualquer coisa no momento.

— Oh. — O tom de Stripes chamou toda a nossa atenção, e ele estava ouvindo seu telefone. Seu olhar foi para o meu e ele não o desviou nem uma vez

até que baixou o telefone. As coisas já estavam sérias, mas eu tinha a porra da sensação de que ficariam muito piores com o que quer que ele acabou de ouvir. — Eles hackearam o telefone de Shelly. Sabem por que ela está fazendo isso e para onde está levando Kali.

Virei-me para ele lentamente. — Você vai me contar ou vamos jogar de não tenho paciência para ler a porra da sua mente?

Ele não piscou antes de dizer: — Eles levaram a filha dela. Estrada não enviou duas equipes. Ele enviou três. Shelly deveria entregar Kali a um local ou matariam Katie.

Eu tinha razão.

As coisas ficaram muito piores.

— Vamos.

Nesse ritmo, não havia mais nada que eu pudesse fazer além do possível.

Fique viva, Kali.

45

KALI

Duas horas depois, eu não tinha mais o que dizer, exceto: — Preciso fazer xixi em Flagstaff[50].

Lá. Não é nada óbvio.

Shelly soltou um som exasperado, seus olhos arregalados enquanto olhava para mim. — Você está falando sério?

Eu me mexi no meu lugar. — Foi o café. E eu faço xixi quando estou nervosa. — Totalmente mentindo. Eu não fazia xixi quando estava nervosa. — Você está toda tensa e eu não sei no que estamos nos metendo.

Ouço outro meio grunhido exasperado antes de ela ligar o sinal e diminuir a velocidade para pegar outra estrada. Eu não tinha ideia de qual era sua rota exata, porque ela continuava mudando e tomando outras estradas, e depois outras estradas, e outras estradas, até que tive certeza de que uma vez fizemos um círculo completo e começamos tudo de novo. A única coisa que consegui entender foi que ela estava tentando ficar fora das estradas principais e ser imprevisível? De qualquer forma, fiquei feliz quando apareceu uma placa dizendo que Flagstaff estava a dezenove quilômetros à frente. Também fiquei aliviada quando vi outros carros na estrada conosco.

Eu não esperava ver todas as árvores.

Nós definitivamente estávamos ao norte desta área quando eu estava viajando com Aly e Harper antes.

Harper.

O medo e o pânico tomaram conta de mim por um momento.

Eu esperava que ela estivesse bem e viva. Esperava que ela estivesse sendo alimentada com morangos cobertos de chocolate e abanada por caras gostosos sem camisa. Ela brincou que era sua fantasia. Duvidava que estivesse acontecendo, mas eu precisava me concentrar nisso e não na outra coisa que imaginava que poderia estar acontecendo, como estar ferida ou morrendo de fome. Eu só precisava me afastar de Shelly, ver se minha ligação já havia passado para Shane, porque estava com medo de verificar e depois trazer meus amigos de volta. Seguros. Eu queria que *todos* estivessem seguros.

Quando chegamos ao posto, ela parou para abastecer. Acho que estava sendo extremamente cautelosa, mas entrei e desta vez ela não me seguiu. Peguei meu telefone e vi que a linha ainda estava conectada. Graças a Deus! — Shane?!

Só ouvi motores de motocicletas.

— Shane!

Houve um clique e depois silêncio. Entrei em pânico, pensando que tinha perdido a linha, mas uma voz diferente e calma disse: — Kali?

— Sim. — Fiz uma careta e olhei para a tela. Mostrou que eu estava conectada ao telefone de Shane. — Quem é?

— Meu nome é Seth. Trabalho com os Red Demons. Somos o departamento de TI deles. Você está em um posto de gasolina no extremo norte de Flagstaff?

— Sim! Como você sabe disso? — Eu precisava me acalmar, mas meu coração estava acelerando. Se eles soubessem nossa localização, então as coisas estavam começando a melhorar para mim.

— Isso não é importante. O que você precisa é me dizer o paradeiro exato de Shelly. Onde ela está agora?

Olhei e saí do corredor, indo até uma janela onde podia ver o carro.

O carro havia sumido.

— O que... — Comecei a sair, vendo se ela estacionou no lado do posto. —

Ela se foi.

Ele ficou em silêncio do outro lado da linha.

— Olá? Ainda está aí?

— O que quer dizer com ela se foi?

— Quero dizer, — dei um passo mais completo para fora, olhando para a direita e para a esquerda, — ela se foi. Não consigo ver o carro dela em lugar nenhum e ela não entraria se o carro não estivesse aqui. — Fiquei tão feliz que quase gritei. Eu estava livre. — Ela foi embora sem mim.

— Kali, — a voz voltou, insistente. — Você precisa me ouvir. Shelly não teria deixado você para trás.

— Bem, ela disse que ouviu...

— Não. O que ela te contou era mentira. Ela tem que levar você até Marco Estrada. Se não o fizer, matarão a filha dela.

— O quê?! — Eu me virei, sentindo uma presença nas minhas costas.

Era um homem idoso. Ele deu um pulo para trás, assustado comigo.

— Desculpe. Sinto muito. — Saí do caminho, mas estava processando o que ele acabara de dizer.

— Eles levaram Katie?

— Sim. Como você está longe dela no momento, permaneça entre grupos de pessoas. Ela está armada?

Minha boca ficou seca. — Sim. Ela tem uma arma.

— Ok. Estou coordenando com uma organização local dos Red Demons. Eles irão para ajudar. Eles estão mais próximos do que Ghost e seus homens. Agora-

Senti a pressão nas minhas costas antes de sentir a presença de outra pessoa.

Cada célula do meu corpo me dizia que havia uma arma nas minhas costas e, quando fiquei imóvel, ouvi a trava de segurança sendo retirada.

— Vou ficar com isso. Obrigada. — Shelly estava atrás de mim e tirou meu telefone de minhas mãos, pressionando-o contra seu ouvido. Ela ouviu por um segundo, dizendo: — Vire por ali. Ande casualmente.

Ah merda. Isso não era bom, mas segui em frente, indo devagar.

Ela jogou meu telefone no chão e um segundo depois, ouvi um som estridente. Enquanto continuávamos, ela disse: — Quando você descobriu?

— Descobri o quê?

Ela riu, a arma ainda pressionada com muita força nas minhas costas. — Você sabe do que eu estou falando. Que eu estava mentindo. Eu não ouvi nada, mas quando você descobriu?

Estávamos virando a rua. O carro dela não estava aqui, mas ela me incentivou a continuar.

— Trinta minutos depois de sair.

Ela assobiou baixinho. — Continue. Mudei-me para os fundos.

Eu fiz. Meu coração batia acelerado a cada passo porque o que aconteceria quando eu voltasse lá? Ela me deixaria ficar consciente? Meu coração estava na garganta. Senti o suor escorrendo pelas minhas costas.

— Não é nada pessoal. Quero que saiba disso, mas tenho que fazer isso. Os homens do Marco levaram minha filha. Aquele garoto, Jared, deu outra festa e, claro, não estávamos seguros. Eles pegaram Katie quando eu cedi e a deixei ir. Pensei que devia a ela uma noite, depois que todos se instalaram e assumiram o controle do lugar. Ela ajudou a limpar todo o lugar também. Fez um bom trabalho. Ela é uma boa *garota,* — sua voz ficou grossa e embargada. Quando falou novamente, parecia difícil. — Eles a levaram e disseram que a trocariam por ela, então nada pessoal. Você sabe que tenho que fazer isso. É minha filha...

Estávamos chegando nos fundos do posto de gasolina. Havia outro carro estacionado ali atrás, mas sem ninguém por perto. Uma cadeira foi colocada atrás da porta dos fundos. Uma lata ao lado, e eu apostava que havia um monte de pontas de cigarro dentro dela. — Vamos.

Ela deu a volta, a arma ainda apontada na minha direção. Ela abriu a porta, abaixou-se e puxou o porta-malas.

Dei um passo para trás. — Vamos, Shell...

Ela me ignorou, foi até o porta-malas, puxou uma corda e jogou para mim. — Pegue-a. Enrole-o em volta dos pulsos.

— Isso não é necessário...

— Faça isso ou farei com que você termine o passeio na parte de trás deste porta-malas. Aposto que não quer isso.

Eu não queria.

Peguei a corda e comecei a enrolá-la nos pulsos. Isso era horrível em muitos aspectos.

— Mais apertado.

Eu a enrolei, dando um nó da melhor maneira que pude.

Pense, Kali. Pense.

Eu não sabia nada sobre nós, mas que hora de desejar ter uma carreira completa no iatismo. Um nó complicado teria sido útil.

— Ok. Suficiente.

Tentei puxá-lo para baixo sobre minha mão, com um pouco de liberdade.

Ela iria apertar.

Alguma coisa? O que eu poderia fazer?

Tentei girar minha outra mão, colocando um dedo sob o outro lado do meu

pulso.

Guardando a arma no bolso, ela se aproximou e agarrou meus pulsos. Ela me puxou, movendo meu braço. Vendo o dedo, ela o tirou de lá com um tapa. A arma dela estava apontada para baixo, mas a faixa de segurança não estava erguida.

Oh Deus.

Oh céus.

Eu poderia?

Ela estava apertando a corda – eu tinha que fazer isso.

Ela ainda estava segurando meus pulsos para cima, então ataquei, indo forte e rápido, na esperança de surpreendê-la.

— O que...

BANG!

OH MEU DEUS!

Pulei para trás, todo o meu corpo sentindo como se tivesse levado um tiro.

Meus ouvidos estavam zumbindo.

Minha visão estava embaçada.

O que eu acabei de fazer?

Pisquei algumas vezes, esperando meus olhos voltarem a focar e quando isso aconteceu... Ah. Meu. Jesus, Jesus, Jesus.

Eu estava orando totalmente a Ele.

O sangue estava por toda parte. Nas minhas mãos. No meu peito. Meu estômago. Minhas pernas.

Mas, não, não, não.

Eu não poderia... não era meu sangue.

Sufoquei um grito, tropeçando para trás.

Shelly estava no chão, com a perna contorcida.

Oh, eu só esperava que ela ainda tivesse a perna. Eu não queria olhar mais, mas ela estava olhando para baixo, depois para mim, e perdia a cor rapidamente. — Você... você atirou em mim?

Hum. Comecei a concordar. Eu tinha.

— Uau. Tenho certeza de que espero que você seja a mulher do Ghost e não aquela que levou o tiro, pois, querida, é melhor começar a pensar na sua história de defesa, já que não tem como você sair dessa.

Um cara com cabelos escuros, um rosto que poderia estar em outdoors e usando um colete Red Demons estava logo ali na calçada. Mais caras vieram atrás dele, nos vendo, e alguns assobiaram baixinho.

Outro cara se aproximou, praguejou e pegou o telefone. — Precisamos do Doc. Agora. Ferimento à bala. — Ele me examinou. — Uh. Não sei. Pode haver dois.

Eu atirei nela.

Não podia acreditar que atirei nela.

Ela fez... Katie. Isto era para Katie.

Oh, eu atirei em Shelly e agora eles matariam Katie.

O primeiro cara se aproximou, xingando com um pouco mais de insistência. — Oh sim. Ela está prestes a perder o controle.

Ouvi do cara do telefone: — Você pode precisar de um tranquilizante. Alguém parece pronto para perder a cabeça.

Sim. Comecei a balançar a cabeça, chorar e rir ao mesmo tempo. Eu estava *perdendo a cabeça,* porque *poderia ter matado duas pessoas.*

Eu desmoronei, caindo de joelhos e me curvando. O sangue também estava

no chão.

Estava endurecido em minhas mãos. Meus braços.

O sangue estava em mim. *Estava tudo em mim.*

— Sim. Perdendo totalmente a cabeça. Alguém ligue para Ghost.

46

SHANE

Ela foi a primeira pessoa que vi.

Eu estava tentando dizer a mim mesmo que poderia respirar com mais facilidade, mas não houve respiração leve depois disso. Ela estava aqui, enrolada como uma bola, em um canto, com um cobertor enrolado em volta dela. Seu queixo estava apoiado no outro braço e ela os observava enquanto tentavam não olhar para ela, para fazê-la se sentir menos desconfortável.

No segundo em que passei pela porta, ela me viu também e saiu correndo em minha direção.

Ela se jogou no ar e eu a peguei. Suas pernas envolveram meus quadris. Seus braços me abraçaram ferozmente e sua boca estava na minha. Ela estava faminta, mas eu grunhi, porque, caramba, também estava faminto. O meu pau estava duro como pedra, colado na bunda dela.

Ouvi risadas atrás de mim, mas as afastei quando levantei a cabeça por um segundo. — Quarto?

Roanoke estava se aproximando, mas lutou contra um sorriso e apontou para o corredor. — Lá em baixo. Terceira porta à esquerda. É todo seu por esta noite, se precisar.

Eu a carreguei direto para lá, mas assim que passamos pela porta, Kali saiu de cima de mim. Ela pulou e me empurrou de volta. Com força.

Uma vez não foi suficiente, ela fez de novo.

E de novo.

Eu mal me movi, mas vi as lágrimas e ela continuou me empurrando até que

suas mãos não deixassem meu peito, sua cabeça estivesse baixa e seus ombros tremessem.

— Baby, — sussurrei, meu interior queimando pela emoção que emanava dela agora.

— Você me deixou! — Sua cabeça tombou para trás, grandes lágrimas escorrendo pelo seu rosto, deixando rastros, mas ela recuou. Balançando a cabeça. — Você me deixou e eles levaram meus amigos. Minha irmã. Eles poderiam ter o levado. Eles poderiam ter... você me deixou.

— Kali. — Jesus, ela estava arrasada por dentro.

Eu fiz isso. Eu. Não seu ex idiota.

Eu a machuquei.

Nunca mais, prometi.

Aproximando-me, gentilmente e cautelosamente, estendi a mão e quando ela não me bateu, ou empurrou, eu a puxei para meus braços. Eu precisava fazer isso da maneira certa. Tudo tinha que ser do jeito certo a partir de agora. — Kali, sinto muito.

Ela começou a balançar a cabeça.

— Eu sinto muito. — Minha própria voz falhou. Droga. Droga! Eu tinha tanta merda para compensar. — Achei que você estava segura e queria trazer sua família de volta o mais rápido possível. Eu queria manter meus rapazes vivos. Eu queria – há tanta merda que eu queria fazer e estraguei tudo, e isso deu a eles uma oportunidade para pegar você. E eles fizeram. Eles a pegaram. No meu comando. No *meu* turno.

Nunca mais.

Porra.

— Desculpe.

— Eles não me pegaram. Eles *quase* me pegaram.

Suprimi um arrepio.

Eu recebi a ligação. Roanoke me contou como a encontraram, mas ela teve que puxar o gatilho. Ela estava em uma situação em que precisava pegar uma arma para puxar o gatilho.

Deixei minha cabeça descansar em seu ombro.

Ela ficou tensa no início, mas relaxou. Uma mão apareceu, tocando minha nuca e ela me segurou.

— Eles quase pegaram você.

Ela se aproximou e me abraçou.

Deus. Eu precisava dela. Precisava desse toque. Eu precisava de tudo sobre ela.

— Eu te amo.

Ela era *tudo* para mim. Era ela ou ninguém.

Ela ficou tensa, mas eu não me importei. Eu disse de novo: — Eu te amo.

Ela se recostou e levantei a cabeça.

— Sem máscaras, Shane. Sua regra. — Ela estava me examinando. — Tem certeza?

Balancei a cabeça. — Eu te amo mais do que meu clube.

Uma emoção feroz avançou em seus olhos, brilhando para mim. Lágrimas os encheram, e ela tentou afastá-las, limpando sua visão, mas não conseguiu. Mais e mais estavam inundando-a até que ela estendeu a mão e agarrou meu rosto. — Eu também te amo, Shane.

Eu a estava levantando, sem nem pensar.

Só precisava senti-la, abraçá-la. Nunca passaria um dia sem precisar disso.

Ela me abraçou de volta, com a mesma força, com mais força ainda. Pressionando o rosto no meu pescoço, ela se desfez contra a minha pele: — Eu te amo tanto que me assusta.

Movi minha cabeça para trás até que ela levantou a dela, olhando para mim e eu me aproximei.

Eu precisava senti-la.

Sua boca se abriu sob a minha, e Deus, ela tinha gosto de meu êxtase. Puro paraíso. Meu paraíso.

Eu gemi, querendo mais, mas ela tinha uma família que ainda precisava ser resgatada. Comecei a me afastar, mas ela me impediu.

Sua mão foi para o meu peito. — Não.

Olhei para ela novamente, querendo ter certeza de que ouvi direito.

Ela começou a se levantar, então eu me abaixei e a peguei. Levantando-a em vez disso.

Suas pernas envolveram minha cintura e se apertaram. Seus olhos escureceram. Ela mordeu o lábio, mas senti seu coração acelerar e sua respiração se intensificou. Ela precisava de mim também.

Esperei, sentindo que desta vez ela precisava me dominar. Eu não sabia por que senti isso. Nunca consegui explicar, mas esperei e ela estendeu a mão entre nossos corpos, abrindo o zíper e encontrando meu pau. Ela começou a me levantar, sua mão me segurando, descendo, deslizando para cima e para baixo. Seu polegar se moveu sobre a ponta do meu pau e soltei um suspiro, porque, *porra,* isso era bom.

Eu já estava excitado por ela, senti que minhas bolas estavam prestes a estourar quando ela levantou os quadris, indo para seu próprio jeans.

Eu a movi para uma mão e ajudei, desabotoando suas calças e meus dedos deslizaram para dentro. Tão linda. Quando movi meus dedos para cima e

comecei um ritmo, ela estendeu a mão para pegar meu pau, retribuindo o favor.

Nós continuamos.

Mais rápido.

Um pouco mais forte até que ela soltou um pequeno gemido.

Aquilo era o suficiente para mim.

Eu a levantei, tirei suas calças e pisei nelas, empurrando-as para baixo o resto do caminho. Então eu a segurei, com as duas mãos sob os braços, e quando a abaixei novamente, ela encontrou meu pau. Ela se alinhou e eu a deixei deslizar sobre mim.

Nós dois gememos com o contato.

Eu estava dentro dela e era perfeito. Perfeição absoluta e completa.

Nós dois começamos a nos mover ao mesmo tempo. Eu queria ir rápido, áspero. Queria queimar a sensação de mim em sua alma, mas esse momento, hoje, era diferente. Tinha que ser perfeito também, então me movi dentro dela lentamente. Delicioso.

Ela gemia, seus olhos me observando o tempo todo, movendo-se comigo.

Éramos nós dois juntos no momento.

Ela cedeu a mim. Isso me atingiu na quarta penetração. O que eu estava esperando desde o começo, aconteceu, e depois de toda aquela merda, ela era minha, realmente minha.

Eu moveria montanhas por ela, se precisasse.

Qualquer coisa.

Ela era minha e acho que finalmente estava aceitando a outra verdade.

Eu *sempre* fui dela.

47

KALI

— Você deveria começar a fumar.

Quase deixei cair o telefone novo que Shane me deu. O prédio lá dentro estava cheio até a borda com muitos homens. Havia mulheres, presumi que eram as *sweet butts* deste novo clube, mas era muita gente.

— O quê? — Eu não esperava ouvir minha irmã quando saí para respirar. — O que você está fazendo aqui?

— Seu namorado me resgatou. — Ela sacudiu a ponta do cigarro antes de colocá-lo de volta entre os lábios. — Agora estou pensando que não quero deixar Machete fora da minha vista novamente. — Seu corpo estremeceu e ela cruzou a barriga com o braço livre. — Você sabe o que quero dizer, considerando que ele não está realmente à vista neste exato segundo. E digo isso porque este mundo é estressante. Fumar ajuda. Você deveria começar a fumar.

Minha irmã estava sentada em cima de uma mesa de piquenique, tentando demonstrar atitude porque era ela, mas ficou afetada. E ela estava com medo.

Eu sorri, me aproximando e sentando ao lado dela, de frente para a parte de trás do prédio, onde quer que estivéssemos. Pensei em Flagstaff, mas, neste momento, teria acreditado que estávamos numa nave alienígena. Ignorei o comentário sobre fumar. — Meu namorado?

— O quê? — Um sorriso hesitante surgiu em seus lábios antes que ela revirasse os olhos. — Você vai começar a chamá-lo de seu *old man* agora? Porque, novidade, irmãzinha, você é oficialmente a *old lady* dele.

— Irmãzinha? Eu sou a irmã mais velha.

Ela bufou. — Eu sou a irmã mais velha neste mundo. Você pode vir até mim para obter conselhos. Estou aqui por você. Você não precisa se sentir constrangida comigo. — Ela deu um tapinha no meu joelho.

Retribuí empurrando-a para fora da mesa de piquenique.

— Ei!

A porta se abriu e algumas mulheres do clube saíram. Elas diminuíram a velocidade, observando minha irmã no chão. Quando elas começaram a rir, ela se levantou e apontou o cigarro ainda aceso. — Nem pense em começar. Ela e eu passamos por um inferno e não tivemos nenhum problema em trazer você conosco.

Elas a olharam, perceberam a promessa em seus olhos se voltaram para mim.

Eu estava olhando de volta para elas, sabendo que também poderiam ver minha própria promessa.

Uma delas torceu o nariz. — Ai credo. *Old ladys*. — Ela empurrou suas amigas para frente. — Vamos antes que elas atirem na gente.

A boca de sua única amiga fechou antes que ela soltasse um suspiro de susto. — Você não acabou de dizer isso.

A cadela encolheu os ombros, contornando-a. — O que elas vão fazer?

Ela deu um passo à frente e parou porque naquele momento Claudia atravessou a distância e agarrou seus cabelos. Ela respondeu, ainda segurando o cigarro: — Deixe-me mostrar a você. — E deu um passo para trás, colocou o quadril atrás da garota e a virou. Quando ela caiu no chão, suas duas amigas ofegaram, mas me olharam.

Fiquei de pé, cada célula de mim pronta para me lançar contra as duas. Eu era forte e se eu torcesse meu corpo de uma certa maneira, poderia simplesmente passar por cima delas.

— Oh meu Deus! Você está falando sério?

Fiquei mais ereta e estreitei os olhos. — Sim.

Claudia soltou uma risada bufante. — Tão sábia e ameaçadora, Kal.

Eu a afastei, ainda olhando para as outras duas. — Escolham, garotas. Corram ou lutem. Essas são as duas únicas opções.

— Você não tem nada a dizer aqui. Quem é você, afinal?

Claudia se inclinou, rindo. — Você está tão fodida, mas eu deveria agradecer. Idiota — A porta se abriu logo no final de sua palavra e ela se conteve, vendo Machete sair. Ele a observou, seus olhos se desviando da garota que Claudia ainda segurava, para as outras duas e depois para mim.

Ele balançou sua cabeça. — Oh garoto.

A porta foi aberta atrás dele.

Roadie, Corvette e outro cara de Shane saíram, nos encarando.

O sorriso de Roadie se alargou. — Uau. Acabamos de interromper uma briga de garotas? — Ele tocou os ombros de Machete, fingindo puxá-lo de volta para dentro. — Por favor, senhoras. Continuem como se nunca estivéssemos aqui.

— Largue meu cabelo! — Choramingou a outra, tentando se sentar.

Claudia olhou para ela, literalmente encarou a garota e tragou lentamente o cigarro. Ela foi arrancada por Machete e ele a carregou de volta para a mesa de piquenique. — Chega de brigas, querida.

Ela fingiu fazer beicinho, mas poderia dizer que estava realmente amando como Machete a segurava. Ele subiu, acomodando-se atrás dela e ela recostou-se em seu peito.

Roadie estava ajudando a outra garota a se levantar quando ela viu minha irmã no colo de Machete.

Claudia sorriu, levantando uma sobrancelha. — Você estava dizendo, vadia?

Roadie começou a rir, uma das mãos pousada na cintura da mulher.

Claudia apontou com o cigarro. — Tenha cuidado com esse. Ele sempre será o segundo favorito de alguém.

— Ei! — A mão de Roadie caiu da cintura da garota, mas ele não pareceu insultado. Em vez disso, deu um sorriso lento para a garota. — Podemos passar por aqui no caminho de volta para a Califórnia? Eu vou procurar por você.

Ela estava se afastando, balançando a cabeça e saindo com suas amigas, mas olhou para trás, olhando-o de cima a baixo antes de retribuir um pequeno sorriso.

Roadie começou a rir. — Tudo bem. Olhe para isso! Ainda está funcionando.

Claudia bufou, passando a mão pelo braço de Machete.

Ela respondeu alguma coisa e reconheci seu tom. Ela estava rindo de um jeito arrogante, mas eu me assustei. Não pela forma como ela soava, mas pelo contraste de seu braço contra o braço de Machete. Ela sempre foi bronzeada, mas sua pele era muito branca.

Percebi o quão pálida ela estava.

Ela não estava tão pálida há alguns dias no celeiro.

E magra.

Agora eu a observava, mas sem o filtro habitual que normalmente tinha com Claudia. Ela era durona. Uma espertinha. Geralmente barulhenta. Às vezes cativante como na casa de Ruby e na maioria das vezes cruel como no celeiro, mas agora eu via minha irmã como ela era. Frágil.

Ela também havia perdido peso naquela época.

A emoção subiu, sufocando minha garganta e lutei para evitar que chegasse aos meus olhos, formando lágrimas, mas caramba. Eu amava minha irmã. Não a suportava na maioria dos dias, mas eu a amava. Sempre amaria.

Eu não me importava como ela reagiria. Parei o que ela estava dizendo para quem quer que fosse e me aproximei.

Passei meus braços em volta dela e a abracei.

Ela enrijeceu e senti sua mão ainda no ar, sem dúvida segurando o cigarro, mas percebendo o movimento pelo canto do olho, vi como Machete tirou o cigarro da mão dela e o estendeu para Corvette.

Claudia se aconchegou em mim, envolvendo-me.

Era tão clichê, mas abracei minha irmã, e ela me abraçou, e nós só precisávamos disso.

Sim. Tão clichê.

Eu não me importei.

* * *

Apertei o botão de ligar no meu celular.

Meu pai respondeu: — O QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO? ONDE VOCÊ ESTEVE? TIVE QUE LIGAR PARA RUBY. ESTAVA MUITO PREOCUPADO. É MELHOR VOCÊ ME RESPONDER, KALISTA CALLIOPE MICHAELS! O médico disse que tenho pressão alta e você aumentou meus níveis. Preocupou meu médico. — Ele respirou fundo, acalmando-se, mas ainda severo. — Nem consegui treinar com os Old Gents, estou muito agitado. É melhor você começar a falar, e é melhor começar a falar agora mesmo!

Comecei a falar.

48

SHANE

A decisão foi passar a noite em Flagstaff e deixar os rapazes descansarem. Deixar Kali descansar.

Então meu telefone tocou. *Heckler ligando.*

Kali estava dormindo profundamente ao meu lado, então me levantei e fui ao banheiro. Fechei a porta, liguei o chuveiro e recostei-me no balcão. Aceitei a ligação, dizendo: — Muito tempo sem contato. Eu estava ficando nervoso.

Sua risada foi seca. — Eu sei, mas precisávamos ficar em silêncio um pouco aqui. Onde você está?

— Flagstaff, Arizona.

— Está brincando comigo?

— Nem um pouco. Tenho uma mulher e não quero assustá-la tão cedo.

Outra risada curta dele antes de ficar sério. — Você deveria se sentar.

Em vez disso, me preparei. — Diga-me.

— Nós os pegamos.

Eu me afastei do balcão. — O que quer dizer?

— Recebemos a informação de que Marco Estrada enviou três equipes para a Califórnia. Ele sabia que estava sendo vigiado pelo clube, então está agindo como uma isca. Isso foi até que ele recebeu um telefonema e lhe disseram que uma de suas duas equipes nunca apareceu. Ele também foi informado de que a linha de contato com quem estava com sua mulher também não funcionava. Sua equipe e aquela linha de contato são consideradas mortas. Sabe o que ele fez?

— Escondeu-se em The Valley?

— Você pensaria. Mas não. Ele está em movimento. Acabei de receber uma notícia e estou avisando você. Estamos de olho nas outras duas equipes. Também temos ouvidos para eles. Eles estão com muito medo de se mover. Temos dirigido muito pela vizinhança deles, então estão convencidos de que todo o clube Red Demon os procuram.

Isso era música para mim. Música pura e absoluta.

— Marco está indo até eles?

— Sim, de fato. Ele está levando cinco caminhonetes de homens.

Porra.

Era isso, a porra do ápice de tudo que passamos. Heckler estava me ligando porque agora era minha decisão o que fazer. — Prez?

— Ele ainda está internado, mas não está consciente. Isso é por sua conta.

Sim. Entendi isso.

De pé aqui, no banheiro da sede de outro clube, uma mulher na minha cama, não perdi a ironia de que fui eu quem deu o empurrão para sair do cartel. O preço era demais. Coisas que fiz, cicatrizes na minha alma, minhas próprias assombrações me seguindo, mas aqui estava eu. Sozinho. Perto de um banheiro e tinha que tomar a decisão do próximo passo nesta guerra.

— Faremos isso, temos que seguir em frente com Connor.

— Eu sei.

Eu queria amaldiçoar, uma porra de uma ladainha inteira. Queria me soltar, matar alguém como Marco, mas para fazer isso, para realmente fazer isso e ter certeza de que não voltaria para nos assombrar ainda mais, eu não sabia se conseguiria lidar com a garantia. — Eu não posso fazer isso, Heckler. É o irmão da minha mulher.

— Eu sei que devo dizer que você precisa seguir em frente com o que todos nós começamos, mas farei. Não posso. Situação inversa, também não sei o que faria. A decisão é sua. Sei que as coisas mudaram. Todos sabem, mas acho que meu dever é lembrar que isso é para todo o clube. Lá. Feito. Agora está nas suas costas. Você será o único a arcar com as consequências.

Para o clube.

Minha mulher ou meu clube.

Precisava escolher, e há pouco tempo jurei que nunca mais a machucaria. Compartilhei que a amava mais do que ao meu clube, mas pensei em todos os irmãos que tínhamos. Cada um deles.

— É solitário no topo. — Disse Heckler. Ele acrescentou: — Não desejo estar no seu lugar.

— Sim. — Maldito. — Sim.

— Quais são suas ordens?

Aproximei-me e abri a porta, vendo Kali ainda dormindo. Ela estava em paz e eu estava prestes a arrancá-la disso.

Eu disse ao telefone: — Acompanhe Estrada. Se pudermos isolá-lo, gostaria de fazer isso primeiro.

— Nós?

— Você ouviu certo. Estamos indo. Quero ver isso até o fim.

— Farei isso, chefe. Vejo você quando chegar aqui.

Mandei uma mensagem para Boise.

Eu: Acorde os caras. Preparem-se. Vamos para Albuquerque agora. Estrada está em movimento.

Também mandei uma mensagem para Roanoke.

Eu: Partiremos em breve, se você ou alguém do seu clube quiser

participar.

Boise respondeu primeiro.

Boise: Sobre isso, qual é a sua decisão sobre Gloves?

Eu: Preciso de um tempo.

Boise: Eu não tenho inveja de você agora. Boa sorte.

O segundo cara a me dizer isso em menos de dois minutos. Sim. Eu estava entendendo. Ninguém faria ou deveria fazer o que eu estava prestes a fazer, mas ainda precisava ser feito.

Roanoke: Estamos todos com você.

49

KALI

— Kali.

Eu não queria acordar e comecei a me virar quando quem disse meu nome chegou até mim, e então tudo voltou num piscar de olhos. Sentei-me, o alarme instantâneo bombeando através de mim. — O que é? O que aconteceu? — Meu coração estava acelerado.

Shane estava sentado ao meu lado e, com a minha reação, seus olhos se arregalaram um pouco. Ele soltou um suspiro. — Nós precisamos conversar.

Não.

Não.

Balancei minha cabeça em negativa.

O alarme foi afastado e a desgraça iminente afundou profundamente dentro de mim.

Fechei os olhos por um segundo. — Por que sinto que preciso começar a chorar agora? Só para tirar algumas lágrimas de mim?

Não havia uma boa aparência em seu rosto. Nada que me dissesse para sentir o contrário. Nenhuma garantia. Apenas resignação, como se estivesse prestes a me contar que alguém da minha família estava morto. — Shane, você está me aterrorizando. Diga que esse sentimento está errado.

— Não posso. — Seus olhos combinavam com seu tom, tristes, mas prontos. Ele acenou com a cabeça em direção ao banheiro. — Você precisa ir lá? Talvez se vestir? Você não vai querer voltar para a cama quando isso terminar. Se vai confiar em mim em alguma coisa, é nisso.

Já disse o suficiente.

Eu desliguei. Tudo.

Os portões contornaram meu coração. A fechadura foi virada. Fiquei entorpecida porque aquela destruição iminente era um monstro que se enraizou em mim. Estava crescendo com cada palavra que ele dizia, cada olhar que se recusava a me dar, cada tom que ele usava.

Quando terminou, voltei para o quarto. Vestida. Preparada. Porra, pronta para o que quer que estivesse vindo em minha direção.

Fiquei parada no quarto e cruzei os braços sobre o peito.

— Você quer sentar?

Eu o ignorei. — Você é um idiota.

Ele suspirou e passou a mão pelo rosto. — Eu sei.

Nada do que eu dissesse ou fizesse iria me proteger do que quer que ele fosse me dizer. Eu sabia disso e meu coração já estava em pedaços. — Apenas diga, Shane. Acabe logo com isso.

Ele assentiu, com a cabeça baixa por um momento antes de sentar na cadeira no canto do quarto. Ele se inclinou para frente, os cotovelos apoiados nas pernas, as mãos entrelaçadas e a cabeça baixa novamente. — Tenho que quebrar o código para te falar isso. Preciso contar a você os negócios do clube. Não deveríamos fazê-lo, mas às vezes entramos em zonas obscuras e penso que estamos numa delas. Ou, inferno. Talvez eu esteja dizendo isso apenas para lidar com minha própria culpa. Não sei, mas você já sabe que estamos lutando contra um cartel. O que não sabe é por que ou como tudo começou. — Ele ergueu a cabeça agora, e seus olhos estavam tão assombrados que os senti me perfurar.

Um arrepio percorreu minha coluna.

— Nós nos juntamos a eles desde o início. Era para ser uma viagem. Carregávamos algo para ele, e por ele quero dizer Marco Estrada. Uma viagem,

muito dinheiro. Funcionou. O dinheiro era ótimo. Os caras ficaram felizes, mas Estrada não. Ele queria outra operação e outra, e outra até descobrirmos que ele está nos usando como seus pitbulls. Ele tem influência nos Estados Unidos por nossa causa. Nós ajudamos a cimentá-lo. Então... — Ele parou, e seu pomo de adão subiu e desceu. Uma vez. Quando continuou, sua voz estava grossa. — Eu não me importo de fazer merda para pessoas más. Nunca cresci me preocupando com isso. Não é nada demais para mim. Não tive família enquanto crescia. Tudo o que fiz foi com pessoas más. Pessoas que roubam, matam, mentem sem pensar duas vezes. Não tenho problema em eliminá-las. Outra coisa é quando é alguém inocente.

Meu coração parecia que estava sendo esmagado.

— O pedido foi feito, mas não foi um pedido. Foi uma maldita chantagem. Tínhamos que matar alguém, e quem Estrada disse para matar não era quem realmente era. Eles eram inocentes. Nem mesmo nesta vida, mas não importava. Estrada é uma cobra. Todo o seu cartel está configurado de uma forma que não é apenas ele que está no topo. Ele tem outros caras que podem intervir se algo acontecer com ele. Eles podem fazer uma ligação e acabar com as famílias. Filas de famílias. Sabemos disso porque fomos nós que os armamos, porque eles não estão escondidos no México. Oh não. Marco era inteligente. Ele achava que seus segundos em comando, como ele os chama, não estariam seguros onde ele estava, e não queria se preocupar com a possibilidade de estarem livres. Ser capaz de andar por aí, infiltrar-se, assumir o controle antes de estar pronto para eles. Preciso ser bem claro sobre esses caras. Eles conhecem os nomes, os códigos, as contas bancárias. Se por algum motivo alguém levar Marco, se ele for sequestrado, morto, tanto faz, esses caras podem ser soltos e farão o que ele já ordenou. Ele os escondeu e eles estão ganhando milhões com ele, mas esse dinheiro não vai apenas para eles. Vai para suas famílias, um seguro extra para mantê-los onde estão. Suas próprias famílias os querem lá, então, mesmo que conseguissem ser libertados, não teriam ninguém a quem recorrer. A família é

tudo para eles, e ele foi inteligente ao escolher quem escolheu.

— Onde eles estão sendo mantidos?

— Penitenciária de East Bend.

— O quê? — Isso não fazia sentido.

Nada disso – o quê?

Eu fiz uma careta. — É onde Connor está.

Ele apenas me observava. Um piscar de olhos. Um aceno de cabeça. — Eu sei.

— Não.

Não. Eu não acreditava nele. Isso não fazia sentido. — Por que... eles estão aqui? Isso não faz sentido.

— Eles estão em Indiana. Numa prisão. Numa prisão onde todos os guardas são pagos por Marco. Todos eles. Houve uma nova contratação e ele recusou o pagamento. Sua família foi decapitada na manhã seguinte. Ele tem todos os guardas em sua folha de pagamento.

— Não, mas... — Connor.

Não Connor.

Meu peito estava desmoronando. Uma pressão invisível estava me pressionando. Meus joelhos ameaçavam ceder.

Por favor. Não Connor.

— O favor? — Tudo em mim doía porque as peças estavam se juntando agora. — O favor que ele está fazendo por você, ele ainda não fez. Certo?

Shane balançou a cabeça, muito lentamente.

Eu estava sendo rasgada, lentamente, um pedaço de pele sendo arrancado de cada vez. Doía respirar. Parecia que eu estava inalando sangue. Eu poderia sentir

o gosto.

— Eram grandes favores. Mandar motociclistas para a casa da Ruby vai a ajudar nos negócios. Minha irmã, você ia comprar um salão de cabeleireiro para ela.

— Era o clube, não eu pessoalmente. Você não pediu nada.

Eu lembrava e isso não estava certo. — Eu pedi para você sair.

— Nós fizemos. É por isso que partimos, por você.

Mas Claudia. Maldita Claudia. Ela seguiu e eu fui atrás dela. — Minhas amigas vieram comigo porque pensaram que eu estava fugindo de Foley. Eu as puxei para tudo isso com base em uma mentira. Eu não estava fugindo de Foley. — Eu não aguentava muito mais, mas tinha que encarar a verdade. — Ruby me pediu para ir atrás da minha irmã e eu vim porque estava seguindo você. Eu trouxe Harper e Aly para esta vida porque queria transar com você.

Ele soltou uma maldição suave. — Kali...

Balancei minha cabeça. — Não! Ainda não terminamos. Sem máscaras, Shane! Suas palavras. Você vai terminar de me contar tudo. Vai me contar o favor que meu irmão fará ao seu clube e vai me dizer por que tudo isso teve que acontecer como aconteceu. Eu quero respostas. Eu quero... — Eu não conseguia respirar. Meu peito estava implodindo.

— Você está bem?

Balancei a cabeça, meu pescoço rígido. — Apenas termine, Shane. Conte-me tudo, porra.

— Ok. Eu vou.

— Chega *de* máscaras.

Ele concordou. — Estas são todas as cartas.

Ele me contou sobre a reunião do clube deles. Que ele levou para todos os

clubes, que foi ele quem pressionou para sair do Cartel de Estrada. E eu entendi. Eu fiz. Meu coração ainda estava doendo, mas entendi. O aperto de Marco os estava estrangulando. Não entendi essa parte, mas não precisava. Ninguém gostaria de trabalhar com um cartel. Ninguém que tivesse família, entes queridos e filhos, e alguns desses homens tinham. Eu também sabia que só vi a ponta do iceberg, mas entendi.

— O que Connor deveria fazer?

— Marco não poderia colocá-los em prisões separadas. Seria demais para ele controlar, mantê-los seguros, mas uma prisão era suficiente. E é onde todos os quatro homens nunca ficam juntos, exceto agora. E o prazo está acabando. É um curso de treinamento de animais. Os homens se inscreveram. É de curto prazo. Só é dado aos melhores detentos. Um instrutor. Um guarda. E os quatro homens.

Eu estava realmente entendendo agora. Tudo isso.

— Connor adora animais.

— Sim.

Eu sabia o que ele diria, mas ele precisava formar as palavras. Eu tinha que as ouvir em voz alta. Se não o fizesse, nunca acreditaria. Eu teria esperança que não acontecesse ou que não aconteceria.

Gritei: — Diga, Shane. Apenas fale, porra.

— Connor vai matar todos eles. Todos. Contrabandeamos uma arma para ele. Ele vai eliminar o guarda e depois eliminará o resto. Eles não conseguirão alcançá-lo para desarmá-lo e não conseguirão correr. A sala está trancada. O guarda irá primeiro para não poder pedir ajuda. Será como atirar em peixe em um barril.

— É suicídio. *Este* é o favor. Ele vai matar os quatro 'segundos em comando' de Marco para que você possa matar Marco e saber que seu cartel não será assumido. Certo? *Esse é* o plano?

— *Seu* cartel vai cair. Outro tomará o seu lugar, mas não será o mesmo. Será um caos no México por um tempo até que outro chegue ao poder. Isso significa que estamos livres. Não estamos mais sob seu domínio. Você não entende o quão doente Marco Estrada é.

Eles matarão meu irmão para salvar suas vidas. Esse era o resultado final.

Ele estava certo sobre uma coisa. Eu não queria voltar para a cama. Nunca voltaria para a cama, nem com ele, nunca mais.

Eu nunca seria a mesma.

— Você matou meu irmão.

Ele não respondeu, mas tudo bem. Eu ouvi tudo, sabia o suficiente.

— Como você pode fazer isso? Como poderia ir até ele e pedir para fazer isso por você? Encontre outra pessoa, de outra maneira!

Ele não respondeu. Apenas ficou ali sentado, olhando para baixo até dizer: — Não fiz isso.

— Besteira! *Besteira!*

— Kali. — Sua voz era suave, mas cheia de arrependimento. — Eu nunca fui até o seu irmão com essa proposta.

— O quê? — Novamente, ele não estava fazendo sentido. Nada disso fazia sentido. Toda essa morte. Tudo isso era inútil. Exceto, Deus. Não era. Não era nada inútil, e eu odiava isso mais.

— *Ele* veio até *mim*.

— Não.

— Ele sabia o que estava acontecendo. Você sabe, na prisão. Você ouve o pior dos piores ali, e ele estava ouvindo como Estrada estava nos controlando. Ele fez isso. Ele armou tudo. Ele sabia o que havia em comum entre aqueles quatro homens. Ele sabia. Todos gostavam de cachorros. Ele pediu que o

treinamento dos animais fosse para a prisão. Ele pesquisou e convenceu os presos a quererem também. Kali, *ele é o instrutor.* Ele era o *único* preso que tem permissão para ficar no mesmo quarto que os quatro. O único. Sempre. *Ele* fez isso e nos pediu para terminar, e depois nos pediu para cuidar de sua família. É isso que estamos fazendo. Estávamos tentando fazer isso por ele!

Eu me irritei, dizendo: — NÃO FAZ SENTIDO! Por que ele de repente *decidiu* criar todo esse esquema?! E qual preso tem permissão para dar aula por conta própria?!

— Ele! — Shane rugiu de volta. — Ele tem porque é perfeito *pra* caralho. Porque ele não merece estar naquele lugar, mas está lá e você sabe como ele é. Ele é uma boa pessoa.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto, mas eu não as sentia. — Ele está saindo. Ele foi preso por roubo...

— Ele assaltou a casa de um juiz. Ele matou o filho do juiz. Ele nunca vai sair. Essa foi apenas uma acusação que fizeram contra ele.

— Não. — Eu fui inflexível. Apenas não.

— Sim.

— NÃO! Foi um acidente. Ele não queria machucar aquele garoto. Ele pensou que estava levando uma arma de brinquedo com ele.

— Eles não se importam. Não o fizeram naquela época e não o farão agora.

— Mas... — Por que o mundo tinha que parecer tão complicado o tempo todo? — Por quê? Connor não é um manipulador idealizador. Ele é burro em alguns aspectos. Por que ele decidiu participar? Isso requer pensamento, planejamento e razão. Ele não tinha motivo para... — parei porque estava na cara dele.

Culpa.

— O que você fez? — Perguntei.

— Ele fez isso por mim. Por minha causa.

— Por que, Shane? Por que especificamente por sua causa?

— Porque ele ouviu falar de alguém que morreu e sabia quem realmente matou a pessoa. Ela era inocente. Ela nem sabia dessa vida, mas a cela do seu irmão fica ao lado de um dos segundos em comando de Marco. Ele está a par de informações que a maioria desconhece e sabia que fui *eu* quem matou a pessoa. Depois descobri que ela era inocente, mas sim. Sou eu, Kali. Ele fez isso por mim. Ele sabia que eu nunca teria matado a mulher se... Ele fez tudo isso por você, por mim, por sua família, pelo resto do meu clube. Ele teve tempo e planejou tudo, sabendo que custaria sua vida, mas não se importa. *Confie* em mim. Eu tentei dissuadi-lo tantas vezes. Ele fará isso. E disse que cabe a mim fazer com que isso signifique alguma coisa. Então é o que estou tentando fazer, e Marco Estrada está tão vulnerável como jamais estará hoje. Temos uma chance agora mesmo. Agora. Não há como voltar atrás. — Ele se levantou e pegou seu colete, vestindo-o. — O clube está pronto. Estamos partindo, então você tem uma escolha. Pode ficar, vou garantir que alguém fique com você e te leve para onde quiser. Ou pode vir conosco. A escolha é sua.

Ele saiu depois disso.

50

SHANE

Ela saiu um minuto depois, uma atitude fria o suficiente para causar pneumonia a um cara e olhos iluminados com ódio.

Eu não me importei porque ela estava aqui. Ela viria conosco. Ela parou, examinou todos e balancei a cabeça quando finalmente olhou para mim. Ela não viajaria com ninguém, exceto comigo. Seus olhos ficaram vazios, seus lábios se estreitaram, mas ela veio e se virou atrás de mim.

Ela se aconchegou, vestida para o frio com uma jaqueta, mas eu ainda podia sentir seus seios empurrando minhas costas. Eu gostava disso. Gostava de sentir tudo dela contra mim.

Eu fui na frente e um exército de Harleys saiu atrás de nós.

Estávamos nos movimentando pelas estradas e, de certa forma, foi um passeio agradável. Pacífico. Não havia muitos outros por aí por causa da hora, e quando chegamos perto de Albuquerque, entrei em um posto de gasolina. Já paramos uma vez, mas todos precisaríamos abastecer novamente.

Ao fazer isso, um funcionário cuidou do meu tanque e, quando Kali entrou, enviei uma mensagem.

Eu: Não muito longe, em uma parada. Para onde devemos ir?

Heckler: Coordenadas.

Heckler: Estacione as motocicletas no galpão. Há alguém lá para ajudar, mas você precisará ir a pé até onde estamos.

Eu: Parece bom. Vejo você em breve.

Não houve conversa, não com o que estávamos enfrentando, então fiquei

surpreso quando senti alguém vindo atrás de mim.

Eu me virei. Era Cláudia.

Ela riu, suas mãos enfiadas profundamente nos bolsos da jaqueta. — Não pense que não registrei o pequeno desprezo, mas não se preocupe. Não é a razão pela qual estou aqui. Notei a atitude da minha irmã quando ela saiu. Então. — Ela moveu o pé na calçada à sua frente. — Ela geralmente reserva esse ódio puro para mim ou para nossa mãe. Você não é nós. O que fez para irritá-la?

— Pode perguntar a ela. — Inclinei-me para frente na motocicleta.

— Claudia, — Machete tentou chamá-la de volta.

A campainha da porta tocou na saída de Kali, e ela diminuiu a velocidade, nos vendo conversando, mas apenas estreitou os olhos e continuou vindo em nossa direção. Sentei-me e ela tocou minhas costas quando ficou atrás de mim. — Você deveria mijar, Claudia. Eu vi o café que levou depois da última parada.

Claudia bufou, mas foi para dentro.

Corvette riu. — Você tem uma mulher, Machete. Não sei mais o que dizer sobre isso, mas ela é definitivamente uma mulher.

Machete riu. — Ela é fogo. Isso é o que ela é.

Kali bufou atrás de mim. — Esse é um adjetivo para usar para minha irmã.

Olhei por cima do ombro. — Estamos conversando?

— Não. — Mas ela deslizou os braços em volta da minha cintura e se inclinou para frente, apoiando-se nas minhas costas.

Quando todos terminaram e estavam prontos para ir, Kali não moveu um músculo quando decolei novamente. Eu sabia que não deveria pensar que ela iria superar o que eu disse sobre Connor. Não minha garota. Ela estava tramando e, quando chegamos ao local para onde Heckler nos deu as coordenadas, ela desceu da minha motocicleta e eu a vi observando a irmã.

Um dos prospectos entrou na casa e, um momento depois, voltou com outro cara. Estacionamos nossas motocicletas e as escondemos. Fui procurar Kali, mas Roanoke me encontrou.

— Qual é o plano?

— Heckler e o resto do nosso grupo estão de volta por ali, observando os homens de Estrada. Não precisamos de todos para este trabalho, então pensei que você e o resto poderiam ficar aqui de olho nas coisas.

— Parece bom. — Ele se moveu para o lado, vendo que Kali havia voltado para a varanda da frente. Ela sentou e nos observou de volta. — Ela está com uma cabeça melhor do que quando a conheci.

— Sim. Ela tem um novo propósito.

Roanoke franziu a testa. — Não sei se você quer saber, mas a outra senhora vai ficar bem. Recebi notícias do meu pessoal no hospital de que ela foi costurada e recebeu uma advertência severa para manter a boca fechada, mas ela está preocupada com a filha.

— Eu sei. Recuperaremos a filha dela e depois decidiremos como usá-la daqui para frente.

— Eu imaginei isso.

Havia algo em seu tom, então perguntei: — Você tem uma opinião sobre esse assunto?

— Eles levaram a filha dela. Ela estava tentando fazer o que precisava para salvar a filha. Todos aqui podem se identificar em fazer merdas extremas por nossos entes queridos.

— Eu sei, mas considerando que foi o primo dela quem nos vendeu para Estrada, acho que precisamos agir com cautela aqui.

— Disseram-me que foi o irmão dela quem o denunciou também.

Ele levantou outro ponto positivo e entendi o que estava dizendo sem precisar dizê-lo. — Eu ouço você, Roan. Não cometemos nenhuma matança desnecessária até agora. Até entregamos o pessoal de Estrada.

Ele bufou. — O pessoal de Estrada não vai falar merda nenhuma. E você sabe que eles serão mortos na prisão do condado dentro de um dia.

— Mas não estará em nossas mãos, e eles terão uma chance desta forma. A votação para sair do cartel foi também uma votação para tentar virar o nosso clube para um caminho melhor. Estamos tentando.

Ele me lançou um olhar, mas suspirou e assentiu. — Ok. Precisamos lembrar que o marido de Shelly era old man. Precisamos respeitar.

— Eu sei.

Minha resposta pareceu acalmá-lo, porque ele estendeu a mão e agarrou meu ombro. — Eu respeitava Raith, mas se por algum motivo ele não sobreviver, você será um bom presidente. Eu iria para a batalha com você qualquer dia.

Dei a ele um sorriso. — Você vai me deixar todo emocionado, Roan.

Ele soltou uma risada. — É por isso que sou conhecido, por fazer motociclistas adultos chorarem. — Vendo Kali nos observando, ele acenou para ela novamente, seu tom ficando mais sério. — Suponho que gostaria que a vigiemos enquanto você decola?

— Gostaria, sim.

— Considere feito.

Recebi uma mensagem de Heckler.

Heckler: Ouvi dizer que você chegou. Siga estas instruções até o nosso local. Entre rápido porque notamos movimento fora da casa deles.

— Temos que ir.

Dei uma última olhada em Kali, mas ela ainda estava me odiando e eu não

podia culpá-la. Eu estava me odiando já fazia muito tempo, mas eu a amava. Nunca deixaria de amá-la, mas bem, teria que lidar com tudo o que ela planejou para salvar Connor. Ela tinha que ser ela e eu tinha que ser eu.

* * *

Entramos correndo e, chegando ao local onde Heckler disse que eles estavam escondidos, peguei minha lanterna e apontei um rápido reflexo na direção deles.

Eles nos enviaram de volta para que fosse um sinal de que poderíamos nos aproximar, sabendo que era seguro.

Quando chegamos, Heckler e os caras estavam no chão, todos de preto. Ele saiu de seu esconderijo, descendo a colina e se levantou para me encontrar. — Ei.

Era bom vê-lo. O resto dos caras também.

— Caramba, cara. — Heckler também estava me observando, balançando a cabeça. — Já faz muito tempo. — Ele me puxou para um abraço, o que me chocou. Heckler era do tipo imprevisível. Áspero em torno das bordas. Nunca consegui ler o que ele gostava ou não. Ele poderia trazer para casa um gato de rua um dia, e no dia seguinte atirar contra um adolescente que ousasse tocar em sua motocicleta, enquanto segurava o gato de rua. Eu amava o cara, e mesmo com todas as roupas pretas e um gorro preto, a estranha cor quase albina do cara não podia ser reprimida. Ele e sua sobrinha. Ambos não pareciam deste mundo. Cabelo quase branco. Olhos claros e cristalinos. Alguém poderia me dizer que eles realmente não eram humanos e eu consideraria a ideia, mas Wraith, sobrinho de Max, tinha os mesmos olhos claros e impressionantes e como não havia sangue compartilhado entre eles, eles deveriam ser humanos.

O resto dos caras cumprimentaram, mas eu queria ir direto ao assunto. — Você está rastreando Estrada?

— Sim. Temos nove horas para lidar com isso antes de atacá-lo.

— Certo. Vamos descobrir um plano e seguir em frente.

Dez minutos depois, tínhamos nosso plano.

Foi quando Heckler me perguntou: — Você está com a máscara?

Eu não gostava de usar máscara, mas quando matava era necessário.

Assenti lentamente. — Eu tenho a máscara.

51

KALI

Claudia veio me procurar assim que os caras partiram.

Eu não estava com vontade de conversar, e ela percebeu ao não pressionar. Algo pelo que fiquei grata porque hoje não era dia de apertar os botões. Então, sentamos na varanda dos fundos.

— Vocês querem assistir alguma coisa?

Era o motociclista que apareceu primeiro na calçada depois que atirei em Shelly.

— Depende do que você acha que gostaríamos de assistir. — Os olhos semicerrados de Claudia em seu traseiro eram um indicador de onde estava sua mente. E ela não parecia feliz com isso, o que quase me fez começar a rir porque minha irmã havia mudado.

Ele mal reagiu, em vez disso nos deu um par de binóculos. — São de longa distância, mas deem uma olhada. Desçam e vão naquela direção. Talvez encontrem alguns caras que reconheçam.

Eu os peguei e mirei para onde ele disse, e os vi imediatamente.

Minha respiração ficou presa no peito por um momento.

Duas casas. Uma principal com as luzes acesas como se fosse Natal, e um galpão nos fundos. Havia homens andando pela casa principal, e um deles estava saindo para fumar, mas foi seu rifle que realmente chamou minha atenção.

Diminuindo um pouco o zoom, vi os caras se aproximando.

Fiquei sem fôlego mais uma vez, porque nunca tinha visto nada parecido. Não pessoalmente. Nos filmes, sim. Televisão, mas não na vida real. Eu via isso

agora e não sabia se deveria ficar impressionada, preocupada, animada ou irritada. Eu não tinha ideia. Minhas reações foram interrompidas desde que descobri sobre Connor, e eu não sabia se deveria contar a Claudia ou não. Tudo estava paralisado para mim.

Mas eles estavam se aproximando, todos de ângulos diferentes. Todos convergindo para a casa principal quando duas figuras se aproximaram do galpão. Eles se moveram para cima, abraçando a lateral do prédio até chegarem à porta. Eu não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas eles pararam antes que a porta se abrisse.

O cara na varanda da frente ouviu e começou a se mover para o lado para ver o que estava acontecendo, ele pegou seu rifle quando de repente uma figura se levantou do chão. Uma arma foi levantada. O cara da varanda da frente cambaleou para trás, levantando a mão para o pescoço. Ele se virou e tentou levantar o rifle. A figura negra deu um passo à frente, a arma ainda erguida. O cara da varanda da frente ficou inconsciente.

Não vi nenhum sinalizador e nem ouvi nenhum tiro, então imaginei que eles estivessem usando silenciadores.

— Olha, — Claudia gritou.

Voltei para o galpão e fiquei aliviada. — É Katie. Eles a tiraram de lá.

Ou parecia com ela, mas sua cabeça estava baixa. Era uma mulher e logo depois saíram dois indivíduos. Justin e Harper. Obrigada, Senhor. Dois caras se moveram para ajudar a levá-los de volta e os estavam cobrindo, mas assim que desapareceram, começaram a se aproximar para a casa principal.

Foi uma abordagem lenta e constante até que se alinharam bem ao lado dele, curvados sob algumas janelas.

E, agindo como uma unidade, as janelas foram quebradas por um cara. Outro cara do outro lado jogou algo dentro.

O ar parecia ter explodido e logo depois que isso aconteceu, a porta da frente foi arrombada. Uma fila de caras entrou, armas em punho e máscaras de gás.

Eu não conseguia ver o que estava acontecendo na parte de trás, mas presumi que era a mesma coisa.

Esses caras se moviam como militares. Eles eram profissionais e organizados, e um novo arrepio percorreu minha coluna pensando que Shane não era apenas um deles. Ele era o líder.

Aconteceu tão rápido. Não demorou muito para que estivessem transportando homens para fora. Cinco ao todo. Eles foram amarrados com Zip Ties[51] e deitados de bruços. Outros caras estavam passando pela casa, e isso era igualmente organizado. Os telefones foram recolhidos e jogados em uma pilha. As armas foram para outra pilha. Arquivos. Eles trouxeram laptops. Todos os tipos de itens e alguns caras estavam empacotando tudo. Outros examinavam as armas enquanto quatro caras permaneciam ao redor dos homens no chão, com as armas apontadas diretamente para eles.

Então, como se estivesse saindo de uma maldita névoa ou algo assim, vi Shane vindo de uma colina.

Ele não estava vestido como os outros. Ele estava todo de preto, mas sem máscara de gás. Deus não. Um calafrio totalmente diferente passou por mim com o que vi. Ele usava uma velha máscara de hóquei, branca. Havia marcas, uma delas descia de cima do olho até a bochecha. Eu sabia que era Shane porque conhecia seu corpo.

Outro arrepio percorreu meu corpo.

Quando ele se aproximou, os caras olharam para cima e até eu percebi que tudo ficou quieto. Os caras ficaram imóveis. Até os homens que revisavam e empacotavam tudo, pareciam ir um pouco mais devagar, mais cautelosos.

Shane – não, este era Ghost.

Ghost foi até o grupo e ficou lá.

Abruptamente, um de seus homens agarrou um dos homens de Estrada e puxou-o para que se sentasse.

Ghost estava perto dele, dizendo alguma coisa.

O cara não olhava para cima.

Sha-Ghost deu um passo à frente e pressionou a ponta da arma na testa do homem. Ele disse algo novamente.

O cara começou a balançar a cabeça e seus lábios se moviam rápido, frenéticos.

Shane/Ghost de repente empurrou a arma para o lado e atirou. Não havia silenciador naquela arma. O estrondo chegou aos nossos ouvidos segundos depois, mas ao mesmo tempo, o Red Demon que o puxou para uma posição sentada bateu com a coronha da arma na cabeça do cara. Ele caiu, inconsciente.

Os outros testemunharam o que aconteceu e começaram a se movimentar.

Os motociclistas que os cercavam avançaram e os homens de Estrada pararam novamente.

Eles repetiram o processo, sempre da mesma forma, até chegarem ao último cara restante.

Ele foi erguido, mas tremia muito. Quando tentaram sentá-lo, suas pernas não funcionavam. Ele continuou caindo, então foram forçados a segurá-lo. Ele estava quase no nível dos olhos de Shane, que ergueu a arma, pressionou o cano contra a testa e, como os outros, continuou balançando a cabeça. Ele estava chorando. Seu tormento foi difícil de assistir, mas eu me endureci. Ele fez parte do grupo que levou uma filha, levou Harper e Justin.

Foda-se ele.

— Ei.

Quase gritei. Eu tinha esquecido que Roanoke estava lá. Ele deu um tapinha no meu ombro e ignorou meu grito, embora exibisse um sorriso. — Tem alguém chegando. Acredito que é o seu pessoal.

Tirei meu binóculo e olhei. Um quadriciclo de quatro rodas vinha em nossa direção. Não reconheci o cara dirigindo, mas reconheci Katie. Eu vi dois indivíduos atrás, mas foi o suficiente para mim. Pulei da varanda. Meus pés tocaram a terra e eu comecei a correr.

Katie estava na frente e, ao me ver e me reconheceu de volta, ela voou do quadriciclo e caiu direto em meus braços.

Eu a peguei, minha mão em concha na parte de trás de sua cabeça. A mãe dela pode não ser minha pessoa favorita, mas entendi por que fez o que fez. Não concordo. Achei que haveria uma maneira melhor de agir, mas entendi o medo.

Eu estava passando por ela, virando e me preparando para agarrar Justin e Harper para um abraço quando parei.

Meus braços já estavam levantados. Eu estava indo atrás deles – não era Justin, ou Harper.

Dois estranhos olharam para mim.

O cara que os trouxe até mim tirou a máscara frontal e reconheci o Corvette. Ele deu um passo em minha direção, com o cabelo bagunçado e manchas de suor no rosto. — Sim. Essa foi a nossa reação também, e só para ficar bem claro, estes não são seus amigos?

Balancei minha cabeça. — Não.

Que porra é essa?!

* * *

Apertei o botão de ligação no meu telefone.

Meu pai atendeu, mas me ouviu chorar. — Kali? O que está acontecendo?

Eu disse a ele o que pude.

Meu coração estava partido e eu precisava do meu pai.

52

SHANE

— Idiotas. — Stripes se aproximou. Ele apontou dois homens de Estrada, que ainda estavam amarrados e sentados no gramado da frente onde estávamos. — Não pensei em ter certeza de que eram os dois indivíduos que haviam identificado anteriormente em nossa mesa no Manny's. Esses dois indivíduos, que foram identificados como Harper e Justin, amigos de Kali, saíram pela mesma porta, mas temos certeza de que não saíram pelos fundos e provavelmente se viraram para sair pela frente.

— O que significa que eles teriam passado direto por nós quando estávamos tendo nossas tarefas com Brandon Jax.

— Com certeza. Estamos coordenando com Monroe agora, o cunhado de Jax, aquele que não gosta de nós. Eles encontraram a trilha onde estão os verdadeiros Harper e Justin. Acabei de falar ao telefone com... — Ele hesitou por um momento. — Com a irmã de Monroe, ela também é caçadora de recompensas e disse que encontraram duas passagens aéreas reservadas para Las Vegas.

— Você está brincando comigo?

Ele começou a rir. — Não. Foram agendadas na manhã seguinte, então, quando Kali e Aly estavam no hospital, seus amigos estavam embarcando em um avião para Sin City. Bren–er, a irmã de Monroe disse que eles estão procurando um hotel que possam ter se hospedado.

— Não houve nenhuma tentativa de entrar em contato com Kali ou Aly?

— Não, e Bren, a irmã de Monroe...

— Eu sei quem é Bren. Não precisa ficar explicando.

— Certo. — Seus ombros relaxaram um pouco. — Bren disse que Aly foi levada para comprar um novo telefone, mas ela conseguiu sincronizá-lo com o antigo. Ela tentou ligar para Harper, mas ela está com o telefone desligado.

Roadie veio ouvir e começou a rir. — Então isso significa que ou eles também foram levados por uma equipe Estrada muito mais esperta ou se casaram e não estão com os telefones ligados porque ainda estão se divertindo na Cidade do Pecado com as muitas atividades prazerosas que a cidade tem a oferecer..

Kali estava andando de um lado para outro na varanda da frente. Tentei fazer com que ela entrasse, para ficar longe dos homens de Estrada e de onde Katie estava, mas ela não se mexeu. Ela continuou me olhando, então não era preciso ser um gênio para saber que queria uma atualização o mais rápido possível.

— Ok. — Perguntei a Heckler, que veio se juntar ao nosso grupo. — Qual é a atualização sobre onde Estrada está?

— Eles estão em Amarillo.

Certo. Porra. Isso significava que precisaríamos avisar Connor, para que ele pudesse fazer o que quisesse e então preparar o ataque para Estrada. — Fizeram a ligação para que sejam pegos?

Roadie ergueu a mão. — Eu fiz. Estamos coordenando com os caçadores de recompensas locais para que nós não estejamos aqui quando eles vierem buscá-los.

— Ótimo. — Fiz um gesto para os dois caras que nenhum de nós conhecia e que estavam sentados do outro lado da varanda. — Eles foram identificados e ligaram para quem precisavam ligar?

— Identificamos. Eles eram apenas dois indivíduos no Manny's naquela noite. Saíram para fumar um baseado, no lugar errado, na hora errada. Os caçadores de recompensas também vão aceitá-los. A polícia vai querer interrogá-

los.

— Eles foram instruídos sobre o que não dizer?

Roadie me deu um sorriso. — Eles receberam uma história para contar quando questionados sobre como foram resgatados. Foram informados de que não os resgatamos. Os *caçadores de recompensas* que vieram buscá-los realmente o fizeram. Eles pareciam receptivos, especialmente quando encontramos suas famílias nas redes sociais. A boa e velha mídia social. Sempre tão informativo em marcar amigos e familiares em todas as fotos onde gostam de se gabar, ou talvez seja assim que eu entendo. Posso estar cansado.

Corvette bufou. — Posso pensar em muitas palavras para descrever você, mas com certeza que cansado não é uma delas.

Heckler disse por cima deles, interrompendo a besteira: — Quando vamos embora? Precisamos de tempo para preparar tudo para Estrada. Vamos matar desta vez, certo? — Ele sempre foi o mais sério de todos. Também mais velho, já que estava na casa dos quarenta.

Todo mundo ficou quieto bem rápido.

— E se dissermos a alguém da polícia quem é o segundo em comando do Marco? Alguém que possa realmente fazer algo a respeito.

Balancei minha cabeça. — Pensamos em tudo. Tudo. Ninguém chegará até eles a tempo antes que todos sejam transferidos para outro lugar. Ele tem todo mundo no bolso lá. Verificamos *todo mundo*. Mas... — droga. Havia uma chance. Uma única chance, mas era tão remota que não me atrevi a apostar nela.

Era um desejo para uma estrela, esse tipo de chance. Mas olhando para Kali agora, enquanto ela tentava nos ouvir, do outro lado do gramado, e sabendo que não conseguiria, eu sabia que tinha que tentar. Por Connor, por Kali. Eu tinha que fazer a ligação.

Mas tudo precisava estar pronto.

— Quem tem a linha atual para Connor? — Havia um cara na prisão de Connor que tinha um celular. O número tendia a mudar com frequência. Nunca nos disseram o motivo pelo qual acontecia, mas receberíamos uma atualização sobre o número atual. Essa pessoa agia com base no fato de que, se enviássemos uma mensagem, seria apenas uma vez e ele precisaria entregá-la a Connor. A operadora telefônica não sabia do que se tratava a mensagem, nem mesmo quem estava do nosso lado. Foi um acordo estabelecido e, quando a mensagem fosse entregue, pagaríamos a essa pessoa um monte de dinheiro, mas se essa pessoa também delatasse Connor, todo o dinheiro desapareceria. Nunca me surpreendeu o que as pessoas fariam por dinheiro, e muito dinheiro também. É uma moeda que faz o mundo girar, então a usamos quando precisávamos.

— Eu sei. — Christopher Raith, sobrinho de Maxwell e também conhecido por seu nome de motociclista, Wraith, levantou a mão. — Assim que você me disser para enviar a mensagem, eu o farei.

— Ótimo. — Dei uma olhada no grupo. Heckler estava certo. Precisávamos nos preparar. — Vamos lá.

Enquanto eles se moviam para fazer o que precisavam, mais uma vez entrando em outra batalha, eu me afastei e peguei meu telefone.

* * *

KALI

Shane não estava falando.

Eu seguia o fluxo agora e sabendo que eles ainda precisavam lidar com Estrada, imaginei que ele seria o próximo na lista. Claudia não tinha ideia. Não sei o que lhe foi dito, ou se ela foi informada por Machete. Eu estava supondo

que não, porque ela parecia quase animada.

Não tive coragem de contar a ela e estive pensando em todos os diferentes cenários para tirar Connor disso, mas continuei voltando para a parte em que ele estava na prisão. Ele estava na *prisão.* Eu não conseguia chegar até ele. Eu não conseguia tirá-lo de lá. Não no tempo que eu precisava e nem nunca.

Shane estava certo. Meu irmão nunca sairia.

Eu *odiava* esse plano, mas era um plano de Connor. Tinha tudo a ver com Connor. *É claro que* ele se colocaria na linha de fogo para ajudar alguém que considerava um irmão. *É claro* que ele seria inflexível em garantir que sua família também fosse cuidada, porque Shane não sabia disso, mas eu sabia que isso era parte do motivo pelo qual Connor organizou tudo isso.

Era tanto para cuidar de sua família quanto para ajudar Shane. Em sua mente, ele estava matando dois coelhos com uma cajadada só. Shane. Nós. E um terceiro fator poderia ser o fato de que ele estava escolhendo sair como queria.

Deus. Eu não sabia. Como poderia?

Eu simplesmente amava meu irmão. Eu o queria de volta.

Mas ele matou o filho de um juiz. Ele confessou, sabendo que estava entregando sua vida quando o fez. Ele fez isso porque meu irmão era uma boa pessoa em seu coração. Fez coisas estúpidas, coisas seriamente atrozes e estúpidas, como ficar viciado em drogas e descer tão baixo a ponto de se colocar na casa daquele juiz em primeiro lugar. Mas ele se declarou culpado porque matou uma pessoa, e não pude deixar de me perguntar se essa seria a última parte. Meu irmão não conseguia suportar a culpa?

Meu irmão nunca mais seria livre em sua vida, mas eu não queria que fosse assim que ele fosse morto.

Deus, não. Por favor.

— Você vai me dar uma pista sobre o que diabos está acontecendo? Você está

tensa. Seu homem está tenso. Machete não faz contato visual comigo ultimamente, e agora todo mundo ficou muito sério e meus seios estão tão empinados com toda a tensão no ar que tenho aqueles idiotas me olhando.

Eu comecei a chorar.

Eu não conseguia parar e não conseguia controlar.

As lágrimas romperam e minha irmã pulou três metros para trás de mim. — Oh, foda-se meus peitos. — Ela perdeu a cabeça.

Eu ouvi cascalho sendo esmagado e então a voz de Shane: — Vá para outro lugar, Claudia.

— Eu...

— Não é um pedido. — Então a mão dele tocou meu braço e eu não tive forças para lutar contra ele.

Eu deveria odiá-lo, sabia disso. E talvez uma parte de mim sempre o faria, mas pela minha vida, eu não conseguia pensar em uma maneira de sair disso. Não uma que não causaria a morte de uma tonelada de pessoas.

Então, por causa de tudo isso, porque eu estava reunindo forças para fazer o que decidi fazer, deixei que ele me abraçasse. E deixei que ele me afastasse do grupo.

Ele passou os braços em volta de mim, colocando a cabeça em meu pescoço. — Desculpe. Eu sinto muito porra.

Todo o meu corpo estremeceu. Meu irmãozinho ia morrer e eu não podia fazer nada para impedir. Em que novo inferno eu estava me metendo? — Ele não pode morrer.

Shane enrijeceu logo antes de levantar a cabeça. Uma expressão sombria e quase sem vida estava em seus olhos. Isso tomou conta de mim e um terceiro arrepio percorreu meu corpo. — Ele colocou tudo isso em movimento. Ele fez. Eu não. Não meu clube. Ele me disse que faria isso, independentemente de meu

clube seguir em frente ou não. Visitei-o trinta e nove vezes. Trinta e nove, Kali. Ele me tirou da lista para que eu não pudesse fazer isso pela quadragésima vez. Essa merda não aconteceu da noite para o dia. Demorou um ano inteiro de sua vida para planejar. Diga, sabendo tudo o que eu te contei, diga o que fazer. Não vou em frente? Diga-me. O que devo fazer?

— Não grite com ela, que tal?

Fiquei tensa porque alguém tinha ouvido.

E fiquei ainda mais tensa ao reconhecer a voz de Claudia, mas estava repassando o que ele acabou de dizer. Ele não revelou nada. Ela não saberia de nenhum detalhe, mas a culpa que eu sentia por não contar para minha irmã? Um buraco negro se abriu em meu estômago e ele estava girando com raiva e queria comer minha alma.

Era assim que Shane se sentia?

Estendi a mão para trás, sem intenção, mas assim que o toquei, também não conseguia puxar minha mão. — Está tudo bem, Claudia.

— Minha bunda que está bem. Ele está gritando com você sobre nosso irmão. Primeiro, do que diabos você está falando e segundo, NÃO GRITE COM MINHA IRMÃ, SEU GRANDE FILHO DA PUTA, — ela interrompeu com um grito ofegante, mas depois começou a gritar novamente: — Me coloque no chão! Marsell. O que você está fazendo? Essa é minha irmã... — Ela parou quando ele a colocou no chão, mas pôs um capacete sobre sua cabeça, colocou-a na traseira de sua motocicleta e, um segundo depois, estava na frente dela e eles saíram.

— Sim. Ela é toda mulher, isso é certo.

Alguns dos outros caras tinham se aproximado. Corvette quem falou.

Roadie riu. — Eles estão indo na direção errada.

— Não. — Shane se moveu atrás de mim, sua mão vindo para minha cintura. Eu não queria, mas me sentia mais centrada em seu toque, em senti-lo nas

minhas costas. Ele acrescentou acima da minha cabeça: — Ele não está. Ele a está levando para casa.

Eu me inclinei para ele.

Seu braço envolveu minha cintura, sua mão espalhada sobre meu estômago.

— Subam em suas motocicletas. É hora de irmos.

Ele parecia tão cansado quando disse isso, e meu coração doía.

Mas segui em frente porque tinha toda a intenção de estar presente quando derrubassem Marco Estrada.

* * *

Não liguei, mas mandei uma mensagem.

Eu: Pai, eu te amo. Tenho orgulho de ser sua filha. Tenho orgulho de quem você é como homem e pai. Você é a melhor pessoa que conheço na minha vida.

Eu: Eu só queria lhe dizer isso.

Eu: Eu realmente te amo, pai.

Eu: Preciso desligar meu telefone. Espero que você não esteja lesionando o quadril com os Old Gents.

Eu: Se estiver, ligue para o seu médico.

53

KALI

Eu não estava a par do plano deles, mas fiquei para trás e observei. Quando deixei sua motocicleta e segui atrás da grande parte dos caras, ele não discutiu. Percebi que ele não brigaria comigo em muitas coisas. Talvez fosse culpa? Talvez fosse porque eu precisava levar isso até o fim, considerando o que tiraria de mim. Eu não sabia.

Eu não me importava.

Nenhum dos caras disse uma palavra também, e vi alguns com pena nos olhos, então todos sabiam.

Todos eles. Isso me atingiu, *realmente* me atingiu.

Este era um plano há muito tempo. Todos sabiam. Eles sabiam quando foram para Friendly, Indiana, em primeiro lugar. Roadie sabia quando estava transando com minha irmã. Ele sabia quando a traiu.

Machete sabia quando ele 'assumiu' minha irmã.

Shane sabia quando eu apareci, seguindo-o.

Quando ele me beijou.

Quando ele me reivindicou.

Quando ele me defendeu de Foley.

Todos sabiam, e era uma sensação realmente horrível.

Mas será que eu era diferente por não contar à Claudia? Porque eu já sabia que, quando recebêssemos a ligação de que ele havia sido esfaqueado na prisão e estava morto, eu não contaria a ela o verdadeiro motivo por trás disso? Eu já sabia que não contaria. E, na minha cabeça, só havia uma coisa que eu poderia

fazer para que tudo valesse a pena. Uma coisa que apaziguaria minha alma.

Então, por causa disso, fiquei em silêncio e em segundo plano, observando.

De certa forma, era decepcionante. O caminho para chegar até aqui foi o mais angustiante, com todas as armadilhas e realizações, mas acho que foi adequado.

Marco Estrada era apenas um homem. Ele pode dirigir um cartel e pode ter seus homens para assumir o controle, mas ainda é apenas um homem. Eu não sabia se ele amava. Se ele tinha uma mulher ou mulheres? Ou um homem? Se tinha filhos? Ou pais? Ou irmãos? Uma parte de mim queria pensar que ele não tinha alma. Ele não se importava com ninguém, apenas com ele mesmo. Era uma garantia de que ele era narcisista. Quem poderia dirigir um cartel e não ser narcisista? A falta de cuidado? Empatia? Sendo tão implacável? Essa pessoa não deve ter sido dura consigo mesmo quando nasceu ou foi criado em um mundo onde você matava ou era morto?

Era tudo que fazia sentido para mim.

Os Red Demons se separaram em três grupos.

Um terceiro desceu a estrada por um quilômetro e meio. Outro terço foi em frente. Eu fui para onde Shane foi porque no final seria ele com Estrada. Senti que era assim que tudo iria acontecer, até os meus ossos. Ele estava com a equipe intermediária.

Cinco caminhonetes seguiam por uma estrada de cascalho. Eles haviam saído de uma rodovia principal e seguiam pelas colinas até onde estávamos. Eu estava observando com os mesmos binóculos a caravana de caminhonetes em alta velocidade quando de repente houve uma explosão na estrada.

Isso separou as duas últimas caminhonetes do resto, mas, como eram estúpidos, foram ainda mais rápidos. Eles deixaram as duas caminhonetes para trás e uma enxurrada de tiros soou. Pude ver como os Red Demons se

aproximavam do topo das colinas, atirando contra as duas caminhonetes.

Estrondo!

Outra explosão, e desta vez as duas caminhonetes da frente foram separadas da caminhonete do meio. A explosão causou uma cratera na estrada e a caminhonete do meio literalmente não conseguiu seguir em frente. Uma das caminhonetes foi tombada pela explosão. Os homens começavam a sair pelas janelas, mas, como as duas últimas, estavam sob fogo.

Tanta morte.

Era tudo sem sentido. Cada uma delas. Mas eu não estava fazendo nada para impedir, nem queria.

O que isso diz sobre mim?

A caminhonete do meio deu ré rapidamente.

Havia uma cratera na frente, outra atrás. Eles não tinham para onde ir, então foram para a vala. Isso não durou muito porque estávamos no meio de uma floresta. Eu não teria acreditado se não estivesse aqui, mas estávamos. Deserto. Penhascos. E árvores por toda parte.

A caminhonete bateu, o que já era alfo certo. O motorista entrou em pânico e parecia ter sido jogado para fora.

Os caras com quem eu estava levantaram as armas e atiraram nele.

Ele estava morto. Eu tinha certeza.

Notei um movimento na direção de Shane e vi que ele usava a mesma máscara branca de hóquei de antes.

Então me distraí quando ouvi mais tiros.

Eles jogaram outro cara para fora da caminhonete. Mesmo resultado.

Eu não entendia a lógica, mas de repente houve uma explosão do outro lado da caminhonete.

Agora entendi a lógica dos Red Demons.

Não havia para onde ir.

Eles começaram a descer, convergindo como fizeram na outra casa, e eu os acompanhei, então acho que 'nós' estávamos convergindo.

Eu não estava atirando, então não sabia se deveria me considerar um deles. Embora, em alguns minutos, isso não faria diferença, suponho.

Mais um cara saiu, mas ele não atirou e não foi baleado.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição, e alguns Red Demons avançaram, agarraram-no e arrastaram-no para longe.

Houve gritos.

Eles estavam gritando com os que estavam na caminhonete.

Eles estavam gritando com o cara que acabaram de afastar.

Eu não ouvia as palavras. Eu não me importava.

Eu estava observando Shane e ele não se movia.

Lembrei-me da velha máscara de hóquei que ele colocou.

O que significava? Significava alguma coisa?

Eu não estava muito preocupada com o caos que acontecia agora. Não, não. Eu observava e esperava.

Houve outra explosão. Esta parecia menor e mais próxima. Senti o calor no meu rosto. Meu cabelo balançava com o impacto, mas eu ainda estava apenas observando Shane. Quando ele se movesse, eu me moveria.

Ele era minha calmaria nesta tempestade.

Como se sentisse meu olhar, ele se virou, faíscas de fogo pairando no ar entre nós. Sua cabeça inclinou-se para o lado, por pouco. Então ouvi alguém chamar seu nome. Atravessou esse estranho vácuo de som. Ele começou a andar e senti

seus passos, embora estivesse a poucos metros de mim, senti cada passo que ele deu. O baque profundo enquanto ele andava, seu pé encontrando a terra, e senti a vibração subindo pelas minhas pernas. Até o meu peito.

Eu não sabia o que acontecia comigo, mas estava meio atordoada. Tinha certeza. Eu só via Shane enquanto ele avançava. Eu apenas ouvia seus passos. Havia gritos e outros sons de tiros ou explosões ao fundo, mas eles quase não eram percebidos.

Era como se estivéssemos em uma bolha. Onde estávamos, nada poderia penetrar. Enquanto Shane seguia em frente, eu também seguia até chegar à caminhonete de Marco Estrada. Um homem foi puxado para fora e estava sendo segurado e empurrado contra a traseira.

Não era Marco Estrada.

Eu não sabia como era Marco Estrada, mas percebi que aquele jovem não era ele. Ele não era um garoto, mas não era exatamente um homem. Ele estava assustado e sua boca se movia rápido. Ele estava dizendo alguma coisa e, a julgar pela súplica em seus olhos, inplorava por sua vida.

Pela primeira vez desde a primeira explosão, eu esperava que esse jovem não fosse morto. Mas não era ele, e eu sabia que esperavam que Marco Estrada estivesse na caminhonete do meio. Fazia sentido, exceto para o próprio Marco Estrada. Ele teria interesse em enganar qualquer um que quisesse atacar seu grupo. Mas se ele estivesse lá atrás, poderia ter sido eliminado.

Se ele estivesse na frente, poderia ter sido eliminado.

Então onde estava Marco Estrada?

Eu sabia onde ele estaria.

Virei-me e desta vez o vazio me deixou.

Todos os sons ao meu redor me atingiram com força.

Ouvi todos os gritos, todos os xingamentos. Mas não havia mais tiros. Não

havia mais troca de tiros. Gostei dessa parte e corri colina acima, ouvindo Shane gritar meu nome também.

Eu o ignorei.

Uma parte de mim não queria que ele viesse para esta última parte, porque assim que descobri, soube que era verdade. Eu senti em minha alma. Eu deveria ir, mas não sabia o motivo.

Eu não me importei.

Eles trouxeram uma caminhonete. Uma, entre todas as Harleys. Corri até lá, saltei e voltei para onde ficava a casa.

Não fui para onde havíamos saído, onde sabia que caçadores de recompensas estavam chegando para resgatar os homens de Estrada. Dirigi até a primeira casa, aquela que tinha o galpão onde mantinham Katie e os dois indivíduos que eu não conhecia em cativeiro.

Parecia tão velha e abandonada agora, mas enquanto eu dirigia pela entrada, vi outra caminhonete estacionada na parte traseira da casa. Era uma caminhonete velha, um clássico pelo qual eu poderia ter enlouquecido em outra vida. Desta vez, porém, eu sabia quem era a pessoa que havia chegado.

Um homem saiu pela porta da frente, com a arma levantada. Ele estava todo vestido de preto e parecia militar. Sua arma estava apontada para mim.

Parei, levantando as mãos, mas então outro homem saiu de trás dele.

Lá.

Esse era Marco Estrada.

Eu sabia disso. Poderia dizer pelos olhos dele.

Eles eram sombrios e mortais. Como ele. Era uma sensação estranha porque já vi a vida saindo de seu corpo, embora ele estivesse totalmente conectado. Eu ainda via. Partes dele estavam se desprendendo e caindo para longe. Ou talvez

eu estivesse apenas vendo que a alma dele não fazia parte dele. Por fora, ele parecia quase bonito. Maçãs do rosto curvadas para cima. Ele tinha lábios grandes. Era alto, talvez um metro e noventa. Um corpo magro. Ele estava em um terno de negócios.

Ele ergueu a mão e seus lábios se moveram. Ele estava quase sorrindo quando deu um passo à frente. Então ouvi o que ele disse. Demorou um segundo para chegar até mim e não, não entendi a causa disso. — Espere, Manuel. Eu gostaria de ouvir o que ela veio dizer.

Ele desceu as escadas e se aproximou, as pontas da boca curvadas para cima. Ele estendeu a mão para mim e acenou para que eu me aproximasse. — Passei a aproveitar esses momentos, quando tenho tempo para conversar com a mulher do meu inimigo. Isso já aconteceu antes. Outra mulher. Outra hora e lugar. Outro inimigo, mas ainda o mesmo. Porém, daquela vez ela tinha um cachorro com ela. — Um sorriso completo me atraiu. — Você tem um cachorro, senhorita Kali Michaels?

Então ele sabia quem eu era.

Tornaria tudo mais fácil.

Eu não me importei em fazer disso uma grande tarefa. Não era necessário haver conversa. Não fazia sentido, realmente. Há alguns dias, eu nunca tinha ouvido falar desse homem, mas quando comecei a ouvir gritos novamente, quando meu batimento cardíaco começou a acelerar, peguei a arma que havia roubado.

Observei enquanto eles tiravam as armas daquela casa. E observei enquanto as empacotavam. E observei onde a sacola de armas foi colocada quando as levaram para casa. E quando Shane tinha uma 'reunião' com seus homens, quando todos não estavam prestando atenção em mim, eu fui e peguei uma delas. E verifiquei, porque uma vez meu pai me levou a um campo de tiro porque achou que seria uma boa ideia se eu soubesse me defender, e vi que ainda

havia três balas na arma.

Houve gritos novamente.

Vi pelo canto do olho o cara atrás de Marco, aquele que estava com ele, atirando atrás de mim.

Marco também estava focado atrás de mim e começava a se virar para correr, mas então eu peguei minha arma e ele parou.

Câmera lenta.

Era isso que estava acontecendo.

Tudo acontecia em câmera lenta para mim.

Melhor ainda porque levantei a arma e apontei, e quando seus olhos se arregalaram, ele percebeu o que eu iria fazer – eu fiz.

A morte de Connor *representaria* alguma coisa.

Eu puxei o gatilho.

EPÍLOGO

KALI

Katie estava bem.

Os homens aleatórios estavam bem.

Eu descobri onde Harper e Justin estiveram o tempo todo, e eles estavam mais do que bem.

Mas eu não estava bem.

Naquele dia em que atirei em Marco Estrada, eu o peguei. Eu sei que sim, mas não tínhamos o corpo dele.

Shane entrou com a arma na mão e chamou atenção. Essa foi a razão pela qual consegui atirar em Estrada. Pensando bem, percebi que eu teria sido morta no momento em que puxei a arma. O cara que estava com Marco Estrada era muito bom. Ele não era como os outros imbecis que trabalhavam para ele.

Ele entrou correndo, agarrando o corpo de Marco ao mesmo tempo em que Shane entrou correndo e *me pegou.*

Eles eram como dois oponentes em um cessar-fogo por um momento, enquanto cada um levava seu parceiro para um lugar seguro. Shane veio sozinho, seus outros homens estavam de volta para a outra 'batalha'. Então, de certa forma, eu ainda me culpava pelo motivo da fuga de Marco, se é que ele realmente escapou. Coloquei dessa forma porque já se passou um ano inteiro e ninguém ouviu uma palavra sobre ele ou dele.

Seu cartel não caiu. Depois de todo esse planejamento, não houve caos no México. Mas também não houve uma guerra total. Foi como se um lado tivesse ficado em silêncio e o nosso lado… simplesmente continuasse vivendo.

Os Red Demons estavam livres.

E meu irmão cumpriu o que prometeu. Ele matou aqueles quatro homens e outra surpresa aconteceu depois. Em vez de receber uma ligação informando sobre sua morte na prisão, recebi uma ligação dizendo que meu irmão havia *escapado* da prisão. Isso foi mantido em segredo. Nenhuma mídia cobriu seu desaparecimento. Nunca tive policiais batendo na minha porta, perguntando sobre ele ou procurando por ele. Que eu saiba, meu irmão literalmente desapareceu da prisão.

Eu não tinha ideia de onde ele foi, e quando perguntei a Shane sobre isso, ele disse a mesma coisa.

Ele ligou para a única pessoa em quem confiava na aplicação da lei.

Ele nunca pensou que daria certo.

E ele não tinha ideia de para onde meu irmão foi.

Mas nenhuma notícia da morte do meu irmão era uma notícia muito boa para mim. Eu gostava de pensar, como em dias como este, enquanto estava na varanda da nossa casa nos arredores de Frisco, que tudo seria feliz para sempre.

Aly e Brandon se casaram.

Brandon não ‘odiava’ mais os Red Demons, mas ele não necessariamente gostava de nós. O que ele fez foi se aproximar de Shane e de mim especificamente. Isso significava que Aly e eu poderíamos nos encontrar. Ajudei a planejar o casamento dela. Ajudei a planejar sua despedida de solteira e seu chá de bebê. Também conheci mais os sogros dela e, embora gostasse da cunhada, sempre ficava desconfortável perto dela também.

Mas não éramos os únicos aqui.

Harper e Justin realmente se casaram. Eles decidiram deixar o Manny's naquela noite e, em vez de sair pelos fundos, como Harper disse, porque era assustador, eles foram pela da frente. Eles gostaram da demonstração de

machismo acontecendo entre Shane e Brandon, mas foram e 'desabafaram', também como Harper disse, em seu quarto de hotel. Depois de algumas horas gritando e chorando, o sexo de reconciliação foi ardente (também como Harper soletrou) e depois disso, ela teve uma revelação.

— Por que diabos eu estava brigando com ele? — Ela nos explicou. — Quero dizer, tipo, duh. Eu estava sendo tão burra e com tanto medo de não querer me machucar, que tudo que eu estava fazendo era me machucar. Percebi que Justin *realmente* iria embora, e ele encontraria uma pessoa legal e eu o teria perdido para sempre. — Ela começou a chorar, sua voz ficou rouca. — Eu não poderia fazer isso, então, sabe, Vegas.

Eles foram para Las Vegas, casaram e desligaram seus telefones para o mundo.

Eles não ligaram seus telefones até que um homem de tamanho gigantesco apareceu em seu quarto de hotel e os informou que se não ligassem de volta para seus amigos, ele atiraria neles naquele momento.

Justin disse que o cara não fez essa ameaça, mas é isso que Harper defende.

Quanto a mim e Shane: — Ei, vadia.

Sorri ao mesmo tempo em que revirei os olhos. — Claudia.

Ela sorriu, tristemente, para mim. — Oi.

Machete estava logo atrás dela, com os braços cheios de equipamento. Ele me deu um sorriso. — Onde você quer isso?

Apontei para os fundos. — Meu pai já está aqui. Ele está preparado.

Ele fez uma pausa. — Mestre da Grelha?

— Mestre da Grelha.

Claudia franziu a testa.

Ele disse, com um pequeno sorriso: — Legal. Isso será incrível.

Um segundo depois, o ar se encheu com a música de Tag Team[52]. A gangue Sugar Hill[53] estaria no convés, e muitos outros logo depois. Levantei o polegar e desci a varanda até Claudia. — Essa música não vai parar até hoje à noite. Espero que você esteja bem com isso.

Ela me deu uma olhada. — Este não é o primeiro churrasco em família que participo. — Ela abraçou, envolvendo seus braços em volta de mim.

— Temos um DJ.

— O que? Sério?

— Sim. Quero dizer, é meu primo Trevor, mas ele é DJ como um show paralelo. Além disso, esteja pronta para comer, porque vai haver muita comida. *Bastante*. Haverá dança a noite toda também. Karaokê. Você conhece a regra?

Seu sorriso foi apagado.

— O quê? Não. Qual é?

— Você tem que dançar como se ninguém estivesse olhando. Esse é o ponto principal. E definitivamente tem que dançar se alguém apontar para você. Não importa quem seja. Minha sobrinha? Dance. Meu primo-

— Você tem uns trinta e oito primos! O que quer dizer com se um deles apontar para mim?

— Dance. — Eu ainda não tinha terminado. — E se minha bisavó apontar para você, você dança *de verdade*. Está me ouvindo? Só me resta uma. Todos os outros se foram, então a bisavó Martha é como uma deusa para nós. Eu não estou brincando.

Claudia conheceu minha bisavó e alguns primos meus de Chicago, mas não muitos. Um pouco. E em pequenas doses, mas havia um evento completo acontecendo amanhã e muitos membros da minha família vieram para fazer parte dele. Era o suficiente para me fazer chorar e rir ao mesmo tempo.

Amor. Risada. União. Dança. E comida. Era disso que se tratava.

Dei um tapinha nas costas de Claudia. — Você vai conseguir. Espere até a bisavó Martha chegar.

— Kali!

Eu me virei, os braços de Claudia ainda em volta de mim. Meu pai usava um avental, uma camiseta por baixo que dizia *Pai da Kali* e uma pinça gigante em uma das mãos. Ele as segurou para mim. — Não tenho temperos suficientes. Nós *somos* as especiarias. Isso é um grande negócio. — Ele mal piscou, agitando sua pinça. — Olá, Claudia.

— Olá, James.

— Sua mãe vem hoje à noite?

Ela assentiu, todo o seu corpo rígido em meus braços. — Ela e meu pai se divorciaram. Você ficou sabendo?

Ele deu um aceno de cabeça, sem demostrar nada. — Ouvi. Espero que ela esteja bem.

Ela deu outro aceno de cabeça. — Eu também. Acho que ela está. Foi há muito tempo, só para ter certeza de que você sabia.

Novamente, ele mal piscava. Ele entendia o que ela estava falando. — O bar dela está indo bem?

— Sim. Está indo muito bem, Sr. Michaels.

— Isso é bom. — Ele me deu um sorriso. — Ela está gostosa como sempre esteve?

Deixei cair meus braços ao redor da minha irmã. — Pai!

Claudia riu. — Você conhece Ruby.

— Conheço. Ah, cara, eu faço. Kali. — Ele acenou com a pinça no ar. — Eu preciso dos temperos. Esta comida leva horas para temperar adequadamente!

Eu não tinha ideia do motivo pelo qual ele estava tão estressado, mas,

novamente, eu não era um Grill Master.

Fui até ele, pegando meu telefone. — Ok. Diga-me os temperos que você precisa.

* * *

Eles estavam jogando Catch Phrase[54] quando passei e ouvi meu tio Toby dizendo: — É uma palavra sulista para *pop*. — Eu tinha certeza de que ele estava descrevendo a Coca-Cola.

Um segundo depois, ouvi: — Você não pode dizer refrigerante!

— Eu não disse.

— Você disse.

— Eu disse pop.

— Você disse pop e depois disse refrigerante.

— Está no cartão!

— Essas são as palavras que você *não pode* dizer.

— Oh! Bem, por que *isso não está* nas regras? Deveria estar nas regras.

— Está nas regras. Eu já te disse sete vezes.

* * *

— Ei.

Um braço envolveu minha cintura em um momento, quando eu estava observando meu pai e sua equipe de dança na pista de dança. Fui puxada de volta para as sombras. Eu sabia de quem era aquele braço e já estava sorrindo, virando-me para encontrá-lo. Fiquei na ponta dos pés, pressionando minha boca

na dele. — Oi.

Shane sorriu para mim. — Oi de novo.

Já havia se passado um ano desde que puxei o gatilho.

Desde então, ele me pegou. Literalmente.

Ele me carregou nos momentos em que eu não conseguia andar.

Ele estava lá quando voltamos.

Quando encontramos Aly. Quando Brandon não era tão fã de Shane naquela época.

Quando liguei para meu pai e contei o que aconteceu, ele não ficou muito feliz. Ele se recusou a conhecer Shane até meses depois. Shane esteve comigo em cada passo do caminho, e o caminho de volta foi uma longa viagem. Mas estávamos aqui e eu sentia que finalmente havíamos chegado a um bom momento.

Eu matei Estrada ou achava que sim, e seu clube me cercou. Eles me cobriram, não houve investigação. Nada. O máximo que vi foi quando acordei uma manhã e dois policiais estavam conversando com Shane, Boise e Machete na garagem. Eles foram embora e nenhum dos caras me disse uma palavra sobre o que estava acontecendo.

Nós voltamos.

Nós vivemos.

Recebi uma ligação sobre meu irmão. Contei à Claudia sobre a ligação do nosso irmão e, bom, a vida continuou.

Foi um acontecimento estranho.

Fomos para o Texas por um tempo.

Voltamos para Indiana. Quando Aly ligou e perguntou se eu poderia ajudá-la a planejar a viagem da avó dela para a Califórnia, eu *realmente* entendi. Aly

morava na Califórnia e como eu era meio nômade, Harper disse que iria se estabelecer lá. Justin tinha família da Califórnia, então funcionou para eles, mas ajudamos a transferir a avó de Aly para lá.

E Shane me perguntou uma noite na cama, com os braços em volta de mim: — Onde você quer estar?

Fiz uma pausa, minhas pernas enroladas em seus quadris. — O quê?

— Max está me perguntando. Ainda tenho coisas para resolver em Cali, mas se você não quiser se estabelecer lá, não o faremos. Onde você quer ir?

Eu disse a ele instantaneamente, sem hesitação. Califórnia.

Então aqui estávamos nós.

Liguei para Rena quando chegamos, sabendo que ficaríamos e eu tinha um emprego na Fallen Crest pouco depois disso. Eu não sabia os detalhes, mas Shane estava assumindo o controle de Frisco. Mas mudanças estavam acontecendo. A meu pedido, ele estava tomando medidas para ajudar a reconstruir a cidade. Eles mudaram a sede de seu clube para que ficasse mais fora da cidade e investiram dinheiro na construção de tudo o que precisava ser feito.

A última coisa que ouvi foi que foram aprovados os planos para começar a reconstruir uma escola. Um novo desenvolvimento também começou recentemente. Os Red Demons investiram e estava acontecendo. Houve conversas sobre a criação de uma pequena clínica também. Três outros bares surgiram na cidade e perto dela.

Tudo isso era bom.

Mas construímos nossa própria casa, um celeiro reformado. Sempre foi meu sonho, e Shane também tinha um galpão inteiro para suas motocicletas em nossas terras. Além disso, um novo galpão foi construído, então ele também abrigaria metade de seu novo clube.

Eu compreendia. Entendia. Eu gostava dos caras.

Eles eram uma família para mim também.

Harper não entendeu muito bem. Nem Aly, mas elas apoiaram. Brandon conheceu Shane, e ele fez isso durante muitas noites de rummy[55] e bebendo bourbon, mas aconteceu. A família de Brandon era outra coisa. Não houve nenhuma reunião ou compromisso entre sua família e Shane ou o clube, mas era o que era. Eu não me importava, contanto que eu ainda tivesse Aly, e ela teria se assegurado de que isso acontecesse, não importa o que acontecesse. Depois da nossa noite juntas, Aly era uma mulher mudada comigo ou ela apenas se lembrava de quem era. Eu entendia. Realmente fiz. Havia motivos reais para me preocupar com os Red Demons, mas eu amava Shane. Ele era um Red.

Isso significava que eu era uma Red.

Aly teve dúvidas, mas ela disse que me amava de qualquer maneira.

Então, de certa forma, isso significava que Aly era Red.

Quero dizer, na verdade não, mas ainda estávamos indo em frente.

Isso significava que eu ainda tinha as minhas duas melhores amigas na minha vida e que eu era a old lady de Shane, então eu estava feliz. E agora, com minha família aqui, eu estava superfeliz.

A vida era boa. Se você tivesse pessoas que te amassem e estivessem ao seu lado, a vida seria muito boa.

— Você está pronta para amanhã?

Inclinei a cabeça para trás, sentindo seus braços em volta de mim, e sorri para ele. — Você quer dizer quando nos casarmos?

Seu sorriso se aprofundou. — Sim. É o que eu quero dizer.

Coloquei meus braços em volta dele, ficando na ponta dos pés. — Sim. — Eu me movi para que minha cabeça ficasse bem na frente da dele, alguns

centímetros nos separando. Abaixei minha voz. — Estou muito pronta.

— Ótimo. — Ele sorriu para mim.

Eu sorri de volta.

* * *

Foi naquela noite, depois de dançar e rir por horas, quando eu estava deitada em seus braços, que perguntei: — Você me disse que tinha uma queda por máscaras.

Seus braços se retraíram, por pouco. — Sim?

Virei para ficar de frente para ele mais diretamente. — Por que usa essa máscara de hóquei? Eu vi você.

Não éramos convencionais.

Nosso casamento amanhã não seria convencional.

Por causa disso, ou talvez apesar de tudo isso, dormimos juntos na noite anterior ao casamento.

Talvez eu estivesse tendo um momento em que queria saber todos os segredos. Isso era algo que estava em minha mente porque eu não tinha conseguido tirar a imagem dele colocando aquela máscara, entrando na batalha como fez nas duas vezes. Eu queria entender o motivo. — É um símbolo.

Virei de costas, olhando para ele. — Um símbolo para quê?

Seu rosto ficou tenso, mas depois suavizou. — Eu sou o líder deles. Naquele momento, naquela hora, todo o perigo acontecendo, sou eu. Toda responsabilidade está nas minhas costas. Quando vamos a lugares onde os caras usam máscaras por qualquer motivo, camuflagem, máscaras de gás, etc, *minha* máscara vai ficar para fora. Ou essa é a intenção. Ela tem duas facetas. É suposto

simbolizar o que estamos fazendo. Causando estragos. Justiça. Temor. Mas a minha deve ser a que mais se destaca. Esse é o objetivo. Se alguém for nos atacar, quero que aponte para mim primeiro. Eu sou o líder. Eu defendo meus homens, tanto quanto eles me defendem. Sou eu retribuindo a eles. Eu os protejo enquanto eles me protegem. É um equilíbrio yin e yang. Eu não seria nada sem meus homens, mas eles ainda estariam bem. Eles poderiam conseguir um novo líder e seguiriam em frente. Então, de certa forma, também é minha homenagem a eles. Eu os amo e quero protegê-los, e é uma forma de ajudá-los tanto quanto eles, sem dúvida, já me ajudaram.

Aproximei-me de seus braços, tocando seu rosto e acariciando sua bochecha. — Você envia uma mensagem, mas você é a mensagem e defende seus homens. Tudo ao mesmo tempo.

— Sim. Algo parecido.

Eu entendi. Era lindo, mas não era unidimensional nem mesmo bidimensional. Era uma resposta de várias formas e, de certa forma, senti que poderia significar muito mais do que realmente representa.

O resultado final foi: — Você usa essa máscara para proteger seus homens.

— Sim.

Era puro Shane, e outra razão pela qual eu o amava, porque eu me casaria com ele amanhã.

Eu me aproximei, encostando minha boca na dele.

Meu homem.

Meu marido.

Minha outra metade.

* * *

Foi mais tarde, depois que eu o beijei, ele retribuiu o beijo e rolou para cima de mim.

Foi depois disso que eu disse: — Sabe, hoje perguntei à minha mãe por que ela me mandou atrás de Claudia. — Levantei minha cabeça, olhando-o. — Ela tinha que saber que Claudia nunca iria embora. Claudia faz o que quer. É assim que ela é.

— Eu sei. É por isso que estamos construindo um salão para ela em Frisco.

Sorri, outro avanço para a cidade que estava morrendo.

— O que ela disse quando você perguntou?

Deitei-me totalmente para trás, certificando-me de que ele pudesse me ver. — Ela disse que me mandou atrás de você.

— Kali, querida. Você é estúpida? Dei uma olhada em como você estava olhando para aquele homem e sabia que era ele. Não sou uma mãe perfeita. Eu sei disso, mas eu te amo e sabia que aquele homem era seu. Só dei uma desculpa para ir buscá-lo. — Ela me deu uma piscadela e se aproximou, pressionando a boca na minha testa. — Eu te amo, bebezinha. — Então olhou em volta. — Agora, onde está seu pai, porque ele é solteiro, não é? Vi-o mais cedo e ele parece muito bem. Essa equipe de dança está fazendo maravilhas por ele.

— Você está falando sério? — Shane lutava contra o riso. Sua mão deslizou para minha barriga e depois desceu, descansando entre minhas pernas.

— Estou. — Meu sorriso ficou todo reservado porque ele também sabia o outro segredo que descobri hoje, só de ir ao Dr. Vioeri, que agora era meu médico regular. Tive que perguntar: — Falando em pais, o que você acha?

Aproximei-me, tocando minha boca na dele, beijo por beijo, porque eu o amava muito. E perguntei: — Você acha que vou ter um menino ou uma menina?

AGRADECIMENTOS

Eu nunca planejei escrever um MC antes, mas quando os Red Demons apareceram pela primeira vez em The Boy I Grew Up With, eles lentamente assumiram seu próprio mundo. E então Always Crew aconteceu e sim, eu estava obcecada. Eu *tive* que escrever um livro para Shane. Então, obrigada aos próprios Red Demons.

Um agradecimento especial a toda equipe que me ajudou com Frisco. Jessica, todos os meus revisores, Crystal, Serena. Vocês são incríveis!

Heather e Crystal, obrigada por ajudar com o audiolivro.

Eu realmente aprecio muito isso.

Um agradecimento especial a Renita e Curtis por toda a ajuda com Frisco!

Um agradecimento muito especial às mulheres do meu grupo de leitores. Vocês são muito ativas lá e isso realmente me ajuda a continuar escrevendo.

Eu não poderia terminar sem um grande obrigada ao meu parceiro de carinho e ao cara que está sempre me observando, Bailey! Meu cachorrinho. Te amo muito!

Notas

[← 1]

Resmungões e Enxadas.

[←2]

são um game show da televisão americana criado por Merv Griffin . O programa é uma competição de quiz que inverte o formato tradicional de perguntas e respostas de muitos programas de quiz. Em vez de receberem perguntas, os concorrentes recebem pistas de conhecimentos gerais na forma de respostas e devem identificar a pessoa, local, coisa ou ideia que a pista descrita, formulando cada resposta na forma de uma pergunta.

[←3]

99% dos MCs eram formados por cidadãos direitos e não por foras da lei ou baderneiros, logicamente, os MC que não se enquadravam nesta declaração passaram a ser conhecidos como os “1%” . Os MC "fora da lei" não evitam se identificar abertamente como "1%", normalmente usam o patch de "1%" nos seus símbolos ou no colete, também não ligam muito para a exposição negativa na mídia, talvez até gostem porque ajuda a moldar a “fama” do clube aumentando o medo no público e dos clubes rivais.

[←4]

O programa humorístico mais antigo da TV americana já está no ar há mais de três décadas, mas o formato essencial não mudou: trazer uma celebridade de primeiro time para apresentar o show como convidado e jogá-lo (ou jogá-la) em esquetes com os comediantes da equipe, que já incluíram nomes que hoje são consagrados, como Will Ferrell, Jimmy Fallon, Tina Fey, Jane Curtin, Chevy Chase, Bill Murray e Mike Myers. Toda semana o show oferece também dois números musicais de alguém no topo das paradas, ou querendo chegar lá.

[←5]

Um nicho de mercado é o subconjunto do mercado no qual um produto específico está focado. O nicho de mercado define as características do produto que visam satisfazer necessidades específicas do mercado, bem como a faixa de preço, qualidade da produção e os dados demográficos que se pretende atingir.

[←6]

Filhos da Anarquia e Maias.

[← 7]

É a arte de fazer uma pergunta.

[←8]

Demônio e sua prole.

[←9]

Abreviação de presidente.

[← 10]

É um aparelho eletrônico geralmente acionado por moedas, dinheiro ou cartão que tem por função tocar músicas escolhidas pelo cliente que estejam em seu catálogo. Costumam ser encontrados em estabelecimentos comerciais como bares e lanchonetes.

[← 11]

Música da Banda Kansas.

[←12]

'Cartas desagradáveis.

[←13]

Otis Taylor é um músico instrumentista, famoso por ser integrante de um gênero musical chamado blues.

[←14]

Vice-presidente.

[←15]

Yolo significa " Só vive uma vez”.

[←16]

Um estado de tensão mental ou emocional causado pelo medo de perder .

[←17]

Todos os demais.

[←18]

Os antigos cavalheiros.

[←19]

Um SUV de luxo que é muito mais luxuoso que seu concorrente, o Cadillac Escalade.

[←20]

Uma rede de velhos meninos é um sistema informal no qual homens ricos com formação social ou educacional semelhante ajudam uns aos outros em negócios ou assuntos pessoais. [1] O termo refere-se originalmente a ligações sociais e empresariais entre antigos alunos de escolas de elite exclusivamente masculinos, embora o termo seja agora também utilizado para se referir a qualquer sistema fechado de relações que restrinja oportunidades dentro do grupo. [2] [3] O termo originou-se do fato de grande parte da classe alta ter frequentado certas escolas quando meninos, portanto, ex-alunos são "velhos rapazes".

[←21]

Sullivan City é uma cidade localizada no estado norte-americano de Texas, no Condado de Hidalgo.

[←22]

Palete ou pálete é um estrado de madeira, metal ou plástico que é utilizado para movimentação de cargas.

[←23]

Prospect. Termo usado por alguns clubes de motociclismo para denotar alguém que tenha declarado uma clara intenção de se tornar um membro completo do clube. Normalmente, os estatutos ou outra política de documento governante ditarão quanto tempo alguém deve ser um prospect e o que é esperado deles durante esse período.

[←24]

T = trail. São as motos para todos os terrenos, motos versáteis. As motos trail, caracterizam-se por terem rodas de maior diâmetro, 19 ou 21 polegadas, na dianteira, o que é ideal para rodar em estradas de terra ou com pavimentação ruim.

[←25]

Mike and Ike é uma marca americana de doces com sabor de frutas que foi lançada pela primeira vez em 1940 pela empresa Just Born, Inc. Apesar das conjecturas, a origem do nome do doce permanece desconhecida. Mike e Ike eram originalmente todos com sabor de frutas, mas agora vêm em diversas variedades diferentes.

[←26]

Pênis; ou pode ser o sobrenome de alguém. Dick Johnson significa pênis ou quando alguém é um babaca.

[←27]

Na subcultura MC, o Sargento de Armas é responsável por garantir que os Estatutos e regras permanentes de um clube não sejam violados e que as ordens dos oficiais do capítulo sejam executadas de forma expedita. Ele é responsável por policiar e manter a ordem em todas as reuniões e eventos do clube.

[←28]

O Presidente Nacional é e continua sendo o mais alto escalão (e será supervisionado pelo Fundador Albert Van Vuuren), suas decisões serão respeitadas, não importa quão estranhas sejam, nenhum membro julgará suas decisões, ele tem o direito de mudar quaisquer decisões ou regras a qualquer momento.

[←29]

The OC é umasérie dramática de televisão americana criada por Josh Schwartzque foi ao ar originalmente na rede Foxnos Estados Unidos de 5 de agosto de 2003 a 22 de fevereiro de 2007, com um total de quatro temporadas compostas por 92 episódios. O título da série, "OC", é uma siglade Orange County, local não sul da Califórniaonde a série se passa.

[←30]

Uma pessoa heterossexual cuja preferência sexual pode mudar de masculino para feminino ocasionalmente. Qualquer pessoa atraída e que tenha um caso com o mesmo sexo, mas não seja gay ou lésbica. Ter "borrado" a linha de preferência sexual de masculino para feminino.

[←31]

Quando uma mulher mais velha deseja um homem muito mais novo e ataca sua presa.

[←32]

Igreja neste contexto refere-se a uma reunião realizada, normalmente semanalmente, por um capítulo de um MC. Normalmente todos os membros completos de um capítulo MC participariam, não apenas os oficiais.

[←33]

O Capitão de Estrada tem o comando e controle geral de um passeio de clube e assume a responsabilidade de garantir que o passeio seja seguro e eficaz. Um dedicado Road Captain vai levar o seu trabalho a sério o suficiente para que eles façam tudo e mais alguma coisa para cumprir seus deveres enquanto movem o elemento de um ponto para outro.

[←34]

Tijuana é a maior cidade do estado mexicano de Baixa Califórnia. Situada na Fronteira Estados Unidos-México, Tijuana é a cidade mais ocidental do país e da América Latina.

[←35]

A colonoscopia é o exame endoscópico do intestino grosso e do reto podendo incluir a porção distal do íleo. É realizado principalmente para detecção de pólipos, que podem sofrer transformação para malignidade. O exame também pode detectar cânceres nos seus diversos estágios.

[←36]

Bunda doce – vagabunda.

[←37]

Os Shoshone ou Shoshoni são uma tribo de povos nativos americanos com quatro maiores divisões culturais e linguísticas: Shoshones do leste: Wyoming Shoshones do norte: sudeste de Idaho Shoshones do oeste: Nevada, norte de Utah Gosiute: oeste de Utah, leste de Nevada.

[←38]

Em alguns clubes, grupos localizados de um único e grande MC são chamados de charters ou chapters, e o primeiro chapter estabelecido para um MC é referido como o mother chapter. O mother chapter serve como o corpo governante do clube.

[←39]

Uma garota muito doce e fofa que está sempre lá para você, mas cuidado, ela pode ser atrevida.

[←40]

Patches de motociclista. A cultura da motocicleta está sempre ligada ao conceito de customização. Não se aplica apenas às próprias motocicletas, mas também aos motociclistas. Eles criam suas próprias imagens coletando um determinado tipo de capa, jaqueta, botas, etc. Mas há um elemento verdadeiramente distintivo na cultura do motociclismo, nomeadamente os patches para motociclistas.

[←41]

Jogada de pontuação no futebol americano.

[←42]

Gratuito. Latim - Literalmente significa "para o bem.

[←43]

Air hockey é um esporte de mesa semelhante ao Pong, onde dois jogadores adversários tentam marcar gols um contra o outro em uma mesa de baixo atrito.

[← 44]

Saturday Night Live (abreviado como SNL) é um programa de televisão semanal de comédia.

[←45]

Um problema muito grande do qual todos estão profundamente cientes, mas ninguém quer falar sobre. Talvez um ponto sensível, talvez politicamente incorreto.

[←46]

É porque você está precisando ser mais legal com as outras pessoas, se colocar mais no lugar do outro, prestar mais atenção no sentimento das outras pessoas.

[←47]

O chá gelado Long Island , ou chá gelado Long Island , é um coquetel oficial da IBA , normalmente feito com vodca , tequila , rum light , triple sec , gim e um toque de cola . Apesar do nome, o coquetel normalmente não contém chá gelado , mas recebe esse nome por ter a mesma tonalidade âmbar do chá gelado.

[←48]

Que resulta da combinação de duas raças.

[←49]

Na cultura dos motoclubes, as bundas gostosas são mulheres que ficam no clube e se disponibilizam para sexo.

[←50]

Cidade localizada no estado norte-americano do Arizona, no condado de Coconino.

[←51]

Uma braçadeira é um tipo de prendedor para manter itens juntos, principalmente cabos e fios elétricos. Devido ao seu baixo custo, facilidade de uso e força de ligação, as abraçadeiras são onipresentes, encontrando uso em uma ampla gama de outras aplicações.

[←52]

Tag Team é uma dupla americana de hip-hop / pop-rap residente em Atlanta, Geórgia.

[←53]

The Sugarhill Gang é um grupo de hip hop americano, formado em 1979 em Englewood, Nova Jersey. Seu hit "Rapper's Delight", lançado no mesmo ano de sua formação, foi o primeiro single de rap a se tornar um sucesso entre os 40 melhores no Billboard Hot 100;[1] alcançando a posição máxima de número 36 em 12 de janeiro de 1980.[2] Este foi o único sucesso do trio nos Estados Unidos, embora tenham tido mais sucesso na Europa até meados da década de 1980. O trio se reuniu em 1994 e fez uma turnê mundial em 2016.

[←54]

Catch Phrase é um jogo de adivinhação de palavras.

[←55]

Mexe-mexe é um jogo de cartas para duas ou mais pessoas. Por depender muito do raciocínio lógico e estratégico dos jogadores, estimula a visão ampla das situações, permitindo a interação de todos os componentes da mesa. Pode ser jogado por um número ímpar de pessoas.